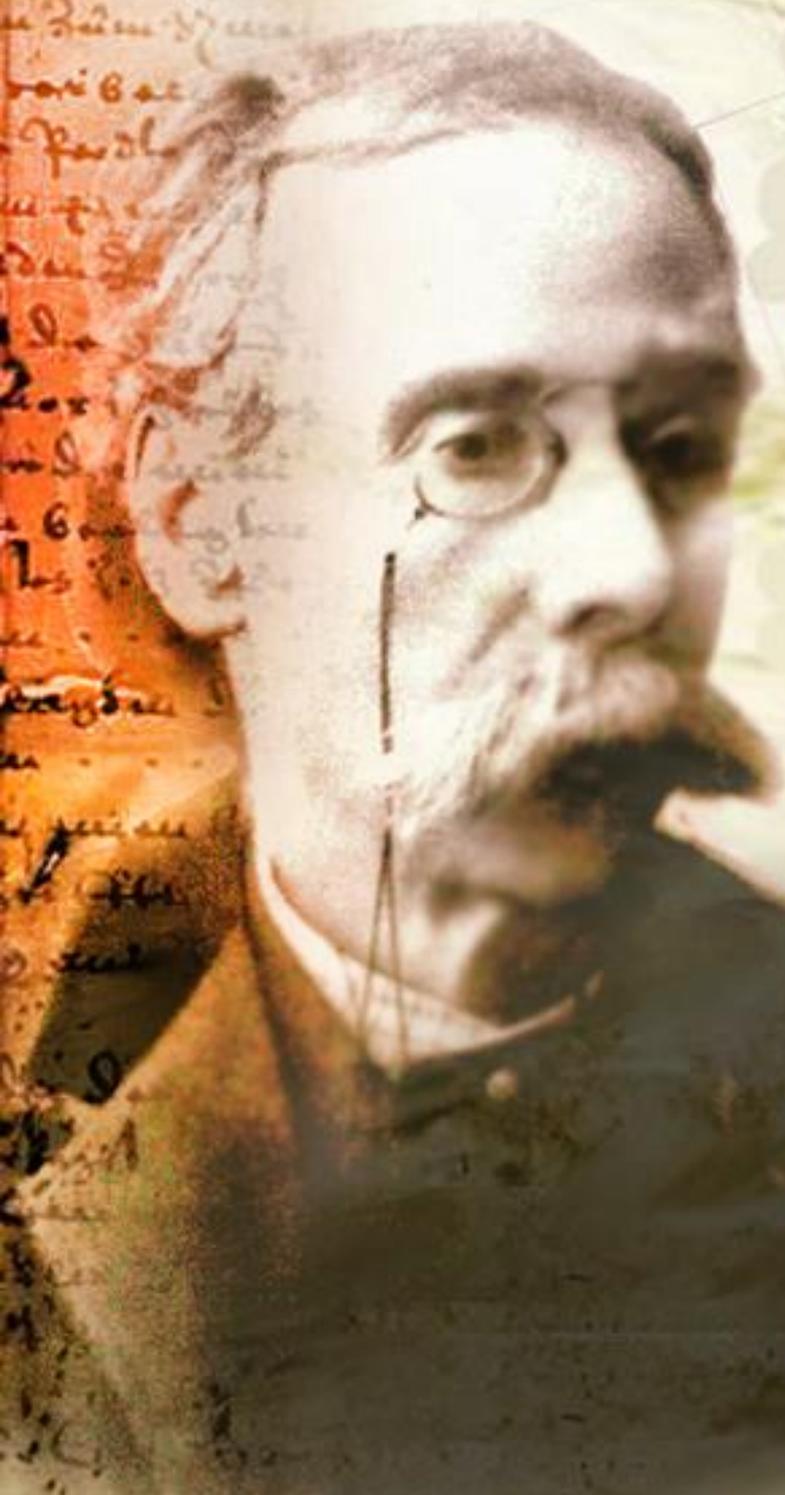


CONTOS E TEXTOS DE CAMILO CASTELO BRANCO



É verdade que há em dia todos o compun-
tados a a impressora e quase todos
massas de escrita passam por eles,
em trabalhos mensageiros, seguem documen-
to escolas importantes, tanto no
liga como for, creio que na da
fui o mar da escrita manual,
tanto da caneta, da tinta e da
em além do mais, a escrita
passa que põe de ver escrito
nessa personalidade, a nossa
dada.
Resolvemente, por tudo isso,
posso, a caneta, de tinta
curta, tal a qual na
pia, há entre as argas,
da para as vezes apor-
ta a simples ideia con-
há nos e folhas habi-
dos anos e que em
mente em dias.

Quarta
10

CONTOS E TEXTOS

CAMILO DE CASTELO BRANCO

Esta obra respeita as regras do

Novo Acordo Ortográfico

A presente obra encontra-se sob domínio público ao abrigo do art.º 31 do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (70 anos após a morte do autor) e é distribuída de modo a proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da sua leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. Foi a generosidade que motivou a sua distribuição e, sob o mesmo princípio, é livre para a difundir.

Para encontrar outras obras de domínio público em formato digital, visite-nos em: <http://luso-livros.net/>



ÍNDICE

A GRATIDÃO

O DEGREDADO

O ARREPENDIMENTO

A SUICIDA

MARIA! NÃO ME MATES QUE SOU TUA MÃE!

A SENHORA RATTAZZI

COISAS QUE SÓ EU SEI

UMA PRAGA ROGADA NAS ESCADARIAS DA FORÇA

A ESPADA DE ALEXANDRE

AQUELA CASA TRISTE

VOLTAREIS, Ó CRISTO?

A GRATIDÃO

Estávamos nos últimos dias de Dezembro de 1846. Uma camada muito espessa de neve cobria o solo. O ar, sombrio e carregado, indicava que mais neve não tardava a cair. Os ramos nus das arvores dos montes tremiam soprados pelo vento norte gelado. Estava tudo num perfeito sossego, e tristeza; nem o mais leve murmúrio se ouvia.

Uma velha, e uma criancinha, apesar do rigor do frio, seguiam com dificuldade o caminho, que da serra de Valongo conduz a S. Cosme. A criança, de espaço a espaço, soprava às mãozinhas inteiriçadas pelo frio, e não se podendo sustentar sobre os pés, que tinha inchados pelas frieiras, caminhava vacilante; mas vencendo todos os obstáculos, com uma energia superior à sua idade, tomava galhardamente o seu lugar ao lado da velha. Esta parecia ter sessenta anos. Estava corcovada mais pela miséria, do que pela idade, e tinha no rosto profundas rugas. Pelo modo como andava, e tateava o caminho com a muleta, via-se que era cega.

— Aonde vamos nós, Rosa? — perguntou a velha à rapariguinha.

— Em meio caminho, a minha avó.

— Jesus Senhor, valei-me, — disse a cega, — pois que as minhas pobres pernas já estão cansadas, e parece-me que não chego ao fim da jornada.

— Encoste-se ao meu ombro, avozinha, que eu não estou cansada.

— Não, não. Tudo está acabado. Eu morro aqui, Rosinha. Tenho muita fome, e muito frio para vencer o caminho até S. Cosme. Ai meu Pai do céu, que me sinto desfalecer...

Fez um gesto de desespero, e a cega caiu sobre o caminho.

— Avozinha, avozinha, — gritava Rosa assustada, — volte a si, que lho peço eu; mais um pequeno esforço e chegaremos a S. Cosme.

A cega não deu acôrdo de si.

— Avozinha, — continuou Rosa chorando, e cobrindo-a de beijos, — se me abandona, que hei de fazer? Quer que eu morra de paixão?

— Morrer, tu, minha Rosinha, — disse a cega levantando-se. — Oh! meu Deus, não permitais tal.

— Então levante-se que lho peço eu; se fica aqui mais tempo o frio matá-la-ia. Em S. Cosme nos aqueceremos.

— Ai de mim, — disse a cega, levantando-se ajudada de Rosa, — e a Sra. D. Teresa receber-nos-á?

— Há de receber sim, minha avozinha, eu lho afianço. Não creio que a boa Sra. D. Teresa nos despeça. Quando eu lhe ia vender flores silvestres, que

apanhava no monte, abraçava-me, e dizia-me muitas vezes, que desejava que eu fosse sua filha.

— Não duvido que ela te receba, porque és muito linda e agradável; agora o que eu não creio é que me receba a mim, que sou uma velha e cega, que para nada sirvo.

— Se assim acontecer, voltaremos à nossa aldeia, e os bons lavradores, que conheceram meus país, terão piedade de nós, socorrer-nos-ão, e eu trabalharei para lhes pagar, o que eles vos derem.

A avó, muito comovida, apertou ao coração a pequena, e murmurou palavras de ternura e gratidão; e reanimada por esta felicidade, que Rosa lhe tinha feito experimentar, retomou com passo mais firme o caminho de S. Cosme.

O vento soprava já com mais força; o ar tinha escurecido mais, e pequenos flocos de neve se viam voltejar no ar. Rosa, tiritando com frio, fazia esforços sobre-humanos para poder andar, e cada passo, que a pobre cega dava, era acompanhado de um suspiro surdo. O vento aumentou, e os flocos de neve, que ao princípio eram raros, caíam em maior abundância.

— Rosinha, — disse a cega, — bem queria andar, mas não posso; deixa-me ficar.

— Avozinha, eu já avisto a torre da igreja de S. Cosme.

— Estás bem certa disso?

— Eu não queria mentir...

— Vamos andando. Permita Deus que eu possa vencer o caminho.

— Não tenha receio de me cansar, minha avó; sou forte, e não estou fatigada. Encoste-se ao meu ombro.

— Meu querido anjinho, que Deus te pague tudo o que me fazes.

Chegaram finalmente a S. Cosme, à quinta de D. Teresa de Sousa, depois de mil esforços, que cansaram completamente avó e neta.

Era tempo; mais um instante e teriam caído ambas no chão. Entrando na cozinha da casa, o calor produziu-lhes uma reação tão violenta, que desfaleceram.

D. Teresa de Sousa, e mais algumas vizinhas, que se tinham reunido para cirandar, acercaram-se das duas infelizes. Depois de lhe ter ministrado todos os cuidados necessários para as reanimar, como o seu principal mal era a fome, mandou-lhe dar um bom caldo, e acomodá-las a um dos cantos do lar, em que ardia uma grande fogueira.

— Agora, Rosinha, — disse D. Teresa, ameigando-a, — conta-nos, como a esta hora, e com este tempo vieste até aqui com esta boa mulher.

— Desculpai, minha boa senhora, — disse a cega, — Rosinha é a minha neta.

— Sim, Sra. D. Teresa, é minha avó, de quem tantas vezes tenho falado a v. exc.a e...

— Então porque não continuas? — lhe replicou D. Teresa.

A pequena levantou para D. Teresa os seus lindos olhos azuis, com uma tal expressão de súplica, que a comoveu.

— Fala, fala, minha menina. Não tenhas receio. Queres pedir-me alguma coisa, não é assim?

— Vede, minha boa senhora, — disse Rosa, contendo as lagrimas a custo, — eu e a minha avó, somos muito desgraçadas. O meu pai, que era rachador de lenha, feriu-se pelo S. João num a perna com o machado. A minha mãe mandou-me chamar a toda a pressa o Sr. Pereira, que é um homem muito entendido. Fui, o mais depressa que pude, e quando cheguei a casa do Sr. Pereira estava ele para sair, e não queria vir comigo para não torcer o seu caminho; mas eu tanto lhe pedi, que sempre me acompanhou. Quando viu a perna o meu pai, logo disse, que estava muito mal, e que não prometia curá-lo. Duas semanas depois veio à ferida uma moléstia, de que me não lembra agora o nome, e o meu pai morreu.

Rosa calou-se chorando, e a cega também soluçava. D. Teresa abraçou a rapariguinha, apertou a mão à pobre velha, e disse:

— Para hoje já é de mais, amanhã...

— Perdoe-me, Sra. D. Teresa, — replicou Rosa, — mas é melhor que eu termine hoje, — e continuou:

— Havia um mês que o meu pai tinha morrido, quando a minha mãe caiu de cama; a febre não a deixava. Eu ia aos campos apanhar as ervas, que a minha avó me ensinava, para lhe fazer remédios, mas nada sarava a minha mãe. Um dia abraçou-me e disse-me:

«Minha pobre Rosinha, eu vou unir-me com o teu pai, mas que será de ti?

Trabalharei, lhe respondi.

És muito nova para isso; mas entretanto rogarei muito a Deus para que te receba sob a sua santa guarda, e te não abandone. Nunca desampares a tua avó, sê-lhe obediente e carinhosa..., ainda queria falar, mas não pôde, abraçou-me e à avozinha, e expirou.»

Desde então alguns rachadores, amigos do meu pai, nos recolheram e socorreram; mas como não são ricos, e precisam de mudar de terra por não terem aqui que fazer, lembrei-me de vir pedir agasalho à senhora, pois que, sendo tão boa, não deixaria de nos recolher, que somos tão desgraçadas. Sou fraquinha, mas posso trabalhar. Sei fiar, e começo a lavar. Guardarei os bois, e

os carneiros e tratarei do galinheiro. A minha avó também fia muito bem e estou muito certa, que a há de satisfazer com o seu trabalho. Oh! senhora — disse Rosa ajoelhando-se aos pés de D. Teresa — não nos abandoneis; satisfazemos-mos com pouco, e faremos todo o possível para vos agradar, e rogaremos continuamente a Deus pela vossa vida e felicidade.

D. Teresa comoveu-se tanto, com a singeleza e candura desta súplica, que duas lagrimas lhe brilharam nos olhos.

— Levanta-te, Rosinha, amanhã falaremos nisso. Tu e a tua avó ide-vos deitar. Sempre te direi, que és muito linda e corajosa, para que se não tenha piedade de ti.

Rosa beijou com reconhecimento as mãos de D. Teresa, e a cega encheu-a de bênçãos. D. Teresa mandou-as conduzir a um pequeno quarto, limpo e quente, em que um sono reparador lhe reanimou as forças.

Ainda mal a aurora tinha raiado, já Rosa estava a pé. Fatigada, como estava, da jornada do dia antecedente, custou-lhe muito a levantar-se cedo, mas fez um esforço para mostrar os seus desejos a D. Teresa.

Arranjou-se, o melhor que pôde, com os seus velhos vestidos, e, depois de ter dirigido mentalmente a Deus uma oração fervente, desceu ao andar térreo.

— Já a pé, — disse-lhe alegremente D. Teresa.

— Estava tão cansada do caminho de ontem, que receei, já fosse tarde; mas graças aos vossos benefícios, minha senhora, já estou pronta, para o que me determinardes.

— E a tua avó?

— Ainda dorme. É tão velhinha e tão doente, que vos peço tenhais piedade dela.

Rosa ergueu as mãos, e esperou tremula a resposta da dona da quinta.

D. Teresa de Sousa era, o que vulgarmente se chama, uma mulher de casa. Tendo viuvado há doze anos, geria com tanto acerto e economia as suas propriedades, que a sua fortuna tinha aumentado consideravelmente.

Os vizinhos do lugar diziam que, pela avareza e mesquinharia, é que tinha alcançado a fortuna, que possuía, pois que em qualquer coisa sempre tinha que diminuir, e acrescentavam ironicamente, que, dando tantas esmolas, o dinheiro nunca lhe havia de faltar.

Fosse como fosse, o que sei é, que D. Teresa sensibilizou-se tanto com a historia de Rosinha, que, quando ela ergueu as mãos, e a viu com os olhos arrasados de lagrimas, esperando a resposta, disse para si; que a uma súplica tão humilde e cheia de tanto amor filial, era impossível resistir.

Neste momento quem acusasse de avarenta D. Teresa de Sousa, seria injusto com ela, porque, recolhendo a avó e neta, tomava um encargo bastante

pesado. Rosa era ainda muito pequena, e para além do mais muito fraquinha, para poder ter utilidade real! A pobre criança estava a fazer dez anos, mas era muito franzina e delicada. O seu rosto, cercado de compridos caracóis louros, e animado com uns grandes olhos azuis escuros, inspirava simpatia. Tinha as maneiras delicadas, e a linguagem menos rude, que a dos camponeses dos arredores. Esta distinção numa criança, ainda tão tenra como Rosa, nascia da sua inteligência muito desenvolvida.

A mãe, logo que ela teve tino para se não perder nos caminhos, mandava-a apanhar flores silvestres, que ia vender às famílias mais abastadas das aldeias vizinhas. Como Rosa era muito linda as senhoras das casas acolhiam-na muito bem, divertiam-se com ela, ouvindo-a tagarelar, e demoravam-na muitas vezes a brincar com as suas filhas.

Sendo muito viva tomou facilmente as maneiras, e modo de falar, das pessoas com quem tratava, de modo que os rachadores denominavam-na a fidalguinha.

Se tinha adquirido maneiras delicadas, não havia perdido as boas qualidades, de que era dotada; humilde e carinhosa para todos, quem a conhecia adorava-a.

O que a mim, minhas caras leitoras, me levou tanto tempo a dizer, passou num instante pela ideia a D. Teresa de Sousa, e fixou-lhe a resolução de recolher a avó e a neta.

— Vou-te mandar vestir uma roupinha melhor, Rosinha, — disse-lhe D. Teresa, animando-a com uma brandura, que lhe não era habitual, — porque espero hás de ser uma boa criada, serviçal e trabalhadeira.

— Então fico em casa de v. exc.a? — disse Rosa, não podendo crer em tanta ventura.

— Ficas, sim, e parece-me que nunca me darás motivo para me arrepende do que hoje faço.

— Oh! minha senhora, estai certa que me esforçarei o mais possível, para vos agradar e satisfazer os vossos desejos.

— Assim o espero. Anda vestir-te.

— Desculpe-me, senhora. Mas a minha avó... — e Rosa parou corando.

D. Teresa, querendo experimentar a sua protegida, disse:

— Que quer a tua avó?

— Ela também fica?

— Não. A tua avó é cega e velha, para nada serve, e eu não sou rica bastante, para me encarregar da sustentação de duas pessoas.

— Então, senhora, agradeço os vossos benefícios, e todo o bem que me queríeis fazer, mas não posso abandonar a minha avozinha, que morreria de paixão.

Vou ajudá-la a levantar-se, e regressaremos à nossa aldeia.

— E que hás de fazer na tua aldeia?

— Irei humildemente pedir a um mestre tamanqueiro um pequeno cantinho da sua casa, que estou certa me não negará. Não sou robusta, mas tenho coragem, por isso trabalharei nos socos durante o inverno. Quando vier o verão irei vender flores e frutos, como os demais anos, e como eu, e a pobre cega, de pouco precisamos para viver, parece-me que ganharei para ambas. Logo que chegue a primavera não seremos pesadas a ninguém...

D. Teresa apertou Rosa nos braços, e chegou-a ao coração.

— Basta, Rosinha, tu és um anjo do céu, que Deus enviou a minha casa para me trazer a felicidade. Vai-te vestir, e depois irás participar a tua avó, que ambas ficais para sempre na minha casa.

Descrever a alegria da avó, quando soube a decisão de D. Teresa, é-me impossível fazê-lo, minhas caras leitoras; vós, que deveis ser dotadas de bom e piedoso coração, melhor a podereis imaginar. Abraçava Rosa, agradecia a D. Teresa com um reconhecimento muito sincero, prometendo fazer todo possível para ser menos pesada à sua benfeitora. Rosa nada dizia, mas a eloquência do seu olhar provava a D. Teresa a sua gratidão.

Rosa, ainda que novinha e de fraca organização, tornou-se útil em casa. Incansável no trabalho, de manhã cedo tratava da capoeira e do pombal; depois ia guardar os bois e os carneiros, e, em quanto que os vigiava, fiava na sua roca.

Ao jantar, quando recolhia a casa, tinha sempre que fazer. Era um gosto ver esta criança tão tenrinha arrumar, limpar e lustrar os moveis, como o faria a melhor mulher de casa.

D. Teresa cada vez mais estimava a sua protegida, e felicitava-se pela ter recolhido. A avó também não era inútil. A cegueira não a impossibilitava de fiar desde pela manhã até à noite, e o seu trabalho era perfeito. Tudo corria bem, e todos andavam contentes e satisfeitos.

Chegou a primavera. Começaram a desabrochar com o tépido sopro desta estação, e mostraram as suas galas, a bela pervinca azul, o narciso de coroa de ouro, o lírio de campanas odoríferas, e a bela violeta de cálices perfumados.

Rosa, quando ia à serra, era para ela um dia de alegria. Procurava os caminhos tapetados de musgo, os regatos, que tantas vezes tinha passado, as fontes escondidas pelas sarças, e as arvores, sob as quais tinha encontrado as mais lindas flores. Rosa sentia-se mais livre e mais feliz na serra, do que nos campos da quinta; a todo o momento parava extasiada diante das belezas da natureza, e cada sitio novo, que achava, era como se fosse um amigo. Quando o sossego voltava, depois desta alegria e animação, esta poética criança fazia

cestinhos de vimes e juncos, que guarnecia com musgo e flores silvestres, mas com um gosto e beleza esquisito, os quais D. Teresa mandava vender, dando sempre bom preço.

Ganharam renome os cestos de Rosa.

Em todas as quintas e casas ricas dos arredores não queriam outros, e até muitas famílias da cidade, que iam passar o verão àqueles sítios, compravam e procuravam com avidez os cestos desta gentil ramalheira.

D. Teresa, como mulher que compreendia os seus interesses, entendeu que lhe era de mais proveito o empregar Rosa, durante a primavera, a fazer cestos e ramos, do que na quinta, por isso assim o determinou. Quando Rosa o soube, saltou de alegria, porque se dava melhor à sombra dos pinheiros e carvalhos, do que em casa.

Passou-se assim o verão, e D. Teresa não teve que se arrepender da sua resolução. Um certo numero de meias coroas de prata provou o bom resultado do negocio de cestos e flores.

O inverno pareceu triste e monótono a Rosa. Tinha-se habituado de tal maneira a ir todas as manhãs para a serra, que chegava muitas vezes a esquecer-se do trabalho, e ir insensivelmente até à baixa dela. Voltava então muito apressada à quinta e redobrava de atividade, para fazer esquecer as suas faltas involuntárias.

Ocupou-se a fiar quase todo o inverno, e o produto do seu trabalho foi aumentar o pequeno tesouro começado com a venda dos cestos e flores.

D. Teresa considerava Rosa como sua filha, não podendo estar sem ela um único instante, e nos dias de feiras e romarias tinha gosto em que Rosa aparecesse entre as mais lindas e mais ornadas lavradeiras do lugar.

A amizade, que tinha a Rosa, refletia-se na avó; tratava-a com tal respeito e afabilidade, que a poderiam tomar por mãe de D. Teresa, tanto ela a cercava de cuidados e desvelos.

A felicidade da pobre cega, e bem assim o futuro de Rosa poder-se-iam julgar seguros; mas como nada neste mundo é imutável, o momento, em que a adversidade ia estender o seu braço de ferro sobre as duas infelizes, não estava longe.

Voltou a primavera e com ela as encantadoras ocupações de Rosa. Foi com entusiasmo, que a cândida e poética criança encontrou as flores, suas amigas, com que preparou os primeiros ramos, que apareceram no mercado.

Os cestinhos e ramos de Rosa obtiveram uma grande extração, como no ano anterior. Ia entregá-los pessoalmente nas casas ricas, e muitas vezes as senhoras morgadas, se julgavam felizes por ter na sua companhia esta linda criança por algum tempo.

Rosa, vestida à lavradeira, era muito galante e modesta; o seu metal de voz era agradável, e as maneiras tão delicadas, que quais sempre as freguesas, ao preço do ramo, juntavam um presentinho para a vendedeira; mas quando perguntavam a Rosa o que era que mais estimava, respondia sempre, que o seu maior desejo era possuir um livro para se instruir.

Rosinha tinha uma paixão ardente pelo estudo; quase sem mestre tinha aprendido a ler correntemente, e a sua maior alegria consistia em obter um livro para se entregar à leitura.

D. Teresa pela sua parte também não obstava aos desejos de Rosa, tanto que se lhe não dava que ela faltasse às suas obrigações; mas devemos fazer-lhe justiça dizendo que sabia aliar a satisfação dos seus desejos, com o cumprimento dos seus deveres, por isso só depois de ter terminado os seus afazeres é que se dava ao estudo.

Estava Rosinha uma ocasião sentada à borda de um ribeiro, entretida a colher juncos para fazer um cesto, quando, sem ela o pressentir, se lhe aproximou uma senhora ainda jovem.

— Para que estais escolhendo esses juncos, minha menina? — disse-lhe a jovem senhora com modo afável.

Rosa levantou a cabeça, e vendo a desconhecida, saudou-a e respondeu:

— Faço cestinhos com flores para vender.

— Quero então já avaliar a vossa habilidade. Amo muito as flores, por isso queria que me fizesses um cestinho já, e se eu ficar contente hás de me fazer um todos os dias. Aceitais?

— Aceito, sim, minha senhora, e ainda que tenho muitas encomendas a satisfazer, vou já preparar o vosso.

— Assento-me aqui ao pé de ti e vamos conversando. Como te chamas?

— Rosa de Jesus, uma sua criada, minha senhora.

— Assim, Rosa, o teu trabalho é fazer cestos de flores para depois os ires vender?

— Sim, minha senhora.

— E teus pais em que se ocupam?

— Já não tenho pais; só me resta a minha avó, que é cega.

— És órfã, e onde moras?

— Estou em casa da Sra. D. Teresa de Sousa, proprietária em S. Cosme, tão boa, como rica.

Há um ano, que eu e a minha avó não sabíamos aonde nos havíamos de recolher; estávamos em Dezembro, e havia dois dias que não tínhamos comido, quando de repente me lembrei da Sra. D. Teresa. Eu e a minha avó, que então morávamos na serra de Valongo, pusemo-nos a caminho para S.

Cosme. O caminho é muito mau, por isso mais de uma ocasião julguei que a minha avó ficava na estrada, porque já não podia andar; mas o Senhor teve misericórdia de nós, e felizmente terminamos a jornada. A Sra. D. Teresa tratou-nos com muita bondade, e recolheu-nos na sua casa, apesar de sermos um encargo muito pesado.

— Amas então muito a Sra. D. Teresa?

— Se a amo. Não queria mais nada, senão poder reconhecer todo o bem, que nos faz. Não desejo senão crescer e robustecer para lhe poder servir de utilidade.

— Estou muito contente, minha pequena, por te ouvir falar assim. Quando te vi senti-me atraída para ti, e ficaria muito desgostosa se te não encontrasse com sentimentos dignos da estima que te consagro.

Parece-me que o meu cesto está acabado?

— Ainda lhe falta uma cercadura de não me deixes. Permitti, senhora, que eu vá ao próximo ribeiro colher estas flores, porque ali as há mais frescas, e em mais abundância.

— Ide, que aqui te espero.

Rosa partiu correndo.

D. Júlia de Andrade, que tanto interesse mostrava pela protegida de D. Teresa, tinha vinte anos.

O cabelo preto muito comprido, e naturalmente encaracolado, fazia-lhe sobressair ainda mais a palidez do rosto. Os olhos castanhos tinham um brilho de febre. A fisionomia demonstrava um padecimento interno, numa palavra, estava afetada de uma tísica pulmonar.

A a sua mãe, a viscondessa do Candal, receando pela vida de D. Júlia, tinha consultado os mais acreditados médicos de Lisboa e Porto, e todos tinham aconselhado os ares do campo, e o não constrangimento, como os meios mais proficuos para debelar a moléstia. A viscondessa tinha portanto deixado o Porto e ido habitar com as suas filhas D. Júlia e D. Berta uma quinta próximo da serra de Valongo.

D. Júlia parecia que revivia no meio da luxuosa natureza, que a cercava. Todos os dias dava grandes passeios, e distraía-se ou sentando-se à sombra dos carvalhos e sobreiros, ou embrenhando-se entre as sarças. Ao princípio a viscondessa receou que estes passeios tão longos prejudicassem a saúde da sua filha, mas vendo-a mais alegre e mais vigorosa, e que se a palidez não tinha desaparecido, a expressão soffredora do rosto era menos pronunciada, ficou mais sossegada e esperou obter o triunfo sobre a moléstia.

D. Júlia era tão boa, e ao mesmo tempo tão prudente, que a sua mãe não temia deixá-la em plena liberdade, e gozar da vida segundo as suas fantasias.

A viscondessa queria que D. Berta acompanhasse sua irmã nos seus passeios; mas D. Berta, que era uma jovem de 16 anos de idade, orgulhosa do seu

nascimento e beleza, recusou obstinadamente acompanhar sua irmã, dando como razão, que lhe repugnava o juntar-se como ela com esses estúpidos e rudes aldeãos, que habitam os campos, e a quem ela acariciava, e que além disso estragava os seus vestidos seguindo D. Júlia pelos caminhos estreitos e escabrosos dos campos e da serra. As mil vozes da natureza eram mudas para D. Berta; no seu coração só imperava o egoísmo.

Num destes passeios é que D. Júlia encontrou Rosinha, e que ficou encantada com a sua inocência.

Havia muito que D. Júlia esperava Rosa, e já receava que ela não voltasse, quando a viu vir correndo.

— Perdoai-me, senhora, o ter-vos feito esperar tanto tempo, mas eu fui muito longe colher as violetas e os não me deixes, porque queria que o meu cestinho vos agradasse. — Assim falando Rosa apresentou a D. Júlia um cestinho, que era um primor de arte no gosto, e esperou toda confusa, a sua apreciação.

Uma alegre exclamação de D. Júlia lhe fez vir o sorriso aos lábios.

— Quero abraçar-te, minha querida menina; há muito tempo que não vi nada tão lindo, e como me causaste um grande prazer, quero recompensar-te; mas deixa-me ainda admirar o teu belo trabalho.

Este cestinho podia ver-se. No centro tinha raminhos de violetas com as folhas verdes, ainda húmidas; uma coroa de lírios cercava as violetas, e em volta uma grinalda de musgo, semeada de raminhos de rosas amarelas e gerânios. Dois ramos de madressilva serpenteavam por entre os juncos formando as azas.

— Não quero — disse D. Júlia, depois de alguns instantes de silêncio — que uma obra tão bela tenha um viver efémero; vou já bordar um quadro, cópia deste cestinho, que há de ficar muito rico. Mas, Rosinha, quanto queres por este trabalho?

— Dar-me-á o que quiser, minha senhora, como costumam fazer as outras minhas freguesas.

— Mas quanto é que custam ordinariamente?

— Três ou quatro vinténs.

— Quatro vinténs! — disse D. Júlia admirada.

— Acha caro, minha senhora? — disse Rosa com acanhamento.

— Caro, não, minha pequena. Quando estava no Porto pagava, por muito maior preço, ramos que tinham muito menos valor, que o teu cestinho. Toma, Rosinha, não tenho aqui senão esta meia coroa, mas amanhã a esta hora aparece aqui, e falaremos...

— Não posso aceitar o que me dais, minha senhora, porque é muito.

— Queres fazer-me zangar?

— Não, senhora. É a primeira vez que a vejo, mas já a estimo muito. Eu não preciso de nada; a Sra. D. Teresa é muito minha amiga e...

— Não é uma esmola que te dou — replicou D. Júlia, metendo a moeda de prata na mão de Rosinha — não te esqueças da recomendação, que te fiz, de estares amanhã aqui a esta mesma hora.

E antes que Rosa tivesse tempo de recusar, já D. Júlia tinha desaparecido, levando na mão o cestinho.

Rosa ficou um instante sem saber o que havia de fazer, mas recomeçou ligeiramente o trabalho. Quando ao jantar voltou a casa, contou a D. Teresa o seu encontro de pela manhã, o que lhe tinha acontecido e perguntou-lhe se devia ou não guardar os cinco tostões.

— Não te autorizo a pedir, Rosa, mas isso não é uma esmola, é um presente, que te fazem, podes portanto arrecadar esse dinheiro. Ris-te. Já sei. Esse dinheiro vem a propósito para aumentares o teu mealheiro, com o qual te hei de comprar um rico jaqué para o S. Miguel.

— Não, senhora — replicou Rosa com a alegria nos olhos — não é esse o meu pensamento, e que me causa tanta alegria.

— Que é então?

— Rogo-vos que me não façais perguntas; depois o sabereis.

— Guarda o teu segredo, porque sei que não és desgovernada, e que o não hás de gastar mal gasto.

Rosa abraçou ternamente D. Teresa, e foi entregar as suas encomendas de flores e cestos.

D. Júlia recolheu-se para casa muito tempo depois da hora, que tinha determinado.

A viscondessa, impaciente e sobressaltada com a demora, saiu, no caminho, ao encontro da sua filha.

— Estiveste incomodada, minha filha? — disse-lhe ela.

— Não, minha senhora. Este cestinho, que aqui trago, é que foi a causa da minha demora.

E D. Júlia mostrava a sua mãe o cestinho, que Rosa tinha feito.

— Como é lindo — respondeu a viscondessa — Não sabia Júlia, que tinhas a prenda de fazer cestos de juncos entrançados.

— Não fui eu que fiz este cestinho, minha mãe.

— Então quem foi?

— Foi uma lavradeirinha, que encontrei no meu passeio.

— Uma lavradeira?!

— Sim, minha senhora. E acreditareis, minha mãe, que por todo este trabalho me pediu a grande quantia de quatro vinténs?

— Não te pergunto quanto lhe deste, porque conheço a bondade do teu coração, e tenho a firme convicção de que não abusaste da sua simplicidade.

— Dei-lhe só meia coroa, porque não tinha mais na minha bolsinha. Não queria recebê-la, ajuizando que lha dava como uma esmola; mas tanto fiz que a aceitou, e convencionei com Rosa, (pois a minha ramalheteira assim se chama) para nos encontrarmos amanhã, no mesmo sitio, à mesma hora; e se ela, como penso, for digna da simpatia, que me inspirou, e do interesse que já me causa, consentir-me-eis, minha boa mãe, que a tome sob a minha proteção?

— Consinto em tudo, minha filha, que te dê prazer, e distração. Se a tua protegida for digna dos nossos benefícios, unir-me-ei contigo, e acordaremos no que devemos fazer para seu bem.

D. Júlia abraçou com ternura a viscondessa, e agradeceu-lhe a sua bondade.

Neste comenos, a viscondessa e a sua filha, chegaram a casa.

D. Júlia colocou com muito cuidado sobre uma mesa da sala o cestinho, e correu com presteza ao seu quarto a preparar um cavalete, pincéis e tintas para

dar princípio ao quadro projetado, e, tendo tudo disposto, desceu à sala a buscá-lo.

D. Berta estava examinando o cestinho com atenção e minuciosidade.

— Não estão tão bem dispostas e combinadas essas flores, Berta? — disse D. Júlia.

— Assim, assim. Não gosto destas violetas, que formam o centro do ramo. Podias ter tido melhor gosto e fazer coisa melhor.

— Não concordo com a tua opinião. Estou convencida de que Rosa não podia ter melhor gosto.

— Rosa?

— Sim, Rosa. Ah! é verdade; ainda te não contei o encontro, que tive esta manhã. Ora ouve.

D. Júlia contou a sua irmã minuciosamente toda a conversa, que tivera com Rosa.

Quando ela acabou, D. Berta fez um gesto de desdém.

— E, sem duvida, Júlia, já te afeiçoas-te a essa pequena; não é assim? — disse D. Berta.

— Rosa, — respondeu unicamente D. Júlia — tem merecimento bastante, que a torna digna da proteção, que se lhe dispensar.

— O que mais me admira e me espanta, Júlia, é a rapidez com que simpatizas com qualquer, e como instantaneamente conheces e decides, que essa pessoa é digna da tua afeição e amizade... Não quero tomar-te o tempo; julgo que vinhas buscar o teu lindo cestinho, não é assim?

— Vinha, sim, para o ir copiar num quadro, pintando-o.

— Pintá-lo?! — disse D. Berta, dando uma grande gargalhada. — Que liguemos alguma atenção às flores dos nossos parques e jardins, concedo; mas que empreguemos o tempo e o talento com as silvestres, que só tem os perfumes para si, parece-me uma singularidade esquisita.

— A minha opinião, Berta, é exatamente o contrario. Mas isso não admira, porque nós raras vezes estamos acordes sobre qualquer matéria. Ponhamos isso de parte; queres tu vir amanhã, comigo e com a nossa boa mãe, ver Rosa?

— Não posso. Combinei com a Francisquinha e Ritinha Meireles virem amanhã aqui passar o dia. Além disso, falar-te-ei francamente, não há nada para mim mais antipático do que todas essas lavradeiras; e andar uma légua para me ir achar face a face com um monstrozinho, parece-me um tanto aborrecível.

— Rosa é muito linda e interessante.

— Para ti, Júlia, todas as lavradeiras são lindas e interessantes. Para mim todas são feias, e broncas. O calor começa a incomodar-me — disse D. Berta,

sentando-se indolentemente sobre um sofá. — Vai, Júlia, vai pintar o teu lindo cestinho, que eu vou sonhar com o meu Porto, para onde espero ir muito breve.

Estas ultimas palavras já mal se perceberam, porque foram acompanhadas com um bocejo, e D. Berta cerrou os olhos.

D. Júlia lançou sobre sua irmã um olhar de compaixão e saiu.

Alguns instantes depois deu princípio ao quadro.

No dia seguinte Rosa saiu para a serra, muito cedo, para adiantar o seu trabalho, e poder assim dedicar mais tempo à jovem senhora, que tão amável e generosa tinha sido com ela.

Trabalhou com tal desembaraço, que, muito antes da hora marcada por D. Júlia, tinha terminado o seu serviço.

Aproveitou portanto o tempo entregando-se à leitura de algumas paginas de um livro, de que lhe tinham feito presente no dia anterior. Lia com atenção, e, quando encontrava algum trecho rico e belo, parava, para exprimir a sua alegria e entusiasmo.

Estava Rosa de tal sorte entregue à leitura, que não presentiu a chegada da viscondessa e da sua filha D. Júlia.

— Que livro estás lendo, com tanta atenção, minha menina — disse-lhe a viscondessa.

Rosa saudou-a, apresentou-lhe o livro e respondeu:

— São as Meditações religiosas de Rodrigues de Bastos.

— E encontras grande prazer na sua leitura?

— Se encontro, minha senhora. Quando estou sentada à borda de um regato, ou debaixo de um carvalho anoso, lendo neste livro, parece que a minha alma se despe de todos os seus invólucros terrenos e mundanos, e se põe em contacto com Deus, autor de todas estas maravilhas da natureza, que nos cercam, e a quem no fundo do meu coração adoro e venero.

A viscondessa e a sua filha, admiradas do que ouviam a uma pequena do campo, trocaram entre si um olhar de inteligência.

— E que mais costumavas ler? — perguntou D. Júlia.

— Não tenho muitos livros. Além deste possuo um catecismo, uma vida de santos, de que leio uma página cada domingo, e mais uns livrinhos de histórias bonitas. Esquecia-me dizer-vos, que também tenho um livro de geografia, que me deu o mestre escola da minha freguesia, mas que não leio, porque tem muitas palavras, que não entendo.

— Pelo que me dizes conheço que tens desejos de te instruíres. Se te proporcionassem os meios do fazeres, serias feliz?

— Seria, sim, minha senhora; mas infelizmente isso é impossível, porque, para ir todos os dias à mestra, é preciso ser muito rica.

— Mas se te mandassem à mestra? — insistiu D. Júlia.

— Seria muito feliz, mas nem quero pensar nisso.

— Pelo contrario; eu e a minha mãe, viemos procurar-te para que nos conduzisses a casa da Sra. D. Teresa, e, se a tua protetora estiver satisfeita contigo, pedir-lhe-emos para te deixar ir todos os dias à mestra. Então não respondes?

— Perdoai-me, senhora. Estou muito contente e alegre, e queria agradecer-vos, mas não posso. Que fiz eu para merecer tantos benefícios?

— Mostraste-te reconhecida aos benefícios da Sra. D. Teresa, e isso indica um bom coração; és trabalhadeira e tens desejos de te instruíres; mereces portanto que nos interessemos por ti — disse-lhe a viscondessa. — Vamos, ensina-nos o caminho para a quinta da Sra. D. Teresa.

Rosa, comovida, dirigiu-se para a quinta com a viscondessa e a sua filha. Pelo caminho respondeu modestamente, e com graça, a todas as perguntas, que lhe fizeram, e cada uma das respostas confirmou mais, as duas senhoras, no bom conceito, que tinham formado de Rosa.

Quando chegaram à quinta, D. Teresa não estava em casa, mas não devia tardar muito, por isso esperaram. Rosa apresentou às duas senhoras cadeiras para se sentarem e ofereceu-lhes um copinho de leite fresco e morno.

D. Júlia, a quem o caminho tinha fatigado, aceitou o oferecimento.

Rosa trouxe então uma toalha de linho, alvo como neve, que estendeu sobre uma mesa, na qual colocou o melhor pão, que havia em casa, manteiga e um copo de leite.

D. Júlia, com uma alegria infantil, aceitou este lunch frugal, e, reanimadas com ele as suas forças, pediu para visitar a quinta.

A avó de Rosa estava sentada no jardim, debaixo de um caramanchel de clematites, fiando, e cantando com voz tremula o estribilho de um romance antigo. Nesta boa velha, bem vestida e de boa presença, ninguém seria capaz de reconhecer a pobre cega, que dezoito meses antes, quase morrendo de fome e frio, e podendo apenas suster-se em pé, encontramos seguindo o caminho da serra de Valongo para S. Cosme.

A viscondessa do Candal e a sua filha saudaram a pobre cega, e esta, prevenida pela netinha, correspondeu-lhe respeitosamente.

— Não vos incomodeis, boa mulher — disse-lhe a viscondessa — permitinos somente que conversemos por um instante convosco.

— É muita honra para mim, minha querida senhora; — respondeu a cega — estou portanto às vossas ordens.

— Visto isso não vos recusareis a dizer-me se estais satisfeita com a vossa neta?

— Se estou contente com a minha Rosinha?! — exclamou a cega — com ela, que é a minha bênção sobre a terra. Quando o meu genro morreu, por causa de uma ferida, que fez num a perna com o seu machado, porque ele era rachador de lenha na serra, e a quem minha filha, mãe de Rosa, seguiu passado pouco tempo, quase que enlouqueci, porque não sabia o que havia de fazer. Rosa, disse-me com a sua voz meiga e humilde: avozinha, eu conheço uma senhora muito caritativa; vamos a sua casa, que estou certa nos há de recolher. E foi verdade.

A Sra. D. Teresa, essa boa e caritativa senhora, para quem peço a Deus todos os benefícios e bênçãos, teve a caridade de recolher na sua casa uma velha enferma e inútil como eu. Mas isto devo-o a Rosinha, porque ela sabe dizer as coisas de tal maneira, que, penetrando até o coração, comovem e decidem à compaixão. Vai em dezoito meses que aqui nos achamos. Fio um pouco para não estar em descanso; mas Rosinha, senhora, Rosinha, cantando sempre, trabalha desde pela manhã até à noite. Em quanto que dura o verão, ocupa-se a colher flores na serra e no campo, e a fazer cestinhos com elas; mas isto não obsta a que, quando se recolhe, lave a roupa, limpe os moveis, e ajude a

cozinhar, e se quisesse dizer-vos tudo o que ela faz, ou sabe fazer, levar-me-ia muito tempo.

Assim, amo muito a minha querida Rosinha. Mas onde estás tu, que te não chegas a mim para te dar um abraço?

Rosa, com o pretexto de ir colher um ramo para D. Júlia, tinha-se retirado, quando a avó começara a elogiá-la.

A viscondessa e a sua filha ouviram com prazer o panegírico de Rosa, feito pela avó, e iam fazer novas perguntas, quando D. Teresa chegou.

Depois de terminados os cumprimentos preliminares, a viscondessa expôs a D. Teresa como sua filha simpatizara com Rosa, e estava resolvida a tomá-la sob a sua proteção, se D. Teresa a isso se não opusesse.

— Primeiro que tudo — respondeu D. Teresa — desejo a felicidade e venturas de Rosinha, ainda que me há de custar muito a separar-me dela: porém, se for sua vontade, não me oponho, porque julgo lhe procurais a sua felicidade; mas ponho por condição, que lhe não proibireis vir algumas vezes visitar-me.

— Isso, senhora, é um dever sagrado, que Rosa tem a cumprir. Vamos porém interrogá-la, porque ela nada sabe do que acabamos de falar.

D. Teresa chamou a pequena, que veio correndo, e disse-lhe:

— Rosinha, queres ir viver com esta senhora e a sua filha?

— Pois vós, senhora — respondeu Rosa tremula e tímida — quereis mandar-me embora?

— Não. Pergunto somente se me queres deixar, para te tornares uma menina da cidade, instruída e de maneiras polidas?

— Não, minha senhora. Nunca — disse Rosa chorando, lançando-se nos braços da sua benfeitora — nunca vos deixarei. Tenho muitos e muitos desejos de me instruir e de aprender, mas, se para isso é necessário o deixar-vos, antes quero ficar ignorante toda a minha vida. Recolheste-nos, senhora, quando eu e a minha querida avozinha, estávamos quase a morrer de fome, e havia de ser tão ingrata, que, quando princípio a servir de alguma utilidade, vos abandonasse? Não, senhora, nunca, nunca vos deixarei.

— Ouviste-la, minhas senhoras — disse D. Teresa enxugando os olhos, rasos de lagrimas.

— Pelo que vejo, Rosa, estás bem decidida a não vir connosco? — disse-lhe a viscondessa.

— Seria feliz e muito feliz, minha senhora, se pudesse ir viver na sua companhia, e da sua estimável filha; mas antes de vós, está a Sra. D. Teresa, que salvou a minha pobre avozinha de estender a mão à caridade publica e que sempre tão minha amiga tem sido. Perdoai-me, senhora, se assim falo...

— Dá-me um abraço, minha menina — disse-lhe a viscondessa interrompendo-a — dá-me um abraço, porque te mostraste tal, como eu desejava, boa, humilde e reconhecida aos benefícios, que te fazem.

Não tenhas receio, que te separemos da Sra. D. Teresa. Pediremos somente à tua benfeitora, que nos deixe entrar com metade nos benefícios, que te prodigaliza.

— E eu, Rosa — acrescentou D. Júlia — quero ser a tua preceptora. Quando o tempo estiver bom, dar-te-ei as lições na serra, à sombra de um sobreiro, ou de um pinheiro, ou à borda de um regato; e quando estiver mau, dar-tas-ei na minha casa, porque ousa esperar, que a Sra. D. Teresa me não negará este favor, e prazer.

— Oh não, minha senhora, esteja certa disso. Logo que termine o seu serviço dos cestinhos fica livre para vos ir procurar.

— É objeto convencionado — disse a viscondessa — por isso a Sra. D. Teresa há de me permitir licença de oferecer a Rosa, para si e a sua avó, o que contém esta pequena bolsa. É para comprar no nosso nome um vestido novo.

E como D. Teresa, Rosa e a avó lhe fizessem muitos agradecimentos, a viscondessa impôs-lhes com brandura silêncio, e retirou-se, prometendo voltar muito breve à quinta.

D. Júlia abraçou a sua pequena discípula, e retirou-se dizendo-lhe «até amanhã».

Nas proximidades de casa a viscondessa e a sua filha encontraram D. Berta, que estava esperando pelas meninas Meireles.

— Meu Deus, como estou aborrecida — lhes disse ela.

— Pois eu, minha irmã — respondeu D. Júlia — venho muito alegre; o espetáculo, que acabo de gozar, dar-me-á felicidade não só para hoje, mas também para muito tempo, porque será contado no numero das minhas mais gratas e queridas recordações.

D. Júlia, na forma convencionada, começou no seguinte dia o curso, que queria fazer seguir a Rosa. Tomou com ardor a obrigação, que se tinha imposto desempenhar, mas o seu zelo não excedia, o que mostrava a sua aluna. Inteligente, e ansiosa por aprender, Rosa era incansável, e muitas vezes foi preciso que D. Júlia moderasse a sua aplicação; as lições tinham lugar umas vezes na serra, outras vezes em casa da viscondessa.

Decorreram assim três meses. No fim deste tempo, os progressos, que Rosa tinha feito, eram espantosos, e como tanto a professora, como a discípula não afrouxavam no seu zelo, era de esperar que, no fim dos dois meses que D.

Júlia ainda tinha a passar no campo, Rosa estivesse bastante desenvolvida para continuar, sem nada esquecer, a estudar sozinha, durante o inverno.

Mas, quando menos se esperava, a terrível moléstia, que parecia ter deixado D. Júlia, reapareceu com uma intensidade violenta.

A pobre menina não teve forças para resistir a este ataque, e não podia sair do quarto.

Rosa, que no auge da sua desesperação, com risco da própria vida, queria dar algumas forças à amiga do seu coração, podia a custo conter as lágrimas, contemplando-a, pálida e cadavérica, recostada numa cadeira de braços, forcejando por se levantar sem auxílio, para não aterrar a sua querida mãe e a sua discípula predileta.

Neste momento Rosa tinha um único pensamento; o de sacrificar-se por aquela, que tanto a amava e lhe queria. Os mais pequenos desejos, e os mais vagos caprichos eram adivinhados de Rosa, e executados antes mesmo que D. Júlia os tivesse enunciado. Se queria descer ao jardim, o braço de Rosa é que a amparava; se queria ouvir alguma passagem dos seus livros favoritos, Rosa lia-lha imediatamente.

D. Júlia, muito sensibilizada por tanta dedicação, afligia-se com a lembrança, de que o progresso da sua discípula estava parado. D. Berta podia substituí-la, mas essa nunca consentiria em ser a preceptora de uma lavradeira. A

viscondessa resolveu-se a dar as lições a Rosa, para sossegar a inquietação de D. Júlia.

Havia já três semanas que D. Júlia estava doente, e cada dia ia a pior; a sua mãe já não tinha esperanças algumas. Três médicos, que do Porto tinham sido chamados, não deram esperanças da doente melhorar.

A viscondessa, porém, não podendo convencer-se de que a sua filha estava irremediavelmente perdida, cria que os médicos se tinham enganado, e resolveu recolher ao Porto, para lhe fazer uma nova junta.

D. Berta, contristada ao princípio com a moléstia da sua irmã, consolava-se com a ideia de voltar ao seio da sociedade, que ela tanto amava.

Só à força de muitas instancias e esforços é que D. Júlia consentiu em deixar o campo; mas, ainda assim, com a expressa condição de para lá voltar se piorasse.

Quando Rosa soube que a viscondessa se ia retirar do campo, não pôde conter a sua desesperação. Queria acompanhar D. Júlia, e não a desamparar um só instante. D. Júlia procurava sossegá-la, mas tudo era baldado, porque Rosa estava inconsolável.

Na véspera da partida Rosa veio despedir-se de D. Júlia; lançou-se-lhe aos pés, chorando, e pediu-lhe que lhe escrevesse muitas e muitas vezes. A doente

assim lho prometeu, e, tirando debaixo do travesseiro uma bolsinha de seda, apresentou-a a Rosa.

— Aceita, minha menina — disse-lhe ela — esta bolsa; contem cem mil reis, que são as minhas economias do verão; põe a juros este dinheiro, para que se aumente este capitalzinho.

É um presente muito pequeno; mas se nos não tornarmos a ver, minha boa mãe, dar-te-á, no meu nome, mais alguma coisa.

Rosa beijou as mãos de D. Júlia, e queria recusar a bolsa.

— Não recuses, Rosa — disse D. Júlia — senão for para ti, é para a tua avó. Sabes lá o que tem para vos acontecer, e se esta pequena soma ainda vos será útil? Adeus, Rosinha; ama-me sempre muito, e reza muito ao Senhor, para que me dê saúde.

Rosa quis responder, mas as lágrimas e soluços embargaram-lhe a voz. A viscondessa, testemunha desta cena tão tocante, temendo as funestas consequências, que a sua filha sofreria com tão grande comoção, levantou Rosa, e pediu-lhe com instancia e por favor que se retirasse. A pobre menina cedeu a custo, mas antes de se retirar ainda pôde ver D. Júlia, que, com um olhar maternal, a abençoava.

Já tinha decorrido mais de um mês, desde que D. Júlia recolhera ao Porto, e Rosa ainda não tinha recebido carta da sua amiga. A pobre criança afligia-se, julgando, que este silêncio, para com ela, não tinha outra causa, senão o estado cada vez mais perigoso de D. Júlia. D. Teresa, que partilhava do pesar da sua filha adotiva, procurava por todos os meios consolá-la, e fazer-lhe conceber esperanças. Uma carta de D. Júlia veio confirmar as prevenções de D. Teresa.

D. Júlia, com mão tremula, escreveu à sua querida discípula. Participava-lhe que a sua doença parecia estar um pouco mais debelada, e que os médicos davam algumas esperanças da poder subjugar, e embargar-lhe o seu progresso.

Terminava a carta aconselhando Rosa a que não descurasse os seus estudos, e pedindo-lhe que lhe escrevesse.

Rosa cobriu de mil beijos esta carta, e no mesmo dia respondeu a D. Júlia, assegurando-lhe que não desprezaria os seus conselhos, e que tinha esperanças, de, para a primavera, renovar as suas lições sob as arvores da serra; que nas suas orações rogava todos os dias a Deus, com fervor, que lhe restituísse a saúde, e que esperava as suas supplicas fossem atendidas.

Rosa, cumprido este dever sagrado, lançou mão do seu trabalho com mais vigor.

Estava próximo o dia natalício de D. Teresa. Rosa preparava em segredo um lindo presente para oferecer naquele dia à sua benfeitora, e para isso tinha reunido todo o dinheiro, que lhe tinham dado de mimo, e julgava-se bastante

rica para poder apresentar a D. Teresa um brinde, de que ela admirasse o valor e o gosto.

Faltavam só quatro dias para que, esse dia tão ansiosamente esperado, chegasse, e Rosa ainda queria poder suprimir o tempo, tão longo lhe parecia.

Na véspera de manhã D. Teresa queixou-se de uma dor de cabeça, mas julgou que um passeio lha dissiparia. Saiu pois; mas passado uma hora voltou ainda mais indisposta, do que tinha saído.

Desprezando o seu estado, ainda presidiu, na forma costumada, ao jantar dos criados da quinta; mas, no meio dele, caiu sem sentidos.

Os criados, assustados, cercaram D. Teresa. Recolheram-na à cama, e partiu imediatamente um criado a chamar, a toda a pressa, um cirurgião.

Chegou este, e, mal viu a doente, não deu esperanças da salvar.

— Foi uma apoplexia fulminante — disse ele — é já tarde para se lhe dar remédio.

O desespero e a consternação espalharam-se na quinta.

Os criados em geral estimavam muito D. Teresa, porque, apesar de ser muito vigilante, era boa e justa.

Os menores movimentos do cirurgião eram seguidos com ansiedade por todos os criados, mas entre eles tornava-se saliente Rosa pelo zelo e atividade,

que desenvolvia em executar as prescrições do cirurgião, ainda bem não estavam dadas.

Rosa não podia crer que Deus lhe quisesse roubar a sua benfeitora, e esperava ainda que uma crise feliz a restituiria à vida.

A avó de Rosa estava consternadíssima, e o seu maior pesar consistia em não poder fazer coisa alguma.

De joelhos; junto do leito de D. Teresa, rezava com fervor e devoção.

Entre as alternativas da esperança e desconforto se passou o dia. à noite o cirurgião declarou que já lhe não restava esperança alguma; que D. Teresa ainda podia viver mais um dia ou dois, mas que não proferiria mais uma palavra, nem faria um único movimento.

Descrever a aflição de Rosa e de a sua avó é-me impossível; bastará dizer que a dor as tinha quase enlouquecido.

D. Teresa não tinha filhos, por isso foram avisar do sucedido a D. Eusebia, sua irmã, rica proprietária em Rio Tinto.

D. Eusebia, por causa do seu génio forte, e caracter duro, não estava em intimas relações com D. Teresa. Assim que teve noticia da doença da sua irmã pôs-se logo a caminho, não por amizade que tivesse à moribunda, mas sim para vigiar que lhe não roubassem a mais pequena parte da sua herança.

Logo que D. Eusebia chegou a S. Cosme, tomou o governo da casa, e deu ordens como se já estivesse senhora da herança. Rosa e a sua avó inspiraram-lhe antipatia, e não podia compreender como sua irmã voluntariamente tinha tomado ao seu cuidado aquelas duas pessoas.

D. Teresa ainda viveu dois dias, conforme o cirurgião dissera, mas sem fala, e sem movimento, porque a apoplexia tinha-lhe paralisado todas as faculdades. Só os olhos é que conservavam ainda alguns sinais de vida e inteligência, os quais fixava sobre Rosa, fazendo esforços para falar, naturalmente para fazer o seu testamento; mas este último consolo dos moribundos não lhe foi permitido.

O abade da freguesia, que veio administrar os últimos sacramentos à moribunda, tentou mitigar a dor de Rosa, mas a jovem menina estava muito consternada para poder ser consolada. Recusou obstinadamente retirar-se de junto do leito, em que jazia D. Teresa, conservando-lhe a mão gelada apertada nas suas.

— O meu lugar é este, — dizia ela entre soluços, — só deixarei a minha segunda mãe no túmulo.

Finalmente chegou o terrível momento da morte. Uma convulsão, alguns murmúrios sufocados... e D. Teresa tinha deixado de existir entre os vivos, e a sua alma, desprendendo-se das ligações terrenas, voara ao céu a receber da mão de Deus o prémio das suas virtudes.

Ao princípio não se ouviam mais que os choros de todos os criados da quinta, mas em seguida uma voz forte e imperiosa se fez escutar. Era a de D. Eusebia. Colocou uma pessoa junto do cadáver da sua irmã, deu as ordens para os funerais, e passou a inspecionar as caixas e cómodas, que fechava com cuidado, guardando as chaves.

Apenas D. Eusebia fechou as cómodas e caixas, compareceu o juiz eleito da freguesia para selar e tomar conta de tudo o que pertencia a D. Teresa.

— Aqui estão as chaves, senhor juiz eleito — disse D. Eusebia, — mas é inútil esse trabalho, porque eu sou a única herdeira da minha irmã, e ela não podia deserdar-me.

— É verdade, minha senhora, — respondeu o juiz — mas cumpro o meu dever, porque a lei protege os direitos de todos.

— Só eu é que tenho direito à fortuna da minha irmã, pois ela não tem filhos.

— Sim, minha senhora, mas esta orfãzinha, a quem ela deu asilo?

— Minha irmã — replicou com cólera D. Eusebia — seria por ventura capaz de me deserdar, testando os seus bens a favor destas duas mendigas, que ela teve a fantasia de recolher na sua casa?

— Não o afirmo, minha senhora — respondeu com brandura o juiz; — mas sua irmã pode ter feito testamento, no qual deixe a Rosa alguma prova da sua estima e amizade.

— Não julgaria suficiente o sustentá-la e mais à avó, — disse D. Eusebia com voz forte — ainda lhe havia de deixar algum legado? Ah! minhas velhacas, viríeis vós roubar o que de direito me pertence? Sr. juiz eleito, queira também selar a porta do quarto dela, pois quem sabe lá, o que ela tem roubado. A minha irmã era tão pouco cautelosa...

— Oh! senhora — respondeu Rosa com muita tristeza a esta suposição ofensiva — acreditais que pagasse com o roubo os benefícios, que eu e a minha avó recebemos da Sra. D. Teresa?

O juiz eleito ordenou com brandura a Rosa que se calasse, para que D. Eusebia não continuasse, diante de um leito de morte, com uma discussão tão vergonhosa, e feia.

Logo que o juiz se retirou, Rosa viu-se de novo a braços com as suspeitas da ambiciosa herdeira. Chegaram a tal ponto as coisas, que Rosa não pôde refrear a sua indignação.

— Não me injurieis, senhora, — disse Rosa com energia e dignidade — não me injurieis diante do corpo da vossa irmã, de quem só a vista bastaria para me proteger. Dizei-me, senhora, sai eu por ventura um só instante de junto da cama da minha benfeitora, desde que ela foi atacada pela apoplexia?

Não, senhora. Então como podia eu subtrair coisa alguma? Examinai, e examinai bem, senhora, que achareis tudo intacto, porque eu e a minha avó preferíamos antes morrer de fome, do que tocar na coisa mais insignificante, que nos não pertencesse. Louvado seja o Senhor, sou forte; posso e quero trabalhar, por isso não serei pesada a ninguém. Deixai-nos, senhora, chorar em paz a perda da nossa benfeitora, que, logo que o seu corpo saia desta casa, não vos pediremos asilo.

Esta linguagem, firme e digna, impôs silêncio a D. Eusebia, que ficou corrida de vergonha.

Rosa esperou com sossego o dia seguinte, em que se devia fazer o enterro a D. Teresa.

A pobre criança, com a avó pelo braço, seguiu chorando o préstito. Depois de terminado o ofício, Rosa e a sua avó, ajoelharam-se junto da campa, em que D. Teresa foi sepultada: era já noite cerrada, e ainda as duas desgraçadas não pensavam em se retirar.

O frio, que fez dar um gemido à avó, advertiu Rosa de que se devia recolher; só então é que pensou para onde havia de ir.

— Vamos, minha avozinha — disse Rosa — a casa da Sra. Maria da Gandra, que estou certa, sendo tão nossa amiga, nos não há de deixar na estrada.

A Sra. Maria da Gandra era uma boa e caridosa mulher, que, como todos os moradores de S. Cosme, e os seus arredores, estimava muito a protegida de D. Teresa, e censurara o procedimento de D. Eusebia.

— Oh! Rosinha, foi Deus que te dirigiu para minha casa — disse-lhe ela logo que a avistou. — Que prazer me não causa teres procurado a minha casa para te recolheres. Tinham-me dito, que ias para casa da Joana da Quintela, por isso é que te não ofereci para vires para aqui com a tua avó.

— Agradeço-vos, senhora — disse Rosa — a vossa bondade, e a caridade com que vos ofereceis para nos recolherdes; mas não venho pedir-vos casa e sustento de graça, porque tenho duas inscrições de cem mil reis cada uma; o que vos rogo é que me aboneis tudo o que eu precisar e a minha avó, que vos satisfarei logo que termine a liquidação da herança da Sra. D. Teresa, e receba as minhas inscrições.

— Sim, sim, minha menina, — lhe respondeu a Sra. Maria da Gandra — Não preciso do teu dinheiro para te sustentar e a tua avó. Mas diz-me, como obtiveste essas inscrições?

— A Sra. D. Júlia, antes de partir para o Porto, deu-me cem mil reis, com os quais a Sra. D. Teresa, em cumprimento do seu desejo, comprou duas inscrições no meu nome.

— Foste feliz, Rosinha, em que fossem compradas no teu nome, porque de outra maneira D. Eusebia tomaria posse delas. Tem resignação, assim

como vós, minha boa velhinha; vinde cear, que eu depois vou-vos conduzir ao vosso quarto.

Rosa e a sua avó ficaram portanto habitando na Gandra.

A pequena não estava ociosa, antes pelo contrario era tão zelosa e trabalhadeira, que a Sra. Maria, muito satisfeita, propôs-lhe que ela e a avó, ficassem para sempre na sua casa. Rosa aceitou prontamente, e com reconhecimento, pois naquela ocasião era a maior felicidade, que lhe podia aparecer.

No dia em que se deviam tirar os selos em casa da defunta D. Teresa, Rosa ali compareceu por convite do juiz eleito.

Quando Rosa atravessou, como estranha, a soleira da porta da casa, que tinha sido para ela tão hospitaleira, o coração comprimiu-se-lhe e não pôde reter as lagrimas.

Tudo se passou sem novidade; só de vez em quando D. Eusebia mostrava por gestos e exclamações o seu desapontamento por encontrar menos dinheiro, do que imaginava.

Quando se abriu a caixa, que pertencia a Rosa, não foi uma exclamação de surpresa, que D. Eusebia soltou, mas sim de raiva, na qual se divisava um acento de triunfo.

— Bem certa estava eu, — disse ela — que esta velhaca havia de ter empalmado alguma coisa. Ah! se eu não viesse logo... o que teria acontecido. Examinai, senhor escrivão, o que é que aí existe.

O escrivão tirou da caixa um magnífico vestido, que, a julgar pelo tamanho, não pertencia de certo a Rosa.

— Dize velhaca, — disse D. Eusebia — como é que este vestido veio aqui parar? — Não preciso perguntá-lo, porque a culpada está-se denunciando pelo rubor, que lhe cobre as faces.

— Senhora D. Eusebia — disse o juiz — o seu proceder para com esta criança é digno de censura. Ainda, até agora, não encontramos coisa alguma, que fizesse, nem ao menos, suspeitar da sua probidade. Deixai-a portanto dar-me as explicações, que tiver a fazer.

Responde Rosinha, — disse o juiz com modo afável — como é que este vestido se acha na tua caixa?

Rosa fez-se muito corada e respondeu:

— Este vestido, senhor, foi comprado com as minhas economias.

— Que é; que é? — interrompeu D. Eusebia.

— Senhora — disse severamente o juiz — ordeno que vos caleis.

— É bem publico e sabido, que eu, durante o verão, fazia cestinhos de flores, que ia vender às casas abastadas dos arredores.

Quase sempre me davam, como presente, mais do que o custo dos cestos: entregava-me a Sra. D. Teresa, para guardar no meu mealheiro, estas pequenas quantias, que reservei com muito cuidado para poder brindar a Sra. D. Teresa no seu dia natalício.

Estava muito indecisa, por não saber o que lhe devia oferecer, e foi a minha avó, que me sugeriu a ideia de lhe comprar um vestido. Para levar a efeito este meu desejo combinei em segredo, com a costureira da Sra. D. Teresa, para o fazer, e estou muito certa de que a minha benfeitora não desprezaria a minha oferta, se tivesse a felicidade de lha apresentar.

Esta explicação, simples e clara, que demonstrava um coração sincero e grato, fez borbulhar as lagrimas nos olhos de todos os circunstantes. Devemos contudo excluir deste numero D. Eusebia, que persistia em negar a verdade.

Quando se encontraram as duas inscrições, D. Eusebia chegou ao auge do desespero e da cólera, e de boa vontade as inutilizaria, se lhe fosse possível obtê-las à mão; mas, felizmente para Rosinha, não pôde consegui-lo.

Finalmente, pelos cuidados e proteção do juiz eleito, Rosa e a sua avó, apesar de todos os obstáculos e vontade de D. Eusebia, receberam tudo o que lhes pertencia, e deixaram sem maior desgosto a casa, de que a mais cruel e mais requintada avareza as expulsava.

Estamos no ano seguinte.

Rosa escreveu à viscondessa do Candal e a sua filha uma carta tão afetuosa e consoladora, que fez despertar em D. Júlia um veemente desejo de tornar a ver a sua querida discípula e protegida.

Os dias, que faltavam para Rosa poder abraçar a sua amiga, pareciam-lhe séculos. Esperava com uma impaciência impossível de descrever, a chegada da primavera, porque então é que devia, e podia estreitar ao coração a sua querida amiga e preceptora.

Raiou finalmente o dia tão ansiosamente almejado. A primeira pessoa que D. Júlia avistou foi Rosa, que, louca de alegria, viera esperar a sua amiga querida, para lhe apresentar um cestinho, igual ao que tinha estabelecido e sido causa das relações e íntima união, que existia entre elas.

D. Júlia ao vê-la deu um grito, e quis imediatamente descer do coupé; mas não pôde fazê-lo, porque estava tão magra, fraca e desfigurada que, quem a via, só a um milagre podia atribuir a sua existência. Era na verdade um milagre, devido ao amor maternal, e contínuos cuidados e desvelos, de que a cercava a viscondessa.

Rosa passou todo o dia na companhia da sua querida amiga e protetora. D. Júlia tinha muito que lhe perguntar, porque queria saber minuciosamente tudo o que tinha acontecido, desde que ela se tinha retirado para o Porto.

Apenas teve conhecimento da morte de D. Teresa, D. Júlia pediu imediatamente a sua mãe, que recebesse na sua casa Rosa e a sua avó.

A viscondessa, que desejava e queria satisfazer o mais pequeno desejo, ou pedido da sua filha predileta, acedeu sem demora.

Rosa e a sua avó vieram portanto morar para casa da viscondessa do Candal, que foi pessoalmente dar parte desta sua resolução à Sra. Maria da Gandra.

— Estou satisfeitíssima, minha senhora — disse a Sra. Maria da Gandra — pela felicidade de Rosa; mas ao mesmo tempo sinto um grande pesar, e é com dificuldade que me separo dela. Nunca mais encontrarei uma pequena, que seja tão humilde e trabalhadeira.

A viscondessa em seguida quis satisfazer à Sra. Maria da Gandra toda a despesa, que Rosa e a sua avó tinham feito na sua casa; mas a honrada e digna aldeã não quis aceitar a mais pequena e insignificante recompensa, e respondeu — Que Rosa havia ganho o que ela e a sua avó tinham despendido.

A despedida de Rosa e da Sra. Maria da Gandra foi patética, e só a muito custo se desprenderam, chorando, dos braços uma da outra, prometendo Rosa vir visitá-la a miúdo, porque o carinho, com que a Sra. Maria a tinha

tratado havia sido tal, que seria uma ingrata se lhe não tributasse um profundo reconhecimento.

A alegria, que se apoderou da pobre cega, quando disse-lheram que ia viver em casa da viscondessa do Candal, foi tal, que só acreditou depois de muito lho asseverarem, porque lhe parecia impossível que semelhante ventura lhe sucedesse.

— Que a minha Rosinha — disse ela — algum dia se havia de tornar senhora da cidade, sempre eu o julguei, porque era muito gentil e linda para ser camponesa; mas que eu partilhasse tal ventura, nunca o imaginei.

Rosa e a sua avó foram alojadas, em casa da viscondessa, em dois quartos, muito perto daquele em que habitava D. Júlia; que assim o tinha exigido para ter a sua protegida junto dela, o que se executou com muita censura e reparo de D. Berta.

— Era só o que faltava — dizia um dia, a orgulhosa D. Berta, a D. Francisca de Meireles, sua amiga — trazer para nossa casa estas duas mendigas. Podes tu, minha querida, explicar-me como é que Júlia pôde afeiçoar-se tanto a estas duas criaturas?

— Tua irmã, Berta, tem o coração muito sensível; basta que lhe façam uma choradeira, ou que lhe contem uma historia triste para acreditar em tudo, e logo se afeiçoar a qualquer, e lhe dedicar carinho é proteção.

— Mas na verdade, esta sociedade não é tão agradável e atraente? — disse D. Berta com um sorriso irónico. — Se a cega e a neta contam comigo para lhes fazer companhia, afirmo-te que lhes hei de deixar muito tempo para se aborrecerem.

Conforme com estas belas resoluções D. Berta evitava o mais possível dirigir a palavra a Rosa e a sua avó, e, quando por necessidade o fazia, era com um modo tão sobranceiro, imperial e chocarreiro, que as duas infelizes ficavam confusas e envergonhadas.

D. Júlia tentou por diversas vezes fazer nascer no coração de D. Berta sentimentos mais nobres e mais cristãos, mas infrutuosamente, porque, procurar comover e sensibilizar o coração empedernido e orgulhoso de D. Berta, era um trabalho ímprobo e estéril.

D. Júlia, feliz por ter na sua companhia a querida do seu coração, a sua discípula, recuperou algum vigor, e ainda pôde recommençar as lições. A fadiga, que deste trabalho lhe podia provir, era atenuada pela atenção e estudo, que Rosa prestava às preleções.

D. Júlia ainda quis ensinar desenho a Rosa.

— Queres dar a Rosa — disse uma ocasião a viscondessa a sua filha — uma educação e instrução superiores à sua posição na sociedade, e não receias que isso para o futuro lhe cause embaraços e dissabores?

— Como resposta a essa pergunta tenha, minha querida mãe, a bondade de ouvir o que a minha protegida me dizia outro dia:

«O meu maior desejo, minha boa amiga e mestra, é alcançar bastante instrução e saber, para um dia ser professora. Como me julgaria feliz podendo dizer às minhas discípulas: era uma aldeã muito ignorante e rústica; uma boa menina, a Sra. D. Júlia, filha da Sra. viscondessa do Candal, teve a bondade de me tomar sob a sua proteção e de me ensinar. É a ela, meninas, a quem devo o que sei e o que vos ensino. Se me amais, deveis igualmente amar a Sra. D. Júlia, minha benfeitora; e então elas vos renderão graças, assim como eu vo-las rendo agora.»

— Não te torno a dizer mais nada — disse a viscondessa — Continua, minha filha, pois Rosa é digna dos teus cuidados e desvelos, e para que eles se tornem mais profícuos ajudar-te-ei a lecioná-la.

A viscondessa cumpriu a sua promessa e, alternadamente com D. Júlia, dava as lições a Rosa.

Estes estudos não fizeram pôr de parte a preparação de Rosa para receber dignamente a primeira comunhão. Foi com uma piedade exemplar que ela cumpriu este solene acto, e o futuro provou não ter sido estéril para o seu coração.

D. Júlia passou o verão entre as alternativas de melhoras e recaídas nos seus padecimentos, que tinham uma sucessão quase regular e periódica. Umas

vezes nem levantar-se da cama, ou de uma cadeira de braços, para onde a levavam, lhe era possível; outras vezes chegava a poder dar uns pequenos passeios pelos campos das vizinhanças. Aos próprios médicos custava a compreender como ela vivia.

D. Júlia, porém, não se iludia sobre o seu estado de saúde. Quando a sua mãe a entretinha fazendo projetos, ou, como ordinariamente se diz, castelos no ar, para o futuro, ela sorria-se e respondia: que ainda faltava muito tempo para a sua realização, e que não chegava a vê-los confirmar.

A sós com Rosa D. Júlia falava livremente sobre a próxima terminação da sua existência, e então ela suplicava-lhe com instancia, que repelisse da sua imaginação tão sinistras ideias.

— Não posso crer, — dizia ela — que Deus nosso Senhor me queira tirar deste mundo todos os meus protetores: não sei que crime tenha cometido, que mereça semelhante castigo.

— Resta-te ainda a minha mãe, minha Rosinha — respondia D. Júlia — que estou certa nunca te há de desamparar.

Rosa terminava esta penosa conversação abraçando D. Júlia e procurando distrai-la por todos os meios possíveis.

O que a dedicação mais sincera e real pode sugerir de mais belo, tudo Rosa executava, recebendo, por galardão, ou recompensa a mais grata, um terno

sorriso de D. Júlia, ou um agradecimento da viscondessa, e para os merecer faria o impossível se necessário fosse.

D. Júlia aparentava exteriormente um sossego de espírito, que interiormente não sentia, porque receava muito a chegada do outono, época, que os médicos tinham marcado, a mais longa a que poderia chegar. A ansiedade, pois, que todos sofriam pela aproximação desse termo fatal, era geral.

Chegou o outono. Por um destes fenómenos, que a tísica muitas vezes apresenta, a moléstia não ofereceu nesta estação alteração alguma.

A esperança, de que D. Júlia ainda poderia vencer a fatal doença, começou a penetrar em todos os corações, e até no da própria enferma. Rosa chegou a dizer à viscondessa, que tinha uma convicção firme de que D. Júlia não morreria, porque Deus Nosso Senhor era bom e não a havia de privar da sua protetora.

A viscondessa, que até aí estava convencidíssima, de que a sua filha não passaria além do termo marcado pelos médicos, vendo-o passar sem que a sua fatal predição se realizasse, começou a crer que se tinham enganado, e que D. Júlia ainda lograria saúde.

Houve portanto grande alegria em casa da viscondessa. Todos os criados, que não amavam só, mas que veneravam D. Júlia, porque era sempre boa e

afetuosa para eles, crendo que a sua jovem ama, não tendo morrido na época marcada, estava salva, pediram unanimemente para a felicitarem; tal foi a alegria e contentamento, de que se apoderaram com esta esperança e crença.

Estas demonstrações respeitosas de simpatia e amizade, que os criados lhe deram, penhoraram e comoveram muito D. Júlia. A todos agradeceu com reconhecimento esta nova prova de afeto.

Porém, de todas as felicitações, a da sua discípula e da sua avó, foi a que mais a impressionou.

Quando Rosa, conduzindo a sua cega avó, se ajoelhou com ela junto da cama de D. Júlia, e lhe exprimiu, com candura e ingenuidade, a alegria e prazer, que sentiam pelas suas melhoras, e os votos, que faziam a Deus, para que o seu restabelecimento fosse real e breve, não pôde sofrer a sua comoção, e as lágrimas correram-lhe em fio pelas faces, agradecendo a Deus o prazer que tinha gozado com a felicitação que acabava de lhe ser dirigida.

Passou-se o inverno, sem que o estado de saúde de D. Júlia sofresse alteração sensível.

Com a chegada da primavera D. Júlia recomeçou os seus passeios pelos campos e pinheirais vizinhos, na companhia da sua inseparável Rosa, a que algumas vezes se agregava também a viscondessa.

Na quaresma seguinte Rosa recebeu pela segunda vez o sacramento da comunhão, e pouco tempo depois, D. Júlia, querendo que a sua protegida progredisse nos seus estudos, pediu a sua mãe que lhe escolhesse uma professora.

A viscondessa anuiu imediatamente ao pedido da sua filha.

Pouco tempo depois entrou para casa da viscondessa, sob recomendação e abono do abade de S. Cosme, uma jovem senhora, a quem há pouco acabava de ser concedido o título de capacidade.

Rosa esforçava-se por todos os meios possíveis para corresponder dignamente aos benefícios, que, D. Júlia e a sua mãe, lhe estavam constantemente prodigalizando; procurando sempre não dar o mais leve desgosto às suas protetoras; contudo, é preciso dizer que Rosa não era perfeita. A sua vivacidade natural levava-a muitas vezes a impacientar-se, e o seu ainda pouco peso ou juízo a cometer algumas faltas nos seus deveres; mas reconhecia com tanta facilidade os seus erros, e mostrava-se tão arrependida e desejosa de os emendar, com tanto afínco e perseverança, que era impossível tratá-la com rigor por muito tempo.

Rosa dava as suas lições, umas vezes no quarto de D. Júlia, quando o seu estado de saúde o permitia; outras vezes no da viscondessa, que sentia um verdadeiro e sincero prazer em observar os progressos da predileta e querida da sua filha.

D. Maria de Almeida, assim se chamava a professora, correspondeu dignamente à confiança, que a viscondessa nela tinha depositado, confiando-lhe a instrução da sua pupila.

O progresso e desenvolvimento, que Rosa sob a sua direção experimentou, foi grande, dando já sinais de que em breve a discípula se tornaria uma excelente professora.

Rosa, assim que as suas obrigações e deveres estavam terminados, dedicava-se exclusivamente a D. Júlia, e a sua avó. Esta, desde que viera viver para casa da viscondessa do Candal, andava alegre e folgazã, e ainda julgava estar sonhando, tal era a placidez e amenidade do seu viver.

Tinha já decorrido parte do ano; o outono estava quase findo, e o estado de saúde de D. Júlia não denunciava sinal algum de pioramento; a moléstia, porém, que até então estivera encubada, reapareceu com grande violência, e em oito dias as crises sucederam-se tão próximas umas das outras, que puseram a enferma em estado de se não conceber esperança alguma da salvar.

A ilusão, que até aí existira em todos, desapareceu completamente: já não esperavam senão o golpe final... Rosa, nem um só momento desamparava a sua querida protetora, e juntamente com a viscondessa, cuidava e tratava de D. Júlia; não consentiam que mais ninguém lhe prestasse o mais insignificante serviço, chegando até a ter zelos uma da outra.

Tanta dedicação e amizade teriam feito com que Deus revogasse a fatal sentença dada a D. Júlia, se o Criador, na sua alta sabedoria, não tivesse resolvido chamar à sua presença, a receber o prêmio das suas virtudes, aquele anjo de bondade e resignação.

D. Júlia, já moribunda e quase expirante, pediu a sua mãe, como ultima graça que lhe fazia, que não abandonasse Rosinha, a sua querida discípula e amiga; que se não afligisse, nem desanimasse, porque em Rosa lhe deixava, estava certa disso, uma filha obediente e dedicada, que havia de substituir no seu coração o lugar que ela deixava vazio, e a Rosa recomendou-lhe que amasse sempre muito a sua mãe, porque nela encontraria um sincero apoio, e uma terna e carinhosa amiga.

Apenas D. Júlia proferiu estas palavras, a hora fatal tinha soado; abraçou a sua mãe, e Rosinha e, pronunciando os nomes de Rosa... e a minha mãe... expirou, voando a sua cândida alma à presença de Deus a receber a glorificação das suas virtudes.

Assim terminou D. Júlia a sua existência, que, se tinha sido breve para o mundo, fora longa pelas boas obras, que sempre praticara, e pela pureza em que sempre vivera.

Já decorreram seis anos depois das cenas descritas no capítulo antecedente.

Não deixaremos, porém, a nossa muito conhecida casa, perto de S. Cosme, pertencente à viscondessa do Candal, porque é no caminho, que a ela conduz, que tem lugar o que passamos a contar.

Uma senhora ainda jovem, e outra já de mais idade caminham em silêncio, e comovidas.

A mais idosa é a nossa muito conhecida viscondessa do Candal.

O pesar da morte da sua querida filha Júlia desfigurou-a muito. O rosto tem-no emagrecido, e sulcado de profundas rugas, e os cabelos embranquecidos antes do tempo.

A sua companheira é uma jovem que figura ter dezassete para dezoito anos, de aparência ingênua e modesta; é a nossa Rosa, a pequena dos ramos e cestinhos.

A viscondessa caminha apoiada no braço da sua companheira. Depois de alguma hesitação Rosa decidiu-se a dirigir-lhe a palavra.

— Receio, minha querida senhora — disse Rosa respeitosamente — que esta visita vos cause uma grande comoção e vos prejudique a saúde. porque a não deixais para quando estiverdes mais restabelecida?

— Não, Rosa, não. Há oito dias, que não vim visitar a campa onde jaz a minha Júlia, e oito dias já é um espaço muito longo. Sinto-me hoje melhor,

não desprezarei portanto esta ocasião que se me oferece, porque, quem sabe se recairei?

— Não penseis em tal, senhora viscondessa. Creio que ainda haveis de ter muitos anos de vida; tenho fé, que Deus vos não roubará à minha ternura e reconhecimento.

— Se as orações de um anjo, Rosa, pudessem deter a morte, conheço que as tuas me preservariam dela. Mas, ai de mim, a morte da minha sempre lembrada Júlia despedaçou-me o coração. Não estou eu só neste mundo? Berta não me abandonou logo que casou? Que faço então aqui neste ermo, a que chamam mundo?

— Ah! senhora, esqueceis então a pobre Rosa, que vos estima e ama, e que vos é tão dedicada como se fora vossa filha?

Estas palavras, pronunciadas com um acento de submissão, penetraram até o imo do coração da viscondessa: sensibilizaram-na tanto, que abrindo os braços recebeu neles Rosa banhada em lágrimas.

— Sou uma ingrata, Rosa, bem o reconheço, — disse a viscondessa cingindo Rosa ao coração. Recebo com indiferentismo os teus cuidados e carinhos, e a tua inexcedível dedicação. Perdoa-me, minha filha, minha querida filha. Conheceste Júlia, e melhor que outra qualquer sabes quanto era merecedora da minha ternura e amizade, e quanto é digna de ser chorada. Mas

Júlia, antes de morrer, deixou-te na minha companhia, para me servires de consolação e alívio na minha dor. Abraça-me Rosa, minha filha querida.

Rosa, por única resposta, abraçou com ternura a sua benfeitora.

As lágrimas, que lhe cobriam as faces, diziam bem alto e eloquentemente, o que a comoção lhe embargava nos lábios.

Ainda caminharam por mais algum tempo e chegaram ao cemitério.

A viscondessa do Candal, como tributo à memória da sua filha, mandara-lhe levantar um lindo e rico mausoléu de mármore branco, no qual ela também queria ser encerrada à sua morte. Em volta das grades viam-se alegretes em que tinham violetas, gerânios e rosas amarelas, que Rosa cultivava e cuidava com muito esmero, como recordação das flores com que enfeitara o cestinho, que fora causa da íntima união, que se estabelecera entre ela e D. Júlia.

A viscondessa e a sua filha adotiva oraram por muito tempo sobre a campa daquela, que tanto tinham estremecido em vida, e que tanto choravam na morte.

Rosa, depois de ter examinado e regado todos os alegretes e pés de flores, um por um, para que os insetos, ou a secura os não estiolassem, dirigiu-se à viscondessa.

— Deixo-vos, senhora — disse-lhe ela — por um instante. Vou rezar junto da campa da minha avó.

— Também quero acompanhar-te — replicou a viscondessa.

Não muito distante do mausoléu de D. Júlia se elevava uma cruz simples. Era aí que jazia, havia dois anos, a pobre cega. Terminara os seus dias sossegadamente, bem-dizendo a ternura da sua neta, e a caridade afetuosa da sua benfeitora.

Devido ainda ao zelo de Rosa a campa da pobre cega, adornada com diversas flores, semelhava um jardimzinho.

Rosa ajoelhou-se, e depois de ter rezado com fervor e devoção por algum tempo, levantou-se, e dando o braço à viscondessa retiraram-se, fazendo ainda uma ultima visita ao túmulo de D. Júlia.

Quando se recolheram, Rosa encontrou uma carta da sua antiga professora D. Maria de Almeida, na qual lhe participava, que daí por dois meses se havia de proceder aos exames de habilitação para os títulos de capacidade, por isso, se ainda estava decidida a propor-se a exame, que enviasse os documentos necessários ao comissário dos estudos.

Rosa apresentou esta carta à viscondessa.

— Sempre estás decidida a propor-te a exame? — disse-lhe ela.

— Sim, minha senhora. É o meu mais fervente e afanoso desejo. Quero, senhora, que a instrução e saber, que vos devo, e a vossa querida e chorada filha, aproveite às crianças, que a pobreza retém na ignorância e na rudeza. Se

eu poder ser útil, ainda que seja a uma só dentre elas, como, senhora, me reputarei feliz e bem paga do meu trabalho!

— Tinha a esperança de te conservar sempre na minha companhia — replicou a viscondessa. — Ocuparias para sempre o lugar do anjo, que Deus me levou, da minha Júlia. Não queres, Rosa, ser minha filha?

— Ah! senhora, quero sim, ser vossa filha; isso ainda vai além da minha ambição. Mas recordo-me que era uma pobre rústica, e que só aos vossos benefícios devo a minha instrução, e a cultura da minha inteligência. Quero, senhora, dar de barato, e ter a vangloria de dizer que os vossos cuidados não foram perdidos, mas com isso não me devo tornar vaidosa, porque faltaria assim aos meus deveres. Serei sempre para vós uma filha adotiva, carinhosa, humilde e terna, e que achareis sempre ao vosso lado, esforçando-se por pagar a sua dívida de gratidão e reconhecimento: Recebendo e aceitando a vossa afeição e amizade, para mim preciosa e apreciável, não me devo esquecer da classe onde nasci. O meu lugar é mais humilde; mas como ele parece belo e grandioso ao meu coração, quando me recordo do bem, que posso fazer a essas infelizes crianças, que vivem na bruteza, ensinando-lhe o que sei e que é obra vossa! Há muito que concebi este meu projeto, e que o declarei a vossa filha: «Às pobres rapariguinhas das aldeias — disse-lhe eu — farei o mesmo que a Sra. D. Júlia me fez. Ensinar-lhes-ei a serem felizes com a sorte, que Deus lhes destinou neste mundo; cultivarei o seu coração e o seu espirito, e

por única recompensa não quererei mais do que ouvi-las bem dizer os nomes da exc.ma viscondessa do Candal e da sua filha.»

— Rosa, minha querida Rosa — disse a viscondessa abraçando-a, e com os olhos rasos de lagrimas, — que Deus te pague a felicidade, e prazer, que me fazes nascer no coração com as tuas palavras.

Dois meses depois, a nossa, hoje, D. Rosa de Jesus e Sousa comparecia perante o júri nomeado para proceder ao exame das concorrentes ao professorado. O título de capacidade, em grau superior, foi-lhe concedido por unanimidade e com distinção.

Dois anos se passaram já, depois que foi conferido a D. Rosa de Jesus e Sousa o seu título de capacidade.

Estamos em fins de Outubro, numa casa caiada de branco, que se encontra ao entrar na freguesia de S. Cosme, do lado de S. Pedro da Cova. Na frente há um pátio largo e espaçoso. Sobre o muro pendem os ramos verdejantes de dois chorões. Nas traseiras da casa há um pequeno jardim, muito bem tratado, com as ruas areadas com saibro, e que termina por um caramanchãozinho, que, pelo bem cerrado que está, indica que no verão deve ali haver uma frescura agradável, auxiliada pela corrente de uma levada, que corre próximo. Na sala que fica ao nível do jardim ouve-se um murmúrio confuso. Entremos, para examinar a que ele é devido. Que vemos? Grupos de lavradeirinhas, ao

todo umas trinta, pouco mais ou menos, vestidas de branco, e tendo todas na mão um raminho de flores do campo, com um laço de fita. Ao fundo da sala vê-se uma rica imagem da nossa Senhora da Conceição, colocada sobre um altar, bem adornado com castiçais de prata, velas de cera e jarras com flores.

Num dos lados da sala há quatro cadeiras de braços; numa delas está sentada a viscondessa do Candal, a quem D. Rosa, de pé, junto dela, está dizendo os nomes das suas discípulas.

A viscondessa passeia a vista por todas elas, e conhece-se-lhe na expressão do rosto, que aquele espetáculo a regozija e encanta.

O modo, porque todas dirigem as vistas para a porta e pelas janelas, indica que se espera alguém.

O abade da freguesia e o administrador do concelho entram neste momento pelo portão.

Um sorriso alegre se vê deslizar em todos os rostos. Eram as pessoas por quem se esperava.

A viscondessa e a sua pupila vieram recebê-los à porta, e conduziram-nos às cadeiras que lhe estavam destinadas.

As crianças tomaram os seus lugares, e restabelecido o silêncio, o abade da freguesia tomou a palavra, e fez o seguinte discurso:

«Sinto, minhas meninas, um prazer imenso por vos ver aqui reunidas para a celebração do primeiro aniversário da instalação desta escola, devida à muita filantropia e caridade cristã da exc.ma viscondessa do Candal, e à dedicação exemplar da vossa digna professora a Sra. D. Rosa de Jesus e Sousa. Julgo desnecessário o lembrar-vos, que um tal sacrifício merece um eterno reconhecimento, porque entendo que entre vós, minhas filhas, não há ingratas. Vós respeitais e venerais a exc.ma viscondessa, e amais com um verdadeiro amor a vossa professora, não é assim? É, assim o creio. Mas há ainda uma pessoa, para quem deveis ter uma saudosa recordação, e que também deveis encomendar a Deus nas vossas orações. Prestai-me atenção, que vos vou dizer quem é essa pessoa, cuja recordação vos deve ser grata. Há pouco mais ou menos doze anos, que uma pobre lavradeirinha ganhava a sua vida fazendo cestinhos de juncos, e ramos de flores silvestres. Uma jovem e nobre senhora, que reconheceu nela amabilidade, modéstia e humildade, simpatizou com ela, e encarregou-se de educar e instruir. Como a sua benfeitora a achou sempre digna dos seus benefícios, encarregou-se também da sua posição futura. Essa jovem senhora, de que vos falo, é a exc.ma Sra. D. Júlia, filha da exc.ma viscondessa do Candal, e essa lavradeirinha, a quem ela dispensou os seus carinhos e a sua afeição, é a vossa douta professora. Há já alguns anos, que a alma da exc.ma Sra. D. Júlia voou à presença do Deus eterno a receber o prémio das suas virtudes e das boas obras, que praticara

neste mundo; uma das quais ainda existe, que foi o deixar-vos a vossa professora e amiga.

«Mostrai-vos, meninas, sempre merecedoras dos benefícios, que vos fazem, porque isso é o único desejo das vossas benfeitoras e a única recompensa, que recebem da sua dedicação, que estou muito convencido sempre fareis por merecer.

«Não quero, porém, retardar por mais tempo o momento de receberem o prémio e galardão, que merecem pela sua aplicação ao estudo e amor ao trabalho, àquelas que disso se tornaram dignas; e às que desta vez não são galardoadas resta-lhes a esperança e o meio de, pela imitação das suas discípulas, se tornarem dignas do merecerem para o ano futuro.

«Vamos por tanto proceder à distribuição dos prémios.»

Um sussurro de alegria acolheu as últimas palavras do digno sacerdote.

A conferência dos prémios foi esplendida.

Os prémios consistiam em livros religiosos e de instrução, que tinham sido cuidadosamente escolhidos pela viscondessa, e a sua filha adotiva, todos ricamente encadernados. Era interessante e belo ver a alegria, que se deslizava no rosto das que tinham sido contempladas na distribuição.

Terminada a conferencia dos prémios teve lugar debaixo do caramanchão um bem servido lunch.

— Como é magnífico o espetáculo, que apresentam estas crianças, alegres e satisfeitas — disse a viscondessa — Recordar-me-ei sempre deste dia, como o mais grato e feliz da minha vida. Tu, minha querida Rosa, atrais as bênçãos do céu sobre nós, e sobre a memória da minha querida, e chorada Júlia.

— Ah! senhora, — disse Rosa com os olhos rasos de lagrimas — que a vossa profecia se realize, e a minha mais cara aspiração ficará satisfeita.

O desejo de Rosa realizou-se. A escola está cada vez mais florescente, e a freguesia ufana-se pela possuir. Todos os moradores do lugar ainda hoje bem-dizem os nomes da viscondessa do Candal, da sua filha e de D. Rosa, modelo raro de um coração verdadeiramente grato e reconhecido aos benefícios que recebera.

FIM.

O DEGREDADO

Tem Portugal uns povoados sertanejos que os políticos e os literatos exploram, metendo a riso as coisas e as pessoas de lá. Aqui há trinta anos, os folhetinistas deitaram a garra a Figueiró dos Vinhos e Freixo de Espada à Cinta. Mal diriam eles que deste velho burgo acastelado havia de sair o fulminador de Jeová e do diabo, o Sr. Guerra Junqueiro, o mais bizarro pintor de uma sociedade morfética, e o mais canoro secretário-geral que ainda ouviram ministros do reino e governadores civis! Eis o ponto culminante onde pode trepar um aedo português — falando à grega como eles — se cavalga Pégaso sem esparavões. Poeta que, hoje em dia, com os seus cantares, apanhe emprego de lotação de 400\$000 rs. afora emolumentos, corresponde ao grego Simónides que, em concursos poéticos, ganhou 56 bois. Bons tempos! Um hino grego rendia uma manada de reses pesando pouco mais ou menos 32.000 quilogramas; hoje, e aqui no país da madressilva e da laranjeira, não há quem abra concurso de sonetos a meio bife.

A onipotência do plectro, ainda assim! No período tenebroso dos Cabrais, quando o poeta era um hilota que queimava as asas do génio em meios-ponches fiados no Marrare das Sete-Portas, o Sr. Guerra Junqueiro, se florescesse então, vingaria enternecer ministérios em peso, para demonstrar

que na Trácia e em Portugal aparecem Orfeus, quando é necessário mover ursos ao som da lira.

Ali, em Freixo de Espada à Cinta, nasceu também o primeiro jesuíta português, o padre Gonçalo de Medeiros. Dois filhos que não parecem da mesma mãe. Compensações. O mal que fez o jesuíta anda o poeta a remediá-lo.

Depois, chegou a vez à Aldeia de Paio Pires, a Maçãs de D. Maria, a Cucujães e Ranhados. A ironia fez destas povoações uns símbolos de morgados lorpas, de morgadas nutridas, de deputados parranamente beldroegas e de trovistas ainda iscados de romântico solau. Ninguém já ousava dizer que nasceu ali. Muita gente não se batizava para não haver documento de haver nascido. As famílias decentes emigraram, falsificando os passaportes. É que a ironia dos noticiaristas passara por ali assoladora como as patas dos cavalos númeras e a cimitarra dos filhos do crescente.

Há de haver um século que a aldeia mais chasqueada era a Samardã.

Filinto Elísio valeu-se daquela aldeia todas as vezes que necessitou naturalizar um patola. Entre vários lanços das suas obras, escolho o seguinte:

Saiu da Samardã certo pedreiro

Faminto de ouro, em busca da fortuna;

Embarca, vai-se ao Rio, deita às Minas,

E lida, e foça, e sua, arranca à Terra

O luzente metal, que o vulgo adora.

Vem rico a Samardã; vinhas, searas,

Casas, móveis, baixela compra fofo:

Brocados veste, vai-se nos domingos

Espanejar à Igreja, acompanhado

De lacaios esbeltos; vem o Cura,

Saudá-lo com água benta; os mais graúdos

O lugarejo a visitá-lo acorrem;

Para ele os rapapés, as barretadas

Se apostavam de longe a qual mais prestes.

Falavam-lhe os vizinhos e a gazeta

Na célebre Paris, cidade guapa

Onde todo o estrangeiro nobre ou rico

Vai fazer seu papel. Ei-lo azoado

Que deixa a Samardã, que se apresenta

Na capital francesa; roda em coche,

Alardeia librés; passeia Louvres,

Versalhes, Trianões. Volta enfadado

À sua Samardã. — «Gabam tal gente

«De polida! Oh! mal haja quem tal disse!

«Corri casas, palácios, corri ruas;

«Não vi um só, nem grande nem plebeu,

«Que, ao passar, me corteje com o chapéu».

O padre Francisco Manuel, se em vez da Samardã, — serrana e fragosa aldeia, que não tem igreja nem cura — escolhesse para terra natal do seu rico parvajola alguma das cidades notáveis do reino, teria escrito um conto verosímil.

Do Porto da minha mocidade, abalavam às vezes para a Europa, diziam eles, uns jovens dinheirosos que não tinham perfeita certeza se a rua da Sovela ou da Reboleira, onde tinham nascido, estavam dentro da Europa. Cada um levava quatro malas inglesas, como quem ia para os confins da alta Ásia. Mandava inscrever o seu itinerário no Periódico dos Pobres, e gastava quinze

dias a despedir-se de parentes e amigos com o ar pensativo de quem ia fazer uma viagem de circunvalação.

Estes Franklins e Cooks de cabotagem deixavam as amadas com ataques histéricos, nervosas de ciúmes das dançarinas de Paris, das grandes lorettes ou loureiras, portuguesmente falando, da Cora Pearl, de mad. Paiva, que tinha palácio com escadaria de ónix, e era esposa daquele galhardo rapaz português-macaense, que lá se matou há seis anos, cerrando com o suicídio a meda dos desatinos. As princesas da Nova Babilónia de Eugéne Pelletan eram conhecidas até à Porta de Carros. Vogava então o chic em Paris, — o chic nacionalizado em Portugal trinta anos depois, quando lá em França já diziam Zing.

Da parte das damas zelosas, diga-se verdade, era isto um luxo de ciúmes. Aqueles mancebos entravam em Paris, sérios e sornas como o nosso Padre Simão Rodrigues quando ia ao Colégio de Santa Bárbara conferenciar coisas do céu com o seu amigo Inácio de Loiola.

Escolhiam aposentos em bairro de celebrada gravidade, no Saint-Germain: hotel de Londres, ou hotel des Ministres. A barba britânica do viajante, a sua taciturnidade de inglês em jejum, o ar recolhido de quem está ruminando a Guia de conversação, requeriam casa pacata, vedada a estroinas metedições com quem está calado, e a mulheres que viajam cheias de um cosmopolitismo palavroso e comprometedor para sujeitos que não aprenderam, de transfusão,

as línguas como os apóstolos. Pegavam logo de estar tristes, e a sentirem saudades da Porta-Moré, do Café-Guichard e da Assembleia da Trindade. Quando ouviam sinos em dia santificado, o coração voava-lhes para a missa do meio dia nos Congregados — a igreja do tom onde a Fé, que manca, entra sempre encostada ao ombro do deus de Gnido.

Passeavam nostálgicos as suas indigestões de trufas pelos boulevards. À noite, esporeados pelo tédio, entravam em Mabilie, e respiravam um ar saturado de anisette, de patchouly, de marrasquino e almíscar — o bafio das carnes nuas besuntadas e sacudidas pelo regambolear do cancan et demi. Saíam dali, todavia, frios e impolutos como os sacerdotes de Cibele; e, ao outro dia, afivelam as malas, e regressavam da Europa, cheios de cansaço e com mais alguns galicismos, a restaurar-se no jardim de S. Lázaro e nas Fontainhas.

O padre Nascimento não iria à penhascosa Samardã procurar personagens, se houvesse florescido nestes tempos modernos em que o dinheiro abriu caixas filiais da Samardã nos centros das grandes cidades.

Eu é que conheço a Samardã, desde os meus onze anos. Está situada na província Transmontana, entre as serras do Mésio e do Alvão. Nas noites

nevadas, as alcateias dos lobos descem à aldeia e cevam a sua fome nos rebanhos, se vingam descancelar as portas dos currais; à míngua de ovelhas, comem um burro vadio ou dois, consoante a necessidade. Se não topam alimária, uivam lugubrememente, e embrenham-se nas gargantas da serra, iludindo a fome com raposas ou gatos bravos marasmados pelo frio. Foi ali que eu me familiarizei com as bestas-feras; ainda assim, topei-as depois, cá em baixo, nos matagais das cidades, tais e tantas que me eriçaram os cabelos.

Na vertente da montanha que dominava a Samardã, havia um fojo — uma cerca de muro tosco de calhaus a esmo onde se expunha à voracidade do lobo uma ovelha tinhosa. O lobo, engodado pelos balidos da ovelha, vinha de longe, derreado, rente com os fraguedos, de orelha fita e o focinho a farejar. Assim que dava tento da presa, arrojava-se de um pincho para o cerrado. A rês expedia os derradeiros berros fugindo e furtando as voltas ao lobo que, ao terceiro pulo, lhe cravava os dentes no pescoço, e atirava com ela escabujando sobre o espinhaço; porém, transpor de salto o muro era-lhe impossível, porque a altura interior fazia o dobro da externa. A fera provavelmente compreendia então que fora lograda; mas em vez de largar a presa, e aliviar-se a carga, para tentar mais escoteira o salto, a estúpida sentava-se sobre a ovelha e, depois da esfolar, comia-a. Presenciei duas vezes esta carnagem em que eu — animal racional — levava vantagem ao lobo tão-somente em comer a ovelha assada no forno com arroz.

De uma dessas vezes, pus sobre uns sargaços a Arte do padre António Pereira, da qual eu andava decorando todo o latim que esqueci; marinhei com a minha clavina pela parede por onde saltara a fera, e, posto às cavaleiras do muro, gastei a pólvora e chumbo que levava granizando o lobo, que raivava dentro do fojo atirando-se contra os ângulos aspérrimos do muro. Desci para deixar morrer o lobo sossegadamente e livre da minha presença odiosa. Antes de me retirar, espreitei-o por entre a juntura de duas pedras. Andava ele passeando na circunferência do fojo com uns ares burgueses e sádios de um sujeito que faz o quilo de meia ovelha. Depois, sentou-se à beira da restante metade da rês; e, quando eu pensava que ele ia morrer ao pé da vítima, acabou da comer.

É forçoso que eu não tenha algum amor-próprio para confessar que lhe não meti um só graeiro de cinco tiros que lhe desfechei. As minhas balas de chumbo naquele tempo eram inofensivas como as balas de papel com que hoje assanho os colmilhos de outras bestas-feras.

Este conto veio a propósito da Samardã, que distava um quarto de légua da aldeia onde passei os primeiros e únicos felizes anos da minha mocidade.

Conheci na Samardã um padre Francisco Vieira, bom sacerdote, amigo de ler, e que sabia de cor as Viagens de Anacársis; e, como desejasse possuir uma erudição completa, pediu-me que lhe ensinasse a conta de repartir por quatro letras, segundo o sistema do Sr. Emílio Aquiles Monteverde. Ele estava munido do Manual Enciclopédico; mas não percebia nitidamente o que fosse dividendo, divisor e quociente; todavia, como era bastante subtil, padre Francisco, com assíduo estudo e três meses de exercícios, conseguiu repartir por quatro letras, e tirar a prova pela regra dos nove. Este padre morreu novo; se continuasse a estudar, talvez viesse a responder com acerto a este problema do Manual Enciclopédico, pág. 178, edição de 1870: Pergunta-se: quando é que uma pessoa nascida em 1864 terá completado 25 anos?

Que recordações! e que saudades!

Nas tardes de estio, íamos nadar a uma levada de um córrego que se despenhava da serra. A água era frigidíssima, lodosa e impenetrável ao sol. A ramaria entrelaçada dos freixos e amieiros fazia daquele poço um banho ajeitado à castidade de Susana e à nossa. Padre Francisco, a última vez que lá entrou comigo, saiu gelado e sem sentidos como Frederico Barba-Roxa de certo rio da Arménia. Estou-me a ver derreado com o padre às costas, sem atentar, no auge da minha aflição, que eu o levava como se fugisse do Paraíso com o meu avô Adão cloroformizado. Acudiram-me os camponeses, depois de me contemplarem de longe e espavoridos como os saloios de Troia quando viram sair Eneias da cidade com o pai às cavaleiras. As mulheres não

ultrapassaram as carairas de uma honesta curiosidade assim que viram aquela nudeza grega e antiga demais para a Samardã; e os homens, com o meu exemplo, começaram a friccioná-lo com as suas mãos de cortiça tão eficazmente que o padre veio a si, dando os gritos agudos de um esfolado. Estava salvo. Fizeram ressumar à pele o sangue congestionado. Se morresse naquela ocasião, ia sem saber o que era o quociente.

Às vezes, depois de jantar, saíamos pela aldeia a esmoer a galinha e o presunto. A Sra. Luísa, esbelta e farta irmã do clérigo, dava-nos em cada jantar uma galinha loura reclinada sobre um escabelo de presunto com travesseiros de chouriço.

Havia um grande dividendo de aves na capoeira daquela casa; os divisores éramos nós; o quociente era metade das galinhas para cada um. Fiz-lhe compreender ao padre com este símile de cozinha os mistérios da aritmética.

E eu saía impando por aquelas barrocas da Samardã, meditando e dizendo com o meu Horácio:

Ibam forte Via Sacra, sicut meus est mos, etc.

Às pessoas esquecidas do seu latim não se figure que padre Francisco ia fazer Via Sacra. Não lhe faltaria vontade e devoção; mas Samardã não tem calvário nem igreja senão a que Filinto Elísio lhe fantasiou nas citadas trovas.

Uma vez, num desses passeios, ao cerrar da noite, fiz reparo num grande pardieiro descolmado com dois descancelados portais que roçavam pelo beiral do teto.

— Aqui vive gente, padre Francisco? — perguntei.

— Não. Este casarão era a corte da arreata do João do Couto. Mal o conheci, mas ainda me lembro do ver à frente de vinte machos deste tamanho.

E, dizendo, levantava o braço três palmos acima da própria cabeça.

Continuou:

— Os machos traziam chocalhos grandes como sinetas que se ouviam badalar a meia légua. Quando João do Couto entrava por aqui dentro com a sua récuca, vinha toda a gente às portas cumprimentá-lo. O seu negócio era lá para o sul. Ia a Lisboa todos os meses levar presuntos de Lamego e salpicões de Chaves. Ganhava muito dinheiro, chegou a ter seis mil cruzados em peças; mas, afinal, gastou tudo, arruinou a casinha dos pais, vendeu os machos, fugiu da terra, e tais proezas fez no Alentejo que foi degredado para África por toda a vida — há de haver quinze ou vinte anos. Por aqui há homens da sua criação que podem contar-lhe as extravagâncias do João do Couto. Era um

rapaz mal encarado, e valente com as armas. Jogava o pau por tal feitio que, em romaria onde ele fosse, as baionetas dos soldados voavam das espingardas; e, sendo preciso, saltava por cima de um homem, e ficava em guarda com o pau atravessado. A justiça perseguiu-o por pancadas que deu; gastou com isso dinheiro grosso; mas quem no arruinou foram as mulheres.

Neste ponto da narrativa, o padre fez um parêntesis, e revelou conhecimentos não vulgares, citando filósofos e santos padres muito apropriadamente. Disse que Platão duvidara se juntaria as mulheres com os homens, se com os brutos. Quantas conhece o leitor unidas aos últimos para realizarem a hipótese do divino Platão! Acrescentou que lera em certo autor antigo que a cabeça do homem tem três miolos e a mulher um.

Padre Francisco não me pareceu que tivesse os três perfeitos, teimando em dar crédito ao seu autor, depois que eu lhe mostrei anatomicamente o cérebro de uma galinha igual na estrutura e na forma ao de um capão que se comeu por amor da ciência. A instrução deste homem saiu-lhe toda da capoeira.

Não obstante, desfazendo sempre nas mulheres, contou-me o caso trágico donde se motivou a ruína do frascário almocreve.

Havia nos arrabaldes de Vila Real, num a aldeia chamada Borbelinha, um cirurgião, casado com uma rapariga bonita.

João do Couto, se varria uma feira, nem sempre saía com a cabeça ilesa. Quando lha quebravam, ia curar-se a Borbelinha, e presenteava bizarramente o facultativo. Desde que lhe viu a consorte, deixou-se avassalar da tentação. Quando estava em casa descansando ou arranjando frete para Lisboa, ia aos domingos no seu mais nédio macho, com gualdrapa e cobrejão escarlata de borlas, e testeira de chapas amarelas, visitar o cirurgião e brindá-lo com algum mimo da corte. A esposa deste sujeito, era algum tanto ligeira, e daquelas que autorizaram o sábio antigo a assinar-lhes um só miolo. O marido, não estranho à frenologia, descobriu-lhe a bossa, e começou a espreitá-la pé ante pé como quem traz pedra no sapato; e, além da pedra, trazia um par de pistolas reiunas nos coldres da égua. O valentão da Samardã não lhe metia medo com a sua chibantice. Aprendera o cirurgião de Borbelinha a arte nas ambulâncias do exército anglo-luso. As amputações sanguinosas, o estertor dos agonizantes e o tráfego com a morte levaram-no a dar à vida humana importância insignificante. Ganhara fama de bravo no exército, porque nunca o viram nas bagagens. O seu posto voluntário era onde as fileiras metralhadas rareavam. Às vezes, tirava a espingarda da mão ainda quente de um cadáver, mordida o cartucho e punha o fito com tal olho e firmeza que não perdia uma bala. «Vou logo procurá-la, entre a quarta e quinta costela daquele francês», dizia ele.

Quando recolheu da guerra, casou com a filha de um lavrador, sua parenta. Granjeou merecida fama, e em poucos anos adquiriu bastantes bens. A mulher, criada na liberdade do campo, nas romarias, nas funçanatas das esfolhadas, estranhou o resguardo que lhe impunha a sua qualidade de esposa de cirurgião. Verdade é que ela o tinha conversado de amores noutro tempo; mas então era ele simplesmente sangrador e dentista de boticão; foliava nas estúrdias, nas mascaradas, e tocava requinta. Agora, porém, achava-o mudado. A casaca de briche, o chapéu de felpo, os berloques, o tom sentencioso dos dizeres, a secura de marido que dá à esposa a honra de lhe tratar das peúgas, desconvinham ao génio trêfego da jovem.

Ora João do Couto era a encarnação do ideal de Rosa de Borbelinha. Quando ela o viu, teve uns assomos de doidice franca e lorpa como só nas aldeias ainda se encontra. Vira a forma palpável do seu sonho. Depois, o júizo reagiu à explosão da sua inconsciente e selvagem alegria. Tornou-se por isso sombria e velhaca, olhando de esguelha para o almocreve. Foi então que Manuel Baptista, o cirurgião, suspeitou e disse de si consigo, olhando para João do Couto: «Estás bem aviado...»

O da Samardã temia-o; havia uma força grande que o acovardava: era o amor, ou talvez que fosse o involuntário acatamento que lhe impunha o direito irrefragável dos maridos. O certo é que o almocreve não deu aos seus desonestos propósitos o desenvolvimento que habitualmente coroava as suas empresas da mesma laia. Como o cirurgião o recebesse de má catadura,

absteve-se de ir a Borbelinha; mas, intermetendo uma alcofa bem remunerada nos seus planos, Rosa estava a pique de perder-se, passando-se do esposo para o amante.

Entretanto, Manuel Baptista soube que D. João VI dava no Rio de Janeiro liberalmente hábitos de Cristo a quem lá ia felicitá-lo pelo triunfo alcançado sobre Napoleão. Justamente indignado, viu condecorados uns sujeitos sem serviço algum; e resolveu por isso atravessar os mares e ir à corte apresentar os documentos da sua bravura nas batalhas, e perícia nos hospitais de sangue. Queria o hábito de Cristo para inaugurar em Borbelinha a entrada daquela ordem na sua pessoa, e também para humilhar em Vila Real uns bacharéis em medicina que o não tratavam de colega nem admitiam a votar nas consultas.

Rosa viu com satisfação preparar-se o marido para a longa viagem; mas, chegado o tempo da partida, esmoreceu, quando Manuel Baptista disse-lhe que ela ficaria no convento de Santa Clara em Vila Real enquanto ele andasse ausente. E, sem intermissão de dias, conduziu-a ao seu destino, dizendo-lhe que dava aquele passo para amordaçar as más-línguas, visto que, na ausência dos maridos, as mais castas esposas se expunham a juízos temerários.

Volvidos dias, na feira de Gravelos, João do Couto, que esbravejava em abafados rancores a sua paixão, passando rente pelo marido de Rosa, não o cortejou; e pouco depois encontrando um seu íntimo de Adoufe, façanhudo

marchante que fora dos dragões de Chaves, convidou-o a beber jeropiga, e tão copiosamente o fizeram, que ali se trocaram recíprocas e íntimas confidências.

— Por uma pouca de má vergonha — disse o almocreve — é que eu não atiro ao inferno a alma do Manuel Baptista.

— Eu cá — disse o Joaquim Roxo de Adoufe — se a história fosse comigo, já o tinha posto a escutar a cavalaria.

— Homem — observou modestamente João do Couto — olha que ele é teso.

— A quem tu o dizes! Vi-o eu no meio do fogo bater-se como um soldado raso, e cortava pelos franceses como um porco-espinho no mato; mas um homem desfaz-se de outro, quando é preciso, sem lhe dizer que se ponha em guarda.

— Eu cá não — redarguiu o da Samardã; — à traição não sou capaz de bater num homem. Já bati em seis de cara a cara; tenho espalhado com a ponta do pau romarias em peso; vou aí para a boca de um bacamarte como quem bebe este copo; mas palavra de honra, cato respeito ao Manuel Baptista. Ai! — e arrancou dos seios da alma um convulso arranco. — Eu tenho uma paixão de matar pela Rosa! Antes da ver, era eu um rapaz alegre, afoito, que me não trocava por ninguém. Agora não durmo, não como, não trato de nada, os machos lá estão na estrebaria sem sair, morreram-me dois que me custaram trinta moedas de oiro, e eu fiquei como se não fosse nada comigo. E então,

depois que a Rosa está no convento, e eu não sei dela nada, dão-me guinas de meter uma navalha no coração! Foi o diabo que me apareceu, aquela mulher! O que eu devia ter feito era vir a Borbelinha, atirá-la para cima de um macho, e fugir com ela por esse mundo além... Sabes tu que mais? — bradou ele, esmurraçando o balcão da taverna — eu sou homem para atacar o convento com mais uma dúzia de homens de pêlo na venta, e raios me partam se a não tirar de lá!

— Estás pronto, João do Couto! — atalhou o Roxo — mete-te nisso que ficas estirado à porta do convento. Cada freira de Santa Clara tem um oficial de milícias a rondar-lhe o convento por fora, quando lá não está dentro. Se tu deres o ataque, tens de te bater com o regimento inteiro. Olha, João — prosseguiu falando-lhe ao ouvido — só te vejo um remédio: quando ela ficar viúva, casa com ela. Sabes como se faz viúva uma mulher casada? Não te digo mais nada. Lá vai o último copo à saúde da tua Rosa. Vá a virar!

— Abaixo! — exclamou João do Couto.

E despejaram o último quartilho.

Depois, montaram nas suas possantes mulas, e saíram da feira pela entrada de Vila Real.

A poucos passos, viram Manuel Baptista que levava a passo o seu cavalo adiante deles.

— Ele lá vai — disse o Roxo.

— Já o vi; deixá-lo ir.

— Tens-lhe medo a valer, ó João!

— Tenho medo mas é de uma pinga a maior que me vai cá por dentro a queimar o coração. Eu não quero matá-lo, já to disse.

— Mas deixa andar o macho, não lhe puxes a rédea. O homem se dá fé que vamos ficando, pensa que tens medo. Eu cá à minha beira não quero cobardes. Caía-me a cara, se um dragão de Chaves ficava à retaguarda do cirurgião de Borbelinha.

E, dizendo, meteu as rosetas das esporas nos ilhais da mula, que rompeu a galope. João do Couto trotava rente dele, resmoneando:

— Qual medo nem qual diabo!

O cirurgião ouvindo a tropeada das carruagens, olhou para trás; e, como reconhecesse os cavaleiros, desacolchetou os coldres, sofreu com firmeza e resguardo a rédea do potro alfario, e deu-lhe de esporas quando ele se descompunha curveteando e rinchando ao aproximarem-se as mulas.

Joaquim Roxo, com o chapéu caído sobre a nuca, pau de choupa debaixo da perna esquerda, e braço pendido segundo a estardiota dos da sua laia, ia do lado do cirurgião. A estrada era larga; mas quer fosse propósito, quer a

embriaguez desgovernasse o freio da mula, o pau ferrado do marchante roçou rijamente na perna do facultativo.

— A estrada é larga, seu bêbado! — disse Manuel Baptista.

O Roxo sofreu a mula; e, quase deitado na anca, deu um piparote na aba do chapéu, e perguntou:

— A quem é que chama bêbado?

— A você — respondeu lealmente Manuel Baptista.

— Anda daí! — bradou João do Couto puxando-o pelo braço.

— Larga-me, João — disse o Roxo atravessando-se na estrada, e endireitando-se sobre o albardão com as dificuldades contingentes ao desequilíbrio da cabeça com a cintura. — Larga-me, já te disse! — E, voltando-se para o cirurgião: — Conhece-me, ó patrãozinho?

— Conheço; mas não quero relações com tal conhecido. Desempache-me o caminho, quanto antes, é o que tenho a dizer-lhe.

O marchante, arrancando o pau, desenroscou um canudo de cobre que escondia uma choupa de aço de mais de palmo. Manuel Baptista sacou de um dos coldres uma pistola, e esperou sem lhe erguer o cão; o destemido ébrio floreando o longo pau de lódão fez-lhe uma pontoada ao peito, da qual o salvou o cavalo empinando-se. O cirurgião engatilhou e disparou à cabeça de Joaquim Roxo, que instantaneamente caiu de borco sobre o pescoço da mula.

Neste conflito, João do Couto apeou de um salto, abriu uma navalha espanhola, e cresceu sobre o cirurgião, exclamando:

— Você mata-me o meu amigo, ó sua alma do diabo?

O agredido respondeu com segundo tiro; mas as upas do potro não lhe consentiram aproveitar a bala com o seu costumado escrúpulo. O almocreve caiu sobre o joelho direito, por onde a bala superficialmente resvalara.

Havia já ao pé dos lutadores muito povo que vinha da feira, e entre a turba estavam alguns que conheciam o marchante, e por isso gritaram à d'el-rei contra o cirurgião, agarrando-lhe as rédeas do cavalo, e dando-lhe voz de preso.

Todas as testemunhas uniformemente depuseram que viram Manuel Baptista disparar dois tiros, matando Joaquim Roxo e ferindo João do Couto. O cirurgião alegava que em justa defesa matara e ferira; mas a lei, aguilhoada pela implacável vingança do almocreve, e obrigada a ser severa, respondeu que só se dava morte em justa defesa quando o atacado não podia fugir. Ora as testemunhas depuseram que ele, se quisesse, podia fugir para trás. Foi Manuel

Baptista sentenciado a degredo perpétuo para a África Oriental. Dizia João do Couto, gabando a justiça, que lhe custara dois mil cruzados aquela sentença.

Quando o condenado saiu da cadeia de Vila Real para a Relação do Porto, sua mulher acompanhou-o voluntariamente, e contra a expectativa do perseguidor do marido. Não foi o amor que a moveu a seguir o condenado; mas, na desgraça de Manuel Baptista, havia a coragem que é simpática, se a não enegrece a maldade. Rosa respeitava o marido, e acusava-se de ter sido causa do seu infortúnio, posto que ele a não arguisse, nem ela se supusesse suspeita de haver pensado em desonrá-lo. Em 1820 saiu Manuel Baptista com a sua mulher para Moçambique.

João do Couto nunca mais pensou de restaurar com o trabalho os haveres desbaratados. O seu pai, António Alves, que possuía uma pequena lavoura granjeada no fabrico do carvão de urze, morreu quando o filho vendeu os últimos machos; e a sua mãe, a tia Maria Florência, perdeu o juízo, e andava a encomendar as almas, por noite morta, trepando-se aos cabeços da serra. Entretanto, João do Couto, reduzido à pobreza do jogo, e perseguido pelos credores, fugiu da sua província e passou ao Alentejo, onde, para amparar a vida, se fez jornaleiro em carvoarias de S. Tiago de Cacém, e com o vigor de

alma de um penitente se entregou a esse áspero trabalho, fazendo-se estimar dos seus patrões. Para se distrair de lembranças dolorosas da sua alegre e abastada mocidade, jogava a esquineta com os seus companheiros, logrando-os, ou lhes ensinava o jogo do pau por um pequeno estipêndio, moendo-os. Corridos dois anos de vida bem comportada, foi admitido num a sociedade de carvoaria de sobro, por onde lhe seria possível readquirir os bens esbanjados; mas, apenas a fortuna lhe sorriu, a sua índole brava, sopeada pela pobreza, partiu as algemas, e voltou às antigas proezas e ribaldarias com o femeação.

A biografia de certos personagens que floresceram antes da liberdade da imprensa está sumida nos cartórios dos antigos escrivães dos juizes-de-fora e corregedores. De 1833 em diante as pessoas extraordinárias têm os seus anais nas partes de polícia, no noticiário do jornalismo e na Gazeta dos Tribunais. A idade média portuguesa, pelo que respeita à obscuridade da vida social, terminou há quarenta anos, com a primeira local de gazeta em que se contou a história de duas facadas na Madragoa. Antes disso, encontrava a gente na rua dos Capelistas um homem no meio da escolta que o levava ali à força do Cais do Sodré; perguntava-se que mal tinha feito o homem: ninguém sabia responder. Lá o esganavam depressa ou devagar segundo a agilidade do carrasco, e assim acabava com o padecente o segredo de um romance, em que decerto se confundiria a perversidade ingênita do homem e a estúpida rasoira da lei com admiráveis lances de paixões nobres.

Nesta espessa treva se escondem os pormenores da vida de João do Couto no Alentejo. Sabe-se positivamente que ele matara dois homens a pau e faca; disse-me alguém que os mortos foram três; quatro parece-me exageração. À justiça bastaram dois para o agarrar, não sem grandes perigos, e o meter no Limoeiro, onde esteve desde 1824 até 1827, suspenso entre o patíbulo e o degredo perpétuo com trabalhos forçados.

Nestes três anos foi socorrido pelos seus patrícios. Conheci em Vilarinho, aldeia da mesma freguesia de João do Couto, um velho de nome João Claro, almocreve, que todos os meses saía a mendigar para o seu camarada preso, e lhe levava ao Limoeiro as esmolas. Tenho saudades deste jovial ancião que nunca me chamou pelo meu nome; tratava-me sempre pelo Sr. Rei Teles: não sei como ele descobriu em mim aquela dinastia dos Teles. Havia nisto fundo mistério que João Claro levou consigo aos abismos insondáveis da morte.

Coube a João do Couto degredo perpétuo para Moçambique. Tinha predestinação auspiciosa. Todos lhe agouravam pena última. Ninguém se empenhara a favor do homicida; salvara-o talvez dizerem as testemunhas que ele prestara bom serviço à sociedade matando os dois facinorosos.

Esta notícia alegrou-o duplicadamente. Ia para Moçambique onde estava Rosa, a perturbadora da sua vida, a única mulher que ele amara deveras, a causa adorada das suas desgraças.

Alguns degredados, cumprida sentença, voltavam da África, e iam ao Limoeiro procurar os seus amigos: não os achavam noutra parte; e procediam discretamente não exorbitando da sua roda, porque diz um provérbio inglês que não tem esfera nenhuma quem sai da sua.

João do Couto perguntava pelo cirurgião Manuel Baptista aos repatriados que vinham da África Oriental. Todos lhe diziam que o cirurgião estava a enriquecer, que tinha a principal freguesia da cidade, que era o médico do capitão general e do bispo, e que já havia comprado uma quinta em Mossuril; acrescentavam os informadores que a mulher do cirurgião abrira uma grande padaria na rua de Bancanes, de que tirava muito dinheiro, com o qual mandara fazer muitos casebres na Missanga, que alugava aos negros.

João do Couto de si para si reflexionava que Manuel Baptista, se lá o visse, o mandaria matar por um cafre ou por algum português degredado — pior casta de inimigo.

Não obstante, como adquirira o hábito de matar, dispunha-se a não perder esse costume em Moçambique, visto que é bom adotar os usos de cada terra. Ia portanto resolvido a vender cara a vida, se o não deixassem vivê-la com sossegada honra — outra excelente disposição que ele levava — viver

honradamente em Moçambique, e implantar ali os costumes inocentes da Samardã.

Revirara-se a má cara da fortuna seis anos adversa ao degredado. Quando chegou a Moçambique, e perguntou notícias de Rosa, disseram-lhe que o cirurgião era falecido recentemente na Baía de Lourenço Marques, onde havia ido por ordem do governador geral visitar o governador enfermo.

Alargou-se-lhe o vasto peito para abranger os borbotões de esperança que lhe golfavam do coração. Foi à rua de Bancanes, e parou em frente de uma grande padaria servida por mestiços. Não viu Rosa. Perguntou por ela com a voz trémula de amor, de receio e de esperança. Apenas proferira as primeiras palavras, assomou, por entre duas cortinas de chita vermelha, a viúva com o rosto espavorido de quem se ouvisse chamar do fundo de um sepulcro. Reconhece-o, hesita, avança, recua, e faz aqueles trejeitos próprios e já tão nossos conhecidos do proscénio que hoje em dia todos estamos habilitados a receber artisticamente a aparição de um pai que não conhecíamos; e de muito vemos essas mímicas, já quando topamos um sujeito que não vimos desde a semana passada, abrimos a boca e os braços como se se encontrassem Castor e Pólux nascidos no mesmo ovo, depois de uma ausência de quatro lustros!

Lá estava, pois, a imagem do galhardo almocreve, indelével e aberta a fogo de saudade, no seio de Rosa de Borbelinha. Levou-o consigo a mostrar-lhe os seus aposentos, o seu dinheiro, tudo que valia menos que o seu amor.

Ofereceu-lhe com honesta franqueza a sua casa, a sua mesa e as suas roupas. Não lhe oferecia a sua mão, porque ainda não sabia e tremia de lhe perguntar se era solteiro.

O cadáver de Manuel Baptista ainda não estava delido na lama paludosa da Baía de Lourenço Marques, e já a sua viúva conjugalmente reaquescia o tálamo, como quem quer dizer que casara com João do Couto.

Ninguém nos soube dizer porque motivo o segundo marido de Rosa começou então a assinar-se João Evangelista Vila Real. O sobrenome adotado do apóstolo querido, Evangelista, seria para que a mulher, primeiro ligada a um Baptista, estivesse sempre em relações indiretas com S. João? Mais um enigma indecifrável nesta biografia. Quanto ao apelido Vila Real, provavelmente adotou-o da comarca onde nascera.

Prosperou a olhos vistos o comércio de João Evangelista em todos os efeitos negociáveis na colónia. A felicidade íntima correspondia à boa sorte das empresas.

Amavam-se doidamente. João abençoava os desastres que o arrojaram ao degredo, abençoava a memória e rezava talvez pela alma dos dois alentejanos que ele matara à paulada; quatro que houvesse descadeirado, abençoá-los-ia também o ditoso João Evangelista. A felicidade tem generosidades quase absurdas!

A importância política do marido de Rosa — que já não traficava em padarias — começou em 1835 quando os cafres landins fizeram provocada carnagem nos colonos de Inhambane. A sublevação dos cafres vizinhos daquela vila já a tinha previsto o governador Sebastião Xavier Botelho, quando assim descrevia Inhambane: « ...Povoada de degredados facinorosos e asiáticos aventureiros que juntam à desmesurada cobiça, aqueles a maldade em que têm jubilado, e estes uma refinada preguiça que os desvia do mais leve trabalho...».

A guarnição da feitoria foi espostejada pela vingança dos negros; a tropa enviada em socorro dos fugitivos pelo capitão-general fugiu diante da nuvem negra dos cafres, que excedia em disciplina e ferocidade a horda de degredados enviados de Moçambique. Aqueles aguerridos selvagens, «se os acometem, não voltam rosto, jogando adargas e azagaias com alaridos, coragem e ligeireza. Enquanto as armas são de arremesso, não há dobrá-los, nem vencê-los: pelejam como leões; mas como ouçam tiros de arcabuzes, cosem-se com o chão, embrenham-se, e desaparecem na espessura dos bosques, que rompem e trilham melhor descalços que os seus inimigos calçados e armados» .

Sabida na capital a derrota da tropa às mãos dos negros, João Evangelista Vila Real, que era português semelhante aos do século XV e XVI, que por ali andaram a erguer padrões de civilizadores, sentiu-se arder em patriotismo, como há poucos anos, na África Ocidental, ardeu outro mais celebrado

aventureiro, José Teixeira do Telhado. Em patriotismo não há como portugueses! Um grande patife lá fora, nunca deixa de ser um grande patriota.

Dirigiu-se ao capitão-general, pediu-lhe cinquenta homens escolhidos entre os degredados, e estipulou que os vestiria e alimentaria à sua custa, contanto que se lhe desse patente de alferes. Não se consultaram Regimentos militares nem pundonores de dragonas. João Evangelista cingiu a banda, disciplinou e vestiu cinquenta homens, e, arrancando-se aos braços da esposa chorosa, foi para a feitoria de Inhambane, com um frenesi de acutilar cafres como se fosse vingar os manes insepultos de Manuel de Sousa de Sepúlveda.

Rebentavam dentro do ricaço mercador umas excrescências dos fígados do carvoeiro alentejano. Foi um raio que se espargiu em coriscos por sobre aquela cafraria. Arcabuzou nas brenhas os que não retalhou no campo, e recolheu a Moçambique com duas alcofas cheias de cabeças de sovas. O capitão-general abraçou- — o, e disse-lhe que ainda havia portugueses de lei. Os seus soldados, erguendo-o nos braços, conclamavam que iriam conquistar a Inglaterra, se ele os comandasse. É que João Evangelista, esbraseado e ébrio pelo cheiro do sangue, parecia o Lúcifer de Milton despenhado no meio de uns pretos que não soubessem fazer o sinal da cruz, como de facto não sabiam aqueles.

Aumentava cada dia a consideração do alferes de milícias. A gente mais qualificada honrava-se com a sua estima, e deplorava que cidadão por tanta

maneira egrégio não pudesse voltar à pátria, nem com serviços tão relevantes conseguisse suavizar a desesperada sentença de degredo perpétuo.

Sete anos decorridos, em 1842, revoltou-se o presídio da Baía de Lourenço Marques. O governador e os principais proprietários tinham sido assassinados. A plebe oprimida e conjurada com os degredados que vestiam a farda de soldados portugueses, vingara os vexames que sofrera até perder a esperança dos recursos levados ao governador geral. «Não há coisa que sirva de barreira — escrevia o enérgico par do reino Sebastião Xavier Botelho — a certos governadores e feitores para se contentarem com grosso cabedal granjeado boamente, deixando ao mesmo tempo viver os pobres, senão que alguns querem abarcar tudo para si com absoluta exclusão dos outros, atraçoando, roubando e matando: que de tudo isto aqui há exemplos; o ponto é enriquecerem-se no prazo mais curto, e para este efeito empregam a perfídia e a força... Tem ali havido uma série de governadores a qual deles mais avaro, ambicioso... Cifro-me em dizer que todas as torpezas e devassidões têm ali andado não só desenfreadas, mas autorizadas...».

Quem autorizava as devassidões autorizou João Evangelista Vila Real a organizar o seu terço de aventureiros, e, já com a patente de capitão de milícias, ir castigar os revoltosos à Baía de Lourenço Marques.

A luta foi carniceira e longa. O gentio dos reinos de Inhaca e de Manhiça, os vermes e os anzotes desceram das serranias, pensando que era chegada a hora

de lavar com o sangue português as afrontas de três séculos. O bravo da Samardã entrara nesta segunda campanha com a vida entalada no dilema de morrer ou conquistar a liberdade pelo indulto. Neste propósito, os seus atrevimentos eram o espanto dos próprios soldados e o terror do inimigo. Eu, que conheci na paz a cara sinistra deste capitão de milícias, imagino o que ela seria na guerra.

Ao cabo de dezoito meses de carnificina, João Evangelista Vila Real recolheu a Moçambique, onde foi recebido em triunfo. Repicaram todos os sinos desde o bairro de S. Domingos até ao da Marangonha. A guarnição apresentou-lhe as armas, e o capitão-general brindou-o à sua mesa, fazendo votos porque o governo de S.M.F. recompensasse os serviços de tão bravo português, restituindo-o à pátria, pela mesma razão que um monarca lusitano restituíra à liberdade Geraldo Sem-Pavor — o conquistador de Évora, ladrão do seu ofício.

Estava presente neste jantar um cirurgião-mor de apelido Miranda, o qual, brindando à saúde do ministro do ultramar, disse que a estrela do digno e ditoso ministro lhe propiciara a vinda de João Evangelista Vila Real para Moçambique durante o seu governo. Historiando a defesa do território português na África Oriental, comparou João Evangelista a D. Estêvão de Ataíde que desarvorara as caravelas dos holandeses. Depois, em vibrações de entusiasmo aquecido pelos clamores dos convivas, disse que iria ele a Lisboa

solicitar o indulto de João Evangelista; e, quando os bravos e os hurras o deixaram concluir, exclamou:

— E, se eu não obtiver o indulto em Portugal, Acabe-se esta luz ali comigo. É inexprimível o efeito desta feliz reminiscência dos Lusíadas!

Eu também conheci este Miranda, cirurgião-mor de caçadores 3, em Vila Real, quando ele veio negociar o indulto do capitão de milícias. Em casa estava sempre meio vestido de turco, com turbante, casacão de seda amarela, chinelas carmesins e refestelado sobre um coxim azul-ferrete, a fumar por cachimbo de porcelana. Era um pouco raquítico, pouquíssimo muçulmano da sua figura; mas em verdade parecia um sátrapa em uso dos caldos peitorais ferruginosos da farmácia Franco. Recitava-me as suas «Africanas», umas poesias que tinham da África somente serem versejadas em Moçambique, e pelo seu contexto e língua não desdiziam de moiras.

Foi este pois o encarregado de promover o indulto, munindo-se dos atestados do capitão-general, de uma baixela de ouro enviada por João Evangelista à casa real portuguesa, dizem uns, ao ministro competente, modificam outros, respeitando, como eu, os altos personagens. Miranda é que sabia ao certo, e também o sabe o possuidor da baixela.

Como quer que fosse, o indulto foi obtido; abriram-se as portas da pátria ao capitão de milícias do presídio de Moçambique, assim denominado no decreto e nos subsequentes alvarás nobiliários que o esperavam na pátria.

Devia ser imenso o júbilo do cirurgião-mor Miranda portador do indulto; mas, no mar alto, morreu abrasado no incêndio do navio em que partira. Deu-se o desastre em 1851, se bem me recordo. Quem tiver curiosidade ou memória pode esclarecer a data e as miudezas do sinistro em que pereceu, na flor dos anos, o vate Miranda e, por boa sorte das letras pátrias, o manuscrito inédito das suas Africanas. Recordo-me que, estando eu hospedado em Lisboa num hotel — onde também se hospedara um velho cirurgião militar vindo de África, e inimigo de Miranda — aquele, ao dar-me a notícia do naufrágio com ares dolentes, acrescentou: «O mar e o fogo disputaram entre si a ver qual dos dois havia de matar aquele desmedido bruto.» Em África aprende-se esta caridade.

João Evangelista, o bravo, que nunca mudara de cor quando as azagaias ervadas lhe ziniam nas orelhas, chorou e desmaiou ao receber a nova de que estava perdoado. A alegria poderia enlouquecê-lo, se não se desse nos mesmos centros nervosos a repercussão de uma penetrante angústia. Rosa, quando tratava de enfardelar as suas riquezas, imaginando-se coberta de seda e recamada de ouro em Borbelinha, foi atacada de uma pernicioso, e morreu ao cabo de algumas horas de agonia.

O viúvo caiu de cama e desejou acabar. Rodearam-no, porém, as gerais simpatias da gente da terra, insinuando-lhe apego à vida para poder na sua pátria fazer brilhante figura. Quando ele ia cedendo aos rogos e à natureza, agravou-se-lhe a enfermidade, bojando-lhe na espinha cervical um antraz da pior casta. Mandaram-no confessar, e ele teve medo a Deus naquela hora, primeira vez na sua vida em que sentiu a vaidade de se julgar tão duradoiro, espiritualmente eterno como o próprio Criador. Antes, porém, de se confessar, quis ver se negociava a vida, comprometendo-se com a Divindade pelo mais extravagante voto de que tenho notícia: Casar com a primeira mulher perdida que encontrasse, assim que pusesse o pé no chão da pátria. Ao cabo de quarenta e oito horas, a gangrena parou, a escara do carbúnculo despegou-se, e João Evangelista Vila Real estava salvo.

Em 1852, liquidados os bens e os escravos que perfizeram centena e meia de contos, veio para Portugal. Desembarcou no cais das Colunas às dez horas da manhã, e foi direito à Ribeira Velha, em busca de uma estalagem onde costumava pousar com a recova dos seus machos, quando era o famoso almocreve transmontano. Lá estava ainda a estalagem. Os antigos donos eram já mortos. À porta da taberna estava frigindo pescadinhas marmotas uma raparigaça arremangada, de braços vermelhos, roliços e brunidos das unções do azeite que espirrava da frigideira. Era a primeira mulher com quem falava o João Evangelista do voto.

— Há quarto onde se durma? — perguntou ele.

A taverneira mediu-o da cabeça aos pés, e pausou a sua observação no grosso grilhão e no alfinete de esmeraldas rutilantes que destacava da gravata escura de cetim.

— O senhor quer cá ficar?! — perguntou ela maravilhada de hóspede tão limpo.

— Quero, sim, menina.

— Olhe que isto aqui é estalagem de almocreves e de lavradores do Ribatejo... Eu logo lho digo.

— Bem sei. Dê-me o quarto das duas janelas.

— Ah! o senhor já conhece a casa...

— Há mais de trinta anos.

— Então suba, que lá está o patrão no primeiro andar.

— A menina não é a patroa?

— Nada, eu sou criada. Patroa! tó-carocha! quem dera disso...

E dizia estas coisas com trejeitos muito desnalgados e frandunos.

A mocetona ainda não tinha visto a bagagem do hóspede: eram oito baús, afora malas e maletas, um casal de pretos carregados de viuvinhas, de papagaios, periquitos, um sagui, um terra-nova, tudo recordações vivas da sua defunta.

Recolhido ao seu quarto, conversou com o estalajadeiro assombrado da bagagem.

— V. S. a — disse o homem — não sei como não quis ir para as hospedarias dos brasileiros, para o Alexandrino ou...

— Estou aqui à minha vontade. Já dormi neste quarto muitas noites... Deus me dê os regalados sonos que eu dormi nesta cama... Ainda a conheço... estou mais acabado que ela...

— Então V. S. a é cá do Ribatejo? No meu tempo não me lembro do cá ver; e mais já aqui estou há vinte e dois anos.

— Eu tenho cinquenta e seis, e a última vez que aqui dormi tinha vinte e quatro...

O estalajadeiro fez a conta e disse:

— Isso então foi no tempo do Damião Cambado. Esse homem é que ganhou dinheirama! No tempo dele havia almocreves de rópia, que se acabava o mundo quando eles entravam com arreatas de vinte machos por essa Lisboa dentro. Eu ainda fui curador do Damião. Vinham aqui pousar o Machado de Carção e o João do Couto, lá de Trás-os-Montes, e outros que jogavam aí a ronda a moeda e mais. V. S. a há de querer almoçar, ou já almoçou? A cozinheira não é de todo peste.

— É a rapariga que estava a frigrir?

— É, sim, senhor. Boa cozinheira é ela; mas doida de pedras. Está sempre com a tacha arreganhada a quem lhe diz graçolas, e deixa esturrar os tachos. Agora deu-lhe a telha de querer casar com um anspeçada de artilharia. Leva boa peça, não tem dúvida...

— Mande-me o almoço — disse João Evangelista a pensar no voto.

Quem pôs a toalha na mesa foi a Clemência. Chamava-se Clemência. Vinha muito rosada do lume, e sorria com um esmalte de dentes irrepreensíveis.

Fazia uns gestos de quadris e movimentos largos enfunando a saia cor-de-rosa, e apertando o balão de junco na estreiteza da porta por onde servia o almoço. Tinha que ver então.

Findo o almoço, disse João Evangelista:

— Há muito que não comi com tanto apetite, palavra de honra!

— Que lhe preste, meu senhor.

Tirou ele do dedo um argolão de ouro, deu-lho e disse:

— Desde hoje em diante pense em mim, se quiser ser rica.

Clemência, moderadamente espantada, pegou do anel, remirou-o, e balbuciou:

— V. S. a dá-mo?... Está a gozar, acho eu!

— Dou. Ouvi dizer que a menina ia casar. Não case, sem que eu lhe faça uma pergunta.

— Está o amo a chamar-me — disse ela pressurosa para esquivar-se a suspeitas malévolas.

— Vá; que poucos dias há de ser criada de servir.

A mudança de clima adoentou-o e produziu-lhe sezões diárias. Clemência abandonou a cozinha, tanto que João Evangelista avisou o estalajadeiro que desde aquela hora em diante considerasse a rapariga uma hóspede, porque precisava dela para sua enfermeira. É inexcusável o carinho e zelo com que ela velava as noites, adivinhando-lhe as vontades, à cabeceira do leito. As carícias saíam-lhe tão espontâneas que não pareciam interesseiras.

Ao cabo de três meses, João Evangelista Vila Real erguia-se restabelecido, e cumpria o voto repetido nesta segunda enfermidade: casava com D. Clemência, que é hoje uma senhora a quem a minha pena não ousa adjudicar as condições estipuladas no voto. As reticências são pontos sem forma literal porque só com elas se consegue não dizer nada, ao passo que todas as indelicadezas se acham contidas no A-b-c-; por mais que a gente se canse em inverter a verdade com o artifício das sílabas, quando se evita a ofensa ressalta sempre a ironia. Portanto...

João Evangelista apresentou-se a dois ministros com as cartas de recomendação do capitão-general. O dos negócios do ultramar gostou de conhecer pessoalmente o herói de Lourenço Marques. O sol da África bronzeou-lhe um simpático rosto de beduíno. Usava bigode espesso e grisalho. Os cabelos eram ainda bastos, negros e lustrosos. Espáduas largas, bem conformado, mas extremamente descarnado no rosto, em que mais por isso realçava o coriscar sinistro dos olhos. Na testa serpeavam-lhe veias pretas, e tinha um nariz movediço e adunco. Contou modestamente ao ministro as suas façanhas atribuindo-as à valentia dos seus soldados. Deu conselhos, propôs alvites e pintou com acerto o estado das colónias e o modo de as conservar com utilidade. Quanto às suas liberalidades na sustentação de um troço de homens, nada disse; mas o ministro sabia que João Evangelista desembolsara vinte contos na guerra de 1842. Ao despedir-se, o secretário de estado perguntou-lhe se pretendia alguma coisa, alguma mercê. João Evangelista respondeu que se considerava que farte remunerado com o indulto. Não obstante, dias depois era agraciado com o hábito de Cristo.

Deliberou residir na capital da sua província, em Vila Real. Transferiu-se para lá; e, sem dizer quem era, foi à Samardã. No caminho, perto de Gravelos, viu

uma cruz de pau sob um dossel pintado de vermelho, um vermelho que parecia sangue. Na peanha tosca da cruz lia-se o nome de Joaquim Roxo, o assassinado pelo cirurgião de Borbelinha. Descobriu-se e rezou-lhe um Padre-Nosso por alma. Dali em diante, pelo caminho fora, apossou-se do cavaleiro professo da Ordem de Cristo grande melancolia. Via em si o alegre almocreve de trinta e cinco anos antes, e tinha saudades da sua vida de então. Parecia-lhe ver ao seu lado a sombra de Manuel Baptista e olhava sobre a esquerda onde, por entre os castanhais, alvejava a torre da igreja de Borbelinha. O pensamento ia dali a Moçambique, via o rosto cadavérico de Rosa, e demorava-se a imaginar-lhe os ossos ainda vestidos de carne sob a terra gretada pela chuva.

Chegou à Samardã ao lusco-fusco. Bateu à porta dos Vieirãs, e pediu gasalhado por uma noite. Já não vivia o padre que me mostrara o pardieiro de João do Couto. Disse que ia para Trás da Serra, e receava meter-se ao caminho. Com grande pasmo da família hospedeira, saiu noite alta, e andou percorrendo a aldeia. Sentou-se à porta da casa onde nascera, curvado, com a cabeça entre as mãos, e chorou! Chorou, senhores, aquele homem que só devia chorar quando não teve mais pretos que matar, assim à maneira de Alexandre quando viu que se lhe acabava mundo que avassalar! Ah! naquela hora, se os cafres tivessem alma, e as crianças dos cafres tivessem o direito humano de se queixarem orfanados de pais e mães, que legiões de fantasmas não voltariam em redor daquele cavaleiro de Cristo!

Ao outro dia, ao despedir-se da família que lhe dera hospedagem, revelou quem era, e pediu que se avisassem os seus parentes pobres e os seus credores, ou os herdeiros deles.

Confluíram a Vila Real tantos primos que o homem antes se quisera ver a contas com os pretos da terra dos Fumos. Como ele era Alves e Gonçalves por pais e avós, todos os Alves e Gonçalves d'aquém e d'além Córrego entraram às chusmas em Vila Real. Às cavaleiras dos pais iam as crianças, e escarranchados nas albardas dos jumentos cabeceavam os macróbios. A estalagem do Ferro-Velho onde pousara João Evangelista parecia a Kaaba. As caravanas disputavam-se graus de parentesco no pátio da estalagem.

Distribuiu João Evangelista liberalmente os seus donativos pelos parentes; mas fugiu de Vila Real quando alguns vadios, que não eram seus primos, lhe enviaram cartas anónimas designando as quantias que necessitavam e indicando os lugares em que ele, se queria viver, devia depositá-las. O capitão de milícias de África fez então o elogio da civilização dos negros, e evadiu-se para o Porto, visto que não lhe era permitido chamar do presídio de Moçambique a sua ala, e implantar em Vila Real alguns exórdios de justiça.

Estabeleceu-se no Porto em 1853, e começou a edificar uma corrente de elegantes casas na rua Bela da Princesa. João Evangelista Vila Real montava sempre um cavalo preto de boa estampa; seguia-o um preto a pé, e precedia-o um cão da Terra Nova. Nos dias santificados, passeava a sua esposa, uma

senhora dotada de gorduras carminadas, e arquejante debaixo do peso dos grilhões de ouro que lhe bamboavam sobre o promontório dos seios.

Adivinhava-se ali um passado de fressuras e mãozinhas de carneiro ricas de açafão.

Tinha este homem no seu foro íntimo as seguintes coisas:

Primeira. Pancadaria à mão tente na primeira mocidade; navalha espanhola na boca, e pau de choupa em riste, nas feiras e romarias.

Segunda. As raparigas da Samardã, e as circunjacentes perdidas de modo que nem o céu lhes podia valer; porque diz Santo Agostinho que nem Deus pode restituir a virgindade perdida.

Terceira. O pomo da discórdia atirado ao seio da família de Manuel Baptista; o amigo assassinado por amor dele; o cirurgião sentenciado a perpétuo desterro, e morto das febres pútridas do presídio de Lourenço Marques.

Quarta. O assassinio dos dois alentejanos que eram maus, mas tinham direito à vida que representava o pão de muitas crianças.

Quinta. A torpe ficção de patriotismo com que se investiu para indultar-se de matador de dois brancos, espedaçando centenas de negros que tinham estrebuchado sob o pé de ferro que os esmagava no chão onde o missionário implantara a cruz.

Por sobre estas coisas do foro de dentro, queria ter por fora o foro de fidalgo da casa real.

Isto seria absurdo, se uma fatalidade geográfica não pusesse João do Couto entre o rio Minho e o Cabo da Roca. Se ele não visse duas comendas da Conceição apresilhadas nas lapelas de dois seus vizinhos apanhados em flagrante assalto de quadrilha em Ponte Ferreira; se não visse a farda escarlate num réu convicto de testamenteiro falso — ousaria pedir brasão de armas a el-rei seu amo? Se então não coroassem de barão português um corretor de meretrizes no Rio de Janeiro, João do Couto, o homicida lavado na sangueira dos cafres, pediria a el-rei a faculdade de ir saborear um refresco nas salas da Ajuda? Ele não pensava nisso. João Evangelista Vila Real, se aceitou o hábito de Cristo, foi porque soube que Vasco da Gama o tinha aceitado; e, quando pediu o foro de fidalgo, atendeu a que Afonso de Albuquerque e Pedro Álvares Cabral o não tinham rejeitado.

Requeru, pois, brasão de armas para encimar o portal do palacete que tencionava construir. O real pulso rubricava o título de nobreza deste homicida reabilitado pela carniceira de África, ao mesmo passo que a

indigência ralava na obscuridade os voluntários de D. Maria II nas pocilgas da cidade heroica, onde João Evangelista fabricava palácios.

O brasão é passado a 2 de Junho de 1861, e registado no Cartório da Nobreza destes reinos, no Livro IX , folha 42 v. O Sr. visconde de Sanches de Baena, traslada-o assim no seu Arquivo heráldico-genealógico, pág. 286.

João Evangelista Vila Real, cavaleiro professo na ordem de Cristo, capitão de milícias da província de Moçambique; filho de António Alves, negociante, e da sua mulher D. Maria Florência Alves; neto paterno de Manuel Alves, proprietário, e materno de José Caetano Gonçalves, proprietário, e da sua mulher D. Maria Gonçalves. Um escudo com as armas dos Gonçalves.

O escudo dos Gonçalves é em campo verde uma banda de prata carregada de dois leões vermelhos rompentes. Timbre: um dos leões. Este é o escudo de armas passado a Antão Gonçalves que devia de ser tronco daquelas vergôntes que florejaram na Samardã.

Darei sucinta notícia de algumas famílias Gonçalves, extintas e redivivas na pessoa de João do Couto. No Nobiliário do conde D. Pedro, tit. 22, pág. 134, D. Egas Gomes de Sousa, senhor da Honra de Novelas, casou com D. Gontinha Gonçalves, filha de Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador; querem outros que D. Gontinha Gonçalves fosse terceira neta de D. Ramiro II, rei de Leão. Lá como quiserem: João do Couto não discutia isso, nem lhe importava

que o genealógico Manuel de Sousa Moreira pusesse aquele D. Egas na linhagem da casa de Lafões.

Temos outra vez nesta família dos Gonçalves da Samardã, D. Mor Gonçalves, casada com Afonso Lopes de Baião. Por este ponto os leões de João do Couto encontram-se com as águias da Honra de Azevedo, pela aliança de um neto de D. Álvaro de Baião com a supradita Gonçalves. Giravam outrossim nas artérias de João do Couto alguns glóbulos do sangue do rico-homem de Castela D. Gomes Gonçalves Girão, irmão do senhor da casa de Girões.

Desastres, transformações, mudanças de tempos, quedas e renovações de nobreza, em tempos de Afonso III, de D. João I, de D. João II, dos Filipes, de D. João IV fizeram que os Gonçalves avós de João Evangelista vivessem de fazer carvão nas serras da Samardã; todavia, o lavrante do alvará, repondo os prenomes de Dona na tia Maria Florência e na tia Maria Gonçalves, mãe e avó de João do Couto, endireitou esta linhagem que andava torta, e limpou-a do pó das carvoarias.

João Evangelista Vila Real, cavaleiro professo na Ordem de Cristo e fidalgo com exercício, viveu a longa vida dos anciãos que encaneceram com a serena

consciência dos patriarcas, e em provecos anos se mantiveram para exemplo da mocidade. Devia de orçar pelos setenta e sete, quando há quatro anos adormeceu no infinito sono dos cavaleiros professos, envolto no manto da ordem com o seu largo peito ornado da cruz vermelha. Ali, no jazigo do último descendente bem aproveitado dos Gonçalves, apodrece o primeiro fidalgo e porventura o derradeiro da Samardã.

Não deixou descendência, porque tinha de menos na arte de fazer homens o que lhe sobrava no engenho de os desfazer. A sua viúva passou a segundas núpcias com um sobrinho remoto do defunto. Não sei se há raça de Gonçalves nesta enxertia: mas D. Clemência entrou segunda vez na corrente de D. Gontinha.

Nesta novela-biografia ou biografia-enovelada, não a quis fazer chorar, minha senhora. Vossa Excelência já sabe que eu — o derradeiro cultor do romance plangente neste país onde a literatura se está refazendo com fermentações de cores várias e jogralidades vasconças — premindo com o dedo umas certas molas do mecanismo da sentimentalidade, faço tremeluzir no cetim das suas pestanas umas camarinhas de preciosas lágrimas. Também não quis que a vossa excelência se risse. Este livrinho tem intuitos graves, e encerra uma ideia encoberta, porque ideias descobertas já raramente aparece uma. Tenho o desvanecimento de conjeturar que a filosofia deste opúsculo há de dar de si.

Pretendo aniquilar a fidalguia destes reinos movendo vossas excelências a não consentirem que os seus esposos, afdalgando-se como João do Couto, concorram juridicamente aos bailes do Paço com facinorosos de torna-viagem.

FIM

O ARREPENDIMENTO

Em tempos da minha mocidade costumava visitar a miúdo uma boa velha, minha vizinha, que me honrava com a sua estima e amizade. Humildemente confesso que não há sociedade mais deleitosa e agradável, do que a de uma mulher que soube envelhecer. A sua conversação instrutiva e divertida, é um inesgotável tesouro de lembranças, anedotas, observações chistosas e reflexões circunspectas, é finalmente uma revista do passado.

D. Mafalda, deixem-me assim chamar-lhe, juntava à amenidade da conversa, a do character, que era brando e indulgente.

Quando tinha ocasião de ir passar uma noite com ela, parecia-me que as horas voavam ligeiras e que corriam mais rápidas, do que quando as gastava a distribuir finezas e galanteios ás mais formosas rainhas dos mais brilhantes salões. Era sempre com vivo pesar que a via apontar para o relógio, indicando-me que a hora de me retirar tinha chegado, e voltava a minha casa com o espirito mais rico, e o coração satisfeito e melhor.

A historia que vou contar-vos, minhas caras leitoras, foi-me dita por D. Mafalda num destes serões em que vos falei.

Era numa bela noite de Junho; fui encontra-la sentada na sua cadeira à Voltaire, tendo aos seus pés, deitado num cochim, o seu cãozinho querido; os

olhos tinha-os semi-abertos, um sorriso nos lábios, e parecia respirar com prazer a aragem, que, embalsamada pelas flores do jardim, se coava pela janela meia aberta. Quando cheguei junto dela vinha indignado porque um dos meus parentes tinha sido vítima de um abuso de confiança; contei-lhe o sucedido, e no calor da narração não poupei ao culpado as maiores imprecações, nem deixei de lhe dizer que desejava fazer-lhe todo o mal possível.

— Devagar, meu querido amigo-me disse ela—não o julgava tão irascível, nem que tivesse tão pouca caridade para com o próximo. Sabe lá, se, com a vida, não tiraria ao culpado o mérito de para o futuro se poder reabilitar pelo arrependimento, e se o momento em que lhe infringisse o castigo não seria o destinado por Deus para esse arrependimento?

— Eis-aí, minha cara vizinha, uma doutrina, permita-me a expressão, um pouco subversiva da ordem social.

— Deus me defenda — replicou-me — de querer que o culpado não seja castigado, e que a sociedade fique indefesa dos crimes que um seu membro praticou contra ela; quis dizer somente que devia deixar ás leis o cuidado de castigar o delinquente, e que o meu querido amigo, não devia, como individuo, fechar assim desapiedadamente o coração a todo o sentimento de comiseração por um desgraçado e infeliz, no coração do qual talvez ainda bruxelei algum clarão de virtude, que uma ocasião favorável e propicia, que se

apresente, ainda pode despertar, e fazer com que esse membro da sociedade, que julga inútil, se torne bom e aproveitável.

Como eu respondesse a isto, fazendo um destes movimentos de cabeça, que são um protesto mudo e respeitoso, ela acrescentou:

— Está com paciência para me aturar ouvindo uma historia, pois que ainda temos algumas horas?

Não recusei: uma historia era uma fortuna para combater a exaltação de espirito em que estava.

D. Mafalda começou assim:

— Emílio da Cunha era o mais velho de três irmãos, dos quais, o mais novo, vivia há muitos anos no Rio de Janeiro, onde tinha alcançado fortuna. O segundo nunca deixou o Porto, sendo sempre infeliz nos seus cometimentos e especulações. Emílio da Cunha, à custa de muito trabalho e economias, pôde alcançar uma fortunazinha, que lhe permitia esperar com sossego, o momento de descansar da vida laboriosa em que tinha vivido.

Uma quarta pessoa completava esta família, que era uma irmã, que tendo seguido o seu marido à India, para onde ele tinha sido despachado, e não vindo nenhum deles a figurar nesta minha historia, não lhos recordarei mais.

Aconteceu que o irmão de Emílio da Cunha, que residia no Porto, por uma destas catástrofes que ocasionam os jogos de bolsa, faliu. Teve tal sentimento

por este facto, que faleceu três dias depois, atacado de uma febre cerebral. A herança, que deixou, foram dividas e um filho.

Emílio da Cunha, que tinha um coração bondoso, e um caracter pundonoroso, para que a memoria do seu irmão não ficasse desonrada, comprometeu-se a pagar as dividas e recolheu na sua casa o filho para lhe substituir o pai, que tinha perdido; procedimento louvável, e digno de se admirar, sabendo-se que ele tinha uma filha, para quem, passados quatro ou cinco anos tinha a procurar um casamento vantajoso.

Roberto, se chamava o sobrinho de Emílio da Cunha, tinha já 15 anos de idade, mas o pai, inteiramente entregue ás especulações, e aos cuidados, que elas trazem consigo, descuidou completamente a sua educação, por isso o seu retrato moral, nesta ocasião, nada tinha de vantajoso; o espirito tinha-o completamente inculto; as noções que possuía do justo e do injusto eram as mais erróneas e disparatadas; o respeito aos direitos doutrem era para ele uma invenção estúpida dos homens, condenada pela natureza, e a verdadeira liberdade consistia em fazer o mal impunemente. Se algum bom instinto, ou algum vislumbre de virtude, existia no coração de Roberto, ainda estava em embrião, porque se não tinha demonstrado. Quantas e quantas vezes, em quanto que o pai, cego pelas especulações, concentrava todas as suas faculdades intellectuais na realização de um impossível, não deixou Roberto de ir ao colégio, fazendo o que em termo escolar, se chama gazar, e gastava as horas de estudo em andar a vagabundear pelos campos e praças. Dai proveio

o tomar relações com meia dúzia de garotos, ou vadios, permita-me a frase, para quem nada era sagrado nem nas ações, nem nas palavras. Dai nasceu a falta de respeito pela propriedade alheia, roubando os pomares; e o endurecimento de coração, castigando barbaramente animais inofensivos.

Emílio da Cunha reconheceu logo os maus instintos de que o seu sobrinho era dotado, e a desmoralização, que já se tinha infiltrado no seu coração, mas concebeu a esperança do regenerar com desvelos, paciência, e sobre tudo bons exemplos. A sua filha, a que chamarei Valentina, de 14 anos de idade, contribuiu poderosamente para a realização deste seu empenho, tão justo e louvável. Era uma menina para quem a natureza tinha sido prodiga em encantos de rosto, de espírito e coração, a ponto de qualquer que a via a admirar, e de quem a ouvia ama-la imediatamente. Tinha uma tal influencia, ou magia sobre os que se acercavam dela, que aos bons tornava-os melhores, e aos maus fazia-lhe retirar envergonhados para o fundo do coração os maus instintos. Esta magia não teve menos poder sobre Roberto, do que sobre os outros, de sorte que a regeneração que ele sofreu, nos seus costumes e ações, foi tão sensível, que o bondoso Emílio da Cunha revia-se alegre e contente na sua obra, e congratulava-se dos resultados que tinha colhido.

Deu-se porém uma circunstância feliz, mas que ao mesmo tempo foi desgraçada, que deteve Roberto repentinamente na boa estrada em que se tinha embrenhado, e na qual parecia caminhar resolutamente. Por uma carta chegada num dos paquetes ingleses do Brasil, soube Emílio da Cunha, que o

seu irmão mais novo tinha falecido, deixando-o, por ele ser o seu mais próximo parente, herdeiro de uma fortuna considerável.

Bens rústicos, e estabelecimentos industriais é no que consistia a fortuna, dos quais se poderia colher bons lucros, sendo bem geridos, conforme o tinha praticado o seu defunto proprietário; mas Emílio da Cunha, além de se não julgar com conhecimentos e forças para bem gerir a indústria com que o seu irmão tinha feito fortuna, não tinha desejo, nem queria expatriar-se. Foi até com imensa repugnância que se resolveu a ir ao Brasil tomar posse e liquidar a herança; parecia que um secreto pressentimento o avisava do que tinha de acontecer, levando-o a considerar como uma desgraça esta viagem, a que os sagrados direitos da sua predileta filha Valentina, o obrigavam a empreender.

Partiu finalmente, depois de ter tomado todas as precauções para a tranquilidade do seu espirito. Valentina entrou num dos colégios de educação mais acreditados do Porto, e Roberto ficou numa casa particular, onde lhe deviam prestar todos os cuidados, que exigiam a sua idade, pois que já então tinha 17 anos, e a sua completa ignorância, de que até uma criança de 8 anos poderia zombar.

Emílio da Cunha aportou a salvamento ás terras de Santa Cruz, e logo que saltou em terra, desenvolveu a maior atividade, e procurou por todos os meios possíveis abreviar rapidamente os seus negócios, mas infelizmente os resultados não correspondiam aos seus esforços e desejos, porque de todos os

lados, e a todos os momentos estavam sempre a surgir empecilhos e embaraços não prevenidos nem esperados. Havia já um ano que Emílio da Cunha tinha chegado ao Brasil, e ainda os seus negócios não estavam mais adiantados, que no primeiro dia.

Cansado, desanimado e afetado de melancolia, ou spleen, como lhe chamaria um nosso fiel aliado britânico, mortificado por um desassossego de que não podia explicar a causa, deliberou entregar os seus negócios e a liquidação e arrecadação da herança a um procurador, e embarcar-se no primeiro paquete, que seguisse viagem para Portugal.

Que se tinha porém passado no Porto, durante este tempo?

É o que lhe vou contar, meu vizinho, se ainda tiver paciência para me ouvir, me disse D. Mafalda, e o que vou fazer ás minhas leitoras, se elas quiserem ter a mesma paciência de me ler.

Roberto, separado da sua prima, aborrecido e dominado pela preguiça, fugiu um belo dia da casa onde se achava hospedado, foi procurar, e infelizmente encontrou, os seus antigos companheiros da vadiagem, que tinham quase todos seguido a estrada do vicio e do crime. Arrastaram portanto consigo o desventurado Roberto para esse despenhadeiro, na baixa do qual se encontra a escoria da sociedade. Roberto tinha por companheiros habituais homens criminosos, de cara sinistra, maneiras brutais, linguagem grosseira e vestidos esfarrapados, numa palavra mendigos, ou ladrões. Adotou-lhe portanto os

costumes as maneiras e as máximas, e quem o visse emagrecido pela devassidão, com os vestidos em desalinho, os cabelos eriçados, tomá-lo-ia por um bandido de trinta anos, quando ele não tinha mais que dezanove incompletos. Valentina, pelo contrario, tinha crescido em corpo, beleza, espirito, talento e virtudes.

Conduzi-o do Porto ao Rio de Janeiro, e do Rio de Janeiro ao Porto, agora, querendo-me seguir, levá-lo-ei a Lisboa, onde se passa um pequeno episodio desta muito verídica historia.

De bordo de um paquete inglês, chegado dos portos do Brasil, tinha desembarcado um passageiro, que se dirigiu a um hotel para descansar, e aí passar até ao dia seguinte, em que devia seguir viagem para o Porto, na mala-posta, a fim de se vir unir aos seus filhos, que estava ansioso por abraçar e apertar contra o coração. Julgo desnecessário o dizer-lhe, pois me parece já o adivinhou, que este viajante era Emílio da Cunha, que se considerava feliz por pisar o solo da sua pátria, que tanto amava, e onde estava tudo o que ele mais presava neste mundo. Logo que no hotel lhe prepararam o quarto e tomou uma pequena refeição, deitou-se e adormeceu, embalado por sonhos felizes.

No dia seguinte ainda o sol mal tinha despontado, já subia pela escada do hotel e entrava no corredor comum, sobre o qual deitavam uma dúzia de portas de quartos, um homem de má catadura. Era um destes cavalheiros de industria, a qual consiste em entrar, sob qualquer pretexto, de manhã cedo nos

hotéis, e aproveitar-se do primeiro quarto que encontram aberto para empalmarem destramente um relógio, ou uma mala, se o acordar do hospede ou locatário do quarto, os não obriga a retirar-se de mãos vazias, desculpando-se de que se tinham enganado na porta.

No andar, vacilante, e como desconfiado, do cavalheiro de indústria se reconhecia facilmente, que era um noviço, que ia tentar os seus primeiros ensaios, ou que ia fazer a sua primeira escamoteação.

Depois de ter estado por bastante tempo em luta com a sua consciência, e irresoluto se devia ou não penetrar no quarto de que a porta se achava meia cerrada, meteu primeiro a cabeça, depois uma perna, e por último todo o corpo; mas fazendo algum ruído com este último movimento, o hóspede, que estava deitado, acordou, e virando rapidamente a cabeça, Roberto, porque o cavalheiro de indústria era ele, encarou o seu tio Emílio da Cunha. Ficou estupefacto e como fulminado por um raio.

Nesse mesmo dia de tarde Emílio da Cunha tomou lugar no caminho de ferro até ao Carregado, e aí na mala-posta até ao Porto, onde trinta e seis horas depois se achava nos braços da sua querida filha Valentina, que imediatamente tinha ido procurar ao colégio.

— Tu sabes já, já do colégio, minha filha-lhe diz Emílio da Cunha-para retomares, e nunca mais deixares, o teu lugar ao meu lado.

— Que felicidade-exclamou Valentina toda alegre e folgazã-que vida sossegada e feliz não vamos passar todos três, não é assim meu querido pai, porque Roberto também vai para a nossa companhia?

— Roberto, morreu-respondeu Emílio da Cunha com rosto severo, e voz soturna. — Não quero que me fales mais nele, entendes Valentina?

Valentina admirada da resposta, ainda fez diversas perguntas ao seu pai, mas a todas elas não obteve outra resposta, senão a completa proibição de nunca mais lhe falar em Roberto.

Ainda porém não tinha Emílio da Cunha sofrido todas as provações, que Deus lhe destinara. Tinham decorrido seis meses desde que tinha chegado do Rio de Janeiro, quando recebeu a participação de que o procurador, que ficara encarregado da liquidação e arrecadação da herança, tinha cumprido a sua missão, mas que, depois de ter arrecadado a soma importante, que produzira a mesma herança, tinha desaparecido, sem que as pesquisas feitas para se descobrir o lugar do seu refugio, tivessem dado o desejado resultado.

Emílio da Cunha ficou completamente arruinado por este facto, porque, impaciente por satisfazer os credores do seu irmão, pai de Roberto, tinha vendido tudo o que possuía em Portugal.

O golpe foi forte, mas ainda assim não o foi bastante para poder subjugar a coragem do bom e respeitável velho, mostrando-se Valentina nesta conjuntura, digna filha de um tal pai.

Renunciando heroicamente ás comodidades da vida, em que até então tinham vivido, foram habitar, num bairro mais afastado da cidade, uma pequena casa, na qual sofreram privações diárias e penosas, tratando sempre de obter alguns recursos para a sua subsistência, mesmo em trabalhos mal retribuídos.

Valentina, que Deus tinha dotado de bom gosto, e bastante habilidade, começou a trabalhar para uma modista, a qual satisfeita com os seus primeiros trabalhos, lhos deu em seguida mais delicados e por isso melhor retribuídos, o que foi para eles uma grande felicidade, e que assim lhes proporcionou meios lícitos de pagarem regularmente o seu aluguel, e de já não recearem tanto nem o frio, nem a fome.

Valentina ia entregar a sua obra à modista, a qual satisfeita com ela lhe dava sempre mais, e muitas vezes mais do que a que ela podia fazer. A uma crise terrível tinha-se seguido uma abastança medíocre, que era por isso uma felicidade mais agradável e estimada.

Decorreram assim dois anos.

Um dia, em que Valentina estava só, lhe entregou o carteiro uma carta, e qual não foi a sua surpresa quando reconheceu a letra do seu primo.

Roberto contava nesta carta tudo o que tinha passado, desde o momento em que o vimos no hotel em Lisboa preparando-se para escamotear o seu tio. Fulminado pela vista de Emílio da Cunha tinha recobrado os sentidos para na fuga se salvar ás imprecações de indignação do velho. Chegou ofegante ao

Terreiro do Paço, onde se sentou, ou melhor se deixou cair num dos assentos de pedra, que ali se acham, e assim esteve por muito tempo, com a cabeça escondida entre as mãos, mergulhado em acerbos e cruéis reflexões.

Experimentou ou sentiu dentro em si uma completa revolução; o seu procedimento indigno e infame se lhe apresentou em toda a sua nudez e hediondez; teve horror de si mesmo e por um instante pensou em suicidar-se; mas com o arrependimento entraram-lhe no coração sentimentos mais generosos. Lembrou-se que, tendo dora avante uma conduta honrosa e ilibada, ainda poderia chegar a fazer esquecer os seus erros passados, e reanimado por esta feliz lembrança, que o seu anjo bom lhe tinha sugerido, levantou-se resolutamente a trabalhar para a sua reabilitação, e a não descansar sem a ter chegado a alcançar.

A ocasião favorável não se fez esperar muito, porque um capitão de um navio mercante, que estava aparelhando para a Califórnia, lhe concedeu passagem gratuita, mediante os seus serviços e o seu trabalho na viagem.

Aportou Roberto à Califórnia e sorrindo-lhe a fortuna, em lugar de se embrenhar no jogo, arriscando assim as suas economias, fundou um estabelecimento, que ia prosperando, faltando unicamente para a sua felicidade se tornar completa, o obter o perdão do seu tio, e a esperança de poder tornar a ver sua prima, cuja imagem tinha constantemente na ideia, e o

sustentava e animava nesta nova estrada de trabalho e ordem, de que não pensava mais em se desviar.

Eis aqui em resumo o que continha a carta que Roberto dirigiu a sua prima.

Valentina muito comovida, mas gostosa e alegre por ter de dar tão grata notícia ao seu querido pai, esperava ansiosa a sua volta.

Mal lhe deu tempo de sentar-se, ia logo a contar-lhe o sucedido, mas, Emílio da Cunha a deteve, apenas tinha pronunciado a primeira palavra. Valentina insistiu, mas o velho levantou-se com a maldição nos lábios; ela lançou-se-lhe de joelhos aos pés, chorou, suplicou, mas ele a tudo ficou impassível e inflexível.

Valentina consternada respondeu à carta do seu primo descrevendo-lhe o sucedido, e a inutilidade dos seus esforços; mas para o não desanimar prometia-lhe de os renovar, e que os repetiria até que chegasse a mover o seu pai à comiseração e piedade, de que não desesperava. A carta continha também a descrição de todos os sucessos, que se tinham dado desde que Roberto tinha desaparecido; a decadência de Emílio da Cunha, a pobreza em que tinham vivido em quanto que o seu trabalho mal retribuído lhe dava poucos meios de subsistência, e o melhoramento da sua posição, finalmente continha também algumas palavras de exortação e amizade.

A situação de Emílio da Cunha e a sua filha sofreu, passado algum tempo, uma modificação muito mais inesperada, do que a que se havia seguido ao aniquilamento da sua fortuna.

Emílio da Cunha foi chamado a casa de um capitalista, aonde lhe entregaram 20 contos de reis de que um anónimo lhe mandava dar posse a título de restituição. Donde tinha vindo este dinheiro?

Emílio da Cunha pensou muito naturalmente, que o procurador que o tinha roubado, mortificado pelo remorso, e querendo sossegar um pouco a sua consciência, lhe tinha mandado entregar aquela quantia, como uma parte da restituição, que lhe tinha a fazer. Valentina estava muito longe de concordar com a opinião do seu pai, mas nem por isso teve a franqueza de lho declarar, nem lhe dar a entender qual era a sua.

Qual das duas opiniões era a verdadeira, é o que nos não importa saber, o que se sabe é que a abastança ou decência tinha reentrado em casa de Emílio da Cunha, e as ideias do digno e honrado velho, foram-se tornando mais brandas sob a influencia do bem-estar.

Foi ele próprio que num dia falou primeiro a Valentina no seu primo Roberto, e ela não perdendo esta ocasião tão propícia, que se lhe oferecia, advogou por muito tempo, com calor e eloquência, a causa do seu primo. Emílio da Cunha deixou-a falar como e todo o tempo que ela quis, sem lhe dar a mais pequena resposta, nem lhe replicar a coisa alguma.

Estaria ou não convencido?

A pergunta não tinha muito fácil resposta, mas pelo menos tinha ouvido sem cólera e com sossego as alegações a favor do seu sobrinho, o que já era um bom indicio da mudança que nele se havia operado.

Valentina, contente e satisfeita com o resultado do seu primeiro cometimento, escreveu imediatamente ao seu primo informando-o do que havia, e a esta carta seguiram-se outras muitas, noticiando-lhe sempre algum novo passo dado na estrada da reconciliação.

Aconteceu um dia que Emílio da Cunha, no meio de uma conversa, que tinha seguido num objeto muito diverso, parasse precipitadamente para dizer a sua filha:

— Tu acreditas sinceramente no arrependimento do teu primo?

— Oh! sim, meu pai — apressou-se em responder Valentina.

— Queira Deus que te não enganes.

Um outro dia acordou de uma pequena sesta, que se tinha seguido ao jantar, gritando, como se continuasse uma conversa começada:

— Ah! se Roberto estivesse arrependido realmente, como tu o supões, com que prazer e alegria...

Não terminou a frase, mas a expressão benévola da fisionomia de Emílio da Cunha indicou a Valentina o complemento da ideia.

Isto foi objeto para uma ultima carta a Roberto, a que ele respondeu, e fechou-se a correspondência.

Uma manhã Emílio da Cunha achava-se com Valentina num a pequena, mas elegante sala, que deitava sobre o jardim porque eles tinham deixado a sua pobre morada, trocando-a por outra mais decente-Emílio da Cunha sentado junto de uma mesa, sobre a qual se achava uma magnifica jarra de flores, olhava sorrindo para Valentina, que, de pé, junto de um açafate em que estavam dois pombinhos, repreendia, acariciando-o, um deles:

— Eis-te aqui, meu belo fugitivo — dizia-lhe ela — pensavas que era só voltar para te ser concedido o perdão, depois de me teres feito sofrer com a tua ausência e ingratidão? Muito bem; visto que o teu regresso prova um arrependimento sincero, perdoo com prazer; não é assim, paizinho — acrescentou ela com voz meiga e levantando os lindos olhos com uma expressão de candura para Emílio da Cunha — que se devem receber os filhos pródigos, que regressam arrependidos e contritos?

Emílio da Cunha não deu uma palavra, mas rolou-lhe uma lagrima sobre a face.

Neste momento surpreendeu ele um olhar de inteligência, que Valentina dirigia a alguém, que estava pelo lado detrás da cadeira em que estava sentado.

Voltou-se rapidamente, e soltando um grito, ouviu-se o nome de Roberto.

Era Roberto realmente. A cena que se seguiu o meu caro vizinho melhor a poderá imaginar, do que eu pintar-lha, ou descrever-lha.

Roberto voltava honrado e rico. Julgo que já compreendeu que, para socorrer o seu tio, ele concebeu e executou o plano da restituição.

D. Mafalda calou-se. Parecia esperar, que eu, convencido pela sua historia, sancionasse com o meu voto a doutrina, que ela tinha expellido antes de começar.

— Ah! — disse-lhe eu com admiração sincera — vossa excelência podia facilmente escrever um romance.

— Isso quer dizer que me faz a honra de julgar esta minha historia como produção da minha imaginação e fantasia?

Limitei-me a inclinar-me respeitosamente, e aqui terminou a nossa discussão.

No dia seguinte D. Mafalda ofereceu-se para me apresentar a um seu sobrinho, proprietário de um estabelecimento industrial importante nos subúrbios do Porto. Aceitei gostosa e prontamente. Fui recebido com extrema bondade e franqueza. O sobrinho de D. Mafalda gozava uma felicidade digna de ser invejada; era casado com uma mulher, que era um anjo de beleza e

bondade, e tinha um filho o mais lindo e traquinas que se pode imaginar; o seu estabelecimento florescia e prosperava; o seu nome figurava entre os principais e os mais honrados do mundo comercial e industrial, numa palavra nada faltava à sua gloria, fortuna, e felicidade domestica.

— Que pensa do meu sobrinho?-me perguntou D. Mafalda, quando nos retiramos.

— Ah! minha senhora, nada mais ambiciono do que poder imita-lo.

— Pois aquele que viu é o Roberto da minha historia.

Recolhi-me a casa fazendo para mim as seguintes reflexões: Que a regeneração do homem pelo arrependimento não é utopia, e que a sociedade e a sua organização é que são as causas principais, que ocasionam que muitos dos seus membros não se regenerem, por lhe embargarem ou matarem logo algumas centelhas de virtude, que ainda tinham no coração.

Pensem, e verão o corolário que tiram.

FIM.

A SUICIDA

Elisa Loeve-Weimar...

A senhora, que teve este nome, suicidou-se com um tiro, no Porto, no dia 30 do mês passado.

D'entre os meus escritos de há doze anos reproduzo um que a toda gente, com certeza, esqueceu, tirante o coração daquela que hoje é morta.

Dizia assim:

A Formosa das Violetas

Júlio Janin, no folhetim do Jornal dos Debates de 30 de Março do corrente ano (1863), escreveu o seguinte: «No ano da graça de 1836, o mês de Abril correu aprazível e delicioso; e no mês de maio ressoaram canções que farte. Ora, a ponto de expirar o mavioso Abril e repontar o maio (apenas são volvidos vinte e sete anos e três revoluções!) as turbas afanadas e curiosas acotovelavam-se no vestíbulo do teatro da Porte-Saint-Martim. O já então popular e glorificado autor de Henrique III, de Antony, de Ricardo de Arlington, da Torre de Nesle e de Ângelo, naquela noite, pusera em cena um mistério em que figuravam anjos e demónios. Agrupados à porta do teatro, muitos rapazes daquele tempo cediam o passo à multidão azafamada, divertiam-se a vê-la entusiasmada, e notavam os homens conhecidos, os

homens celebres, uns no começo, outros no termo da sua carreira. Eis senão quando todos os olhos convergiram sobre um soberbíssimo trem, uma berlinda de Erhler, ajazada à Brune, e tirada por uma parelha de enormes urcos ingleses, saídos das cavaliças de madame la Dauphine. Um espadaúdo cocheiro, e um alentado húngaro de sete palmos de altura, afora o penacho, todo broslado de galões de ouro, completavam a equipagem que parou de súbito à porta do teatro. E, aberta logo pelo keiduke a portinhola, caídos estrondosamente os degraus da berlinda, vimos apear um elegante homem.

«Não tinha ainda trinta anos; vestia com requintado esmero; gravata branca e luvas amarelas; estatura corpulenta e formosamente conformada; cabeleira calamistrada; boca um tanto grande, mas graciosa; olhar ardente, e altiva compostura no aspeto. No braço do mancebo apoiava-se a leve mão de uma senhora, juvenil como ele, ansiosa de voitar por sobre o espaço intermédio. Que linda ela estava com o seu vestido de primavera! Violetas na mão, violetas como adorno no Chapéu de palha, ondulante faixa a tiracolo, calçada com extremada perfeição de botinas gaspeadas de cinzento e escarlata. Formosa e esbelta a mais não ser! A impaciência tirava por ela; e o irmão caminhava a passo mesurado, com aqueles ares de homem que em si escuta a fada benigna da suprema fortuna. Exornavam o peito do cavalheiro as mais variegadas cores da pedraria dos ornatos e condecorações. Era barão em França, marques em Espanha, e socio do club dos fidalgos florentinos. Contava-se e era verdade-que o somenos utensilio dos seus aposentos era de ouro: o seu

lavatório era de ouro armoriado, e dourada a sua camara. E, todavia, creiam-me, se quiserem: a sensação que nos causou foi a da admiração simpática; inveja, não. N'esta França, atenta e alheada nos aparecimentos de cada dia, tais como, de manhã, As orientais, depois A carnagem de Missolonghi de Eugénio de Lacroix; ao meio dia, os discursos de Thiers; à noite, a opera de Meyerbeer; no dia seguinte, um romance de Balzac, uma canção de Alfredo de Musset,- entre nós, aquele mancebo tinha, de pouco, revelado Hoffman e os seus contos. Escrevia ele rápido, pouco e bem. Sabia inglês como um diplomata, e alemão como um filosofo. Pertencia naquele tempo à nascente redação do Jornal dos Debates, e chamava-se Loeve-Weimar».

Até aqui Júlio Janin.

*

Nos arrabaldes de Londres, num a quinta de delicias, quantas pôde imitar da natureza a arte britânica, vivia, naquele tempo, um português que a intolerância politica expatriara em 1828. A fortuna comercial dava-lhe desvelados amigos para o espirito, ótimos convivas para a mesa e gentis mulheres para o coração. O nosso patricio, encarreirado prosperamente no trafico mercantil, assentou que lhe era dever acudir aos desterrados pobres; e assim, quantos portugueses se socorriam da sua valia encontraram franco e inexaurível aquele coração de ouro, e o ouro das suas gavetas. Os convivas habituais da sua mesa eram um jurisconsulto dos mais celebrados em Londres,

e um português de excelentes qualidades, nosso ministro atualmente na corte de Madrid.

Um dia, porém, os contubernais saíram do encantador abrigo do emigrado, porque eram de mais em alegrias, cuja doce poesia está no resguardo e recolhimento de dois. O português fora o preferido daquela «formosa das violetas» que Júlio Janin relembra no seu folhetim. Mele Elisa Loeve-Weimar, a irmã do nacionalizador de Hoffman em França, do barão, do marques, do fidalgo florentino, casara com o nosso patricio, que era então um rapaz alegre como a felicidade, descuidado do futuro como criança a brincar entre flores, todo expansibilidade em olhos e palavras do muito bem querer que lhe exuberava do coração.

Coração e nome são ainda os mesmos naquele homem, vinte e sete anos depois. Porém, há de reconhecer-se hoje o festejado e amado noivo da irmã de Loeve-Weimar n'aqueles cabelos brancos e cara avincada do jornalista portuense? Aqui vo-lo apresento agora: estendei a mão àquela mão liberal que muitos infelizes beijaram. Abraçai José Joaquim Gonçalves Basto, e sentireis pulsar o melhor e mais infeliz dos corações!

*

Infeliz!... Com tão prospera monção ao entrar em bonançoso mar? Amado por aquela peregrina dama, cujo espirito cultivado em Paris e Londres competia com a distinção da beleza?

Infeliz, sim, e porque não? A desgraça, quando colhe de sobressalto os seus prediletos, quebra os elos da corrente que parecia forjada por esforço de virtudes domesticas para os duradouros contentamentos do amor. Compraz-se ela em abater e rasourar ao nível das baixas condições os mais altos espíritos.

Gonçalves Basto, decorridos dois anos de esposo e pai, foi vencido na luta com imprevistas calamidades comerciais. Empobreceu. Saiu de Inglaterra, e repatriou-se com a sua família. De repente, e o mais logicamente que o puderam fazer, os amigos desamparara-mo, desobrigando-se da divida, esquecendo o credor. Permaneceu, com tudo, leal no infortúnio um que se mantivera desprendido na prosperidade: era José Vieira de Carvalho, jovem portuense abastado, instruído e bom. Deliberara Vieira fundar um jornal de parceria com António Bernardo Ferreira, e com o atual deputado e integérrimo character, o Sr. Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães. Fundaram a Colisão, cuja redação e responsabilidade aceitou Gonçalves Basto. Os proprietários, porém, a pouco e pouco se desligaram de compromissos, declinando sobre o redator o encargo de sustentar intelectual e materialmente o jornal. Gonçalves Basto, extinta a Colisão, fundou o Nacional, faz hoje dezoito anos.

Entretanto, José Vieira, rico e celibatário, antevendo o próximo termo da vida, anuncia que a sorte dos filhos de Gonçalves Basto está segura nos seus

haveres. Morre em Paris, e o testamento é roubado em benefício de parentes remotos.

Na contra revolução de 1846, Gonçalves Basto, ao serviço da Junta do Porto, foi nomeado comandante d'um batalhão de artistas. Reprime a indisciplina, e dá no campo o exemplo da coragem um tanto insubordinada, porque espingardeava os espanhóis que transpunham as carairas do norte, quando a Junta lhe ordenara que respeitasse a intervenção. E, neste entretanto, a família do jornalista, esposa e três filhos, belíssimas e adoráveis crianças, viviam da gratificação mensal do comandante: Dez mil reis

*

José Joaquim Gonçalves Basto envelheceu cortado de lancinantes dores; porém, duas vezes tão somente lhe vi o rosto lavado de lágrimas: foi ao resvalarem-lhe dos braços à sepultura dois filhos. A pobreza cerra-o de perto há quinze anos; e ele como que tem minas de diamantes na mais risonha filosofia que ainda vi! É sempre com um sorriso que vos ele diz: «Não tenho nada». A desgraça tem d'estes sorrisos que são, a dentro do peito, unhas de ferro.

E ela, a «formosa das violetas,» de 1836, a irmã do barão em França, do fidalgo em Florença e do marques em Espanha? Elisa Loeve-Weimar vai, algumas vezes, ao cemitério da Foz, onde vicejam umas flores plantadas pela sua mão sobre a sepultura de um dos seus filhos. Ali, de certo lhe esquecem as

pompas e as vaidades da sua brilhante mocidade. Aquele cômodo de terra separa esta mãe das gloriosas presunções da irmã do fastuoso literato, da formosa que o príncipe dos folhetinistas franceses recordava vinte e sete anos depois com as calorosas expressões d'uma saudade que parece o reflexo do amor. Que tem que ver no cemitério da Foz aquela Níobe com a sua beleza preconizada em Paris? Ai! formosura! flor d'um dia, queimada pelo gear de uma noite! E tu, talento! flama esplendente que mais nos cerras a escuridão, quando nos não iluminas a vereda por onde o infortúnio nos assalta! Ó santa de todas as dores de mulher que é mãe! quem saberá contar as cruzes do teu calvário? quais almas, sequer, se inquietam, pensando o que foste, o que és, e que paragem final te assinalou o destino!

*

Meu caro Basto, releva ao teu amigo de dezasseis anos o vir ele dizer dos teus infortúnios em face d'uma gente que os há de ler por ser isto em folhetim e ajeitado à guisa de romance. Quando entrei n'esta vida dolorosa das letras, achei-me contigo. Encontrei-te neste tormento de Sísifo e aí te vejo ainda agora a rolar o penedo. Se ás vezes paras um instante na ladeira, é para contemples como a estupidez e a infâmia trazem avassalados os fiscais da republica, e como eles galgam arreados de placas e fitas, em quanto tu vais descendo à margem do rio da morte, olhando em ti, e antevendo próximo o dia em que não terás um pão para repartir com a tua família. Há trinta anos que esperas e trabalhas por afeto à pátria e por forçada violência de operário

d'esta galé. Deves ter desmaios de angustia quando em ti reparas e não vês homem que possa dizer-te: «Sofri e lidei tanto como tu, e recebi dos governos do meu país a retribuição de igual desprezo». Luta, meu amigo; e, quando mais não puderes, vingá-te morrendo como o soldado do padre Vieira, e vai saber nos segredos da divina Providencia que mal devias fazer à pátria e aos teus concidadãos para que eles te beneficiassem».

*

Algum tempo depois, José Joaquim Gonçalves Basto, quando o circulo de ferro da penúria se apertava, encontrou a mão poderosa de um ministro que lho partiu. A salvadora chamava-se a Justiça, e o ministro era o Sr. Fontes Pereira de Melo.

*

Ora, como em 30 de Setembro deste ano se suicidasse, no Porto, com um tiro, a minha «formosa das violetas», pareceu-me a propósito a ampliação e complemento do meu folhetim de 1863.

Elisa Weimar nasceu em Paris em 1805. O barão Nemi Loeve-Weimar, seu pai, era alemão, oriundo de israelitas. Exercera funções importantes na corte de Luiz XVIII. Em 1814, quando o exercito prussiano infestou o território francês, a família Loeve-Weimar retirou para Hamburgo. O futuro nacionalizador de Hoffman seguiu alguns anos a carreira comercial; depois, apostatou do judaísmo, converteu-se à fé católica, e regressou a Paris, ao

mesmo tempo que Mele Elisa foi completar em Londres a sua educação literária.

Conhecedor dos idiomas e literaturas do norte, o jovem escritor alistou-se vantajosamente de par com os literatos de mais voga. Entrou seguidamente na redação do *Album*, da *Revue encyclopedique* e do *Fígaro*. Muitos livros alemães desconhecidos em França trasladou-os ele com estilo sedutor; e da literatura d'além-Rheno publicou em 1826 um compendio. Traduziu depois, com excelente êxito, romances de Vander-Velde, Contos de Zschokke, de que auferiu renome e dinheiro a granel. Na *Revista de Paris*, cujo fundador foi, publicou novelas e artigos de estética. Em 1830 substituiu no *Tempo* o celebrado Imbert na redação dos folhetins teatrais, e excedeu-o na graça mordente e na dicacidade engenhosa. A pujança do critico era tal que um empresário e diretor da opera lhe deu sociedade nos lucros do teatro, a fim do amaciar e polir com o atrito do ouro. «É inútil acrescentar, diz um biografo, que, no conceito do folhetinista, o modo como era dirigida a cena lírica não deixava nada a desejar».

Volvido um ano, solicitou-o a *Revista dos dois mundos* para escrever a «crónica politica». N'esta árdua missão houve-se com rara fortuna e dexteridade, flagelando os personagens mais graduados. Os ministros galardoaram-lhe a sátira, enviando-o diplomaticamente à Rússia com uma missão temporária e especial ao imperador Nicolau.

Esta enviatura acresceu ás despesas dos negócios estrangeiros 60:000 francos anuais: era cara a mordação. Regressando a Paris, foi nomeado cônsul de França em Bagdad.

A revolução de 1848 esbulhou da brilhante posição o apostata da republica mal rebufada; quando porém Loeve-Weimar chegou demitido a Paris, já a reação vingou repô-lo na diplomacia, indemnizando-o da injustiça com o consulado geral de Caracas (América do Sul). Chegado à capital da republica de Venezuela, Loeve-Weimar, receando a febre amarela, pediu licença, e veio a Paris requerer a transferência para o consulado geral de Lima, que lhe foi dado.

Preparava-se para a viagem quando a morte o arrebatou em Paris no dia 7 de Novembro de 1854.

Acrescenta o biografo em frases pouco funerárias: «A morte é de crer que o apanhasse com as madeixas encaracoladas em papelotes; porquanto o seu trajar, o apontado da sua pessoa, e mormente os esmeros que punha na sua cabeleira loura, lhe tinham sido a constante preocupação da vida. A tal respeito, se conta que o primeiro dividendo que recebeu na empresa lírica, empregou-o na compra de um vestido completo de veludo escarlata lavrado que lhe custou 25:000 francos. É o que faria, nem mais nem menos, uma lorette! Não custa, pois, a crer que ele, sempre narcisando-se e sempre rapaz, acabasse, já em anos outoniços, por esposar uma estrangeira rica. Luiz Filipe

fizera-o barão. Um dia, deu-lhe na veneta de abrir o seu brasão de fresca data num manto de arminho com a coroa de duque; fez-se, pois, enducalisar, mediante dinheiro, pelo governo espanhol. Afora as obras já referidas, deixou Cenas contemporâneas, publicadas com o pseudónimo de Comtesse de Chamilly. O livreiro Ladvocat também imprimiu em 1840, sob o título homérico de Népentès, uma seleta dos seus artigos de jornais e revistas».

Um dos admiradores mais exaltados de Loeve-Weimar foi o insigne Philarète Chasles, professor do Colégio de França, há pouco mais d'um ano falecido, com reputação europeia. Nos seus Estudos sobre a Alemanha no XIX seculo, publicados em 1861, recorda-se de Loeve-Weimar, no capitulo intitulado. Os três magos do norte. Um dos três magos era o nacionalizador de Hoffman.

São estas aproximadamente as palavras de Philarète Chasles: «... Vede-me este personagzinho franzino e louro, gracioso e fino, melodioso e sardónico, teful, garrido, esbelto, refinadamente casquilho. Casou romanticamente. Assim se casavam quase todos os literatos do nosso tempo. É Loeve-Weimar, aquele que escreveu o Népentès, e colaborou na Revista dos dois mundos com o doutor Véron, Charles Nodier e comigo. Acabou por ser em Bassora ou Badgad não sei que sultão oriental bochechudo, pantafaçado, enojado, sonolento e amodorrado. Este pintalegrete, este chasqueador, aliás armabilíssimo, que foi o adail, o porta-bandeira do motim literário de 1815, não nascera para contemplações absortas nem aventuras grandiosas. O salão do seculo XVIII era a mais frisante moldura da sua vida e o teatro que mais

lhe quadrava à índole. Procedia de Champfort, de Champcenez e de Cazzotte. Tinha o desempenho social, o conhecimento dos homens, a flexibilidade, a solércia. Como Congrève, pavoneava-se de não ser homem de letras. Arreda! Não que a tinta suja os dedos...

«Delatouche introduzira Hoffman, e Loeve-Weimar nacionalizara-o francês. Loeve arregaçou os punhos, adelgaçou-lhe as grosserias, recobriu as cores dúbias, encurtou as demasias, elidiu os destemperos, amenizou as asperezas e recompôs, sob pretexto de versão, um novo Hoffman, que deu brado em Paris. Inventou-se então uma palavra para tamanho êxito: o fantástico... A França morreu de amores por Hoffman falsificado por Loeve e apregoadado por Koraff...»

*

Aí está o que sei do irmão da suicida.

Esta senhora, quando eu a conheci em 1849, mostrava ainda uns traços esmaecidos de beleza rara. Representava trinta e cinco anos, tinha quarenta e quatro, e redigia uma folha em francês, cujo título me esqueceu. Colaborava n'esse semanário ameno o cônsul de França Mr. d'Estrées, que pereceu no naufrágio do vapor Porto, em 1852. Eram três os seus filhos, lindos e louros como ela e como o pai. Gonçalves Basto havia sido um homem gentilíssimo. Dava ares de inglês, e nascera em Cabeceiras de Basto, onde floresce uma raça

de homens celtas esculturais, e de mulheres fortes, raça galaica, ás quais sobram as exigências musculosas da estatuaria.

Naquele tempo, ouvi dizer que a paz domestica do proprietário e colaborador do Nacional não era invejável. De feito, Gonçalves Basto alimentava-se nos restaurantes, desculpando a irregularidade insalubre e estouvada deste viver parisiense com a faina jornalística.

Elisa era mãe extremosa. Quando lhe morreu o terceiro génito, a criança mais angelical que ainda vi uma menina de nove anos,-a mãe, n'um ímpeto de desvario, fugiu para a Foz com os outros dois filhos, e alfaiou elegantemente uma casinha contigua ao cemitério, que então se andava construindo. Uma das primeiras lapides que ali se assentaram cobriu o cadáver d'um dos dois filhos. Este menino, se bem me recordo, era afillhado de Lamartine.

Visitei com frequência esta senhora n'esse ano de luto e desesperação. Era solidamente instruída. Lia os livros portuguezes com rara intelligência. Achava os romances peninsulares fastidiosos como a Corte na aldeã de Rodrigues Lobo. Dizia que nós apenas tínhamos um céu azul com uma bonita lua, e na terra muitas flores e ribeiros cristalinos que nos inspirassem; mas que o romancista carece de sociedade viva, com as suas boas e ruins paixões. E acrescentava que Portugal era geograficamente obrigado a ser um alfobre de lristas.

Mostrou-me o seu álbum de autógrafos. Os mais preciosos dera-lhos o irmão, que se carteara com parte dos seus contemporâneos ilustrados. Tinha-os de alto valor histórico, escritos por Maria Antoinette, por Luiz XVI, por Chateaubriand, por M.me de Stael, pelos estadistas das grandes tradições. A sua livraria era pequena, e quase toda inglesa. Não sabia o alemão; tencionava porém estudá-lo, quando serenasse a tempestade que ainda rugia à volta da sua alma articulando-lhe os nomes dos filhos. Foi ela quem me deu o Adolpho, romance de Benjamin Constant, e me disse: «Leia-o em quanto lhe pôde ser proveitoso». Li-o, e não aproveitei nada; nem ela, que o lera três vezes, aproveitara muito. Os livros nada ensinam na alçada do coração. A experiência, sim; mas a lição vem tarde. Quem ensina tudo é a velhice. Ainda bem, se nos salva dos espetáculos do riso, e nos tira o pincel do bigode.

Henri de Weimar Basto, o filho primogénito, quando frequentava distintamente a escola politécnica e auxiliava o pai traduzindo o Times, morreu tísico aos dezoito anos de idade, nos arrabaldes de Lisboa.

Fez-se então o crepúsculo da noite infinita na razão de Elisa Basto; a treva, todavia, condensou-se vagarosamente, porque a inteligência reagiu com as suas poderosas energias à paixão que a dementava.

Começou a estudar o idioma germânico de tão frenético modo que aí mesmo denunciava o desconcerto do seu espirito. Gonçalves Basto raras vezes a visitava. Depois da morte do último filho, deslaçaram-se de todo os frouxos

vínculos que os ligavam. Encontravam-se naquele filho os dois amores dos corações divorciados; era de ambos aquele ser querido e disputado à competência de carícias. Morreu o incentivo, apagou-se a luz que ainda lhes mostrava ao longe a saudade na penumbra do passado amor: a pedra que o cobriu abafou tudo o mais!-acabaram ali com ele todas as recordações e esperanças. D'aí em diante, cada qual habitava sua casa; ela na Foz, e ele na rua 29 de Julho.

Entretanto, Elisa pernoitava sobre os lexicons alemães, e decifrava a tradução bíblica de Lutero. Deste afanoso estudo tenho à vista a prova no fragmento d'uma carta que me ela escreveu por esse tempo. Eu tinha publicado um folhetim de má prosa acerca dos Provérbios e Cantares. Dos Provérbios extrairá eu estes períodos dos capítulos XII, XIV e XV:

A mulher diligente é a coroa do seu marido; e a que obra coisas dignas de confusão far-lhe-á apodrecer os ossos.

A saúde do coração é a vida da carne, a inveja é a podridão dos ossos.

Suicida

A luz dos olhos alegra a alma; a boa reputação engorda os ossos.

Isto, bom ou mau, está assim, em osso, nas versões bíblicas portuguesas; porém, a ilustrada e talvez religiosa dama, acudindo pelo siso do poeta hebreu,

arguiu de muito parafrástica e cavilosa a minha interpretação, e corrigiu-a nos seguintes termos:

La meilleure, la plus exacte, la plus élégante traduction de la Bible c'est la traduction allemande de Martin Luther. Or voici, mot pour mot, les versets que Mr. C. C. B. a cités:

La femme délicate est la couronne de son mari, la nonchalante est l'ulcère de son corps.

Un bon cœur est la vie de la complexion (constitution du corps); l'envie est l'ulcère des os.

Un cœur joyeux rend la vie agréable; mais une humeur sombre dessèche le corps.

Un visage amical rejouit le cœur, une bonne renommée engraisse le corps.

Le langage affectueux est du miel qui conforte l'âme et rafraichit le corps.

Na verdade, o monge augustiniano, vertendo para corpo o que os setenta ossificaram desgraçadamente, expungiu dos versículos a parte picaresca. Bom foi isso.

*

A demência de Elisa Weimar manifestou-se n'um lance que, a não ter a irresponsabilidade da loucura, seria o máximo desdouro — uma catástrofe moral. Foi ela pessoalmente delatar à autoridade civil que o seu marido e outras pessoas conjuravam contra a dinastia e elaboravam tramas sanguinolentas nos subterrâneos da oficina do Nacional. O magistrado, como se a respiração da mentecapta o contagiasse provisoriamente, lançou inculcas,

adestrou espias, afuroou certas luras onde os conspiradores poderiam alapardar-se. Afinal relaxou-se um pouco, confiando a sorte da dinastia às fatalidades indeclináveis do destino.

D'outra vez, a deplorável senhora, quando o meu querido amigo José Cardoso Vieira de Castro era já falecido em Loanda, denunciou ao administrador do bairro de Cedofeita que, em casa do seu marido, estava escondido

Vieira de Castro, fugitivo de Angola, onde, de acordo com as autoridades, dera morto por si. Esta denuncia foi desprezada com bastante admiração minha. Varias pessoas me disseram por esse tempo que Vieira de Castro passeava vivíssimo na América inglesa; não seria, pois, absurdo faze-lo viajar até casa de Gonçalves Basto, na Ramada Alta.

N'esta visualidade de Elisa há uma coincidência memorável. Na casa que ela indicara como esconderijo do condenado, hospedara-se Vieira de Castro com a sua senhora, quando chegaram a Portugal. Morava então ali seu irmão António. No ano seguinte, foi habita-la Gonçalves Basto, atraído pela beleza do sitio e prazeres da jardinagem em que se ocupava todas as horas vagas dos seus labores de escrivão de fazenda.

Aqui viveu três alegres anos o fatigado lidador do jornalismo, cultivando flores, morangais, parreiras, e fabricando ele mesmo, na qualidade de lagareiro, o seu vinho, com que, no estio, deliciava os hospedes.

N'esta inocência de patriarca, o assalteou um dia a esposa, ao cabo de nove anos de divorcio, intimando-lhe que saísse daquela casa que era dela. O fleumático marido enfardelou alguns objetos de primeira necessidade e mudou-se, como quem foge. Tinha juízo. Aquela visão etérea de J. Janin, olorosa de violetas, recendia agora à pólvora e fosforo dos revolver, desde que o rapazio da Foz lhe pegou de apupar as abas amorfas e infinitas de uns chapéus de palha mastreados de escumilhas variegadas.

Magoa-me verdadeiramente desfazer algum tanto na sentimentalidade com que, em alguns periódicos, se lastimou a miséria de Elisa Weimar. Vi escrito que a suicida experimentara as agonias da fome, da casa sem aconchego, do desamparo dos indigentes. Não é exato isto. Há de haver quatorze anos que ela foi a Paris instaurar um pleito sobre a herança do seu irmão. A ação intentada terminou por conciliação, lucrando a irmã de Loeve-Weimar uma pensão anual e vitalícia de 3:000 francos. Além d'isso, recebia 18\$000 reis mensais que lhe dava o marido. 750\$000 reis bastariam ao decente passadio de uma senhora com regular entendimento para governar-se; porém, se os proprietários dos prédios que ela habitava recorriam ao expediente das penhoras, é porque M.me Elisa Weimar não pensava normalmente acerca dos senhorios; ou, no estado informe das suas ideias embaralhadas, não podia conciliar as obrigações impostas pelo Código civil, no artigo 1608, que reza: O arrendatário é obrigado a satisfazer a renda, etc.

De mais a mais, esta senhora presumia-se muito rica e muito perseguida pelos jesuítas-talvez reminiscências delirantes da família do general Simon de E. Sue. à volta do Porto, reputava propriedades suas, rusticas e urbanas, as campinas mais férteis e os chalets mais imbrincados. Afora isto, dava-se como direta senhora e enfiteuta de terrenos na Foz e outros pontos convidativos a edificação. De modo que, se lia no Primeiro de Janeiro ou Comercio do Porto o anuncio d'uma propriedade à venda, no dia seguinte contra anunciava que a propriedade era sua, ainda mesmo que a não tivesse arrolado no tomo imaginário dos seus haveres litigiosos. Aqui há meses, um padre que se dizia procurador do meu amigo Custodio Teixeira Pinto Basto, replicando a um desses contra-anúncios, alegou, na imprensa, que a Sra. D. Elisa Loewe-Weimar estava enganada; pois que os prédios, quintas e chãos que ela reputava seus, eram indisputavelmente do seu constituinte o Sr. Pinto Basto. Em resultado deste desmentido, assignado por um padre, me escreveu M.me Elisa confirmando-me na guerra que os jesuítas lhe moviam, confederados em espolia-la porque era protestante e estrangeira desprotegida das autoridades portuguezas. Em virtude do que me rogava que saísse na sua defesa e lhe communicasse os alvitres a seguir mediante cartas que, a uma hora determinada, eu devia introduzir pela fresta d'uma das suas janelas ao rés do chão, visto que a sua correspondência lhe era subtraída no correio pela Companhia de Jesus.

Às vezes, parava na rua, e detinha-se a examinar a frontaria d'um prédio. A final, recordava-se que era um dos seus, entrava no pátio, sacudia rijamente a

campainha, e fazia saber ao morador que estava ali a senhoria para ver se eram precisas obras na sua casa. Era inofensiva; mas não deixava de ser incomoda esta maneira de doudice.

Há quatro anos ainda, vestia-se singularmente. Quando a saia era azul com requifes encarnados, o corpete era branco, e verde o filó do Chapéu. Gostava muito do vestido de veludo preto e botinas brancas. Os transeuntes paravam descaridosamente a rir, e ela passava, triste e solene como o símbolo da desgraça n'um baile de carnaval. Nestes dois anos derradeiros, trajava menos que modesta, pobrememente, um capotilho cor de castanha, apresilhado na cintura, e um Chapéu campestre de palha cor de bronze. Não erguia os olhos, nem correspondia aos cortejos, quando algum raro encontradiço com memoria e coração reconhecia, naquela mulher encanecida e trôpega, a esbelta e irrequieta francesa de há trinta anos, e maquinalmente se descobria como se faz a um esquife coberto de crepe e assinalado por uma cruz amarela.

*

José Joaquim Gonçalves Basto, no fim do ano passado, alegrou a minha mesa com a sua jovialidade, com as suas épicas faculdades digestivas. Estava connosco Plácido de Freitas Costa, um galhardo espirito com todas as graças petulantes dos rapazes de 1850. Não tem ainda trinta anos, e protesta contra o marasmo dos homens da sua geração-uma gente que tem o coração em modorra e a alma anelante no domínio de quatro inscrições.

Não havia aí distinguir entre os dois na competência de festivas rapazices. Alta noite, saíram de braço dado, percorreram os teatros e passearam as ruas até ao romper da aurora. Gonçalves Basto perfizera setenta anos n'esse mês. Ao outro dia, Plácido de Freitas dava um jantar ao decano da imprensa portuense no Hotel do Louvre. Os comensais eram todos rapazes e alguns estrangeiros. Gonçalves Basto brindava-os nas suas línguas, e as risadas estrondeavam quando ele salgava os discursos com as facecias que se usam lá fora nos lautos banquetes britânicos em que o corpo, mais débil que o espirito, resvala para debaixo da mesa, e todo homem se fica então parecendo com Horacio ou Numentano a ressonar no triclínico.

Dous meses depois, estando eu enfermo, disseram-me que José Joaquim Gonçalves Basto adoecera, pela primeira vez na sua vida. Ao outro dia, mandei saber como passara a noite. Tinha morrido ás cinco horas da manhã.

*

A viúva, participando-me que o seu marido estava defunto, relatava o caso tão glacialmente como se historiasse o trespasse do seu quinto avô. Todavia, tinha magoados toques o seu estilo quando o arguia de haver deixado hipotecadas fraudulentamente as propriedades em beneficio de varias mancebas.

A falta do marido, que para ela representava quatro libras mensais, verdadeiramente não autoriza a hipótese da pobreza. Os numerosos e extensos anúncios que publicava, em ressalva das suas propriedades, eram

pagos. Visitava as livrarias e comprava livros. Tinha uma casa decentemente trastejada, e servia-se com criados a quem pagava talvez, não os confundindo com os senhores.

Quando o proprietário da casa lhe enviou mandado de despejo e sequestro no dia ultimo de Setembro, Elisa Weimar fez trancar as avenidas. N'esse momento, a sua alma aterrada pelo estrondo dos esbirros que arrombavam as portas, estremeceu, e... acordou. Eis o momento da lucidez! Ao cabo de seis anos de demência, relampagueou-lhe na razão o fulgor d'um corisco; e então, vendo-se desgraçada e ridícula, matou-se.

*

Adeus, minha «formosa das violetas»! O teu Júlio Janin, o teu cantor, quantos te amaram e admiraram são já mortos, desde Henri Heine até Philarète Chasles. Como devias ter morrido antes da velhice, a tua alma sempre juvenil desamparou-te; e enquanto ela gemia nos ciprestais do Père-la-Chaise a cada saimento dos teus amigos da mocidade, o teu corpo inerte e estúpido imergia no pesadelo das sonhadas riquezas! Ias ser baldeada aos apodos das turbas, e levada pela policia à caverna das doudas, quando a tua alma regressou nas suas azas de luz, radiou por sobre a área negra da tua suprema desgraça, e aí te iluminou o suave reclinatório da sepultura. Era a hora bem-dita ou maldita da morte. Abraçaste-a. Descansas. num a das tuas cartas me escreveste há vinte anos, estas palavras de Balzac: Cada suicida é um poema sublime de

melancolia... Adeus! quando eu souber onde a caridade te sepultou, irei levar-te um ramo de violetas.

FIM

MARIA! NÃO ME MATES, QUE SOU TUA MÃE!

Meditação sobre o espantoso crime acontecido em Lisboa

Pais de Família!

Atendei e vereis o maior de quantos crimes se tem visto no mundo! Vereis uma filha matar a sua mãe, porque esta lhe não deixava fazer o quanto desejava.

Vereis como essa filha corta a cabeça da sua mãe, e os braços, e as pernas, e vai pôr cada pedaço de corpo da sua mãe em diferentes lugares, para que ninguém conhecesse o cadáver da morta, nem a mão que a matara e despedaçara. Vereis como a matadora da sua mãe, da sua mãe ó pais de famílias, da sua mãe, que a trouxera nas entranhas, que lhe dera o alimento dos seus peitos, que a criara ao seu lado com beijos e afagos, que tirara o pão da sua boca para o dar à sua filha, que fora talvez pedir uma esmola para que a sua filha não tivesse fome, e não desse seu corpo em troca de um bocado de pão! Vereis como esta filha sem alma, sem medo de Deus, sem temor das penas do inferno, é descoberta como matadora da sua mãe, por um milagre, pela providência de Deus! Vereis aquela mulher com alma de tigre comer com toda a vontade e contentamento, ao pé da cabeça ensanguentada da sua mãe, e responder quando lhe perguntam se é aquela a cabeça da sua mãe.

— Sim! — disse ela — essa é a cabeça da minha mãe!

E continuou a comer.

Pais de famílias! Eu vou contar-vos o mais triste e espantoso acontecimento que viu o mundo, e que talvez não torne a ver. Chamai vossos filhos para junto de vós. Lede-lhe esta história, e fazei que eles a decorem, que a tragam consigo, e que a repitam uns aos outros.

Pais de famílias! O que escreveu estas linhas com o seu pouco saber talvez vos terá ido à porta mendigar as migalhas da vossa mesa.

Deus Nosso Senhor Jesus Cristo permita que eu possa levar a compaixão ao coração dos que me lerem, que eu desgraçado pecador fico pedindo a Deus pela alma daquelas infelizes mãe e filha.

Em Lisboa, na travessa das Freiras n.º 17 havia um homem chamado Agostinho José casado com Matilde de Rosário da Luz.

Tinham duas filhas, uma das quais se chamava Maria José. Farto de trabalhar para sustentar com o suor do seu rosto a honra da sua família, Agostinho José morreu, e deixou entregue à sua virtuosa mulher as suas duas filhas, dizendo-lhe:

— Matilde, quando não puderes trabalhar com as tuas filhas, vai pedir uma esmola para lhes dares um bocado de pão, mas não as deixes cair na desgraça

de mundanas, porque eu não me poderei salvar se as minhas filhas desonrarem minhas cinzas.

O pobre velho morreu abraçado à sua querida mulher, e amados filhos, e pode-se dizer que os levou atravessados na garganta para a sepultura.

A desgraçada viúva pôs uma das suas filhas a servir em casa de honrados amos, e ficou com a outra em casa para a ajudar a viver.

Metia compaixão ver aquela mãe, tão contente com a sua filha, depois de terem ambas repartido entre si os poucos lucros do seu trabalho, aplicados para um bocado de pão e uma sardinha, ver como ela ensinava à filha as orações que já a sua mãe lhe havia ensinado, o modo de pedir a Deus um meio de passar a vida com honra e sem vergonhas do mundo! Maria José (este era o nome da filha) parecia que amava a sua mãe com toda a sua alma e coração.

Andava de dia vendendo algumas coisas numa tendinha que tinha comprado com as economias da sua mãe, e de noite rezava o terço à Virgem Maria, e ao mesmo tempo compunha meias para fora, com cujo produto se vestia. Toda a vizinhança olhava para esta rapariga com admiração porque já tinha 29 anos, e ainda não havia nota ruim que se lhe pusesse, e ninguém se atrevia a pôr nela a boca.

Uma vez andando Maria José vendendo com a sua tenda, chegou-se ao pé dela um rapaz de boas maneiras, e começou a conversar com ela sem lhe dizer

coisa que tivesse maldade. A rapariga escutou-lhe as palavras, e ficou entendendo que o José Maria (era o nome dele) não era mau rapaz e que a não buscava para maus fins.

Continuou a conversar com ele, até que ele lhe chegou a dizer que se fosse da vontade dela, que se lhe não dava de casar com ela.

Maria José não desgostou de ouvir o que disse-lhe o seu conversado, e respondeu-lhe que quem governava nela que era a sua mãe, e se ele não estava a gozar que fosse falar com ela, e talvez lhe desse o sim, porque a sua mãe não a queria para freira.

O José Maria foi falar com a viúva

Matilde, e esta boa mulher disse-lhe que se ele fazia pela vida e era amigo do trabalho, que ela não se lhe dava que a sua filha casasse, e quanto mais que isso eram coisas que estavam à vontade da sua filha, e não à sua, porque não era ela que casava.

Ao que o rapaz respondeu que já tinha o consentimento da sua filha, e que então ia mandar ler os banhos.

José Maria continuou a ir a casa da esposada, enganando-a que se estavam a ler os banhos.

A rapariga afez-se a ter paixão por ele, porque o via a todas as horas, e esperava que o traidor lhe não mordesse a palavra. A mãe, que tinha mais

anos e mais experiência do mundo, agourava mal daqueles amores, porque os banhos nunca mais se acabavam de ler, e o José Maria tinha já uma confiança na sua casa como se fosse marido da sua filha. Quando aquela boa mãe reprendia com boas maneiras a muita fraqueza da filha, esta toda se arrufava, e virava as costas à mãe, resmungando palavras desobedientes. Filhas ingratas! Mal sabeis vós que torcer os olhos de mau modo para uma mãe é o mesmo que cuspir nas tábuas da lei de Deus!

O enganador José Maria, com o demónio no coração, a impostura na boca, foi pouco a pouco amolecendo a fraca resistêcia que Maria José fazia ao seu brutal apetite. A pobre rapariga se tivesse ouvido os conselhos da sua mãe não cairia na desgraça de se deixar enganar como de facto deixou pelo seu pérfido homem que para outra coisa não ia àquela casa, senão para fazer jogo da confiança que lhe fora dada.

A infeliz mãe pressentiu a desonra da sua filha e já não lhe podia valer. Assim mesmo um dia com as lágrimas nos olhos disse-lhe estas palavras:

— Minha filha! eu muitas vezes te disse o que eram os homens, não que eu tivesse queixa do meu, porque o teu pai era honrado e virtuoso como aqueles que o são; mas porque os rapazes de hoje não são o que eram os de algum dia.

Disse-to muitas vezes, e tu ou me respondias com arremesso e enfado ou me viravas as costas em ar de desprezo. Não te pude valer. Deus Nosso Senhor me perdoe — se eu não tive forças para te castigar, porque eu tinha-te muito

amor, e nunca me capacitei deveras que houvesse um tredo tão grande como o José Maria.

Mas já agora que não tem remédio, minha filha, filha do meu coração, em bom pano cai uma nódoa. A minha filha, por alma do teu pai que está na presença de Deus a pedir teu perdão, pelas cinco chagas te peço que deixes esse homem, que há de acabar de te lançar na perdição, onde não acharás meios de te salvar da justiça de Deus, e das vergonhas do mundo.

— Minha mãe — respondeu-lhe a filha — ora deixe-me que não estou para aturá-la. Ainda vinha a tempo com os seus sermões. O valer-me era a tempo, agora que eu sou dele como se fosse sua mulher hei de ser com ele desgraçada até à morte. Sabe que mais? Se casar, casou; se não casar é o mesmo; eu gosto e ele gosta...

— Ai minha filha — respondeu a mãe — que linguagem é hoje a tua tão diferente daquela que era antes deste maldito aqui entrar. Ai minha filha que estás de todo! Ó meu marido! perdoa-me, perdoa-me, bem vês que eu não fui culpada.

E a desgraçada viúva pôs a cara sobre as mãos e começou a chorar, quando a sua filha se pôs a cantarolar e a rir da posição magoada e aflitiva da sua mãe. E disse-lhe estas palavras insultantes:

— Ó a minha mãe... sabe que mais... eu não estou para aturá-la. Se quer estar comigo há de ver, ouvir e calar, que é regra de bem viver, se não quiser a rua é larga, o mundo é grande.

— Queres dizer com isso que me pões fora de casa, não é o que queres dizer-me?! — perguntou a mãe.

— Ou isso, que vale a mesma coisa. Respondeu a filha.

A atribulada viúva, cheia de razão e justa raiva exclamou em voz alta:

— Pois então sabe que se eu até aqui te tratei como mãe carinhosa, de hoje em diante hei de ser mãe como deve ser.

Se de ora em diante aqui tornar a ver José Maria hei de queixar-me à administração do concelho que esse homem vem a minha casa contra a minha vontade, e tu e mais ele haveis de ser atrancados no Limoeiro, tu como filha desobediente e ele como um sedutor de uma rapariga que se deixou ir das suas palavras.

— Bem me importa a mim dessas coisas — replicou a filha — pela constituição não se prende ninguém por seduzir raparigas, e de mais foi muito do meu gosto, acabou-se, está dito.

— Veremos, Maria, veremos qual de nós é que vence! Oh meu Deus, dizia a velha no profundo do seu coração, oh meu Deus, mudai as tenções da

minha filha, mostrai-lhe a verdade das minhas palavras, e fazei que ela conheça o caminho da perdição, onde a sua má estrela a lançou.

A filha ria-se de escárnio, e ao mesmo tempo estava com ódio a sua mãe.

Deus não quis tocar-lhe o coração, porque Ele quis ver até que ponto poderiam chegar os crimes no século de desmoralização e pecado em que vivemos.

Passou-se aquele dia de lágrimas para a mãe, e Maria José não apareceu em casa o resto do dia porque tinha ido onde estava o seu amante e disse-lhe que a mãe não queria torná-lo a ver lá em casa, e que se ele lá tornasse ela dissera que havia de ir acusá-lo à administração do concelho.

Com estas notícias o malvado atemorizou-se porque já tinha sido acusado como vadio e ratoneiro, e era bem conhecido pelos guardas da administração. E assim, ou para se desfazer da rapariga, ou porque realmente desejasse o que há de mais cruel no mundo, aconselhou a rapariga para que matasse a sua mãe!

Oh céus, onde estão os vossos raios que não caem sobre a cabeça deste infame, que pede a uma amante que mate a sua mãe, para mais a salvamento gozar os seus escandalosos e torpes desejos! Oh céus! como quereis que um homem vos insulte tão claramente, atrevendo-se a proferir estas palavras: ó filha mata tua mãe!... O meu Deus, eu sou um fraco bichinho na terra, e atrevo-me a interrogar a vossa alta sabedoria! Perdoai-me, meu Deus!

Maria José, quando voltou para casa, no dia seguinte, ainda a sua mãe não tinha comido nem bebido e estava deitada sobre a cama, vestida, com os olhos inchados de chorar. Parece que tinha envelhecido vinte anos. As rugas da pele tinham-se profundado, e os cabelos embranqueceram-lhe em o espaço de uma só noite.

— Então que faz aí sua tola? — disse a filha já atentada pelo demónio à desgraçada velha.

A mãe não respondeu, e continuou a chorar, e depois de dar magoadíssimos suspiros atirou-se da cama abaixo, e lançou-se aos pés da filha.

— Minha desgraçada filha! (exclamou ela). Atende às lágrimas da tua mãe; bem vês que é aquela que te deu ao mundo, que sofreu as dores de mãe, que se lança de joelhos aos teus pés, pedindo que não lhe cubras a cara com o negro véu da vergonha nos últimos dias da sua vida.

A mãe ia a continuar, quando a perversa filha, interrompendo-a, com desesperação e raiva:

— E olhe que se assim continuar não há de viver muito. Das duas uma, ou o José Maria há de ter aqui entrada a toda a hora do dia e da noite, ou então... então...

Nisto entrou o José Maria. Era um rapaz de mediana estatura, ao que parecia de vinte e quatro anos. Tinha os olhos negros, e quase negras as faces. Os

cabelos compridos, com a barba cerrada pouco lhe deixavam ver as feições. Tinha a testa franzida continuamente como o matador que sente um cancro de remorso a tragar-lhe as entranhas.

Quando ele entrou a velha tremeu, e a dissoluta Maria José pendurou-se — lhe nos ombros a beijá-lo.

Matilde, assim escarnecida por essa filha prostituta, arrancou do peito um grito de dor como se lhe tivessem dado uma facada no coração.

Quis fugir pela porta fora, mas o José Maria e a Maria José não a deixaram sair por temerem que a velha se fosse à administração do concelho queixar das afrontas que lhe faziam. Por fim a infeliz e atribulada viúva e mãe de todas as mais desgraçadas não teve remédio senão calar-se porque não queria que os vizinhos escutassem as desonrosas e vergonhosas questões que tinham em casa.

O José Maria saiu, e quando já estava de fora da porta chamou pela sua concubina e disse-lhe: — Maria; ou tu hás de dar cabo dessa maldita velha o mais breve, ou então eu deixo-te por uma vez, e não quero saber de desgraças.

Maria respondeu: — Ora eu tenho medo da matar, ela grita e cá por cima mora a mestra de meninas, que a ouve, e depois se se sabe que há de ser de mim?

— Tu és uma estúpida, respondeu o malvado, o matá-la é de dia porque as meninas fazem barulho a ler, e não se devem ouvir os gritos da tua mãe.

— Mas eu tenho tanto medo de matá-la!!!... Tenho alguma pena dela, se tu casasses comigo já ela te não proibia que cá viesses, e se me tens amor, a ponto de queres que eu mate a minha mãe, então porque não casas comigo?

— Está bom, está bom, temos lamúrias? — replicou o José Maria. — Se queres, queres, se não queres mentes que se escama o gajo.

Isto são ditos que os vadios e brejeiros têm sempre prontos.

José Maria foi-se, e a rapariga, desesperada e aflita com os feios modos e destemperos do seu amante, foi-se ter com a mãe, e descompô-la com estas e outras palavras:

— Você é um estupor velho, é a causadora da minha perdição. O meu regalo era pegar nesta faca e cortar-lhe a cabeça com ela. Sai estafermo, sai daqui...

E dizendo isto deu um pontapé na mãe, que não teve remédio senão sair do lugar aonde estava para o patamar da escada.

A filha saiu, foi-se ter com o José Maria a uma taverna da rua da Rosa das Partilhas, enquanto foi, a mãe depois de chorar lágrimas de sangue, e de ter pedido a Deus que pela sua infinita misericórdia desse um jeitinho à vida errada da sua filha, foi ver debaixo do enxergão se acharia um pé de uma meia

que lá tinha com 3 moedas, restos de todas as economias da sua vida, e que ela reservava para mandar dizer 60 missas pela sua alma e 60 por alma do seu marido de esmola 120 reis cada uma. Mas qual seria o seu espanto e aflição quando não achou o seu dinheirinho? Primeiramente deu um grito do fundo do coração, e depois perdeu os sentidos e caiu. Este dinheiro já a filha lho tinha roubado para o dar ao seu amante. Quando Maria José entrou e viu assim desfalecida a sua mãe, e a cama mexida, conheceu logo que a sua mãe já sabia do roubo, e que havia de berrar; e assim esteve logo ali para a matar. A velha voltou a si, e quando viu diante sua malvada filha começou com grandes gritos a pedir-lhe o seu dinheirinho, que era a sua salvação e da alma do seu marido!

A filha primeiro quis fazê-la calar à força pondo-lhe a mão na boca; mas vendo que nada conseguia, foi-se ter com António Ferreira do Sul, regedor da freguesia de Santa Engrácia, e disse-lhe que mandasse meter a sua mãe, no hospital, que estava doida, e berrava que a queriam matar.

O regedor disse-lhe que havia de informar-se do estado da sua mãe, e que ele daria as providências.

Maria José veio para casa, e disse a sua mãe que no dia seguinte lhe traria o seu dinheiro.

A infeliz desgraçada velha, com isto sossegou alguma coisa, mas ó desgraça! ó dor! ó crime sem igual! a maldita e condenada filha já a estas horas fazia de conta que às mesmas horas do dia seguinte teria matado a sua mãe!

Oh! meu Deus! dai-me forças para poder continuar e enxugai-me estas lágrimas dos olhos!

Filhas que amais vossas mães, tremei, tremei de horror! Mães que amais vossas filhas, chorai, chorai de compaixão! Pais de famílias que me ledes, fazei por dar uma educação aos vossos filhos, que não deixe remorso na hora tremenda em que as vossas almas estiverem para voar à presença de Jesus Cristo!

Em toda a noite daquele dia, Maria não apareceu em casa, foi onde estava o José Maria e pediu-lhe ferros para matar a sua mãe. O malvado deu-lhe duas facas de sapateiro, e lá disse-lhe que fizesse aquilo que vou contar, se Deus Nosso Senhor mo permitir.

Eram dez horas do dia 11 de Setembro, quando Maria entrou em casa. A mãe logo que a viu perguntou-lhe com muito bom modo se trazia o dinheiro que lhe tirara, e a filha respondeu que não tardava. E depois esta sentou-se ao pé da mãe, e disse- — lhe que queria que a catasse, a mãe respondeu que sim. Maria José puxou-lhe a cabeça para o regaço e catou-a um poucachinho. E indo a mexer-se para tirar do bolso da algibeira, oh meu Deus!- uma das facas, a mãe sentiu o barulho das duas folhas das facas, e perguntou:

— Que trazes no bolso, Maria?

— São duas facas, minha mãe.

— Para que andas de faca?

— São do José Maria que mas deu para eu mandar amolar ao barbeiro.

A mãe calou-se, e nesta ocasião já a filha tinha uma das facas na mão.

Virgem Maria, suspendei o braço dessa filha que vai matar a sua mãe!

Maria José ergue o braço e dá uma facada no lado direito do peito daquela que lhe dera o ser.

A infeliz vê-se ferida — dá um grito, ninguém a ouve, a matadora fica- — se como espantada e com o braço erguido diante da sua mãe que já lutava com os arrancos da morte.

Matilde umas vezes de joelhos, outras encostada, já com o suor da morte gota a gota pelo rosto abaixo disse estas tristes palavras a sua filha:

— Maria, porque me matas? Maria minha filha, tiveste coração de enterrar uma faca no peito da tua mãe! Tiveste coração de rasgar aquelas entranhas que te geraram! Maria, porque me matas? Que mal te fiz eu, minha filha, para me dares esta facada por onde me fuge a vida? E se tinhas tenções de me matar, porque me não mandaste confessar, ou ao menos fazer o acto de contrição? Ah Maria, Maria, que tens de dar contas a Deus pela minha e pela tua alma!

Ia para ajoelhar-se diante de uma velha cruz que estava à cabeceira da cama quando Maria José lhe deu outra facada no pescoço. A desgraçada ainda disse: — Meu Pai do Céu... perdoai-me. E morreu.

Cobre-te de luto ó natureza! Chora no Céu Virgem Maria que também fostes mãe carinhosa! Chorai aves do ar que criais os vossos filhos debaixo das vossas asas! Chorai que aí caiu uma boa mãe morta com duas facadas aos pés de uma filha já condenada!

Depois de morta a sua mãe, Maria José com a maior presença de espírito e ânimo de carrasco com a mesma faca começou a cortar-lhe a cabeça, e vendo que não podia arredondar o osso, foi cortar com segunda faca, e como ainda não pudesse, começou a dar-lhe golpes de machada, até que de todo lhe despegou a cabeça do pescoço. Depois cortou-lhe as orelhas e o nariz e os beiços e deu-lhe mais de vinte golpes na cara, e queimou- — lhe o cabelo. Depois levantou um tijolo do lar e enterrou os pedaços da cara e da cabeça.

Depois cortou-lhe as pernas e as mãos. E à noite embuçou-se num capote e pegou no tronco da mãe e foi pô-lo na obras de Santa Engrácia. Voltou a casa, pegou nas pernas e nas mãos e foi pô-las na travessa das Mónicas. E depois voltando para casa pôs-se a lavar a roupa ensanguentada da mãe e deitou-se nos mesmos lençóis onde a sua mãe dormia com ela dois dias antes e com a cabeça dessa mesma mãe enterrada aos pés da cama. No dia seguinte saiu de casa e foi-se pôr a ver o corpo e as pernas da sua mãe entre aquela multidão

de pessoas que lastimavam aquele acontecimento. Aconteceu estar aí o mesmo regedor a quem ela pedira que mandasse meter a sua mãe no hospital dos doidos. O que o regedor por uma inspiração do céu mandou prender aquela mulher, e levando-a a casa passaram a perguntar-lhe pela sua mãe, e ela respondia que não sabia. Mas no quintal da mesma casa estavam a enxugar algumas roupas tintas de sangue. O regedor escavando no lar achou a cabeça e os pedaços de cara — perguntou a Maria José se conhecia aquela cabeça, e ela respondeu comendo melancia com pão:

— Conheço, é da minha mãe!!

Passou-se a um processo, e a ré foi condenada no dia 5 de Novembro a sofrer morte natural para sempre na forca, que se há de levantar no campo de Santa Clara, passando por aqueles lugares onde foi pôr os pedaços do corpo da sua mãe. Aqui tendes — ó povos! o maior crime que viu o mundo, praticado em Lisboa no ano de 1848!

Estes atentados contra Deus, esta guerra de irmãos com irmãos, estes acontecimentos de filhos matarem pais, e esses sinais que nos aparecem no céu, tudo indica que o fim do mundo está chegado.

FIM

A SENHORA RATTAZZI

Depois de estudar os portugueses e as portuguesas com frequentes visitas celebradas por “menus” económicos e risos de ironia larga, a Sra. Rattazzi concebeu das suas impressões viris e másculas um livro que deu à luz em Janeiro, e denominou Portugal à vol d'oiseau. Portugais et portugaises.

Eu, criado no velho noticiário, tendo de anunciar o produto d'uma dama dado à luz, antes quisera, em vez d'um livro bom, anunciar um menino robusto. Acho muito mais simpática a feminilidade das mães pálidas, com olheiras, emaciadas, que aconchegam dos seios exuberantes a criancinha rosada, recém-nascida. Não me comove nem alvoroça o espetáculo d'uma autora que se remira e envaidece na brochura que deu à luz, obra entre cinco e sete tostões-740 reis com estampilha. Por isso, antes quero noticiar um menino robusto que um “oitavo” compacto.

Começa a Sra. Rattazzi por declarar com raro entono “que conta e pinta o que viu sem deferências pessoais nem preocupações do que ao seu respeito se possa dizer ou pensar”. Bom é isso. O menospreço que a escritora liberalista à opinião publica portuguesa permite à critica o dispensar-se de grandes melindres. à vontade.

Se alguém me arguir de bastante descosido no exame do livro, queira lê-lo com paciente pachorra, e verá que eu bispoteei sobre os alinhavos

atrapalhados da senhora princesa. Se me acharem um pouco em mangas de camisa, façam-me o favor de ver que a “shocking” irlandesa nos visita de penteador de rendas transparentes e chinelinha de chinchila.

Calunia, apenas começa, afirmando, contra o character d'esta boa gente portuguesa, que D. Pedro V, e os infantes D. Luiz, D. João e D. Augusto foram atacados do “tifo-arsenical” — envenenados. Uns morreram. D. Augusto ficou atarantado, mas com graça — uma timidez “non dépourvue de charme”; e D. Luiz, esse, teve “de la chance”: — que duas vezes fora preservado da sorte de Britanicus. Excetuados os grémios palúrdios d'algumas boticas de província, ninguém hoje repete semelhantes atoardas. Quando quiseram por ódio politico enlamear a reputação imaculada d'um duque, desembestaram-lhe o venábulo ao rosto sereno. A calúnia caiu então, e levantou-se agora na indiscreta obra mexeriqueira da Sra. Rattazzi.

Quando a morte fulminou, a curtos intervalos, na Itália, duas rainhas da Sardenha e o duque de Génova, madame Marie de Solms, em versos por sinal muito ordinários, insinuou que o fanatismo torvo dos padres tinha brandido nas trevas a cruz à feição de gladio. Na Itália era o clero, aqui foi o veneno dos Médicis. Acha que os príncipes não podem morrer de morte natural; e bem pode ser que a sua alteza venha a acabar de doença reles, com pedra na bexiga, hidrópica, com lombrigas, com grandes perturbações flatulentas no seu aparelho digestivo — uma desgraça para as letras.

Avaliando o clero português, manda ler o Crime do padre Amaro. Um romancista hábil engenhou um padre mau que afoga um filho, uma perversidade estúpida e quase inverosímil em Portugal, onde os padres criam os afilhados paternalmente. Eis, segundo ela, o tipo da clerezia portuguesa, o “padre Amaro”. A Sra. Rattazzi geme escandalizada sobre a corrupção do sacerdócio, e cita o romance.

Do clero naturalmente deriva para o culto. A respeito do S. Jorge da procissão de Corpus-Christi, a princesa espirra fagulhas de espírito forte, d'um solteirismo cediço, com um desprate extraordinário em mulher. Não se coíbe de gracejar com o simbolismo sempre respeitável quando inculca, seja como for, uma religião e uma moral – coisas consubstanciais. Não a retém a senhoril e prudente moderação de Staël e Sand, e sobretudo o feminil decoro de viúva duplicada, de mãe e de velha, embora os atavios façam pirraça à cronologia. Moteja das pompas religiosas no tom das “turlupinades” da petrolista André Léo, e arma à risada com facecias d'um aluno da escola-militar que leu o Testamento de Jean Meslier e o Citador de Lebrun.

Moteja dos “Cyrios”. Segundo ela, os portugueses, tomando a parte pelo todo, chamam às «procissões» “Cyrios”, porque levam “velas acesas”. Muita chalaça a este respeito. Mulher irreligiosa é uma razão perdida no vácuo da consciência; mas a que faz praça da sua incredulidade é coisa repugnante, tanto monta ouvi-la na sala como na taberna.

Se a Sra. Rattazzi fosse uma escritora seriamente crítica, ridiculizando o maior santo de Inglaterra, devia contar aos portugueses que Jorge foi um fornecedor de toucinho (“bacon”) do exercito romano, e que em vez de fornecer, cosia-se com os lardos suínos como qualquer fornecedor do exercito brasileiro do Paraguai. A justiça perseguiu-o como concussionário; Jorge safou-se, fez-se ariano, e levou d'assalto a cadeira arquiépiscopal de Atanásio. Depois, na capital do Egipto, a execração publica encarcerou-o afim do processar; mas o povo, impacientado com as delongas do processo, atirou-o ao mar. «Como é que este malandrim (pergunta Campbel na biografia de Shakespeare) chegou a ser transformado em S. Jorge, patrono dos exércitos, da arma de cavalaria e da ordem da Jarreteira?» Campbel diria à senhora princesa: «Patrícia, antes de escarnecer as crenças portuguesas, zombe das inglesas. O santo é nosso, e Deus sabe que bestialidade grande praticaram os lusos admitindo um santo da Grã-Bretanha na vanguarda d'uma jolda de velhacos que lhes fizeram à industria da metrópole e às colonias d'Africa o que o tal Jorge fez ao toucinho dos soldados romanos».

Ora, se é facto que o sujeito sisava a carne de porco das legiões romanas, esse devia ser coerentemente o santo tutelar d'Inglaterra. Eu, porém, segundo a minha historia eclesiástica, muito mais ortodoxa e correta que a de Campbel, pendo a crer que S. Jorge era um príncipe da Capadócia que sofreu martírio, imperando Diocleciano, depois de ter matado um certo crocodilo que queria comer a filha do rei Aja. Jorge levou talvez em vista, n'este crocodilicidio,

plagiar Perseu que matou outra fera que queria comer Andrómeda, filha do rei Cefeu. O que é certo é que os saxónios, estes selvagens, incapazes de produzir um santo, adotaram o da Capadócia. Nós é que não tínhamos necessidade do santo, dando-se o caso para além do mais de sermos ridiculizados por causa dele no livro da Sra. Rattazzi, princesa que de certo não vai ao florilégio como o seu colega príncipe Jorge.

Sobre matéria intrincada de cultos, presume que o enigma poderia ser resolvido pelo bispo de “Visens”, Alves “Martius”. Este nome está bastante corrompido para se pensar que o prelado de “Visens Martius” é um bispo mozárabe, coevo do duque de “Laf[oe]s”, com ditongo.

Deturpar nomes de bispos e duques pouco importa; é muito pior divulgar, acerca das realengas aspirações d'uma duquesa benemérita de respeito, umas chocalhices cochichadas nas salas, mas nunca escoadas pelo esgoto da imprensa séria. Alude em termos esbandalhados de atriz patusca ao duque, marido d'essa duquesa, e atribui ás barrigas das senhoras portuguesas um esquisito predomínio abdominal sobre os esposos. Esta senhora, que tem apenas a carne indispensável para se não confundir com um fluido, abomina metaforicamente os ventres grandes, as barrigas das damas portuguesas fidalgas que nobilitam nas suas membranas os maridos e os filhos. Pilherias de “farceuse de goguette”. Umas “bufoneries de petit souper”, — ”can-can” de sobreloja entre costureiras que bebem do fino e têm namoros nas cavalharias do paço.

A Sra. Rattazzi ri muito das superfetações cosméticas e oleosas do conde de M. Valha-nos Deus! A Sra. princesa, como objeto colorido, é há muitos anos uma cromolitografia das obras do bibliófilo Jacob. Que Alphonse Karr me não deixe mentir.

Do duque de Saldanha repete anedotas chinfrins que põem gargalhadas sobre a campa do bravo caudilho a quem D. Pedro IV agradeceu a coroa da sua filha. Conta um dialogo forte que ele teve em 1851, ás quatro horas da manhã, com a rainha D. Maria Pia, e que ela mostrara desejos do mandar espingardear. Ora, em 1851, a senhora D. Maria Pia, o Anjo, tinha quatro anos, e desde que veio para o trono de Santa Isabel e de Santa Carlota Joaquina apenas tem espingardeado alguns borrachos, 4 em 5. E o duque de Saldanha — conta a princesa — apresentou-lhe a esposa no seu palácio dela em Antin. Assim zomba a Sra. Rattazzi dos seus amigos mortos e matraque a Saldanha que a visitava, quando o “Figaro” a escarnecia e Peletan lhe desenhava o perfil na Nouvele Babylone.

Está a character quando, anotando um artigo espirituoso do “Pimpão”, explica à Europa o que é o «Perna de pau» e a «Horta das tripas» (“Jardin des tripes”). Fala muito de “faguêtes” que a incomodam, e diz que “Vm. {cê}” é o diminutivo de “V. Exc.a”. Investigando a linguística, observa que não dizemos “o” rei, mas “el-rei; e que o “el” é recordação mourisca e vestígio da ocupação dos árabes. Confunde o artigo espanhol “el” (do latim “ile”) com o artigo arábico “al”, prefixo a muitas palavras portuguesas. As “Teresas filosofas” são

muito mais vulgares que as Teresas filólogas. Diz que o nosso “ai Jesus!” também é muçulmano, e o “se Deus quiser” também é vestígio arábico. É uma mulher das arabias, ela!

Faz rir à custa dos archeiros que tocam o tambor à chamada. A Sra. Rattazzi nasceu em Inglaterra onde hoje em dia se conservam usanças ridículas, ratices que se avantajam muito à do archeiro que rufa a caixa. Exemplo: os dois manequins monstruosos chamados Gog e Magog que assistem à receção do lorde-maior no salão Guil-Hal. Depois, mais irrisórias que os archeiros, as sentinelas da Torre de Londres, chapéus de veludo emplumados, adaga à ilharga, farda escarlata acolchetando nas costas, e as armas de Inglaterra com a tenção de Henrique VIII matizadas no peito. E que nos diz a Sra. Rattazzi às cabeleiras Luiz XV, de cachos empoados, com que se toucam os juízes antes de se amesendrem com ofenbachiana parlapatice majestosa nas cadeiras da magistratura em Westminster-Hal? E aquele sumptuoso coche tirado por cavalos baios em que se estende ao carniceiro opulento, com os braços nus e a camisa arremangada até às clavículas? Se a Grã-Bretanha nos não exhibisse estas gargalhadas, teríamos de nos remediar-mos com o produto da Ex Princesa Studolmire Wyse que só de per si tem a “vis insita”, a força ridícula latente das dinamizações altas.

Penetra na vida íntima dos portugueses, no segredo dos seus amores castos, amor que só os olhos exprimem. Não gosta. Acha isto sensaboria, e chama-lhe “paixão é olhadas”, para exprimir bem portuguesmente a coisa. à “Casa

Havaneza”, onde se refastelam muitos dos tais «apaixonados das olhadas», chama “clubo des bavards”. Diz que em Portugal as meninas de doze anos tem “olhadas” e carteiam-se. Acrescenta que é rara uma mulher galante portuguesa; mas que os homens são, na generalidade, bonitos e bem feitos — ”beaux et bien faits”. Isto cativa a gente. Contou alguém à princesa a historia fresca de um velho par do reino «que se lambia» dizendo a paixão que inspirara a uma jovem que só à beira dele sentia o lirismo e as delicias do amor. A Sra. Rattazzi espantou-se, e do velho idiota inferiu que em Portugal todos os velhos se lambiam d'amor.

Foi aos touros; viu os “capêlhas” portugueses, e os “torreros” e os “forçados” (forcados) que ela diz assim chamarem-se, “forçados”, porque “forçam” os aplausos. Está em primeira mão esta sandice. (Se o leitor quiser corrigir a minha indelicadeza, onde está “sandice” leia “sandwich”). Como sucessor do “conde” de Castelo Melhor no garbo e destreza cavaleirosa de toureiro, menciona “Rebelo da Silva el Castro”. Provavelmente do historiador da Ultima corrida de touros em Salvaterra fez um toureiro equestre no campo de Sant'Ana. Diz que, a pedido da comissão, oferecera uma «mona» — ”reminiscência poética da idade média”. Achou na idade média as “monas”. A sua alteza acha um tanto canibal o prazer das touradas, mas nem por isso é “moins imense” (este “imenso menor” que o imenso maior, é bom). Nos teatros da “Trindade” e do “Principo”, desagradou-lhe o péssimo costume de “pateader”. Diz que as obras do teatro de S. Carlos foram dirigidas por “Santo

António da Cruz Sobral”. Lá fora há de pensar-se que temos um “Santo António de Lisboa” para os milagres e outro “Santo António da Cruz” para os teatros.

Sobre política decifra alguns artigos bons do “Pimpão” e guisa varias beldroegas da sua lavra. Entra bem na questão financeira, na fiduciária, dos Bancos, no escândalo das loterias e do jogo. Faz um moral opusculo em assumpto de roleta.

Tratando de jornais, traslada e traduz anúncios afrodisíacos do “Diário de Noticias”, e diz que o Sr. Thomaz Antunes é “moco fidalgo”. O Sr. Antunes não é “fidalgo moco”; tem a cedilha: saiba-o a França. Do “Jornal da Noite”, escreve que A. A. “Texero” de Vasconcelos noticiava principalmente aniversários e nascimentos, dava a lista dos números mais premiados na loteria, e d'isso ia vivendo. Assim atassalha a Sra. Rattazzi a reputação jornalística do mais rijo pulso atleta que teve a arena dos gladiadores políticos — o rival de A. Rodrigues Sampaio. Nem A. Augusto era outra coisa. Logo veremos como ela conceitua socialmente o seu conviva e panegirista.

Menciona como colaborador da “Correspondência de Portugal” o Sr. Rodrigues de “Tretas”. Se lhe chama “Tretas” ao ilustrado e honesto republicano, merecia uma descompostura.

Também versa a questão cornígera dos gados, “des bestiaux”. Louva, ao intento, um Relatório do Sr. conselheiro “Morres” Soares. Morres? Longe vá

o agouro. Desejo que o Sr. Moraes Soares viva muitos anos, para nos dar muitos relatórios sobre “bestiaux”, e mais ocasiões a que esta princesa se ocupe das nossas vacas — objeto em que é ela a única senhora concorrente com as leiteiras saloias.

Em uma pagina útil e talvez a única proveitosa aos viajantes, informa acerca dos hotéis. Diz que no «Hotel de Lisbonne» há muitos ratos; no «Aliança» percevejos; e no «Gibraltar» “baratos” (não confundir preços “baratos” com «baratas», ou «carochas»). Depois d'esta asseveração impugnável, esteia a sua afirmativa num a passagem do “Cousin Bazilio” onde se lê que em Lisboa há percevejos. Luxo escusado de erudição. Os percevejos em Lisboa são d'uma tamanha evidencia fétida e matemática que se dispensava o testemunho do Sr. “Eça de Queroz”, de “Querioz”, ou de “Querioze”, que vem citado como Plínio para os lacráos, e Livingstone para a “Tsetse-fly”, mosca mortífera da Africa.

Espanta-se dos muitos Burnay que em Lisboa exercitam vários ramos de industria. Acha que a Lusitânia, n'este medrar de Burnay, virá a chamar-se “Burnaisie”. Depois escreve: “Il faut mentioner, ne fût ce que pour faire contraste, les Galegos à cotê des Burnay. Les uns exploitent, les autres sont exploités”. Esta princesa, com quem o Sr. Ramalho trocou o seu francês parisiense, de certo ouviu dizer ao festejado escritor que a família Burnay é um grupo de homens honrados e laboriosos que não se pejam de ser defrontados com outros homens honestos e trabalhadores embora procedam da Galiza;

mas não exploram: trabalham e colhem, quando lho não desfalcam, o estipendio honesto das suas fadigas.

Tem bons chascos quando zomba dos nossos “viscondes das Ervilhas” e “do Esparregado”. D'estes viscondes saberá sua alteza que se fazem as “princesas do Esparregado” e “das Ervilhas”. Se a Sra. Rattazzi se lembra d'arranjar um “visconde dos Tabacos”, saído d'um estanco, esse visconde ferido na sua honrada industria, poderia lembrar à neta de Luciano Bonaparte que a princesa Rattazzi é bisneta d'um vendedor de tabacos, pai da sua avó, a Sra. Blescamb, viúva d'um empregado bancário. Mas os “tabacos” traíram-na, quando, enxovalhando os enormes serviços do falecido conde de Farrobo à causa da liberdade, diz desdenhosamente que o pai do conde tinha o monopólio dos tabacos e que “a sua nobreza era de fabrica”.

Esteve a Sra. Rattazzi em “Pedroncos” e “Massa”. O leitor que já lhe conhece o processo da ortografia geográfica, entende que ela esteve em Pedrouços e Mafra. Exibe as vulgaridades obrigatórias, e dá-nos a noticia inédita e lisonjeira de que Byron chamou a Cintra “glorious Eden”.

Espeta-se na historia da literatura portuguesa, lamentando que não haja uma gramatica oficial. Há dez ou doze oficialmente aprovadas; mas não é isso que a Sra. Rattazzi pretende: quer uma gramatica oficial, uma coisa em que os poderes legislativo e moderador decretem positivamente o que há sobre o gerúndio e o particípio indeclinável. Para que diabo quereria ela uma gramatica

oficial? Depois, estabelece a fileira dos escritores clássicos, e manda ler as Cartas de Mariana de “Alcofarrada”. Infausta freira! um francês atormentou-lhe o coração: e uma irlandesa martirizou-lhe o apelido. “Alcofarrada”! Credo!

Disseram-lhe que Afonso Henriques teve um aio, Egas Moniz, o da lenda heroica, que era poeta. Teve ignorantísimos informadores que confundiram o aio Egas Moniz com o trovador Egas Moniz Coelho, fabuloso autor das conhecidas trovas.

Trata dos Autos, mistérios cristãos posteriores às “judarias” — uma perfeita judiaria d'esta literata; — e conclui que as melhores peças do teatro moderno português são a “Nova Castros” de João B. Gomes, e a “Osmia” da condessa de Vimieiro. Convém saber que o Gomes e a condessa estão enterrados há bons 70 anos. Tem este modernismo.

Em seguida, põe à frente do progresso dramático José Freire de Serpa, Alexandre Herculano, e mais o Sr. Enes. Estão bem postos todos os três.

Entre os oradores especifica o conde de “Thomaz”; e, como Manoel Passos dava eloquência a dois, fez dele dois oradores — um orador “Silva”, e outro orador “Passos”. Diz que Rodrigues Sampaio é o primacial do jornalismo literário; não chega a atribuir-lhe algum solão. Quanto a Almeida Garrett, escreve que era um católico cheio de fé e sem filosofia, e por isso não fez escola nem discípulos. Ideias parvoinhas do Sr. Teófilo Braga.

Conta que Alexandre Herculano viera em 1836 da emigração que lhe inspirara a Harpa do Crente. Que Alexandre Herculano, antes de emigrar, estivera ao serviço de D. Miguel — ”qu'il avait servi d'abord”. E, no restante, as ideias do Sr. Ramalho expendidas nas Farpas, mas um pouco deturpadas. Aquele grande homem, Herculano, segundo conta a Sra. Rattazzi, visitou-a e levou-lhe os seus livros. Diz ela que foi a ultima visita que fez o eminente escritor. Se isto é verdade, foi a ultima e talvez a primeira asneira da sua vida.

No seu grande juízo, A. Herculano devia acha-la ridícula. Uma inglesa ridícula equivale a dois ingleses ridículos. Ora, A. Herculano tinha escrito: “Dous ingleses ridículos são incontestavelmente as duas coisas mais ridículas deste mundo”. Eu creio no contundente publicista Silva Pinto — um grande lapidário de frases causticas, tartarizadas. Diz ele que Alexandre Herculano não a visitou. Ele era mais austero e sensato que o padre Laménais e o astrónomo Babinet, do “Instituto”, que no poente da vida e na aurora da tolice lhe escreviam versos e prosas de pieguice senil. O velho astrónomo explicava-se assim, paternalmente, há dezoito anos:

“Sans cesse vous brilez de charmes imprévus;

Près de vous on ne peut jamais manquer de verve;

Car vous avez les attraits de Vénus

Avec les talents de Minerve ”!

Os atrativos de Vénus. Bom proveito. E, depois, esta senhora zomba dos portugueses velhos que “se babam d'amor!” Pudera não! Quando nos aparecem belezas mitológicas, a Vénus com a sobrecarga de Minerva, a gente baba-se irrepreensivelmente.

Contra Castilho, faz-se eco das inépcias do Sr. Teófilo Braga: — que ele conhecia imperfeitamente as línguas de que “traduisait, traduisait, traduisait”. Castilho aos vinte anos fazia versos latinos como Virgílio e franceses como Lamartine. Acusa-o de inimigo acerbo do romantismo. Castilho escreveu a Noite do castelo e Ciúmes do Bardo na afinação ultra romântica da Dama do Lago de W. Scott e do caudilho das baladas românticas em França.

Tagarelando contra os clássicos, a boa da romântica diz que surgiram em Coimbra os dissidentes da velha escola. Os dissidentes eram Rebelo da Silva, Mendes Leal, Latino Coelho e Lopes de Mendonça. Sim, estes inovadores saíram de Coimbra com o estandarte da rebelião arvorado. Ora, Rebelo da Silva, como o reprovassem em latim, não voltou a Coimbra; Mendes Leal e Latino Coelho nunca frequentaram a universidade, e Lopes de Mendonça não sei se chegou a matricular-se em matemática. Deste infeliz lutador, submerso em trevas quando as espancava com vertiginosa anciã de luz, diz a ignorante que “ele consumira a maior parte da mocidade em dissipações”. O meu pobre

amigo, tu que aos quinze anos trocavas por pão escasso os teus primeiros labores, não merecias ser apontado como vitima da tuas dissipações.

Contra Mendes Leal, a casquilha poetisa em anos de prosa ejacula injuriosas calunias de plágios, e acusa entre os livros deste escritor verdadeiramente polígrafo o Calabar, um romance em que Mendes Leal declara que parte do seu livro é imitação. O autor da Herança do Chanceler, ao meu ver, nas suas ocupações diplomáticas em Paris, não tem tido vagar para atender ás princesas vadias.

De Rebelo da Silva conhece “Ódio”, “Velho vraô cauca”, e a «Última corrida de touros “reis em Salvaterra”». É um bom título para uma simulcadência muito forte, peninsular, talvez vestígio árabe. A Sra. Rattazzi, que assim escreve a língua portuguesa, propõe-se traduzir a Historia da Inquisição de Herculano. Em inquisição de torturas vai ela pôr a pobre língua, que ainda assim possui uma palavra enérgica para interpretes deste quilate. Byron, encantado com a sonoridade do termo, transmitiu-o como mimo filológico ao seu amigo Hodgson. Ela que o fareje. Está na carta 37^a da coleção de Thomaz Moore — bom documento etnológico que esqueceu ao Sr. Alberto Teles no seu interessantíssimo livro Lord Byron em Portugal.

As insolências que desembesta à cabeleira de Bulhão Pato como se explicam? Ela, prefaciando um drama que piorou com o seu francês, disse que Alexandre Herculano escrevera um opusculo contra o imperador do Brasil, e

que o imperador, sem embargo da ofensa, vindo a Portugal, visitara Herculano. A Sra. Rattazzi, muito admirada, perguntou, em Paris, ao imperador que lhe contara o caso da ofensa e da visita: «Visitou Herculano, Sire?» E D. Pedro II respondeu com um sorriso fino: «Sim, de certo, visitei-o. Deveria eu castigar-me a mim por comprazer com o meu despeito?»

Leu isto Bulhão Pato, e saiu honrada e severamente contra a calúnia; e vai ela agora, no livro Portugal “a vôo de pássara”, explica o prefacio da comedia dizendo que se enganou — porque lia muita coisa — atribuindo as Farpas a Herculano; e acrescenta que o imperador não lhe emendara o “blunder”, o equivoco desgraçado, ouvindo-a sem lhe corrigir o erro. Mas a Sra. Rattazzi, no tal prefacio sarapantão, diz que o próprio D. Pedro II lhe contara que ele, ofendido, visitara o ofensor: “Don Pedro me l'aprit lui même à l'hôtel d'Aquila”. Uma trapalhona!

Bulhão Pato emendou a parvolêza da Sra. Rattazzi; e ela, em vez de se agachar contrita na humildade das tolas conscienciosas, ergue-se nos tacões “benoiton”, e faz chalaças de “estaminet” entre dois “petits-verres de anisette”.

Dos meus fúteis romances também chalacêa e não anda mal; — que todos os meus livros se adivinham do terceiro em diante: um brasileiro, um namorado sentimental, e uma menina em convento. Cita quatro novelas, e por

casualidade nenhuma d'elas tem “brasileiro”; porém, quanto a namorados, são tantos que nem a senhora princesa é capaz de ter tido mais.

No mérito de “Júlio Diniz” faz os descontos que o Sr. Ramalho lhe incutiu. Conhece os “Fidalgos de casa mourisca”, e a “Morgadinha dos Canaviais”. Tenciona falar de Soares de “Posses”, poeta portuense, cuja elegia do “sepulcro”, diz ela, se canta nas ruas. Exalta o Sr. T. Braga que escreveu a “Visão das tempes”, e “As tempos tades sanoras”, a «Historia do “direito” português», e os «“Traços” gerais da filosofia “positiva”». Não se sabe se quer dizer “Traços” ou “Trancos”; talvez seja “Tratos”, ou mais provavelmente “Trapos”, se não for coisa pior. Seja o que for, pertence à filosofia “positiva”.

Conta que ele foi tipografo em Coimbra “para pagar os estudos”. Não havia de gastar muito se pagou o que sabe. Diz que o Sr. Braga é «filosofo, matemático, astrónomo, físico, químico, biologista e antropologista» — o que se demonstra nos “Traços” acima.

Consta-me que o Sr. Chardron consente que este opusculo seja trasladado a francês e espanhol. Suspeita-se que a Alemanha e o Reino-Unido pensam em o traduzir com uma grande sede de ideias. Pois, se isto assim é, como não pode deixar de ser, bom será que lá fora se leia em linguagem conhecida uma opinião ingénua a respeito do “escritor moderno mais consciencioso de Portugal”, como a princesa, baseada em antropologia e assás biológica,

qualificou o Sr. Teófilo. De si próprio dizia ele com paspalhona filáucia no Ath[ae]neum de Londres, “Revista do ano de 1878”:

«Atualmente a filosofia positiva conta muitos admiradores em Portugal, e os novos espíritos disciplinados por ela vão conhecendo com grande clareza de que trabalhos este povo precisa para progredir.

N'este espirito acabam de sair à luz os dois primeiros fascículos d'uma Historia Universal, que a imprensa portuguesa tem considerado como “uma renovação dos estudos históricos em Portugal”; a noção positiva da historia e o esboço da historia dos egípcios estão a par dos (muito “pardos”) modernos trabalhos da arqueologia pré-histórica e egiptológica».

É o que pensa de si o egiptológico Sr. Teófilo. Já lhe não basta o elogio mutuo. O oraculo, quando os catecúmenos de cá o não incensam, trata ele de salvar na Inglaterra a reputação da critica portuguesa, escrevendo que a imprensa lhe considera as farfalharias uma “renovação dos estudos históricos em Portugal”. Ridículo até à compaixão!

Os livros do Sr. Teófilo são uma balburdia, retraços de ciência apanhados a dente, mal mascarados, um cérebro atrapalhado como armazém de adeleiro, golfos do bolo não esmoído, coisas apocalípticas, muito desatadas, em prosa deslavada, derreada, enxarciada de galicismos, caótica, apontoado enxacoco de retalhinhos apanhados à toa n'uma canastra de apontamentos baralhados e atirados para o prélo. Toda a farragem do Sr. Braga é isto, creiam-me os

Pisões e a Sra. Rattazzi. A cabeça toa-lhe a vazio, em competência com a da sua admiradora. Todo ele é uma bexiga de gazes maus; quando a apertam, faz-se mister, como para o “portugaison”, apertar o citado apêndice.

Diz que o Sr. Luciano Cordeiro é um dramaturgo original: parece que a originalidade do Sr. Luciano Cordeiro está em não ter escrito drama algum.

Reflexionando conspicuamente sobre a nossa deplorável instrução publica, sai-lhe de molde contar que nós, os portugueses, a um brasileiro que passa chamamos “macaca”. Que o brasileiro vai passando, e nós dizemos: “É uma macaca”.

Não é tanto assim; não se lhe desfigura o sexo. Se a princesa, ao passar, ouviu dizer: “é uma macaca”, isso não era com o brasileiro.

E a propósito de “macaco”:

Tendo esta dama escrito lisonjeiras coisas da gentileza e bonito feitio dos homens portugueses, excetuou caprichosamente um criado do Hotel Mondego, o “José Macaque”. Diz que ele tem uma “fealdade socrática”. Eu não afirmo que José Macaco seja um galan com o perfil de Bathylo de Samos nem os três quartos do Cupido de Corregio. Anacreonte de certo lhe não tocaria as louras madeixas de pâmpanos e rosas de Teos, nem me persuado que Sodoma ardesse por causa dele ou de mim. Assim mesmo, sem algum motivo estranho à plástica, a princesa Maria Letícia, indisposta com José Macaco, não lhe perpetuaria no seu livro como num bronze de Esopo, a

fealdade. Devia de haver uma causal estética para injúria tão desproporcionada com as culpas arguidas a José Macaco. A sua alteza não o baldeava à zombaria dos seculos porvindouros pelo delicto de lhe não servir “mayonnaise de lagosta à la gele”, nem “mexilhões à provençal”. Indaguei, por intermédio d'um meu amigo em Coimbra, quais as causas ingentes dos ódios assanhados pela Discórdia ignívoma, como diria Homero, entre Macaco e Princesa. Tentaria ele como o hediondo Tersites da *Iliada* arrancar com suspiros absorventes os olhos meigos da nova Pantasilea? Trato de averiguar. Se a resposta não vier a tempo, dar-se-á em apêndice suplementar.

Trata com amarável equidade o Sr. G. “Junqueiro”. Acha-lhe belas coisas no seu “don Joan”, e que realça no estilo menineiro, “enfantin”. O Sr. Junqueiro, se bacorejasse este obsequio, não metia na sua Viagem à roda da Parvónia uma “Princesa Ratazana”, «em toilette mirabolante, cheia de pedrarias e plumas». A princesa Ratazana da farsa dá um jantar a líricos e satânicos, e canta:

“É um país singular

A pátria dos malmequeres!

Pôde-se dar um jantar

Ficando os mesmos talheres”.

Mas os convivas, a quatro libras por cabeça, — o Sr. Guerra, “grátis” — põem-se nas flautas, e ela abisma-se no buraco do ponto. A troça está impressa. Guerra Junqueiro vingou A. A. Teixeira de Vasconcelos.

Este escritor, prodigo de gabos e cortesias aos seus colegas, houve-se cavalheirescamente com a princesa. Fez folhetim heráldico da sua raça corsa, do espirito e dos livros que eu apenas conhecia de lh'os ver citados no *Dictionaire de l'argot parisien*, por Lorédan Larchey, Paris, 1872. Ela é autoridade em gíria. António Augusto achava-lhe talento, e ia jantar com ela. O escritor morreu; e a Sra. Rattazzi celebra desta arte a memoria do seu panegirista e hospede:

«“António-Augusto Texeiro de Vasconcelos”. O Casa nova português. Seria de mais chamar-lhe celebre, mas notável por muitas distinções, sim. A primeira pelos grossos escândalos que datam já de Coimbra, onde estudava; depois por grandes farsolices de que uns riam, e outros choravam. Por algumas foi asperamente castigado. O que ele podia melhor escrever eram as suas memorias; com certeza, tinha com que alvoroçar a curiosidade publica. Pensaria n'isso? É provável que sim, mas faltou-lhe o tempo. Como quer que fosse, essas memorias só poderiam publicar-se depois dele morto; se as publicasse em vida, correria o perigo do espatifarem». É uma princesa a escrever d'um homem falecido que a inculcara literata distinta no “Jornal da

Noite”, mentindo à gente por um excesso de cavalheirismo fidalgo que o desculpa, e mais relevante faz ressaltar a ingratidão da leitora do “Casa nova”.

Cruza e indignidade que não desafinam das tradições corsas da sua família; mas que será difícil encontrarem-se num a senhora de “la haute vie”, uma irlandesa para além do mais, uma Wyse, fina flor fanada da “Gentry”.

A Sra. Maria Letícia esteve no Porto, onde «viu o “lindo riacho, Rio de Viela” que atravessa diversas ruas»; conversou com a Sra. “Alveolos”, inglesa gorda que, por sinal, a não percebeu. Conta-nos — digno Plutarco — a biografia da estalajadeira do “Francfort”, e viu a confraria dos “Pénitents rouges a descer da colina para o rio, e parar com tochas acesas à porta d'uma casa mourisca com vidraças coloridas, e paredes esmaltadas de adobes azuis”. Que diabo de visão! O Hofman não veria isto no Porto sem beber muito de 1815. Os “penitentes vermelhos”!

Também esteve em “Cedeifata” e no palácio de cristal, acompanhada “par le savant docteur Ricardo Costa”. É admirável como ela, n'um lance d'olhos, apanhou as linhas intelectuais e científicas do senhor doutor Ricardo Costa! Quantas pessoas andam dúzias de anos à volta d'um sábio sem o penetrar!

Na carta XXIII, esta mirífica epistolografia mete a riso a nossa pronuncia nacional, os sons nasais, as desinências em “oês” e em “aô”, que nos ficaram da língua “galoga”, e se pronunciam “ouenche”, “anhon” «com um acento «violento de nariz que só bem pode imitar-se pegando n'este apêndice com a

mão toda para bem proferir o “portugaison”». Sim, ele é preciso pegar no apêndice para bem pronunciar o “portugaison”.

Vence-me o tédio; mas não me punge o remorso de ter lido 415 páginas. Tenho, porém, vergonha de que um ou outro português, desnacionalizado por despeitos pessoais e políticos, se compraza de ver os seus conterrâneos enxovalhados pela Sra. Rattazzi, cuja maledicência é notoriamente europeia. O seu renome de desbragada sem-cerimónia ganhou-o em Itália e Paris a ponto de lhe imputarem as brochuras crapulosas do infame bandido Vésinier, um corcunda petroleiro que espingardearam em 71. Ele publicara na Bélgica o *Mariage d'une espagnole* com as iniciais “M. de S.”, em que muitos decifraram “Marie de Solms”. Outros davam quinhão na torpeza a “Sch[oe]lcher”. Era uma calúnia que a não pungiu grandemente; um dia, porém, o despejado amanuense de E. Sue fez confissão pública e vaidosa de ter vendido esses farrapos de baixo alcouce aos editores belgas.

A senhora princesa, se em vez de “pufs” usasse calças e voltasse a Portugal, de certo acharia quem lhe desse umas. Tem por si o arnês da fragilidade, posto que as senhoras um pouco durázias, e por isso menos quebradiças, devem ater-se menos à irresponsabilidade das qualidades vidrentas. Em todo o caso, a gente admira-se, porque esta espécie de extravagância não é vulgar, e só pode perdoar-se ao talento que a Sra. Rattazzi não professa. Tenha paciência. É uma patarata, “a ragged woman”, com uns quindins de “mauvais aloi”, trescalando a “boudoir-Lenclos”, com umas guinadas de “verve”, barrufadas

de “champagne frapé”. De resto, é uma princesa que nos faz lembrar, quanto aos seus diplomas principescos, a rainha Jacintha de negra memória, e quanto aos seus morgadios realengos não nos parece mais donataria que a ilustre senhora da ilha das Galinhas. Em conclusão: o seu livro não é cano de escorrências muito nauseabundas, nem é canal de notícias uteis, tirante a dos hotéis infamados de percevejos; não é pois cano, nem canal; mas é canudo, porque custa sete tostões; e — vá de calão — como troça e bexiga, é caro.

FIM

COISAS QUE SÓ EU SEI

Na última noite do Carnaval, que foi justamente aos 8 dias do mês de Fevereiro, do corrente ano, pelas 9 horas e meia da noite entrava no Teatro de S. João, desta heroica e muito nobre e sempre leal cidade, um dominó de cetim.

Dera ele os dois primeiros passos no pavimento da plateia, quando um outro dominó de veludo preto veio colocar-se-lhe frente a frente, numa contemplação imóvel.

O primeiro demorou-se um pouco a medir as alturas do seu admirador, e virou-lhe as costas com indiferença natural.

O segundo, momentos depois, aparecia ao lado do primeiro, com a mesma atenção, com a mesma penetração de vista.

Desta vez o dominó-cetim aventurou uma pergunta naquele desgracioso falsete, que todos nós conhecemos:

« Não quer mais do que isso? »

« Do qu'isso!... » — respondeu uma máscara que passava por casualidade, esganiçando-se numa risada que raspava o tímpano. — « Olha do qu'isso!... Já vejo que és pulha!... »

E retirou-se repetindo — « Do qu'isso... do qu'isso... ».

Ma o dominó-cetim não sofreu, ao que parecia, a menor contrariedade com esta charivari. E o dominó-veludo nem sequer acompanhou com os olhos o imprudente que viera embarçar-lhe uma resposta digna da pergunta, fosse ela qual fosse.

O cetim (fique assim conhecido para evitarmos palavras e tempo, que é um preciosíssimo cabedal), o cetim, desta vez, encarou com mais alguma reflexão o veludo. Conjeturou suposições fugitivas, que se destruíam mutuamente. O veludo era forçosamente uma mulher. A pequenez do corpo, cuja flexibilidade o dominó não encobria; a delicadeza da mão, que protestava contra o ardil mentiroso de uma luva larga; a ponta de verniz, que um descuido, no lançar do pé, denunciara debaixo da fímbria do veludo, este complexo de atributos, quase nunca reunidos num homem, captaram as sérias atenções do outro, que, incontestavelmente, era um homem.

« Quem quer que sejas » — disse o cetim — « não te gabo o gosto! Tomara eu saber o que vês em mim, que tanta impressão te faz! »

« Nada » — respondeu o veludo.

« Então, deixa — me, ou diz-me alguma coisa ainda que seja uma sensaboria, mais eloquente que o teu silêncio. »

« Não te quero embrutecer. Sei que tens muito espírito, e seria um crime de lesa-Carnaval se te dissesse alguma dessas graças salobras, capazes de fazer calar para todo o sempre um Demóstenes de dominó.

O cetim mudou de opinião a respeito do seu perseguidor. E não admira que o recebesse com rudeza no princípio, porque, em Portugal, um dominó em corpo de mulher, que passeia « sozinha » num teatro, permite umas suspeitas que não abonam as virtudes do dominó, nem lisonjeiam a vaidade de quem lhe recebe o conhecimento. Mas a mulher em quem recai semelhante hipótese não conhece Demóstenes, nem diz lesa-Carnaval, nem aguça a frase com o adjetivo salobras.

O cetim arrependeu-se da aspereza com que recebera os atenciosos olhares daquela incógnita, que começava a fazer-se valer como tudo aquilo que apenas se conhece por uma face boa. O cetim juraria, pelo menos, que aquela mulher não era estúpida. E, seja dito sem tenção ofensiva, já não era insignificante a descoberta, porque é mais fácil descobrir um mundo novo que uma mulher ilustrada. É mais fácil ser Cristóvão Colombo que Emílio Girardin.

O cetim, ouvindo a resposta do veludo, ofereceu-lhe o braço, e gostou da boa vontade com que lhe foi recebido.

« Conheço » — diz ele — « que o teu contacto me espiritualiza, belo dominó... »

« Belo, me chamas tu!... É realmente uma leviandade que te não faz honra!... Se eu levantasse esta sanefa de seda, que me faz bonita, ficavas como aquele poeta espanhol que soltou uma exclamação de terror na presença de um nariz... que nariz não seria, santo Deus!... Não sabes essa história? »

«Não, meu anjo! »

« Meu anjo!... Que graça! Pois eu ta conto. Como o poeta se chama não sei, nem importa. Imagina tu que és um poeta, fantástico como Lamartine, vulcânico como Byron, sonhador como MacPherson e voluptuoso como Voltaire aos 60 anos. Imagina que o tédio desta vida chilra que se vive no Porto te obrigou a deixar no teu quarto a pitonissa descabelada das tuas inspirações, e vieste por aqui dentro a procurar um passatempo nestes passatempos alvares de um baile de Carnaval. Imagina que encontravas uma mulher extraordinária de espírito, um anjo de eloquência, um demónio de epigrama, enfim, uma destas criações miraculosas que fazem rebentar uma chama improvisa no coração mais de gelo, e de lama, e de toucinho sem nervo. Ris? Achas nova a expressão, não é assim? Um coração de toucinho parece-te uma ofensa ao bom senso anatómico, não é verdade? Pois, meu caro dominó, há corações de toucinho estreme. São os corações, que resumam óleo em certas caras estúpidas... Por exemplo... Olha este homem redondo, que aqui está, com as pálpebras em quatro refegos, com os olhos vermelhos como os de um coelho morto, com o queixo inferior pendente, e o lábio escarlata e vidrado como o bordo de uma pingadeira, orvalhada de banha de

porco... Esta cara não te parece um grande rijoão? Não crês que este baboso tenha um coração de toucinho? »

« Creio, creio; mas fala mais baixo que o desgraçado está gemer debaixo do teu escalpelo... »

« És tolo, meu cavalheiro! Ele entende me lá!. É verdade, aí vai a história do espanhol, que tenho que fazer... »

« Então queres deixar-me? »

« E tu?. Queres que eu te deixe? »

« Palavra de honra que não! Se me deixas, retiro-me... »

« És muito amável, meu querido Carlos... »

« Conheces-me?! »

« Essa pergunta é ociosa. Não és tu Carlos! »

« Já falaste comigo na tua voz natural? »

« Não; mas começo a falar agora. »

E com efeito falou. Carlos ouviu um som de voz sonora, metálica e insinuante. Cada palavra daqueles lábios misteriosos saía vibrante e afinada como a nota de uma tecla. Tinha aquele não-sei-quê que só escuta nas salas onde falam mulheres distintas, mulheres que obrigam a gente a prestar fé aos privilégios, às prerrogativas, aos dons muito peculiares da aristocracia do

sangue. Todavia, Carlos não se recordava de ter ouvido semelhante voz, nem semelhante linguagem.

« Uma aventura de romance! » dizia ele lá consigo, enquanto o dominó-veludo, conjeturando o enleio em que pusera o seu entusiasta companheiro, continuava a fazer gala do mistério, que é de todas as alfaias aquela que mais alinda a mulher! Se elas pudessem andar sempre de dominó! Quantas mediocridades em inteligência rivalizariam com Jorge Sand! Quantas fisionomias infelizes viveriam com a fama da mulher de Abal el-Kader!

« Então quem sou eu? » — prosseguiu ela. — « Não me dirás?... Não dizes... Pois então, tu és Carlos, e eu sou Carlota... Fiquemos nisto, sim? »

« Enquanto eu não souber o teu nome, deixa-me chamar-te de « anjo ». »

« Como quiseres; mas sinto dizer-te que não és nada original! Anjo!. É um apelido tão safado como Ferreira, Silva, Souza, Costa... et cetera. Não vale a pena questionarmos: batiza-me à tua vontade. Ficarei sendo o teu « anjo de Entrudo ». E a história?... Imagina que te possuías de um amor impetuoso por essa mulher, que fantasiaste linda, e insensivelmente lhe curvaste o joelho, pedindo-lhe uma esperança, um sorriso afetuoso através da máscara, um aperto convulsivo de mão, uma promessa, ao menos, de se mostrar um, dois, três anos depois. E essa mulher, cada vez mais sublime, cada vez mais literata, cada vez mais radiosa, protesta eloquentemente contra as tuas instâncias, declarando-se muito feia, indecentíssima de nariz, horrível até, e, como tal,

pesa-lhe na consciência matar as tuas cândidas ilusões, levantando a máscara. Tu que a não crês, instas, suplicas, abrasas-te num ideal que toca as extremas do ridículo, e estás capaz de lhe dizer que te abolas o crânio com um tiro de pistola, se ela não levanta a cortina daquele mistério que te dilacera uma por uma as fibras do coração. Chamas-lhe Beatriz, Laura, Fornarina, Natércia, e ela diz-te que se chama Custódia, ou Genoveva para te aguar a poesia desses nomes, que, na minha humilde opinião, são completamente fabulosos. O dominó quer fugir-te arditamente, e tu não lhe deixas um passo livre, nem um dito espirituoso a outro, nem um lançar de olhos para as máscaras, que a fixam como quem sabe que está ali uma rainha, envolta naquele manto negro. Por fim, a tua perseguição é tal que a desconhecida Desdémona finge assustar-se, e sai contigo ao salão do teatro para levantar a máscara. Arfa-te o coração na ansiedade de uma esperança: sentes o júbilo do cego de nascimento, que vai ver o sol; estremeces como a criança a quem vão dar um bonito, que ela não viu ainda, mas imagina ser quanto o seu coração infantil ambiciona neste mundo... Ergue-se a máscara!... Horror!... Vês um nariz... Um nariz-pleonasma, um nariz homérico, um nariz maio que o do duque de Choiseul, onde cabiam três jesuítas a cavalo!. Recuas!. Sentes despregar-se-te o coração das entranhas, coras de vergonha e foges desabridamente... »

« Tudo isso é muito natural. »

« pois não há nada mais artificial, meu caro senhor. Eu lhe conto o resto, que é o mais interessante para o mancebo que faz do nariz de uma mulher o

termómetro de avaliar-lhe a temperatura do coração. Imagina, meu jovem Carlos, que saíste do teatro depois, e entraste na Águia de Ouro a comer ostras, segundo o costume dos elegantes do Porto. E quando pensavas, ainda aterrado, na aventura do nariz, te aparecia o fatídico dominó, e se assentava ao teu lado, silencioso e imóvel, como a larva das tuas asneiras, cuja memória procuravas delir na imaginação com os vapores do vinho... Perturba-se-te a digestão, e sentes contrações no estômago, que te ameaçam com o vômito. A massa enorme daquele nariz figura-se-te no prato em que tens a ostra, e já não podes levar à boca um bocado do teu apetitoso manjar sem um fragmento daquele fatal nariz à mistura. Queres transigir com o silêncio do dominó; mas não podes. A inexorável mulher aproxima-se de ti, e tu, com um sorriso cruelmente sarcástico, pedes-lhe que te não entorne com o nariz o copo de vinho. Achas isto natural, Carlos?”

“Há aí crueldade de mais... O poeta devia ser mais generoso com a desgraça, porque a missão do poeta é a indulgência não só para as grandes afrontas, mas até para os grandes narizes.”

“Será; mais o poeta, que transgrediu a sublime missão de generosidade para com as mulheres feias, vai ser punido. Imagina que aquela mulher, pungida pelo sarcasmo, levanta a máscara. O poeta ergue-se, e vai fugir com grande escândalo do dono da casa, que naturalmente tem a sorte do boticário de Nicolau Tolentino. Mas... Vingança do céu!... aquela mulher ao levantar a máscara arranca do rosto um nariz postiço, e deixa ver a mais famosa cara que

o céu iluminar há seis mil anos! O espanhol que ajoelhar àquela dulcíssima visão de um sonho, mas a nobre andaluza repele-o com um gesto, onde o desprezo está associado à dignidade mais senhoril.

Carlos cismava na aplicação da anedota, quando o dominó disse-lhe, adivinhando-lhe o pensamento:

“Não creias que eu seja mulher de nariz de cera, nem me suponhas capaz de assombrar-te com a minha fealdade. A minha modéstia não vai tão longe... Mas, meu pacientíssimo amigo, há em mim um defeito pior que um nariz enorme: não é físico nem moral; é um defeito repulsivo e repelente: é uma coisa que eu não sei exprimir-te com a linguagem do inferno, que é a única e mais eloquente que eu sei falar, quando me lembro que sou assim defeituosa!”

“És uma enigma!...” — atalhou Carlos, embaraçado, e convencido de que encontrara um tipo maior que os moldes tacanhos da vida romanesca em Portugal.

“Sou, sou!” — acudiu ela com rapidez — “sou aos meus próprios olhos um dominó, um continuado carnaval de lágrimas... Está bom! Não quero tristezas... Se me tocas na tecla do sentimentalismo, deixo-te. Eu não vim aqui fazer papel de dama dolorida. Soube que estavas aqui, procurei-te, esperei-te mesmo com ansiedade, porque sei que és espirituoso, e podias, sem prejuízo da tua dignidade, ajudar-me a passar algumas horas de ilusão. Fora daqui, tu

ficas sendo Carlos, e eu serei sempre uma incógnita muito grata ao seu companheiro. Agora acompanha-me: vamos ao camarote 10 da segunda ordem. Conheces aquela família?”

“Não.”

“É uma gente da província. Não digas tu nada; deixa-me falar a mim, e verás que não passas mal... É muito orgulho, não achas?”

“Não acho, não, minha querida; mas eu antes queria não desperdiçar estas horas porque fogem. Tu vais falar, mas não é comigo. Sabes que tenho ciúmes de ti?”

“Sei que tens ciúmes de mim... Sabes tu que eu tenho um profundo conhecimento do coração humano? Já vês que não sou a mulher que imaginas, ou quererias que eu fosse. Não comeces a desvanecer-te com uma conquista esperançosa. Faz calar o teu amor-próprio, e emprega a tua vaidade em bloquear com ternuras calculadas uma inocente a quem possas fazer feliz, enquanto a enganas...”

“Julgas, portanto, que te minto!...”

“Não julgo, não. Se mentes a alguém é a ti próprio: bem vês que não te creio.. Tempo perdido! Anda, vem comigo, senão...”

“Senão.. O quê?”

“Senão... Olha.”

E a melindrosa desconhecida largou-lhe o braço com delicadeza, e retirara-se, apertando-lhe a mão.

Carlos, sinceramente comovido, apertou aquela mão, com o frenesi apaixonado de um homem que quer sustar a fuga da mulher por quem se mataria.

“Não,” — exclamou ele com entusiasmo — “não me fujas, porque me levas a esperança mais bela que o meu coração concebeu. Deixa-me adorar-te, sem te conhecer!... Não levantes nunca esse véu... Mais deixa-me ver a face da tua alma, que deve ser a realidade de um sonho de vinte e sete anos...”

“Estás dramático, meu poeta! Eu sinto realmente a minha pobreza de palavras garrafais... Queria ser uma vestal de estilo fervente para sustentar o fogo sagrado do diálogo... O monólogo dever cansar-te, e a tragédia desde Sófocles até nós não pode dispensar uma segunda pessoa...”

“És um prodígio...”

“De literatura grega, não é verdade? ainda sei muitas outras coisas da Grécia. A Lais também era muito versada, e repetia as rapsódias gregas com um garbo sublime; mas a Lais era... Sabes tu o que ela era?... E serei eu o mesmo? Já vêes que a literatura não é sintoma de virtudes dignas da tua afeição...”

Tinham chegado ao camarote na segunda ordem. O dominó-veludo bateu, e a porta foi, como devia ser, aberta.

A família que ocupava o camarote compunha-se de muitas pessoas, sem tipo, vulgaríssimas, e prosaicas de mais para captarem a atenção de um leitor avesso a trivialidades. Todavia, estava aí uma mulher que valia um mundo, ou coisa mais que o mundo — o coração de um poeta.

As rosas purpurinas dos vinte anos tinham-lhe sido crestadas pelo hálito abrasado dos salões. A placidez extemporânea de uma vida agitada via-se-lhe no rosto protestando não contra os prazeres, mas contra a debilidade de um sexo que não pode acompanhar com a matéria as evoluções desenfreadas do espírito. Mas que olhos! Mas que vida! Que eletricidade no frenesi daquelas feições! Que projeção de uma sombra azulada lhe descia das pálpebras! Era uma mulher em cujo rosto transluzia a soberba, talvez demasiada, da sua superioridade.

O dominó-veludo estendeu-lhe a mão, e chamou-lhe Laura.

Seria Laura? É certo que ela estremeceu, e recuou a mão repentinamente como se uma víbora lha tivesse mordido.

Aquela palavra simbolizava um mistério dilacerante: era a senha de uma grande luta em que a pobre senhora devia sair escorrendo sangue.

“Laura, ” — repetiu o dominó — “não me apertas a mão? Deixa-me ao menos sentar-me perto... Muito perto de ti... Sim?”

O homem que mais próximo estava de Laura afastou-se urbanamente para deixa aproximar uma máscara, que denunciara o sexo pela voz, e a distinção pela mão.

E Carlos nunca mas despregou os olhos daquela mulher, que revelava a cada instante um pensamento na variadas fisionomias com que queria disfarçar a sua angústia íntima.

A desconhecida fez sinal a Carlos para que se aproximasse. Carlos, enleado nos embaraços naturais daquela situação toda para ele enigmática, recusava cumprir as imperiosas determinações de uma mulher que parecia calcar todos os melindres. Os quatro ou cinco homens, que pareciam familiares de Laura, não deram muita importância aos dominós. Conjeturaram, primeiro, e quando supuseram que tinham conhecido as visitas, deixaram em plena liberdade as duas mulheres, que se falavam de perto como duas amigas íntimas. O cavalheiro passou por um tal Eduardo, e a desconhecida tiveram-na por uma D. Antónia.

Laura humedecia os lábios com a língua. As surpresas pungentes produzem uma febre, e aquecem o mais belo calculado sangue-frio. A incógnita, profundamente conhecedora da situação da sua vítima, falou ao ouvido de Carlos:

“Estuda-me aquela fisionomia. Eu não estou em circunstâncias de ser Max... Sofro demasiado para contar as pulsações deste coração. Se te sentires

condoído desta mulher, tem compaixão de mim, que sou mais desgraçada que ela.”

E voltando-se para Laura:

“Procuro, há quatro anos, uma ocasião de prestar homenagem à tua conquista. Deus, que é Deus, não despreza os incensos do verme da terra, nem esconde à vista dos homens a sua cara majestosa num manto de estrelas. Tu, Laura, que és mulher, embora os homens te chamem anjo, não desprezarás vaidosa a homenagem de uma pobre criatura, que vem depor aos teus pés o óbolo sincero da sua adoração.”

Laura não levantava os olhos do leque; mas a mão, que o sustinha, tremia; e os olhos, que o contemplavam, pareciam absortos num quadro aflitivo.

E o dominó continuou:

“Foste muito feliz, minha cara amiga! Eras digna do ser. Colheste o fruto abençoado da abençoada semente que o Senhor fecundou no teu coração de pomba!. Olha, Laura, debes dar muitas graças à Providência, que velou os teus passos no caminho do crime. Quando devias resvalar no abismo da prostituição, subiste, radiante de virtudes, ao trono das virgens. O teu anjo da guarda foi-te leal! És uma exceção a milhares de desgraçadas, que nasceram em estofos de damasco, cresceram em perfumes de opulência. E, quanto mais, minha ditosa Laura, tu nasceste nas palhas da miséria, cresceste nos andrajos da indigência, ainda viste com os olhos da razão a desgraça sentada à cabeceira

do teu leito... e, contudo, eis-te aí rica, honrada, formosa, e soberba de encantos, com que podes insultar toda essa turba de mulheres, que te admiram!. Há tanta mulher infeliz!. Queres saber a história de uma?.”

Laura, contorcendo-se como se fosse de espinhos a cadeira em que estava, não tinha ainda balbuciado um monossílabo; mas a urgente pergunta, duas vezes repetida, do dominó, obrigou-a a responder afirmativamente com um gesto.

“Pois bem, Laura, conversemos amigavelmente.”

Um dos indivíduos, que estava presente, e ouvira pronunciar Laura, perguntou à mulher que assim era chamada:

“Elisa, ela chama-te Laura?”

“Não, meu pai...” — respondeu Elisa, titubeando.

“Chamo Laura, chamo... e que tem lá isso, Sr. Visconde?” — atalhou a incógnita, com afabilidade, erguendo o falsete para ser bem ouvida. — “É um nome de Carnaval, que passa com os dominós. Quarta- feira de cinza torna a filha de V. Exa. a chamar-se Elisa.”

O visconde sorriu-se, e o dominó continuou, abaixando a voz, e falando naturalmente:

“Henriqueta...”

Esta palavra foi um abalo que fez vibrar todas as fibras de Elisa. O rosto incendiou-se-lhe daquele encarnado do pudor ou da raiva. Esta sensação violenta não podia ser despercebida. O visconde, que parecia estranho à conversação íntima daquelas supostas amigas, não pôde ser à agitação febril da sua filha.

“Que tens, Elisa?!” — perguntou ele sobressaltado.

“Nada, meu pai... Foi um ligeiro incómodo... Estou quase boa...”

“Se queres respirar vamos ao salão, ou vamos para casa...”

“Antes para casa” — respondeu Elisa.

“Eu vou mandar buscar a sege” — disse o visconde; e retirou-se.

“Não vás, Elisa...” — disse o dominó, com uma voz imperiosa, semelhante a uma ameaça inexorável. — “Não vás... Porque, se vais, contarei a todo o mundo uma história que só tu hás-de-saber. Este outro dominó, que tu não conheces, é um cavalheiro: não temas a menor imprudência.”

“Não me martirizes!” — disse Elisa. — “Eu sou infeliz de mais, para ser flagelada com a tua vingança... Tu és Henriqueta, não és?”

“Que te importa a ti saber quem eu sou?!...”

“Importa muito... Sei que és desgraçada!... Não sabia que vivias no Porto; mas palpitou-me o coração que eras tu, apenas me chamaste Laura.”

O visconde entrou afadigado, dizendo que a sege não podia tardar, e convidando a filha para dar alguns passeios no salão do teatro. Elisa satisfez a carinhosa ansiedade do pai, dizendo que se sentia boa, e pedindo-lhe que se demorasse até mais tarde.

“Onde julgavas tu que eu existia? No cemitério, não é assim?” — perguntou Henriqueta.

“Não: sabia que vivias, e profetizava que devia encontrar-te... Que história me queres tu contar?... A tua? Essa já eu sei... Imagino-a... Tens sido muito infeliz... Olha, Henriqueta... Deixa-me dar-te esse tratamento afetuoso com que nos conhecemos, com que fomos tão amigas, alguns fugitivos dias, no tempo em que o destino nos marcava com o mesmo estigma de infortúnio...”

“O mesmo... Não!...” — atalhou Henriqueta.

“O mesmo, sim, o mesmo... E se me forças a contradizer-te, direi que invejo a tua sorte, seja ela qual for...”

Elisa chorava, e Henriqueta emudecera. Carlos estava impaciente pelo desfecho desta aventura, e desejava, ao mesmo tempo, reconciliar estas duas mulheres, e fazê-las amigas, sem saber a razão porque eram inimigas. A beleza impõe-se à compaixão. Elisa era bela, e Carlos era de uma sensibilidade

extremosa. A máscara poderia ser, mas a outra era um anjo de simpatia e formosura. O espírito gosta do mistério que esconde o belo; mas decide-se pela beleza real, sem mistério.

Henriqueta, depois de alguns minutos de silêncio, durante os quais não era possível avaliar-lhe o coração pela exterioridade da fisionomia, exclamou com ímpeto, como se despertasse de um sonho, daqueles íntimos sonhos de dor, em que a alma se reconcentra:

“Teu marido?”

“Está em Londres.”

“Há quanto tempo o não visite?”

“Há dois anos.”

“Abandonou-te?”

“Abandonou-me.”

“E tu?... Abandonaste-o?”

“Não concebo a pergunta...”

“Ainda o amas?”

“Ainda.”

“Com paixão?”

“Com delírio...”

“Escreves-lhe?”

“Não me responde... Despreza-me, e chama-me Laura.”

“Elisa!” — disse Henriqueta, com a voz trémula, e apertando-lhe a mão com entusiasmo nervoso — “Elisa! Perdoo-te... És bem mais desgraçada que eu, porque tens um homem que pôde chamar-te Laura, e eu não tenho senão um nome... Sou Henriqueta! Adeus.”

Carlos pasmou do desenlace cada vez mais embrulhado daquele prólogo de um romance. Henriqueta tomo-lhe o braço com precipitação, e saiu do camarote abaixando levemente a cabeça aos cavalheiros, que se davam tratos por adivinhar o segredo daquela conversa.

“Não pronuncies o meu nome em voz alta, Carlos. Sou Henriqueta; mas não me atraíções, se queres a minha amizade.”

“Como hei de eu atraíçoar-te, se não sei quem és? Podes chamar-te Júlia em vez de Henriqueta, que, nem por isso te fico conhecendo mais. Tudo mistérios! Tens-me, há mais de uma hora, num estado de tortura! Eu não sirvo para estas emboscadas... Diz-me quem é aquela mulher...”

“Não viste que é D. Elisa Pimentel, filha do visconde do Prado?”

“Não a conhecia...”

“Então que mais queres que eu te diga?”

“Muitas outras coisas, minha ingrata. Quero que me digas quantos nomes tem aquela Laura, que se chama Elisa. Fala-me do marido daquela mulher...”

“Eu te digo... O marido daquela mulher chama-se Vasco de Seabra.. Estás satisfeito?”

“Não... Quero saber que relações tens tu com esse Vasco ou com aquela Laura?”

“Não saberás mais nada, se fores impaciente. Imponho-te mesmo um profundo silêncio a respeito do que ouviste. A menor pergunta que me faças, deixo-te ralado por essa curiosidade indiscreta, que te faz parecer uma mulher de soalheiro. Eu contraí contigo a obrigação de te contar a minha vida?”

“Não; mas contraíste com a minha alma a obrigação de eu me interessar na tua vida e nos teus infortúnios desde este momento.”

“Obrigado, cavalheiro! — Juro-te uma sincera amizade. — Hás de ser o meu confidente.

Estava, outra vez, na plateia. Henriqueta aproximou-se ao quarto camarote da primeira ordem, firmou o pé de fada na frisa, segurou-se ao peitoril do camarote, e travou conversação com a família que o ocupava. Carlos acompanhou-a em todos esses movimentos, et preparou-se para um novo enigma.

Segundo o costume, as mãos de Henriqueta passaram por uma análise rigorosa. Não era possível, porém, fazê-la tirar a luva da mão esquerda.

“Dominó, porque não deixas ver este anel?” — perguntava uma senhora de olhos negros, e vestida de negro, como uma viúva rigorosamente enlutada.

“Que te importa o anel, minha querida Sofia!... Falemos de ti, aqui em segredo. Ainda vives melancólica, como a Dido da fábula? Fica-te bem essa cor de esquifes, mas não sustentas o carácter artístico com perfeição. A tua tristeza é fingida, não é verdade?”

“Não me ofendas, dominó, que eu não te mereço essa injúria... A desgraça nunca se finge...”

“Disseste uma verdade, que é a tua condenação. Eu, se tivesse sido abandonada por um amante, não vinha aqui dar-me em espetáculo a um baile de máscaras. A desgraça não se finge, é verdade; mas a saudade esconde-se para chorar, e a vergonha não se ostenta radiosa desse sorriso que te brinca nos lábios. Olha, minha amiga, há umas mulheres que nasceram para esta época, e para estes homens. Há outras que a Providência caprichosa atirou a esta geração corrompida como os imperadores romanos atiravam os cristãos ao anfiteatro dos leões. Felizmente que tu não és das segundas, e sabes harmonizar com o teu génio folgazão e desleixado uma hipocrisia que te vai bem num sofá de penas, onde tu recostas com um perfeito conhecimento das atitudes lânguidas das mulheres cansadas do Balzac. Eu, se fosse homem,

amava-te por desfastio!... És a única mulher para quem este país é pequeno. Devias conhecer o Regente, e Richelieu, e os abades de Versalhes, e as filhas do Regente, e as Heloíças desenvoltas dos abades, e as aias da duquesa do Maine... et cetera. Isto por cá é pequeníssimo para as Frineias. Uma mulher da tua índole morre asfixiada neste ambiente pesado em que o coração, nas suas expansões românticas, encontra, quase sempre, a mão burguesa das conveniências a tapar-lhe os respiradouros. Parece que te enfadas de mim?”

“Não te enganas, dominó... Obsequias-me se me não deres o incómodo de te mandar retirar.”

“És muito delicada, minha nobre Sofia!. Já agora, porém, deixa-me dar-te uma ideia mais precisa desta mulher que te enfada, e que, apesar das tuas injustiças, se interessa na tua sorte. Diz-me cá... Tens uma sincera paixão, uma saudade pungente por aquele belo capitão de cavalaria que te deixou, tão sozinha, com as tuas agonias de amante?”

“Que te importa?... ”

“És cruel! Pois não ouves o tom sentimental com que te faço esta pergunta?... Quantos anos tens?... ”

“Metade e outros tantos... ”

“A resposta não me parece tua... Aprendeste essa vulgaridade com a filha do teu sapateiro?... Ora olha: tu tens 38 anos, a não ser mentiroso o assento de batismo, que se lê no cartório da freguesia dos Mártires em Lisboa.

Aos vinte anos amavas com ternura um tal Pedro Sepúlveda. Aos vinte e cinco, amavas com paixão, um tal Jorge Albuquerque. Aos 30, amavas com delírio, um tal Sebastião de Meireles. Aos 35, amavas, em Londres, com frenesi um tal... Como se chamava... Não me recordo.. Diz-me, por piedade, o nome desse homem, que, senão, fica o meu discurso sem o efeito do drama... Não dizes, má?... Ai!... Eu tenho aqui a mnemónica...”

Henriqueta tirou a luva da mão esquerda, e deixou ver um anel. Sofia estremeceu, e corou até às orelhas.

“Já te recordas?... Não cores, minha querida amiga. Que não fica bem ao teu carácter de mulher que conhece o mundo pela face positiva. Deixa-me agora arredondar o período, como dizem os literatos. Ora tu, que amaste desenfreadamente cinco antes do sexto homem, como queres fingir, debaixo desse vestido negro, um coração varado de saudades e órfão de consolações?. Adeus, minha bela hipócrita.”

Henriqueta desceu elegantemente do seu poleiro, e deu o braço a Carlos.

Eram três horas.

Henriqueta disse que se retirava, depois de vitimar com os seus ligeiros, mas pungentes gracejos, alguns daqueles muito que provocam o sarcasmo só com a presença, só com o vulto corporal, só com a sensaboria de um remoque parvo e pretensioso. O Carnaval é uma exposição anual destes infelizes.

Carlos, ao ver que Henriqueta se retirava com um segredo que tanto irritara a sua curiosidade, instou com delicadeza, com meiguice, e até com ressentimento, pela realidade de uma esperança, que fizera a sua felicidade de algumas horas.

“Eu não me arrependo” — disse ele — “de ter sido a voluntária testemunha dos teus desforços... Ainda mesmo que me tivessem conhecido, e tu fosses uma mulher licenciosa e depravada, não me arrependeria... Ouvi-te, iludi-me na esperança vaidosa de conhecer-te, tive orgulho de ser o escolhido para sentir de perto as pulsações vertiginosas do teu coração... Estou recompensado de mais... Ainda assim, Henriqueta, eu não tenho pejo de abrir-te a minha alma, confessando-te um desejo de conhecer-te que não posso iludir... Este desejo vais-mo tu convertendo numa dor; e será logo uma saudade insuportável, que te faria compaixão se soubesses avaliar o que é na minha alma um desejo impossível. Se tu mo não dizes, que me dirá o teu nome?”

“Não sabes que sou Henriqueta?”

“Que importa? E serás-tu Henriqueta?”

“Sou... Juro-te que sou... ”

“Não basta isto... Ora diz-me... Não sentes a precisão de ser-me grata?”

“A quê, meu cavalheiro?”

“Grata ao melindre com que te tenho tratado, grata à delicadeza com que te peço uma revelação da tua vida, e grata a este impulso invencível que me manda ajoelhar-te... Será nobre zombar de um amor que involuntariamente fizeste nascer?”

“Não te iludas, Carlos” — replicou Henriqueta num tom de seriedade, semelhante ao de uma mãe que aconselha seu filho. “O amor não é isso que pica a tua curiosidade. As mulheres são fáceis de transigir de boa fé com a mentira, e, pobres mulheres!. Sucumbem muitas vezes à eloquência artificiosa de um conquistador. Os homens, fartos de estudarem as paixões na sua origem, e enfadados das rápidas ilusões que eles choram todos os dias, estão prontos sempre a declararem-se afetados de cólera-paixão, e nunca apresentam carta limpa de cétricos. De maneira que o sexo frágil das quimeras sois vós, criancinhas de toda a vida, que brincais aos trinta anos com a mulher como aos seis brincáveis com os cavalinhos de pau, e os fradinhos de sabugo! Olha, Carlos, eu não sou ingrata... Vou-me despedir de ti, mas hei de conversar contigo ainda. Não instes; abandona-te à minha generosidade, e verás que alguma coisa lucraste em me encontrar e em me não conhecer. Adeus.

Carlos acompanhou-a com os olhos, e permaneceu alguns minutos numa espécie de idiotismo, quando a viu desaparecer à saída do teatro. O seu primeiro pensamento foi segui-la; mas a prudência lembrou-lhe que era uma indignidade. O segundo foi empregar a intriga astuciosa até roubar alguma revelação àquela Sofia da primeira ordem ou à Laura da segunda. Não lhe lembraram recursos, nem eu sei quais eles poderiam ser. Laura e Sofia, para dissiparem completamente a esperança ansiosa de Carlos, tinham-se retirado. Era necessário esperar, era necessário confiar naquela mulher extraordinária, cujas promessas o alvoroçado poeta traduzia em mil versões.

Carlos retirou-se, e esqueceu não sei quantas mulheres, que ainda, na noite anterior, lhe povoaram os sonhos. Ao amanhecer, ergueu-se, e escreveu as reminiscências vivas da cena, quase fabulosa, que lhe transtornava o plano de vida.

Não houve nunca um coração tão ambicioso de futuro, tão fervente de poesia, e tão fantástico de conjeturas! Carlos adorava seriamente aquela mulher! Como estas adorações se afervoram com tão pouco, não sei eu: mas que o amor é assim, vou eu jurá-lo, e espero que os meus amigos me não deixem mentir.

Imaginem, portanto, a inquietação daquele grande espiritualista, quando viu passarem, vagarosos e enfadonhos, oito dias, sem que o mais ligeiro indício lhe viesse confirmar a existência de Henriqueta! Não direi que o desesperado

amante apelou para o supremo tribunal das paixões impossíveis. O suicídio não lhe passou nunca pela imaginação; e muito sinto que esta verdade diminua as simpatias que o meu herói poderia granjear. A verdade, porém, é que o apaixonado mancebo vivia sombrio, isolava-se contra os seus hábitos socialmente galhofeiros, abominava as impertinências da sua mãe que o consolava com anedotas trágicas a respeito de rapazes cegos de amor, e, enfim, sofrera a ponta tal que resolvera abandonar Portugal, se, no fim de quinze dias, a fatídica mulher continuasse a ludibriar a sua esperança.

Diga-se, porém, em honra e louvor da astúcia humana: Carlos, resolvido a partir, lembrou-se de pedir a um seu amigo, que, na gazetilha do Nacional, dissesse, por exemplo, o seguinte:

“O Sr. Carlos de Almeida vai, no próximo paquete, para Inglaterra. S. S. tenciona observar de perto a civilização das primeiras capitais da Europa. O Sr. Carlos de Almeida é uma inteligência, que, enriquecida pela instrução prática da sua visita aos focos da civilização, há de voltar à sua pátria com fecundo cabedal de conhecimentos em todos os ramos das ciências humanas. Fazemos votos porque S. Sa se recolha em breve ao seio dos seus numerosos amigos.”

Esta local bem podia ser que chegasse às mãos de Henriqueta. Henriqueta bem podia ser que conjeturasse o imperioso motivo que obrigava o infeliz a buscar distrações longe da pátria, onde a sua paixão era invencível. E, depois,

nada mais fácil que uma carta, uma palavra, um raio de esperança, que lhe transtornasse os seus planos.

Era esta a infalível tenção de Carlos, quando ao décimo quarto dia lhe foi entregue a seguinte carta:

“Carlos.

Sem ofender as leis da civilidade, continuo a dar-te o tratamento do dominó, porque, em boa verdade, eu continuo a ser para ti um dominó moral, não é assim?”

Passaram-se catorze dias, depois que tiveste o mau encontro de uma mulher, que te privou de algumas horas de deliciosa intriga. Vítima da tua delicadeza, levaste o sacrifício a ponto de te mostrares interessado na sorte dessa célebre desconhecida que te mortificou. Não serei eu, generoso Carlos, ingrata a essa manifestação cavalheirosa, embora ela será um rasgo de artista, e não um desejo espontâneo.

Queres saber porque tenho demorado catorze dias este grande sacrifício que vou fazer? É porque ainda hoje me levanto de uma febre incessante, que me insultou naquele camarote da segunda ordem, e que, neste momento, parece declinar.

Permita Deus que seja longo o intervalo para ser longa a carta: mas eu sinto-me tão pequena para os sacrifícios grandes!. Não te quero responsabilizar pela minha saúde; mas, se o meu silêncio de longos tempos suceder a esta carta, conjetura, meu amigo, que Henriqueta caiu no leito, donde há de erguer-se, se não é graça que os mortos hão de erguer-se um dia.

Queres apontamentos para um romance que terá o mérito de ser português? Vou dar-tos.

Henriqueta nasceu em Lisboa. Os seus pais tinham o lustre dos brasões, mas não brilhavam nada pelo ouro. Viviam sem fausto, sem história contemporânea, sem bailes e sem bilhetes de boas-festas. As visitas que Henriqueta conhecia eram, no sexo feminino, quatro velhas suas tias, e, no masculino, quatro caseiros que vinham anualmente pagar as rendas, com que o seu pai regulava economicamente uma nobre independência.

O irmão de Henriqueta era um jovem de talento, que granjeara uma instrução, enriquecida sempre pelos desvelos com que afagava a sua paixão única. Isolado de todo o mundo, o irmão de Henriqueta confiou a sua irmã os segredos do seu muito saber, e formou-lhe um espírito varonil, e inspirou-lhe uma ambição faminta de ciência.

Bem sabes, Carlos, que falo de mim, e não posso, nesta parte, engrinaldar-me de flores imodestas, se bem que não me faltariam depois espinhos que me desculpassem as vaidosas flores...

Eu cheguei a ser o eco fiel dos talentos do meu irmão. Os nossos pais não compreendiam as práticas literárias com que aligeirávamos as noites de Inverno; e, mesmo assim, folgavam de nos ouvir, e via-se-lhes nos olhos aquele rir de bondoso orgulho, que tanto inflama as vaidades da inteligência.

Aos dezoito anos achei pequeno o horizonte da minha vida, e enfastiei-me da leitura, que mo fazia cada vez amesquinhar-se mais. Só com a experiência se conhece o quanto a literatura modifica a organização de uma mulher. Eu creio que a mulher, apurada na ciência das coisas pensa de um modo extraordinário na ciência das pessoas. O prisma das suas vistas penetrantes é belo, mas as lindas cambiantes do seu prisma são como as cores variegadas do arco-íris, que anuncia tempestade.

Meu irmão lia-me os segredos do coração! Não é fácil mentir ao talento com as hipocrisias do talento. Compreendeu-me, teve dó de mim.

Meu pai morreu, e a minha mãe pediu à alma do meu pai que lhe alcançasse do Senhor uma vida longa para meu amparo. Ouviu-a Deus, porque eu vi um milagre na rápida convalescença com que a minha mãe saiu de uma enfermidade de quatro anos.

Eu vi um dia um homem no quarto do meu irmão, onde entrei como entrava sempre sem receio de encontrar um desconhecido. Quis retirar-me, e o meu irmão chamou-me para me apresentar, pela primeira vez na sua vida, um homem.

Este homem chama-se Vasco de Seabra.

Não sei se por orgulho, se por acaso, o meu irmão chamou a conversa ao campo da literatura. Falava-se em romances, em dramas, em estilos, em escolas, e não sei que outros assuntos ligeiros e graciosos que me cativaram o coração e a cabeça.

Vasco falava bem, e revelava coisas que me não eram novas com estilo novo. Naquele homem, via-se o género aformoseado pela arte que só na sociedade se adquire. No meu irmão faltava-lhe o relevo de estilo, que se lapida ao trato dos maus e dos bons. Bem sabes Carlos, que te digo uma verdade, sem pretensões de bas-bleu , que é de todas as misérias a mais lastimosa miséria das mulheres cultivadas.

Vasco retirou-se, e eu quisera antes que ele se não retirasse.

Disse-me o meu irmão que aquele rapaz era uma inteligência superior, mas depravada pelos maus costumes. A razão porque ele viera a nossa casa era muito simples; encarregara-o o seu pai de falar com o meu irmão a respeito da remissão de uns foros.

Vasco passou nesse dia por debaixo das minhas janelas: fixou-me, cortejou-me, corei, e não me atrevi a segui-lo com os olhos, mas segui-o com o coração. Que suprema miséria, Carlos! Que renúncia tão impensada faz uma mulher da sua tranquilidade.

Voltou um quarto de hora depois: retirei-me, sem querer mostrar-lhe que o percebia; fiz-me distraída, por entre as cortinas, a contemplar a marcha das nuvens, e das nuvens descia um olhar precipitado sobre aquele indiferente que me fazia corar e sofrer. Viu-me, adivinhou-me, talvez, e cortejou-me ainda. Eu vi o gesto da cortesia, mas fingi-me e não lhe correspondi. Foi isto um heroísmo, não é verdade? Seria; mas eu tive remorsos, apenas ele desaparecera, do tratar tão grosseiramente.

Demorei-me nestas puerilidades, meu amigo, porque não há nada mais grato para nós que a recordação dos últimos instantes de ventura a que se prendem os primeiros instantes da desgraça.

Aquelas linhas fastidiosas são a história da minha transfiguração. Aí começa a longa noite da minha vida.

Nos dias imediatos, a horas certas, vi sempre este homem. Concebi os perigos da minha fraqueza, e quis ser forte. Resolvi não vê-lo mais: revesti-me de um orgulho digno da minha imodesta superioridade às outras mulheres: sustentei este carácter dois dias; e, ao terceiro, era fraca como todas as outras.

Eu já não podia divorciar-me da imagem daquele homem, daquelas núpcias infelizes que o meu coração contraíra. O meu instinto não era mau; porque a educação tinha sido boa; e, não obstante a humildade constante com que sempre sujeitei a minha mãe os meus inocentíssimos desejos, senti-me então, com mágoa minha, rebelde, e capaz de conspirar contra a minha família.

A frequente repetição dos passeios de Vasco não podia ser indiferente ao meu irmão. Fui suavemente interrogada por a minha mãe a tal respeito, respondi-lhe com respeito, mas sem temor. O meu irmão presentiu a necessidade de matar aquela inclinação nascente, e expôs-me um quadro feio dos costumes péssimos de Vasco, e o conceito público em que era tido o primeiro homem a quem eu tão francamente me oferecia em namoro. Fui altiva com o meu irmão, e adverti-lhe que os nossos corações não tinham contraído a obrigação de se consultarem.

Meu irmão sofreu; eu também sofri; e, passado o momento da exaltação, quis cerrar a ferida que abrira naquele coração, desde a infância identificado com as minhas vontades.

Este sentimento era nobre; mas o do amor não era inferior. Se eu pudesse reconciliá-los ambos! Não podia, nem sabia fazê-lo! Uma mulher, quando começa a sua dolorosa tarefa do amor, não sabe mentir com aparências, nem calcula os prejuízos que pode evitar com um pouco de impostura. Eu fui assim. Deixei-me ir abandonada à correnteza da minha inclinação; e, quando forcejei por me tornar tranquila, à isenção da minha alma, não pude vencer a corrente.

Vasco de Seabra perseguia-me: as cartas eram incessantes, e a grande paixão que elas exprimiam não era ainda igual à paixão que me faziam.

Meu irmão quis tirar-me de Lisboa, e a minha mãe instava pela saída, ou pela minha entrada a toda a pressa nas Salésias. Informei Vasco das intenções da minha família.

No mesmo dia, este homem, que me pareceu um cavalheiro digno de outra sociedade, entrou na minha casa, pediu-me urbanamente a minha mãe, e foi urbanamente repellido. Eu soube-o, e torturei-me! Não sei do que seria então capaz a minha alma ofendida! Sei que foi capaz de tudo que pode caber em forças de uma mulher, contrariada nas ambições que nutrira, sozinha consigo, e conjurada a perder-se por elas.

Vasco, irritado num nobre estímulo, escreveu-me, como quem me pedia a mim a satisfação dos desprezos da minha família. Respondi-lhe que lha dava plena, como ele a exigisse. Disse-me que fugisse de casa, pela porta da desonra, e muito cedo entraria nela com a minha honra ilibada. Que desgraça! Naquele tempo até as pompas de estilo me seduziam!. Respondi que sim, e cumpri.

Meu amigo Carlos. Vai longa a carta, e a paciência é curta. Até ao correio que vem.

Henriqueta.”

Carlos relera, com sôfrega ansiedade, a singela expansão de uma alma que, talvez, nunca se abrisse, se a não rasgasse o espinho de um martírio surdo. Henriqueta não escrevia assim uma carta a um homem, que pudesse consolá-la. Afeita a gemer no silêncio, e na solidão, tornava-se como egoísta das suas dores, e supunha que divulgá-las era esfolhar a mais bela flor da sua coroa de mártir. Escreveu, porque a sua carta era um mito de segredo e publicidade; porque a sua aflição não rastejava pelos queixumes lamuriantes e triviais de um grande número de mulheres, que não choram nunca a viuvez do coração, e lastimam sempre a demora das segundas núpcias; escreveu enfim, porque a sua dor, sem desonrar-se com uma publicidade estéril, interessava um coração, esposava uma simpatia, um sofrimento simultâneo, e, quem sabe mesmo, se uma nobre admiração! Há mulheres vaidosas — deixem-me assim dizer — da fidalguia do seu sofrer. Risonhas para o mundo, é muito sublime aquela angústia represada que só pode extravasar os sobejos do seu fel numa carta anónima. Lagrimosas para si, e fechadas no círculo estreito que a sociedade lhes traça como o compasso inexorável das conveniências, essas sim, são duas vezes anjos despenhados!

Quem pudesse receber na taça das suas lágrimas algumas que aí se choram, e que a opulência material não enxuga, experimentaria consolações de um sabor novo. O padecimento que se esconde impõe o respeito religioso do augusto mistério desta religião universal, simbolizada pelo sofrimento comum. O homem que pudesse verter uma gota de orvalho na aridez de algum coração,

seria o sacerdote providencial no tabernáculo de um espírito superior, que velasse a vida da terra para que tamanhas agonias não fossem estéreis na vida do céu. Não há na terra mais gloriosa missão.

Carlos, portanto, sentiu-se feliz deste orgulho santo que enobrece a consciência do homem que recebe o privilégio de uma confiança. Esta mulher, dizia ele, é para mim um ente quase fantástico. Alívios quais são os que eu posso dar-lhe?. Nem ao menos escrever-lhe!. E ela. Em que fará consistir o seu prazer?!. Deus o sabe! Quem pode explicar, e mesmo explicar-se a singularidade de um proceder, às vezes, inconcebível?

No correio próximo, recebeu Carlos a segunda carta de Henriqueta:

“Que imaginaste, Carlos, depois da leitura da minha carta? Adivinhaste o resto, com presteza natural. Recordaste mil aventuras deste género, e amoldaste a minha história às legítimas consequências de todas as aventuras. Julgaste-me abandonada pelo homem com quem fugira, e chamaste a isto, talvez, uma dedução contida nos princípios.

Pensaste bem, amigo, a lógica da desgraça é essa, e o contrário dos teus juízos é o que se chama sofisma, porque eu estou em pensar que a virtude é o absurdo da lógica dos factos, é a heresia da religião das sociedades, é a aberração monstruosa das leis, que regem o destino do mundo. Achas-me metafísica de mais? Não te impacientes. A dor refugia-se nas abstrações, e

encontra melhor pábulo na Loucura de Erasmo, que nas sisudas deduções de Montesquieu.

Minha mãe estava reservada para uma grande provação! Amparou-a Deus naquele golpe, e permitiu-lhe uma energia que não era de esperar. Vasco de Seabra bateu às portas de todas as igrejas de Lisboa, para me apresentar, como sua mulher, ao cura da freguesia, e achou-as fechadas. Éramos perseguidos, e Vasco não contava com a sua superioridade sobre o meu irmão, que lhe fizera certa e infalível a morte, onde quer que a fortuna lho deparasse.

Fugimos de Lisboa para Espanha. Um dia entrou Vasco, alvoroçado, pálido e febril daquela febre de medo, que, realmente, era, até então, a única face prosaica do meu amante. Emalámos a toda a pressa, e partimos para Londres. É que Vasco de Seabra vira o meu irmão em Madrid.

Vivemos num bairro retirado de Londres. Vasco tranquilizou-se, porque lhe afiançaram de Lisboa a volta do meu irmão, que perdera as esperanças de encontrar-me.

Se me perguntas como era a vida íntima destes dois fugitivos, aos quais não faltava condição alguma das aventuras românticas de um rapto, dir-ta-ei em poucas linhas.

O primeiro mês das nossas núpcias de emboscada foi um sonho, uma febre, uma anarquia de sensações que, levadas ao extremo do gozo, pareciam tocar as raias do sofrimento. Vasco parecia-me um Deus, com as sedutoras

fraquezas de um homem; queimava-me com o seu fogo, divinizava-me com o seu espírito; levava-me de mundo em mundo à região dos anjos onde a vida deve ser o êxtase, o arroubamento, a alienação com que a minha alma se derramava nas sensações ardentíssimas daquele homem.

No segundo mês, Vasco de Seabra disse-me pela primeira vez “que era muito meu amigo”. O coração pulsava-me vagaroso, os olhos não faiscavam electricidade, os sorrisos eram frios... Os meus beijos já os não aqueciam naqueles lábios! ‘Sinto por ti uma sincera estima.’ Quanto isto se diz, depois de um amor vertiginoso, que não sabe as frases triviais, a paixão está morta. E estava...

Depois, Carlos, falávamos em literatura, analisávamos as óperas, discutíamos os méritos dos romances, e vivíamos em academia permanente, quando Vasco me não deixava quatro, cinco e seis horas entregue às minhas inocentes recreações científicas.

Vasco cansara-se de mim. A consciência afirmou-me esta verdade atroz. Sufoquei a indignação, as lágrimas e os gemidos. Sofri sem limites. Abrasou-se-me na alma um inferno que me coava fogo nas veias. Não houve nunca mulher assim desgraçada!

E vivemos assim dezoito meses. A palavra “casamento” foi banida das nossas curtas conversações... Vasco desquitava-se de compromissos, que ele chamava parvos. Eu mesma, de bom grado, o remia de ser o meu escravo, como ele

intitulava o néscio que se deixava algemar às obscuras superstições do sétimo sacramento... Foi aí que Vasco de Seabra encontrou a Sofia que te apresentei no Real Teatro de S. João, na primeira ordem.

Comecei então a pensar na minha mãe, no meu irmão, na minha honra, na minha infância, na memória deslustrada do meu pai, na tranquilidade da minha vida até ao momento em que me atirei à lama e salpiquei com ela a face da minha família.

Peguei na pena para escrever a minha mãe. Escrevera a primeira palavra, quando compreendi o vexame, a degradação e a vilania com que ousava apresentar-me àquela virtuosa senhora, com a face manchada de nódoas, contagiosas. Repeli com nobreza esta tentação, e desejei, naquele instante, que a minha mãe me julgasse morta.

Em Londres vivíamos numa hospedaria, depois que Vasco perdeu o medo ao meu irmão. Viera aí hospedar-se uma família portuguesa. Era o visconde do Prado, e a sua mulher, e uma filha. O visconde relacionou-se com Vasco, e a viscondessa e a sua filha visitaram-me, tratando-me como irmã de Vasco.

Agora, Carlos, esquece-te de mim, e satisfaz a tua curiosidade na história desta gente, que já conhecestes no camarote da segunda ordem.

Mas não posso agora dispor de mim... Saberás, alguma vez, a razão porque não pude continuar esta carta. Adeus, até outro dia.

Henriqueta.”

“Cumpro religiosamente as minhas promessas. Tu não avalias o sacrifício que faço. Não importa. Como não quero cativar a tua gratidão, nem, mesmo ainda, mover a tua piedade, basta-me a consciência do que sou para ti, que é (medita bem) o mais que posso ser...”

A história... não é assim? Começa agora.

António Alves era um pobre amanuense do escritório de um tabelião de Lisboa. O tabelião morreu, e António Alves, privado dos escassos lucros de amanuense, lutou com a fome. A mulher por um lado com a filhinha ao colo, e ele pelo outro com as lágrimas da indignação, conseguiram algumas moedas, e com elas a passagem do pobre marido para o Rio de Janeiro.

Foi, e deixou entregues à Providência a mulher e a filha.

Josefa esperava todos os dias carta do seu marido. Nem carta, nem um indício da sua existência. Julgou-se viúva, vestiu-se de preto e viveu de esmolas, pedidas à noite na praça do Rossio.

A filha chamava-se Laura, e crescera bela, não obstante as angústias da fome, que transformam a formosura do berço.

Aos quinze anos de Laura, já a sua mãe não mendigava. A desonra proporcionara-lhe abundância que uma honrosa mendicância lhe não dera.

Laura era amante de um rico, que cumpria fielmente com a mãe as condicionais estipuladas na escritura de venda da filha.

Um ano depois, Laura explorava outra mina. Josefa não sofria com as vicissitudes da filha, e continuava a gozar os fins da vida à sombra de tão fecunda árvore.

A indigência e a sociedade fizeram-lhe compreender que só há desonra na fome e na nudez.

Outro ano depois, a radiosa Laura declarou-se o prémio do cavaleiro que mais airoso entrasse no torneio.

Concorreram muitos gladiadores, e parece que todos foram premiados, porque todos esgrimiam galhardamente.

Desgraça foi para Laura, quando os melhores campeões se retiraram fatigados da liça. Os que vieram depois eram bisonhos no jogo das armas, e viram que a dama das justas já não valia a pena de perigosos botes de lança e de arreios muito custosos de pedraria e ouro.

Pobre Laura, apeada do seu pedestal, olhou-se a um espelho, viu-se ainda bela com vinte e cinco anos, e perguntou à sua consciência a baixa do preço com que corria no leilão de mulheres. A consciência respondeu-lhe que descesse da altura das suas ambições, que viesse para onde a chamava a lógica da sua

vida, e continuaria a ser rainha num reino de segunda ordem, já que a exautoravam de um trono que tivera na primeira.

Laura desceu, e encontrou uma sociedade nova. Aclamaram-na soberana, reuniu-se uma corte tumultuosa na antecâmara desta odalisca fácil, e não houve grande nem pequeno a quem se baixassem os reposteiros do trono.

Laura viu-se um dia abandonada. Viera uma outra disputar-lhe a sua legitimidade. Os cortesãos voltaram-se para o sol nascente, e apedrejaram, como os Incas, o astro que se escondia para iluminar os antípodas de um outro mundo.

Os antípodas de um outro mundo eram uma sociedade inculta, sem a inteligência da arte, sem o culto à formosura, sem as opulências que o ouro cria nas altas regiões da civilização, e, finalmente, sem algum dos atributos que Laura amara tanto nos mundos onde fora soberana duas vezes.

A infeliz tinha descido ao derradeiro grau de aviltamento; mas era bela ainda. A sua mãe, enferma num hospital, pedia a Deus, como esmola, a sua morte. A desgraçada foi punida.

No hospital, viu passar sua filha diante do seu leito; pediu que a deitassem ao pé de si; o enfermeiro riu-se, e entrou com ela noutra enfermaria, onde o anjo do pudor e das lágrimas cobriam o rosto na presença da úlcera mais esquálida e mas lastimosa do género humano.

Laura começava a sondar a profundidade do abismo em que caíra.

Sua mãe recordava as fomes de outro tempo, quando sua filha, virgem ainda, chorava e suplicava, com ela, uma esmola ao passageiro.

As privações de então eram semelhantes às privações de agora, com a diferença, porém, que a Laura de hoje, desonrada e repelida, não podia já prometer o futuro da Laura de então.

Agora, Carlos, vejamos o que é o mundo, e pasmemos diante das evoluções ginásticas dos acontecimentos.

Aparece em Lisboa um capitalista, que chama a atenção dos capitalistas, a consideração do Governo, e, por via de regra, desafia inimizades políticas e invejas, que procuram o seu princípio de vida para denegrir-lhe o luzimento da sua afrontosa opulência.

Este homem compra uma quinta na província do Minho, e, mais barato ainda, compra o título de visconde do Prado.

Um jornal de Lisboa, que traz entre os dentes venenosos da política o pobre visconde, escreve um dia um artigo, onde se acham, entre muitas, as seguintes alusões:

‘O Sr. Visconde do Prado adscreveu à imoralidade do Governo a imoralidade da sua fortuna. Como ela foi adquirida, di-lo-iam as costas de Africa se os

sertões contassem os horrorosos dramas da escravatura, em que o Sr. Visconde foi herói.

O Sr. Visconde do Prado era António Alves há 26 anos, e a pobre mulher que deixou em Portugal, com uma tenra filhinha ao colo, ninguém dirá em que rua morreu de fome sobre as lajes, ou em que água-furtada curtiam ambas as agonias da fome, enquanto o Sr. Visconde medrava cinicamente na hidropisia do ouro, com que hoje vem arrotar moralidades no teatro das suas infâmias de esposo e de pai.

Melhor fora que o Sr. Visconde indagasse onde repousam os ossos da sua mulher e da sua filha, e nos pusesse aí um padrão de mármore, que possa atestar ao menos o remorso de um infame contrito... ’

Este insulto direto, e fundamentado, ao visconde do Prado, fez ruído em Lisboa. As edições do jornal espalharam-se, e leram-se e comentaram-se com frenética maldade.

As mãos de Laura chegou este jornal. a sua mãe, ouvindo lê-lo, delirou. A filha pensou que sonhava; e a situação de ambas perderia muito se eu tentasse roubar-lhe as cores vigorosas da tua imaginação.

No dia seguinte, Josefa e Laura entravam no palacete do visconde do Prado. O porteiro respondeu que S. Exa não estava ainda a pé. Esperaram. As 11 horas saía o visconde, e, ao saltar para a carruagem, viu duas mulheres que se aproximavam. Meteu a mão ao bolso do colete, e tirou doze vinténs que

lançava na mão de uma das duas mulheres. Olhou admirado para elas, quando viu que a esmola lhe era recusada.

“Que querem” — interrompeu ele, com soberba indignação.

“Quero ver o meu marido que não vejo há 26 anos...” — respondeu Josefa.

O visconde estacou ferido de um raio. O suor gotejava-lhe na testa em bagas frias. Laura aproximou-se, em atitude de beijar-lhe a mão...

“Pois quê?... ” — interpelou o visconde.

“Sou sua filha...” — respondeu Laura com humilde respeito.

O visconde, aturdido e parvo, voltou as costas à carruagem, e mandou às duas mulheres que o seguissem.

O resto no correio seguinte. Adeus, Carlos.

Henriqueta.”

“Carlos, tenho quase tocado a extrema desta minha peregrinação. A minha Ilíada está no último canto. Quero dizer-te que é esta a minha penúltima carta.

Não sou tão independente como pensava. A não serem os poetas, ninguém gosta de contar as suas mágoas ao vento. É belo dizer-se que um gemido nas asas da brisa vai da terra em dorido suspirar até ao coro dos anjos. É bonito conversar com a fonte suspirosa, e contar à avezinha gemedora os segredos

do nosso pensar. Tudo isto é delicioso de uma puerilidade inofensiva; mas eu, Carlos, não tenho alma para estas coisas, nem engenho para estes artifícios.

Vou contando as minhas penas a um homem que não pode zombar das minhas lágrimas, sem trair a generosidade do seu coração, e a sensibilidade do talento. Sabes qual é o meu egoísmo, o meu estipêndio neste trabalho, nesta franqueza de alma, que ninguém te pode disputar como único em merecê-la? Eu te digo. Quero uma carta tua, dirigida a Angélica Micaela. Diz-me o que a tua alma te disse; não tenhas pejo em denunciá-la; associa-te um momento à minha dor, e diz-me o que farias se tivesses sido Henriqueta.

Aqui tens o prólogo desta carta; agora vamos espreitar o lance extraordinário daquele encontro, em que deixamos o visconde e a... Como hei de chamá-lo?... A viscondessa, e a sua Exma. Filha D. Laura.

“Pois é possível existires?” — perguntava o visconde, sinceramente admirado, a sua mulher.

“Pois não me conheces, António?” — respondia ela com estúpida naturalidade.

“Tinham — me dito que morreras...” — disse ele com desasada hipocrisia. — “Tinham-me dito, há dezassete anos, que tu e a nossa filha tínheis sido vítimas da cólera-morbo...”

“Felizmente que lhe mentiram ” — interrompeu Laura com afetada meiguice. — “Não é que lhe tínhamos rezado por alma, e nunca deixámos de pronunciar o seu nome em saudosas lágrimas.”

“Como tendes vivido?” — perguntou o visconde.

“Pobre, mas honradamente ” — respondeu Josefa, dando-se uns ares austeros, e pondo os olhos em branco, como quem invoca o céu por testemunha.

“Ainda bem! ” — disse o visconde — “mas que modo de vida tem sido o vosso?”

“O trabalho, meu querido António, o trabalho da nossa filha tem sido o amparo da sua honra e da minha velhice. Tu abandonastes-nos com tamanha crueldade!. Que mal te fizemo-nos?”

“Nenhum, mas não vos disse eu que vos considerava mortas? ” — respondeu o visconde a sua mulher, que tivera a habilidade de arrancara duas volumosas lágrimas, tanto a propósito.

“O passado, passado ” — disse Laura, afagando carinhosamente as mãos paternas, e dando-se uns ares de inocência capazes de iludir S. Simão Estilista. — “Quer o pai saber” (prossegiu ela com sentimento) “qual tem sido a minha vida? Olhe, meu pai, não se envergonhe da posição social em que encontra sua filha... Tenho sido modista, tenho trabalhado incessantemente...

Tenho lutado com as tentações da penúria, e tenho feito consistir nas minhas lágrimas o meu triunfo... ”

“Bem, minha filha” — interrompeu o visconde com sincera contrição — “esqueçamos o passado... De hora em diante será a abundância o prémio da tua virtude... Ora diz-me: o mundo sabe que tu és minha filha?... Disseste a alguém que era teu marido, Josefa?”

“Não, meu pai. ” — “Não, meu Antoninho. ” — responderam ambas, como se tivessem previsto e calculado as perguntas e as respostas.

“Pois bem, ” — continuou o visconde — “vamos a conciliar com o mundo as nossas posições presentes, passadas e futuras. De hora avante, Laura, és minha filha, és filha do visconde do Prado, e não podes chamar-te Laura. Serás Elisa, compreendes-me? É necessário que te chames Elisa...”

“Sim, meu pai... Eu serei Elisa” — atalhou a inocente modista com impetuosa alegria.

“É necessário abandonar Lisboa” — prosseguiu o visconde.

“Sim, sim, meu pai... Vivamos num sertão... Quero gozar, sozinha, na presença de Deus a felicidade de ter pai...”

“Não iremos para um sertão... Vamos para Londres; mas... atendam-me... é preciso que ninguém as veja, nestes primeiros anos, principalmente em Lisboa. A minha posição atual é muito melindrosa. Tenho muitos inimigos,

muitos invejosos, muitos infames, que procuram perder-me no conceito que pude comprar com o meu dinheiro. Estou farto de Lisboa; partiremos nos primeiro paquete... Josefa, repara em ti, e vê que és viscondessa do Prado. Elisa, a tua educação foi desgraçadamente mesquinha para te poderes mostrar qual eu quero que sejas na alta sociedade. Voltaremos um dia, e terás então suprido com a educação prática a rudeza que indispensavelmente tens.”

Não progrido, neste diálogo, Carlos. O programa do visconde foi rigorosamente cumprido.

Aqui tens os precedentes que prepararam o meu encontro, em Londres, com esta família. Vasco de Seabra, quando viu, pela primeira vez, a filha do visconde atravessar um corredor do hotel, fixou-a com pasmo, e veio dizer-me que acabava de ver, elegantemente trajada, uma mulher que conhecera em Lisboa, chamada Laura.

Acrescentou várias circunstâncias da vida desta mulher, e acabou por mostrar vivos desejos de saber o tolo opulento a quem tal mulher estava associada.

Vasco pediu a lista dos hóspedes, e viu que os únicos portugueses eram Vasco de Seabra e a sua irmã, e o visconde do Prado, a sua mulher, e a sua filha D. Elisa Pimentel.

Redobrou o seu pasmo, e chegou a convencer-se de uma ilusão.

No seguinte dia, o visconde encontrou-se com Vasco, e alegrou-se de ter encontrado um patrício, que lhe explicasse aqueles gritos bárbaros dos serventes do hotel, que lhe davam água por vinho. Vasco não duvidou em ser intérprete do visconde, contanto que as suas luzes em língua inglesa pudessem chegar ao esconderijo donde nunca mas vira sair a suposta Laura.

Correram as coisas à medida do seu desejo. Na noite desse dia, fomos convidados para tomar chá, na saleta do visconde. Eu hesitei, sem saber ainda se Laura seria familiar do visconde. Vasco, porém, despreveniu-me deste temor, afiançando-me que se tinha iludido com a semelhança das duas mulheres.

Fui. Elisa pareceu-me uma menina bem educada. Nunca o artifício tirou maior partido das maneiras adquiridas em hábitos libertinos. Elisa era uma mulher de corte, com os ademanos fascinadores dos salões, onde a imoralidade do coração passeia de braço dado com a ilustração do espírito. O som da palavra, a escolha da frase, a compostura airosa da mímica, o tom sublime em que as suas ideias eram voluptuosamente lançadas na torrente de uma conversação animada, tudo isto me fez crer que Laura era a primeira mulher que eu tinha encontrado, talhada à feição do meu espírito.

Quando agora pergunto à minha consciência como estas transições se fazem, descreio da educação, lamento os anos consumidos no cultivo da inteligência,

e chego a persuadir-me que a escola da devassidão é a antecâmara por onde mais fácil se entra no mundo da graça e da civilização.

Perdoa-me o absurdo, Carlos; mas há mistérios na vida que só pelo absurdo se explicam.

Henriqueta.”

“Li a tua carta, Carlos, com os olhos cheios de lágrimas, e o coração de reconhecimento. Não esperava tanto da tua sensibilidade. Fiz-te a injustiça de te julgar inficionado deste marasmo de egoísmo que entorpece o espírito, e calcina o coração. E, demais, supunha-te insensível pelo facto de seres inteligente. Eis aqui um disparate, que eu não ousaria balbuciar na presença do mundo. O que vale é que as minhas cartas não serão lidas pelas mediocridades, que se acham em concílio permanente para condenar, em nome de não sei que tolas conveniências, as heresias do génio.

Deixa-me dizer-te francamente o juízo que eu formo do homem transcendente em génio, em estro, em fogo, em originalidade, finalmente em tudo isso que se inveja, que se ama, e que se detesta, muitas vezes.

O homem de talento é sempre um mau homem. Alguns conheço eu que o mundo proclama virtuosos e sábios. Deixá-los proclamar. O talento não é sabedoria. Sabedoria é o trabalho incessante do espírito sobre a ciência. O

talento é a vibração convulsiva de espírito, a originalidade inventiva e rebelde à autoridade, a viagem extática pelas regiões incógnitas da ideia. Agostinho, Fénelon, Madame de Stael e Bentham são sabedorias. Lutero, Ninon de Lenclos, Voltaire e Byron são talentos. Compara as vicissitudes dessas duas mulheres e os serviços prestados à humanidade por esses homens, e terá encontrado o antagonismo social em que lutem o talento com a sabedoria.

Porque é mau o homem de talento? Essa bela flor porque tem no seio um espinho envenenado? Essa esplêndida taça de brilhantes e ouro porque é que contém o fel, que abrasa os lábios de quem a toca?

Aqui tens um tema para trabalhos superiores à cabeça de uma mulher, ainda mesmo reforçada por duas dúzias de cabeças académicas!

Lembra-me ouvir dizer a um doido que sofria por ter talento. Pedi-lhe as circunstâncias do seu martírio sublime, e respondeu-me o seguinte com a mais profunda convicção, e a mais tocante solenidade filosófica: os talentos são raros, e os estúpidos são muitos. Os estúpidos guerreiam barbaramente o talento: são os vândalos do mundo espiritual. O talento não tem partido nesta peleja desigual. Foge, dispara na retirada um tiroteio de sarcasmos pungentes, e, por fim, isola-se, segrega-se do contacto do mundo, e curte em silêncio aquele fel de vingança, que, mais cedo ou mais tarde, cospe na cara de algum inimigo, que encontra desviado do corpo do exército.

Ai tem, — acrescentou ele — a razão porque o homem de talento é perigoso na sociedade. O ódio inspira-lhe e eloquência da tração. A mulher que lhe ouve o astucioso hino das suas apaixonadas lamúrias, acredita-o, abandona-se, perde-se, e retira-se, por fim, gritando contra o seu algoz, e pedindo à sociedade que grite com ela.

Agora, diz-me tu, Carlos, até que ponto devemos acreditar este doido. Eu por mim não me satisfaço com o seu sistema, todavia sinto-me propensa a aperfeiçoar o prisma do doido, até encontrar as cores inalteráveis do juízo.

Seja o que for, eu creio que és uma exceção e não sofra com isto a tua modéstia. A tua carta fez-me chorar, e acredito que sofrias, escrevendo-a. Hás de continuar a visitar-me espiritualmente na minha Tebaida, sem cilícios, sim?

Agora conclua-se a história, que leva seus visos de folhetim filosófico, moral, social, e não sei que mais por aí se diz, que não vale nada.

Contraí amizade com a filha do visconde do Prado. Não era ela, porém, tão íntima que me levasse a declarar-lhe que Vasco de Seabra não era meu irmão. Por ele me fora imposto, como preceito, o segredo das nossas relações. Bem longe estava eu de compreender este zelo de virtuosa honestidade, quando a mão de um demónio me tirou a venda dos olhos.

Vasco amava Laura!! Eu pus dois pontos de admiração, mas acredita que foi uma urgência retórica, uma composição artística, que me obrigou a admirar-me, escrevendo, de coisas que me não admiram, pensando.

Que é o que levou tão depressa este homem a aborrecer-me, pobre mulher, que desprezei o mundo, e me desprezei a mim própria para satisfazer-lhe o capricho de alguns meses? Foi uma miséria que ainda hoje me envergonha, suposto que esta vergonha devesse ser um reflexo das faces dele... Vasco amava a filha do visconde do Prado, a Laura de alguns meses antes, porque a Elisa de hoje era a herdeira de não sei quantos centos de contos de réis.

Devo envergonhar-me de ter amado este homem, não é verdade, Carlos? Não devo sofrer um instante a perda de um miserável, que eu vejo daqui com uma grilheta de ouro algemada a uma perna, tapando em vão os ouvidos para não ouvir-lhe o ruído... a sentença do forçado que o segue até ao fim de uma existência farta de opróbrio, e célebre de infâmias!

E não sofro, Carlos! Tenho aqui no seio uma úlcera que não tem cura... Choro, porque é intensa a dor que ela me causa... Mas, olha, não tenho lágrimas que não sejam remorsos... Não tenho remorsos que não sejam picados pela afronta que fiz à minha mãe, e ao meu irmão... Não me dói o meu próprio aviltamento, não! Se na minha alma cabe algum entusiasmo, algum desejo, é o entusiasmo da penitência, é o desejo de torturar-me...

Fugi tanto da história, meu Deus!. Desculpa estes desvios, meu paciente amigo!. Eu queria correr muito sobre o que falta, e hei de consegui-lo, porque não posso parar, e temo de me converter em estátua, como a mulher de Loth, quando olho com atenção para o meu passado...

O visconde do Prado convidou Vasco de Seabra a ser seu genro. Vasco não sei como recebeu o convite; o que eu sei é que os vínculos destas relações estreitaram-se muito, e Elisa, desde esse dia, expandiu-se comigo em intimidades do seu passado, todas mentirosas. Estas intimidades eram o prólogo de outra que tu avaliarás. Foi ela a própria que me disse que esperava ainda poder chamar-me irmã! Isto é uma atrocidade sublime, Carlos! Diante dessa dor calam-se todas as agonias possíveis! O insulto não podia ser mais despedaçador! O punhal não podia entrar mais dentro no virtuoso coração da pobre amante de Vasco de Seabra!. Agora, sim, que eu quero a tua admiração, meu amigo! Tenho direito à tua compaixão, se não podes estremecer de entusiasmo diante do heroísmo de uma mártir! Ouvi este anúncio dilacerante!... Senti fugir-me o entendimento... Aquela mulher sufocou-me a voz na garganta... Horrorizei-me não sei se dela, se dele, se de mim... Nem uma lágrima!... Acreditei-me doida... Senti-me estúpida daquele idiotismo pungente que faz chorar os estranhos, que nos veem nos lábios um sorriso de imbecilidade.

Elisa parece que recuou aterrada da expressão da minha fisionomia... Fez-me não sei que perguntas... Não me lembro mesmo se aquela mulher permaneceu diante de mim... Basta!... Não posso prolongar esta situação...

Na tarde desse mesmo dia, chamei uma criada da hospedaria. Pedi-lhe que me vendesse algumas joias de pouco valor que eu possuía; eram minhas; minhas não... Eram um roubo que eu fiz a minha mãe.

Na manhã do dia seguinte, quando Vasco, depois do almoço, visitava o visconde do Prado, escrevi estas linhas:

“Vasco de Seabra não pode gloriar-se de ter desonrado Henriqueta de Lencastre. Esta mulher sentia-se digna de uma coroa de virgem, virgem do coração, virgem na sua honra, quando abandonava um vilão, que não pôde infetar da sua infâmia o coração da mulher que arrastou ao abismo da sua lama, sem lhe salpicar a cara. Foi a Providência que a salvou!”

Deixei este escrito sobre as luvas de Vasco, e fui à estação dos caminhos de ferro.

Dois dias depois entrava um pacote.

Ao ver a minha pátria, cobri o rosto com as mãos, e chorei... Era a vergonha e o remorso. Diante do Porto senti uma inspiração do céu. Saltei numa catraia, e pouco depois achava-me nesta terra, sem um conhecimento, sem o apoio e sem subsistência para muitos dias.

Entrei em casa de uma modista, e pedi obra. Não ma negou. Aluguei uma água-furtada, onde trabalho há quatro anos; onde, há quatro anos, comprimo bem aos rins, segundo a linguagem antiga, os cilícios do meu remorso.

A minha mãe e o meu irmão vivem. Julgam-me morta, e eu peço a Deus que não haja um indício da minha vida. Sê- me tu fiel, meu generoso amigo, não me denúncies, pela tua honra e pela sorte da tuas irmãs.

Tu sabes o resto. Ouviste, no teatro, Elisa. Foi ela a que me disse que o seu marido a abandonara, chamando-lhe Laura. Aquela está punida...

Sofia... (lembras-te de Sofia?) Essa é uma pequena aventura, que aproveitei para tornar menos insípidas aquelas horas em que me acompanhaste... Foi uma rival que não honra ninguém... Uma Laura com os respeitos públicos, e as considerações que se barateiam a corpos ulcerosos, contando que se vistam de veludos matizados. Ainda eu era feliz, quando o infame amante dessa mulher me dava aquele anel, que viste, como oblação de sacrifício que me fazia de um rival.

Escreve-me.

Hás de ouvir-me no próximo Carnaval.

Por último, Carlos, deixa-me fazer-ta uma pergunta: Não me achas mais defeituosa que o nariz daquela andaluza da história que te contei?

Henriqueta.”

É natural a exaltação de Carlos, depois de erguido o véu, em que se escondiam os mistérios de Henriqueta. Alma apaixonada pela poesia do belo e pela poesia da desgraça, Carlos não teve nunca impressão na vida que mais lhe incendiasse uma paixão.

As cartas a Ângela Micaela eram o desafogo do seu amor sem esperança. Os mais ferventes êxtases da sua alma de poeta, imprimiu-os naquelas cartas escritas debaixo de uma impressão que lhe roubava a tranquilidade do sono, e o refúgio de outros afetos.

Henriqueta respondera concisamente às explosões de um delírio que nem sequer a fazia tremer pelo seu futuro. Henriqueta não podia amar. Arrancaram-lhe pela raiz a flor do coração. Esterilizaram-lhe a árvore dos belos frutos, e envenenaram-lhe de sarcasmo e ironia os instintos do carinho brando, que acompanham a mulher até a sepultura.

Carlos não podia suportar uma repulsa nobre. Persuadira-se que havia um escalão moral para todas. Confiava no seu ascendente em não sei que mulheres, entre as quais lhe não fora penoso nunca fixar o dia do seu triunfo.

Homens assim, quando encontram um estorvo, apaixonam-se seriamente. O amor-próprio, angustiado nos apertos de uma impossibilidade invencível, adquire uma nova feição, e converte-se em paixão, como as paixões primeiras, que nos sopram a tempestade no límpido lago da adolescência.

Carlos, em último recurso, precisava saber onde morava Henriqueta. No lance extremo de um desafogo, iria ele, audacioso, humilhar-se aos pés daquela mulher, que a não poder amá-lo, choraria com ele ao menos.

Estas preciosas futilidades escaldavam-lhe a imaginação, quando lhe ocorreu a astuciosa lembrança de surpreender a morada de Henriqueta surpreendendo a pessoa que no correio lhe tirava as cartas, subscritas a Ângela Micaela.

Conseguiu o comprometimento de um empregado do correio, Carlos empregou nesta missão um vigia insuspeito.

No dia do correio, uma velha, mal trajada, pediu a carta nº 628. O que a entregou fez um sinal a um homem que passeava no corredor, e este homem seguiu de longe a velha até ao campo de Santo Ovídio. Feliz das vantagens que lucrara em tal comissão, correu a encontrar-se com Carlos. É ocioso descrever a precipitação com que o enamorado mancebo, espiritualizado por algumas libras, correu à indicada casa. Em honra de Carlos, é necessário dizer que aquelas libras representavam a eloquência com que ele tentaria mover a velha no seu favor, por isso que, à vista das informações que tivera da pobreza da casa, concluiu que não era ali a residência de Henriqueta.

Acertou.

A confidente de Henriqueta fechava a porta da sua baiuca, quando Carlos se aproximou, e muito urbanamente lhe pediu licença para dizer-lhe duas palavras.

A velha, que não podia recear alguma agressão traiçoeira aos seus virtuosos oitenta anos, franqueou os umbrais da sua pocilga, e prestou ao seu hóspede a cadeira única do seu camarim de teto de vigas e pavimento de lajes.

Carlos começou como devia o seu ataque. Lembrado da chave com que Bernardes manda fechar os sonetos, aplicou-a à abertura da prosa, e conheceu de pronto as vantagens de ser clássico, quando convém. A velha, quando viu cair no regaço duas libras, sentiu o que nunca sentira a mais carinhosa das mães, com dois filhinhos no colo. Luziram-lhe os olhos, e dançaram-lhe os nervos em todas as evoluções dos seus vinte e cinco anos.

Feito isto, Carlos precisou a sua missão nos seguintes termos:

“Esse pequeno donativo, que lhe faço, há de ser repetido, se vossemecê me fizer um grande serviço, que pode fazer-me. Vossemecê recebeu, há pouco, uma carta, e vai entregá-la a uma pessoa, cuja felicidade está nas minhas mãos. Estou certo que vossemecê não há de querer ocultar-me a morada dessa senhora, e privá-la de ser feliz. O serviço que tenho a pedir-lhe, e a pagar-lhe bem, é este; pode fazer-mo?”

A frágil mulher, que não se sentia bastante heroína para ir de encontro à legenda que D. João V fez gravar nos cruzados, deixou-se vencer, com mais algumas reflexões e denunciou o santo asilo das lágrimas de Henriqueta, segunda vez atraçoada por uma mulher, frágil à tentação de ouro, que lhe roubara um amante, e vem agora devassar-lhe o seu sagrado refúgio.

Poucas horas depois, Carlos entrava numa casa da Rua dos Pelames, subia a um terceiro andar, e batia a uma porta, que lhe não foi aberta. Esperou. Momentos depois, subia um rapaz com uma caixa de chapéu de senhora:

bateu; perguntaram de dentro quem era, o rapaz falou, e a porta foi imediatamente aberta.

Henriqueta estava sem dominó na presença de Carlos.

Foi sublime esta aparição. A mulher que Carlos viu, não saberemos nós pintá-la. Era o original dessas esplêndidas iluminuras que o pincel do século XVI fazia saltar da tela, e consagrava a Deus, denominando-as Madalena, Maria Egipcíaca e Margarida de Cortona.

O homem é fraco, e sente-se mesquinho perante a majestade da beleza! Carlos sentiu-se dobrar nos joelhos; e a primeira palavra que balbuciou foi “Perdão”!

Henriqueta não pôde receber com a firmeza que devia supor-se-lhe uma tal surpresa. Sentou-se e limpou o suor que lhe correra de improviso todo o corpo.

A coragem de Carlos desmereceu do muito em que ele a tinha. Sucumbiu, e nem ao menos lhe deixou o dom dos lugares-comuns. Silenciosos, olhavam-se com uma simplicidade infantil, indigna de ambos. Henriqueta revolveia no pensamento a indústria com que o seu segredo fora violado. Carlos invocava ao coração palavras que o salvassem daquela crise, que o materializava por ter tocado o extremo do espiritualismo.

Não nos faremos cargo de satisfazer as despóticas exigências do leitor, que pede contas das interjeições e das reticências de um diálogo.

O que podemos garantir-lhe, debaixo da nossa palavra de folhetinista, é que a musa das lamentações desceu à invocação de Carlos, que, por fim, desenvolveu toda a eloquência da paixão. Henriqueta ouviu-o com a seriedade com que uma rainha absoluta escuta um ministro da fazenda, que lhe conta os chatíssimos e maçudos negócios das finanças.

Sorria-se, às vezes, e respondia com um ressaibo de mágoa e de ressentimento, que matava, no nascedouro, os transportes do seu infeliz amante.

As suas últimas palavras, essas sim, são signas de se arquivarem para escarmento daqueles que se julgam herdeiros dos raios de Júpiter Olímpico, quando se empavonam de fulminar as mulheres que tiveram a desventura de se queimarem, como as mariposas, no lume elétrico dos seus olhos. Foram estas as suas palavras:

“Sr. Carlos! Até hoje os nossos espíritos viveram ligados por umas núpcias que eu pensei não perturbarem a nossa cara tranquilidade, nem escandalizarem a caprichosa opinião pública. De ora em diante, um solene divórcio entre os nossos espíritos. Estou punida de mais. Fui fraca e talvez má, em prender-lhe a sua atenção num baile mascarado. Perdoe-me, que sou, por isso, mais desgraçada do que pensa. Seja meu amigo. Não me envenene esta santa obscuridade, este círculo estreito da minha vida, em que a mão de Deus tem derramado algumas flores. Se não pode avaliar o travo das minhas

lágrimas, respeite cavalheiramente uma mulher que lhe pede com as mãos erguidas o favor, a piedade de deixar sozinha com o segredo da sua desonra, que eu prometo nunca mais alargar a minha alma nestas revelações, que morreriam comigo, se eu pudesse suspeitar que atraía com elas a minha desgraça... ”

Henriqueta continuava, quando Carlos, com lágrimas de uma dor sincera, lhe pedia ao menos a sua estima, e lhe entregava as suas cartas, debaixo do sagrado juramento de nunca mais a procurar.

Henriqueta, entusiasmada pelo patético desta nobre rogativa, apertou ansiosamente a mão de Carlos, e despediram-se.

E nunca mais se viram.

Mas o leitor tem o direito a saber mais alguma coisa.

Carlos, um mês depois, partiu para Lisboa, colheu as necessárias informações, e entrou em casa da mãe de Henriqueta. Uma senhora, vestida de luto, e encostada a duas criadas, veio encontrá-lo numa sala.

“Não tenho a honra de conhecer...” — disse a mãe de Henriqueta.

“Sou um amigo...”

“De meu filho?!...” — interrompeu ela. — “Vem-me dar parte do triste acontecimento?... Eu já o sei!... O meu filho é um assassino!...”

E prerrrompeu num choro, que a não deixava articular palavras.

“O filho de V. Exa assassino!...” — interpelou Carlos.

“Sim... Sim... Pois não sabe que ele matou em Londres o sedutor da minha desgraçada filha?!... da minha filha... assassinada por ele...”

“Assassinada, sim, mas só na sua honra” — atalhou Carlos.

“Pois minha filha vive!... Henriqueta vive!... Oh meu Deus, meu Deus, eu vos agradeço!...”

A pobre senhora ajoelhou, as criadas ajoelharam com ela, e Carlos sentiu um calafrio nervoso, e uma exaltação religiosa, que quase o fizeram ajoelhar com aquele grupo de mulheres, cobertas de lágrimas.

Dias depois, Henriqueta era procurada no seu terceiro andar, pelo seu irmão, e choravam ambos abraçados com toda a expansão de uma dor represada.

Houve aí um drama de agonias grandiosas, que a linguagem do homem não saberá descrever nunca.

Henriqueta abraçou a sua mãe, e entrou num convento onde pede incessantemente a Deus a salvação de Vasco de Seabra.

Carlos é o íntimo amigo desta família, e conta este lance da sua vida como um heroísmo digno de outras épocas.

Laura, viúva de quatro meses, contrai segundas núpcias, e vive feliz com o seu segundo marido, digno dela.

Acabou o conto.

FIM

UMA PRAGA ROGADA NAS ESCADARIAS DA FORÇA

Este romance não deverá chamar-se "romance". Desde que esta palavra é o atilho onde se enfeixam as mentirosas invenções do escritor fanático, não há história verdadeira que possa, como tal, recomendar-se com aquele título.

Estes acontecimentos, expostos aqui, segundo o formulário romântico, e afeiçoados às leis do estilo romântico, são verdades que não deram brado, nem se agravaram na memória da geração que as viu e as não compreende.

Na vida moral da sociedade há fenómenos cuja causa ninguém estuda. No drama da família há lances que são do domínio público, e o público não pode, ainda que o tente, explicá-los. Nas atribulações individualíssimas do homem há fases extraordinárias de sofrimento, que esta sociedade de entranhas cruéis lhe recrimina, reputando-lhes efeitos necessários das causas, consequências do crime voluntário.

A sociedade, a família, e o homem expiam incessantemente a culpa do homem, da família e da sociedade. Opera-se uma contínua redenção do género humano. O homem é, desde o seu princípio, a vítima da culpa com o lábio colocado no cálice da agonia.

A vida sobre a terra é uma interminável expiação. Eu pago pelos crimes do meu pai, meus filhos expiando meus crimes, e o último ser vivo da

animalidade inteligente será o holocausto do primeiro homem criminoso. É forçoso recorrer ao inconcebível, ao sobrenatural, ao misticismo da providência culta para compreender o que vulgarmente se diz "fatalidade".

Na história, que vai ser lida, é tão sensível esta necessidade, tão aterrado se sente o espírito diante de um fato consumado, que eu não tive escrúpulo religioso ou filosófico em subordinar um encadeamento de infortúnios de uma família à praga rogada nas escadas da forca.

Bernardo da Silva era um filho bastardo de uma podre de Viseu. Do ventre materno passou à roda dos expostos e daí aos cuidados de uma mulher d'aldeia.

Aos dez anos não conhecia pai; e a sua mãe, mulher do povo, arrastada sobre a lama da plebe toda a sua vida, morrera com o segredo do nobre, que se dignara descer até ela para honrá-la com desonra.

Bernardo, aos dez anos, era aprendiz de alfaiate, e de todos os seus companheiros era ele o mais desprezado, porque também era o mais preguiçoso.

O rapaz vivia triste como se a idade lhe permitisse compreender a dor imensa de um grande desastre. Lá dentro daquele coração infantil falava uma profecia fúnebre. Com os olhos sempre extáticos no horizonte negro do seu futuro, o

pobre rapaz não tinha uma hora livre para o trabalho. Muitas vezes uma bofetada acordava-o daquele letargo; e o braço, que estava suspenso com a agulha, continuava a tarefa molhada de lágrimas.

Aos 13 anos, era ainda um aprendiz de alfaiate, repellido deste para aquele mestre, desacreditado em todos, e inutilmente espancado por todos. Chamavam-no incorrigível, e ele mesmo conheceu que o era.

Abandonou a agulha, e foi servir em casa de Francisco de Lucena. Era, aí, como em toda a parte, conhecido pelo "Bernardo Enjeitado". Nunca ninguém se lembrou de reputá-lo filho d'alguém nem Lucena se lembrou, alguma vez, de que um dos seus muitos filhos, atirados à roda, poderia ser seu laçao.

Bernardo era criado de tábua.

Este ofício era-lhe mais generoso que o de alfaiate. Tinha muitas horas livres para a sua melancolia, e muitos esconderijos no amplo palácio do seu amo para refugiar-se de uma sociedade que ele detestava sem saber porquê.

Este viver excepcional naquela classe galhofeira, estúrdia, e estragada, excitou a curiosidade dos seus companheiros, e, depois, a dos amos, Aqueles crasqueavam-no com desabrimento: estes admiravam-no por compaixão.

Bernardo chorava sem motivo. Sorria-se com violência. Era humilde com um não sei quê de estranha delicadeza. Destacava-se da sua classe com um ar

orgulhoso, mas não calculado. Cumpria as suas muitas obrigações, e ninguém sabia quando as cumpria. Estas qualidades, raríssimas vezes encontradas num laçao, tornavam-no assunto para os amos, que começavam a interessar-se na análise daquele obscuro enjeitado.

Guardadas as inauferríveis distâncias que separam o senhor do servo, os fidalgos souberam que Bernardo desejava muito saber ler, e gastava a maior parte da noite soletrando o abecedário, decorando as lições que o mordomo da casa lhe dava nas horas de desenfado.

Qualquer que fosse o impulso que a isso o levou, é certo que o amo, por um nobre impulso, permitiu que o rapaz fosse a uma escola, e para isso aliviou-o dos encargos de moço de tábua, e elevou-o à hierarquia de escudeiro do menino mais velho.

Um ano depois, Bernardo fizera admiráveis progressos. Lia com inteligência o que lia; escrevia com acerto, e aprendera só consigo a gramática portuguesa, visto que os seus amos lhe tinham permitido esta segunda parte dos seus estudos. Seria um caprichoso luxo permitir ao servo ciência que os amos não tinham! O Senhor de Lucena não daria o menor dos seus galgos pela vasta ciência do Lobato. E, talvez, tivesse razão.

Em casa de fidalgo desta bitola, quando um criado adquire a confiança dos amos, há sempre para isso uma de duas razões. Ou o criado, devasso como

eles, encobre astuciosamente as devassidões dos amos; ou se torna estimável pelo zelo honroso com que procura encobrir-lhes, já que não pode repreender-lhes.

Bernardo estava na segunda razão. Os filhos de Lucena eram livres e desmoralizados a não poder ser mais. Quiseram captar a benevolência do servo, não para aconselhá-los, que não desciam eles a isso, mas para acompanhá-los em empresas difíceis, daquelas em que o braço do plebeu é muitas vezes a salvação das costas do fidalgo.

Não o conseguiram nunca; mas também não tiveram de arrepender-se da confiança deste convite. Bernardo exercia uma influência admirável sobre os nobres libertinos. Era a superioridade da inteligência. Ouviam-no, e maravilhavam-se do acerto das suas ideias, e da linguagem escolhida com que o enjeitado se saía! O fato de ser enjeitado era em Bernardo, talvez, um motivo de superstição naquela casa. Se ele fosse reconhecido filho de algum borra-botas, com em linguagem nobiliárquica se chama um plebeu, decerto lhe não dariam a importância do considerarem pela inteligência. Mas o mistério, a possibilidade de ser vergôntea infeliz de um tronco ilustre, cingiam-lhe a cara de uma auréola entre nuvens, que poderia talvez, mais tarde, dissipar-se, e deixar na plenitude da sua luz aquele fruto do amor criminoso de alguma raça nobilíssima, mais ou menos aparentada com os Lucenas!

Tudo isso era possível; mas o que eles julgariam, entretanto, impossível, é o que vai ler-se.

A família que Bernardo servia compunha-se de pai, mãe, três filhos, e uma filha, de todos os irmãos a mais nova. Por então contava quinze anos. Era bonita, mas pobre. Os morgados não a pediam; os filhos segundos também não; e a sensível menina precisava amar, porque seu coração era da têmpera daqueles que não sabem conceber somente o amor com a condicional do casamento.

Eulália não tinha a mais superficial tintura de instrução, e por isso não podemos, em boa-fé, chamar-lhe romântica. Não era janeleira, nem rapinhava da papelreira dos irmãos o perfumado papel-cetim para depósito de sensaborias amorosas, e por isso não podemos chamar-lhe doida.

Era uma mulher, e nisto está dito tudo.

Este Bernardo é que realmente se parecia muito com os nossos poetas de aspirações ferventes e meditações profundas. Mas não era impostor, nem romanticamente parvo. O rapaz tinha uma alma como poucas, e uma tristeza inconsolável como nenhuma. "A minha organização — dizia ele — é um aborto, uma enfermidade incurável".

Eulália simpatizava com aquela tristeza, e com a figura do rapaz. Achava-lhe traços de semelhança com os seus irmãos, e via nele o que ela chamava "cara de pessoa de bem". E, conquanto eu deteste esta maneira de classificar as caras, porque não conheço as "caras de pessoas do mal" tenho-me visto em circunstâncias forçadas de dizer o mesmo, porque há neste vale de lágrimas umas caras que não exprimem bem nem mal, e essas são as piores caras.

Bernardo não se lembrou nunca de fazer sentir à cozinheira da casa, e menos se lembraria de acender o fogo do amor no ilustre coração de uma Lucena, com quem em toda a sua vida falara três vezes.

Eulália passou da doce simpatia ao amor abrasado, e do amor abrasado à paixão violenta. Por mais finos e eloquentes olhares que a fogosa menina lançou ao escudeiro, o escudeiro, ou não dava por eles, ou explicava-se de qualquer modo, contanto que não ousasse ensoberbecer-se daquele fato disparatado. E Eulália desesperava-se!

Francisco de Lucena espreitava a oportunidade de empurrar a filha para fora de casa. Aspirou, primeiro, aos morgados; mas encontrou-os pouco apreciadores de formosura e fidalguia. Recorreu, depois, aos burgueses ricos, e encontrou um negociante de alto bordo, que recebeu a proposta com afabilidade e trabalhou desde logo em levar a fim um casamento que permitia aos filhos do seu filho apelidarem-se Lucenas.

O pai anunciou à filha o seu rico futuro, e encontrou-a fria. Apresentou-lhe o noivo, e viu-a enjoada. O noivo, porém, era um rapaz de fina educação, de alguma inteligência, de brios que o ouro lhe estimulava, e de orgulho superior à sua classe, porque, há 50 anos, a classe comercial era muito humilde, suposto já trabalhasse para esta época de barões comerciais, que, digam lá o que disserem, é o mais palpitante triunfo da democracia. Para me não meter em graves questões, entenda-se que D. Eulália repeliu a felicidade que o seu pai lhe anunciara com tanto júbilo, e declarou-se sentimental, por tempo de quinze dias fechada no seu quarto, sem querer ver o sol nem a lua.

Mas o pai apoquentava-se, sempre que podia, pintando-lhe a mesquinhez do seu futuro, e a pobreza da sua legítima, que orçaria por três mil ducados. E era isto verdade.

E o pior era que o tal João Leite, noivo repellido, ficou amando desesperadamente D. Eulália. Ferido no seu amor-próprio, e envergonhado de tão má estreia, instara com Francisco de Lucena, lançando-lhe em rosto a imprudência com que viera roubá-lo à sua tranquilidade, não podendo contar com a obediência da sua filha. Esta maneira de acusar vexava Francisco de Lucena, porque era por em dúvida o seu poder paternal, e chamar-lhe fraco, imputação que ele odiava, ainda mesmo que se tratasse de vencer a repugnância de uma fraca menina.

Redobravam as mortificações, e Eulália, imóvel como o seu infeliz amor, oferecia-se de bom grado à vingança paternal, mas dizia, em linguagem trágica, que só reduzida a cadáver passaria para a posse do tal miserável, que não tinha vergonha de perseguir uma mulher que o desprezava. O pai realizou o dito popular: "casar, ou meter freira". Eulália optou pelo segundo, e os preparativos para entrar no convento começaram.

O amor faz a mulher varonil. Temos visto almas de lama apresentarem uma energia corajosa, quando o tónico do amor lhes vibra as cordas embrionárias de um coração, que parece arfar de improviso ao repentino choque, ao rapto da paixão violenta.

Nas vésperas da sua entrada no mosteiro, Eulália escreveu três cartas. Uma ao seu pai. Dizia-lhe que amara um só homem, e viveria desse amor desgraçado toda a sua vida.

Outra ao escudeiro. Dizia-lhe que tivesse compaixão dela, e chorasse uma lágrima em troca das que ela chorara, e choraria até à morte.

Outra ao seu implacável pretendente. Dizia-lhe que o amaldiçoa com todo o ódio do seu coração. Que lhe atirara a cara com um não, e nem assim o envergonhara de continuar a perseguir uma mulher.

Esta correspondência conservou-a Eulália até ao momento que transpôs o limiar do convento. O seu primeiro ato foi dar-lhe o destino competente.

Depois, chorou, chorou, e atraiu em volta de si os carinhos da comunidade, que a mortificava com as suas frias consolações.

Francisco de Lucena recebeu com espanto semelhante carta.

Bernardo da Silva embruteceu-se ao ler a sua.

João Leite deu quatro murros numa mesa, e sentiu-se suspenso no ar por uma legião de demónios raivosos.

Cada um fez seu papel; mas todos três reunidos deviam formar um grupo digno da melhor caricatura inédita!

Francisco de Lucena correu ao locutório do mosteiro, e fez ali aparecer imperiosamente a filha.

Quis forçá-la a declarar o nome do homem que a preocupava até a fazer má filha. Não lhe arrancou a menor revelação. Foi por outro caminho para chegar ao seu fim. Fez-se sentimental; lamentou, como bom pai, as paixões invencíveis de uma filha que despreza com extremo carinho; contou histórias análogas, que acabavam todas por casamentos desiguais, mas nem por isso menos venturoso. Pediu a sua filha o nome desse homem que a impressionara, e fez-lhe antegozar a possibilidade de casar-se, se não viesse dali uma absoluta desonra para a sua família.

O amor faz heróis, mas também faz poetas. Eulália desceu da sua altiva energia ao raso da toleima. Declarou o nome... o nome de quem? o nome, sem nome, do enjeitado, do aprendiz de alfaiate, o lacaio, do escudeiro!...

Que horror!

Nunca se viu um solavanco mais desamparado que o salto de tigre que Francisco de Lucena deu contra a grade que o separava da filha! Por Deus! que a esgana se lhe chega! A pobre menina arrepiada como quem vê um lobo com as faces vermelhas, e as unhas recurvas, foge pelo dormitório, e fecha-se no quarto.

Lucena correu a casa com os olhos injetados de fogo. Precisava de uma vítima! Encontrou no caminho João Leite, mas este não podia justificadamente ser sua vítima. João Leite mostra-lhe a carta que recebera de Eulália. Isto foi exacerbá-lo. "Não se lhe dê de ser repellido por essa infame — disse-lhe ele. — Eu vou provar-lhe que sou pail... Essa mulher amava um escudeiro... um lacaio... um enjeitado..."

Entrando em casa, procurou o "enjeitado". Encontrou-o ainda estupidamente absorvido na meditação daquela carta. A entrada rápida que fez no quarto não deu tempo a que Bernardo escondesse a carta que tinha aberta nas mãos trémulas. Lucena arrancou-lhe com uma convulsão de raiva superior à fúria de um demente. Passou-a pelos olhos, e, sem articular um som, lançou mão de

uma cadeira, e, à segunda pancada, Bernardo tinha a face coberta de sangue. Era um sangue inocente que reclamava justiça. Era um sangue inocente que pedia a intervenção de Deus. A justiça, filha legítima do céu, virá mais tarde salpicar daquele sangue a face de quem o derramava.

Bernardo, ferido, e pisado de sucessivas pancadas, não pronunciava uma só palavra durante este infernal martírio. Impelido por pontapés, foi lançado fora da porta do quarto. As forças faltaram-lhe. O sangue corria a jorros. Esvaiu-se a cabeça, e caiu.

O fidalgo chamou dois criados, e mandou pôr aquele homem fora da porta. Era ao anoitecer. O enjeitado foi arremessado à rua. Quando recuperou os sentidos, achou-se frio. Ergueu-se. Olhou com os olhos da alma para a sua consciência, e sentiu pela primeira vez vontade de sorrir da sua desgraça pelos lábios molhados de fel.

E riu-se. Era um sorriso semelhante ao dos anjos.

As almas que podem sorrir assim são as que Deus elege para a santidade da bem-aventurança.

Bernardo procurou um refúgio em casa de uma mulher pobre que o tratara sempre com amor, matando-lhe a fome, quando a aprendizagem de alfaiataria não valia o pão de cada dia. Esta mulher fora ama da roda no tempo em que

Bernardo lá fora lançado. Supunha ela que talvez o tivesse alimentado ao seu seio por algumas horas, e esta só conjectura atraía-a para ele com instinto maternal.

O enjeitado pensou-se dos leves ferimentos, e pediu a Deus que lhe inspirasse um destino. Esperou.

Em Viseu, falava-se muito deste sucesso, divulgado por Francisco de Lucena, e por João Leite.

Bernardo era procurado para ser punido, e quem mais diligências fazia para isso era o juiz de fora Paulo Botelho.

O honrado rapaz, quando se viu na penosa situação de agenciar a sua vida, por não poder sair da pobre casa em que vivia, impelido pela sua inocência, procurou o juiz de fora e expôs-lhe com a mais eloquente naturalidade a injustiça com que fora maltratado, e com que estava sendo perseguido.

Paulo Botelho quis espancá-lo com um chicote por ter tido a audácia de entrar na sua casa sem ferros aos pés. Olhou em redor de si procurando um aguazil para fazê-lo prender traiçoeiramente; mas o generoso mancebo, adivinhando-lhe as intenções disse que não precisava fingir-se; que ele dava a sua palavra de honra de não retirar-se da casa em que estava vivendo, e que mandasse sua senhoria capturá-lo quando quisesse. O juiz riu-se da palavra de honra na boca de um criado de servir, e mandou-o embora, por não ter a propósito um meirinho.

Bernardo encontrou, nas escadas do ministro, João Leite, que apeava de uma liteira, segundo o uso dos nobres, comprado pelo ouro do burguês opulento.

João Leite fixou-o com ar de soberano desprezo e perguntou-lhe:

— És tu o lacaio de Francisco de Lucena?

— Fui o lacaio do Sr. Francisco de Lucena — respondeu Bernardo com dignidade.

— E tens o atrevimento de aparecer entre as pessoas de bem?

Bernardo sufocou uma resposta amarga, e fez uma continência respeitosa para retirar-se.

— Vem cá, miserável! — disse João Leite. — Tu és o amante da filha do teu amo?

— Respeitei-a muito, por ser filha do meu amo, enquanto o servi. Hoje, respeito-a, porque lhe não conheço a menor falta que a desonre!

— Nem ao menos a desonra de receber as tuas afeições, lacaio?

— Eu não lhas ofereci nunca, senhor.

— Ofereceu-lhe ela, sevandija?

— Não, senhor.

— Mas ela escrevia-te...

— Então achas que não é crime escrever a um bandalho?

— Será, se a vossa excelência o quer...

— Tenho pena de seres um réptil que faz nojo esmagar com a sola da bota! Se tivesses um nome...

— Tenho carácter, senhor!

Bernardo respondeu com altivez; João Leite riu-se com desprezo, e olhando-o da cabeça aos pés, replicou:

— Tu sabes que não podes ter carácter, enjeitado!

— Então, terei um braço...

— Um braço! — atalhou o fidalgo em projeto, imprimindo-lhe um valente pontapé, que o fez descer três escadas maquinalmente.

Bernardo assumira toda a dignidade do homem de coração ultrajado. João Leite achou-se comprimido entre os braços do sevandija que ele supunha fugir ao primeiro pontapé para evitar o segundo.

Quis desfazer-se, de pronto, deste empecilho, e não pôde, porque os pés falsearam-lhe, e as costas bateram-lhe com todo o peso sobre os degraus de pedra. Tirou rápido de um punhal, e roçou, com ele duas vezes sobre o braço direito de Bernardo, que o desarmou, no ato que uma terceira punhalada lhe resvalara no peito. O enjeitado sentiu-se ferido: vacilou um instante na

resolução que se debatia entre homicídio e o perdão. Venceu o primeiro. Aquele punhal tinto de sangue inocente, pela segunda vez, derramado, entrou no coração de João Leite, e matou-o.

Isto foi obra de alguns segundos, João Leite gritara nas convulsões da morte; acudiram os criados, e encontraram Bernardo da Silva, de braços cruzados ao pé do cadáver, que vibrava nos seus derradeiros entorpecimentos.

Paulo Botelho também acudiu. Primeiro recuou aterrado, depois gritou "Matem esse homem!" E vendo que ninguém de pronto lhe aceitava o diploma de assassino, mandou-o carregar de ferros.

Bernardo caminho para o cárcere, com a cara altiva, com nobreza de passo, com serenidade de consciência e maneira de um príncipe, segundo a linguagem popular dos que viram.

Foi processado. Paulo Botelho desenvolveu uma espantosa energia no andamento desta causa crime. Erguia-se todos os dias, sôfrego de escrever uma sentença de força.

Os depoimentos eram todos contrários ao infeliz. Um só homem protegeu esse preso; sabia-se que era um ancião que lhe levava umas sopas diariamente, e palavras consoladoras de esperança sem esperança.

Eulália, sabendo estes acontecimentos até à véspera do dia em que o escudeiro devia ser condenado, requereu que queria se ouvida em juízo. Não lhe admitiram o seu depoimento. A pobre menina, inspirada da eloquência do martírio, entrou um dia no coro, quando a comunidade orava, e invocou o testemunho de Jesus Cristo, exclamando, de modo que a escutasse o povo que estava na igreja:

— Declaro que esse infeliz homem que vai morrer, depois de martirizado pelo meu pai, e apunhalado por um homem que desprezei, declaro diante de Deus e dos homens, que esse infeliz nunca me disse uma palavra só para que eu o amasse. Fui eu que o amei, fui eu que o fiz desgraçado, mas em recompensa hei de amá-lo toda a minha vida, e hei de unir-me a ele na presença de Deus! — Era uma demência!

Foi grande o assombro dos que a ouviram. O eco deste grito chegou aos ouvidos de Paulo Botelho, que estava presente; mas a sua alma fora cerrada pela mão corrupta do ouro. O povo murmurava, e dizia que não havia de ser enforcado o escudeiro.

Pobre povo, naqueles dias, se tentasse tirar das mão de um juiz o seu instrumento inaufeável, o carrasco!

Bernardo foi condenado à pena última. Ergueu-se uma forca nas proximidades do delito entre a casa do juiz e a de Francisco de Lucena.

Eulália exaltara-se no martírio até causar receios de loucura. Inspiravam-se de uma dor de morte as exclamações pungentes que soltava a cada ruído que ouvia semelhante ao arranco retraído de um justicado. O espetáculo da força era a sua ideia fixa desde o momento que uma religiosa imprudente lhe anunciou o destino de Bernardo da Silva.

A infeliz, na madrugada do dia da execução, fugiu da cela com os cabelos em desordem, com as faces chamejantes de febre, com os olhos embriagados de delito, e com o coração a estalar-lhe de uma dor que a endoidecia.

Chegando à portaria não houve forças humanas que a contivessem. Os ferrolhos cederam ao impulso de uma fraca mulher, forte da sua desesperação; e esta virgem, com hábitos de noviça, e bela, na sua agonia, como um corpo epitético que se levanta amortalhado do esquife, corria por entre as multidões que começavam a aglomerar-se para testemunharem o desconjuntar dos ossos do pescoço de um padecente entre as mãos do carrasco, seu irmão, ambos filhos do mesmo Deus, ambos remidos pelo sangue do mesmo Cristo.

Viram-na as multidões passar; muitos a conheceram: alguns pronunciaram o seu nome, mas aquela pomba, ferida de morte, era um cadáver que se movia impelido pelo choque da pilha galvânica.

Erguera-se um alarido na cidade. As turbas corriam na direção da infeliz, a quem chamavam de doida; mas não ousou alguém embargar o passo àquela mulher que parecia fascinar com a majestade da sua demência.

Os que a seguiam esperavam vê-la entrar em casa do seu pai. Enganaram-se, Eulália subiu as escadas de Paulo de Botelho, e entrou no salão onde fora lavrada a sentença de cadafalso para Bernardo da Silva.

Paulo Botelho estremeceu na cadeira, quando viu aquela alvejar de uma larva, ajoelhada nos degraus da tribuna.

Deu-se um profundo silêncio de alguns minutos.

Eulália já não podia coordenar as ideias que poucos dias antes clamara no coro. O sorriso da loucura, o gemido sufocante, uma lágrima embebida logo no ardor das faces, e algumas palavras entaladas, e empanes inteligíveis, eram alternativas que a tornaram mais lastimável durante alguns minutos.

A mulher e três filhas de Paulo Botelho, que a viram entrar, correram ao tribunal, e quiseram arrastá-la dali. Era impossível. A estátua parecia chumbada sobre o seu túmulo.

A família do juiz julgou conveniente empregar o insulto como solução. Falavam do justicado com certa náusea, que elas supuseram ser o bálsamo para a ferida mortal de Eulália. Paulo Botelho, coadjuvando as razões da sua família, cobria de impropérios afrontosos o homem que, pouco depois, havia de perdoar as injúrias com a cabeça do lado da forca.

A exaltação aflitiva de Eulália tinha tocado o ponto culminante da morte, ou da alienação irremediável.

— Inocente! Inocente! — eram os gritos únicos, as derradeiras palavras que os lábios daquela mulher tinham de proferir.

Neste momento entrou um homem que redobrou o espanto. Era Pedro Leite, pai de João Leite.

Este homem fez sinal de querer falar. Atenderam-no todos com religioso respeito.

As suas palavras foram:

— Perdoo ao assassino do meu filho! O sangue desse homem cairá sobre a minha face! Matou defendendo-se de um agressor infame! Senhor juiz de fora, requeiro a suspensão da execução da sentença. Eu sou parte, e declaro inocente o réu!

Seguiram-se minutos de uma estupefação natural. Eulália voltou os olhos para o homem que falara, quis arrastar-se de joelhos aos pés dele; não pôde; a impressão devia matá-la, ou ressuscitá-la... desmaiou a meio caminho.

O juiz era o algoz moral criado pelo ouro, assim como o carrasco físico fora criado pela lei. Não podia eximir-se a pegar do cutelo, e seguir seu caminho.

— É tarde! — respondeu ele.

— Não é tarde! — replicou Pedro Leite, e continuou com solene exaltação: — Tarde, senhor juiz, é depois que o tribunal do mundo se fecha atrás daquele que vai entrar no tribunal de Deus! Tarde, é quando um juiz de entranhas ferozes se apresenta no banco dos réus condenados com a face borrifada de sangue inocente!

— Basta! — exclamou Paulo Botelho com autoridade.

— Pois sim... basta! mas, abaixo de Deus, invoco o testemunho das pessoas que me escutam. Declaro que lavo as mãos deste sangue inocente que vai ser derramado!

O povo murmurou com acanhamento, com a consciência cobarde da sua nulidade, mas balbuciou não sei que palavras que irritaram o juiz.

— Não se trata só de punir o assassino de João Leite! — exclamou o juiz.

— Trata-se de castigar a afronta que recebeu um nobre, feita por um laçao que ousou levantar os olhos de amante para sua filha!

— Não, não! — gritou Eulália, erguendo-se com ímpeto, com as mãos postas, e caindo outra vez sobre os joelhos.

O cínico já não tinha coragem para tanto! Soara a hora do último mandato do carcereiro. Expirara o último instante do oratório.

— Cumpra-se a lei!

Disse o juiz, e fez menção de retirarem-se as ondas de povo que tinham concorrido em tropel, chamadas pelos gritos de Eulália, e pelo perdão público de Pedro Leite.

Eulália foi conduzida em braços para o interior da habitação do juiz.

A procissão onde a imprudência colocara um cristo, o Deus da caridade, nas mãos de um padecente, que ia ser esmagado!... a procissão, onde se via um homem de túnica branca, um algoz de cutelo e alcova, alguns sacerdotes de um Deus misericordioso!... A procissão descia terrível de repulsiva solenidade para o açougue daquela rês! A tumba da misericórdia fechava aquela orgia de sangue! Era um insulta a Deus! O cadáver de um homem atirado à face do Criador! Um escárnio satânico à inteligência, e ao coração da humanidade!

O préstito parou na praça do sacrifício.

Bernardo com os olhos fitos no céu via nascer a risonha aurora da eternidade. Sorriam-lhe os anjos, e a justiça de Deus mostrava-lhe o seu regaço. A morte do justo era um crepúsculo de nova existência a iluminar-lhe o rosto. Inspirava devoção aquele seu santo sorrir para o seio do céu que se lhe abria! Trazia nas mãos a imagem do Redentor; mas lá em cima via ele o Espírito Criador, a grande alma, onde se refugiam as almas dispersas na face deste mundo, e perseguida pelo demónio da ira, e da vingança, eternamente

encarnado no homem, a quem a sociedade entregou o azorrague da flagelação do virtuoso.

Bernardo caminhava a passo firme para a escada da forca. Estavam contraídas as respirações. Um gemido menos sufocado, podia ser ouvido por quinze mil almas que vieram contemplar aquele aparelho de morte, segundo a lei, formulada pelas inspirações do Evangelho! pelo código dos perdões! pelos preceitos do Filho de Deus que morrera, perdoando!

Através da multidão abriu-se uma clareira para deixar passar um homem que devia representar um principal papel naquele festim da lei.

Convergiam todas as atenções para aquele ponto.

Era Pedro Leite — ainda o pregoeiro da inocência de Bernardo, com a face cadavérica das longas noites que chorara sobre o túmulo se o seu filho único.

Quem disse a este homem que Bernardo Silva era inocente?

Fenómenos ocultos da Providência! A voz de Deus, soando pelos lábios do mistério! Explicai-me as operações de Deus, e eu vos explicarei a inspiração sobrenatural que obriga a balbuciarem o perdão os lábios que beijaram morto um filho estremecido...

Pedro Leite aproximou-se do justificado. Ninguém lhe embargou o passo.

Cheio de majestade, de poesia fúnebre, e de santo terror, falou assim:

— Eu venho pedir o seu perdão à beira do patíbulo. Fui eu que o arrastei até ao tribunal em que foi condenado; mas não sou eu que o arrasto aqui. Bradei em favor da sua inocência. Pedi, há momentos, a suspensão deste ato, em que a minha dor será mais... muito mais prolongada que a sua. Não me ouviram: impuseram-me silêncio, e mandaram-me sair do santuário da lei, que resfolegava sangue pela boca do seu sacerdote.

"Venho pedir o seu perdão, nas escadas da forca, e vazar o fel, que me devora a consciência, na consciência do juiz implacável que pede a sua cabeça a altos gritos!"

Ouviu-se um prolongado murmúrio. Era a onda popular que referia sopesada entre as rochas da sua impotência moral, naqueles dias, em que o sangue de um plebeu continuava a operação regeneradora do sangue de Jesus Cristo.

Bernardo ouviu com presença de espírito a exclamação de Pedro Leite.

Foram as sua palavras únicas.

Choraram-se então muitas lágrimas. A piedade teve uma explosão, que as coronhas dos soldados reprimiram. As turbas queriam rasgar o quadrado para arrancarem da morte um santo. Este conflito foi serenado por outro mais sublime. Ouviu-se uma voz. Viu-se um homem que sobressaía entre os mais

populares. Era o velho, protetor único de Bernardo Silva, durante a sua prisão. Poucos o conheciam.

— Nobre Senhor Francisco de Lucena! Vem ver teu filho que morre enforcado! Nobre Francisco de Lucena! Vem ver o filho da mulher que desonraste, como é nobre nas escadas da forca! Nobre Senhor Francisco de Lucena! Vem ver teu filho, o filho da minha filha, que borrifa os teus pergaminhos com o sangue ilustre!

E calou-se. Calaram-se todos. E aquele homem lá estava erguido como o anjo dos túmulos à espera que Deus mande quebrar a lousa de uma mulher que há falta nesse transe aflitivo!

Essa mulher morrera, desonrada, sufocada pela mão ignomínia, a que a soberania fidalga de Francisco de Lucena a abandonara.

Esse ancião era o pai dessa mulher, único que recebera nos seus braços o filho da desonra, único sabedor daquela existência, que acompanhou sempre, porque lhe marcara um braço com uma cruz. Desde o ventre à forca, de longe, desconhecido, com segredo da desonra da sua filha abafado no coração este homem seguira os vestígios do neto, sem declará-lo nunca, porque um apelido ilustre não o salvara a ele de uma ilustre ignomínia.

Que impressão fez este homem nas turbas! A do espanto. Mas, momentos depois, chamavam-lhe DOIDO. Por ordem do juiz de fora ia ser preso o

demente. Aproximou-se a justiça d'el-rei. "É doido!..." dizia o meirinho ao lançar-lhe a mão.

Há de consumir-se aquele enredo de peripécias terríveis.

Bernardo pôs o pé direito na última prancha da forca. Voltou-se para o povo. Brillhou-lhe à face o clarão de um outro mundo. A sua voz era melodiosa como o cântico do anjo da morte, suavíssima: mas naquele todo via-se a terrível majestade do anjo do dia fatal. As sua últimas palavras foram estas:

— Ouvi a praga de um padecente, rogada nas escadarias da forca:

QUE A JUSTIÇA DE DEUS SE CUMpra
NA PRESENÇA DOS HOMENS.

Passaram quinze dias.

Eulália de Lucena recuperou o juízo, e entrara no mosteiro. Um ano depois, professara. A sua vida foram três anos de adoração extática. Ouviram-na murmurar palavras celestes, como em diálogo. Dizia-se que um anjo devia de aparecer-lhe naqueles arroubamentos. Chamavam-lhe santa, e adoraram-na morta.

Passados quatro anos, Francisco de Lucena, sempre afastado da sua filha pela mão do remorso, morreu de repente no mesmo local em que fora hasteada a forca.

Simão Botelho, filho de Paulo Botelho, dera um tiro no seu pai. O pai quis sentenciá-lo: deu-lhe sentença de forca, que depois lhe foi comutada em degredo perpétuo. Apenas desembarcou em Cabo Verde, abriu-lhe uma sepultura.

Paulo Botelho, desembargador aposentado, dez anos depois, morria à vigésima quinta punhalada, que recebera, por não dar exatas informações de um pecúlio de cinquenta mil cruzados, que guardava num a quinta nas vizinhanças de Vila Real.

A mulher de Paulo Botelho morria doida no hospital de São José um ano depois.

Restavam três filhas de Paulo Botelho. Foram devassas até ao escândalo de serem arrastadas a um recolhimento por expresso mandato régio.

Uma apareceu morta num aqueduto por onde procurava evadir-se. Outra casou com um homem que a retalhou de martírios. A terceira enforcou-se no batente de uma porta.

A JUSTIÇA DE DEUS SE

CUMPRA NA PRESENÇA DOS HOMENS.

A praga do justicado nas escadas da forca teve o seu complemento no género de morte que a última pessoa daquela família se dera.

Forca por forca.

Tendes a curiosidade das averiguações. Procurai em alguns cartórios de Viseu a sentença pronunciada entre 1776 e 1780.

Não sou contumaz, nem ufano de relapsia. De outro que disse me desligo, se algum inquisidor intolerável deparar aí heresia, contrassenso, atrevimento ou coisa que dúvida faça contra Plútus, único deus da única religião cujo código penal me intimida.

Há coisas incríveis neste volume? É que eu, e os meus amigos literatos, poetas, jornalistas, e até redatores encartados de necrológios sabemos passagens que arrepiam carnes e cabelos. Se o siso comum as não adota, é que os cronistas do tempo foram, à parte, um status instatu, coisa ininteligível aos que sabem latim, por grande fortuna sua.

Neste sinedrim há uma moral, estragada se o quiserem, mas os evangelistas, que a propagam, são Catões, contanto que os não obrigue a inquietar a sadia

tranquilidade dos intestinos. Aqui, não se sacrifica um dedo a uma pisadela porque não vale a pena.

É necessário escrever, visto que há leitores.

Eu, e os meus correligionários, se até hoje não temos irradiado sobre a humanidade ondas de luz, é porque a humanidade precisava ser, muito, a concha em que, por aqui se escondiam muitos moluscos morais, que vão saindo agora a espanejar-se ao sol.

Não quero dizer que os moluscos passassem a articulados. Pode muito bem ser que o leitor, ou leitora sejam ainda legítimos moluscos; mas a exceção deplorável não claudica a generalidade. E, portanto:

Eu, e os meus amigos, mencionados acima, considerando que a candeia não deve estar muito tempo debaixo do alqueire, nem os talentos (dinheiro) soterrados vencem juros; e tanto nós, outrossim, em muito afã e desvelo desafrontar a literatura pátria de injúrias com que estrangeiros e nacionais a desconceituam, desvairando como pobre de romances, pela sua incapacidade inventiva — o que não só é malícia, mas até aleivosia: resolvemos escrever romances em que figurassem muitas pessoas nossas conhecidas, e outras, que viremos a conhecer no decurso desta meritória tarefa. Pelo que, a mim, humilde entre os humildes apóstolos desta ideia lúcida, coube o quinhão de trabalho, que a posterioridade me devolverá em gabos e aplausos, e o futuro

Plutarco dos homens ilustres desta freguesia de Cedofeita, em que tenho a honra de morar, não deixará de consignar nos fatos gloriosos.

FIM

A ESPADA DE ALEXANDRE(*)

Corte profundo na questão do Homem-Mulher e Mulher-Homem

[() O título alude, de modo analógico, à lenda do “Nó Górdio” que Alexandre, o Grande, cortou com a sua espada. Segundo a lenda, no templo de Zeus da Antiga Frígia, estaria a carruagem com que o rei Górdio foi coroado, amarrada a uma coluna com um nó tão complexo que um oráculo vaticinou que a pessoa que desatasse o nó dominaria toda a Ásia menor. Alexandre Magno, ao passar pela frígia, 500 anos depois, resolveu a questão cortando o nó com a espada num só golpe e acabou efetivamente por dominar a Ásia Menor. Portanto título é um epíteto sobre como “resolver um assunto complicado como o nó górdio, com um corte da espada de Alexandre”.]*

Carta ao meu vizinho Raimundo, Poeta Laureado na «Águia-d’Ouro»

Meu caro Senhor e Vizinho!

Era por uma noite de lua cheia do agosto pretérito. Estava eu à janela do terceiro andar, onde moro, nesta fragrante rua das Congostas, ninho de poetas e filósofos, floresta ramalhosa onde vossa excelência regorjeia as suas liras, e eu medito Teófilo e Rosalino Cândido.

Estavam então vossa senhora e a sua esposa, com as vidraças erguidas, banhados de resplendores da lua, altercando em voz alta a respeito de um livro de Alexandre Dumas-Filho, obra que por aí gira com o título hermafrodita de HOMEM-MULHER.

Dizia a sua esposa que o autor do livro atacava o direito, a justiça, a religião e o pudor. Replicava o Sr. Raimundo que o autor do livro não atacava nada; pelo contrario defendia tudo.

Redarguia sua excelência que a mansão conjugal não é açougue, nem a esposa vaca, nem o marido megarefe. Recalcitrava vossa excelência que a esposa devia considerar-se vaca, desde que o marido era boi. L'Homme-Femme-Le Boeuf-vache! Está claro.

Contenderam largo espaço os meus prezados vizinhos neste honesto certame; e, ao mesmo passo que mutuamente se ilustravam nos deveres de cada um, abriam no meu cérebro um jacto de filosofias que eu passo a golfar aos quatro ventos da terra.

Os sentimentos bem ou mal expendidos nesta carta, meu prezado vizinho, são uma espécie de prolegómenos com que tenciono predispor os ânimos para a representação de uma tragédia, em que trabalho há muito, intitulada “O homem de Cláudia”. Não se presuma, porém, que eu venho com esta notícia aliciar espectadores para a minha tragedia no Teatro-Circo. Não, Sr. Raimundo. Eu sou publicista da escola de Mestre Teófilo simbólico, um que

tem nos malabares do sumo sacerdócio a dignidade, como a respeito dele vaticinou Luiz de Camões, no Canto. X, est. 11.

Publico um livro. Sei que ninguém mo compra, nem mo lê; mas convenço-me, à laia do mestre, que os meus livros ensinam tudo que os outros sabem. Esta ronha pegou-ma ele, o Grão-Lama, que imagina fazer reformas de raças com os seus livros de dentadura anavahada como Cadmus fazia homens com a dentuça do dragão. Ajoujei-me, pois, na canga deste pedagogo, e vou bem.

Revertendo ao ponto:

Afirmam autores de boa nota que a mulher é fêmea, feminina . Neste parecer abundam D. António Ayres, bispo do Algarve, na «Reforma» do aprisoamento, e Bento Pereira, na Prosódia . Autoras também de boa nota asseveram que o homem é macho. Do enlace e coesão destas entidades heterogenias forma-se o Macho-fêmea, o colchete felogénio. Faça-me o favor, Sr. Raimundo, de alçapremar o seu intelecto à altura d'estes princípios. Em matérias transcendentales seja-me águia e não cágado.

No princípio do mundo (não iremos mais longe por enquanto) extraiu Deus a fêmea do entrecosto do homem. Aurora do paraíso! Então era a costela do homem que dava a mulher; hoje em dia, há homens com todas as costelas partidas porque desejaram uma ou duas mulheres! O lombo do rei da criação perdeu bastante da sua importância desde que os nossos irmãos antropófagos pegaram de extrair dele sandwichs.

Este exemplo indelicado seduziu a esposa a considerar o marido uma substancia comestível entre o presunto de javali e o fiambre de veado. Daí, o desacato, o deslize daquela patriarcal idolatria com que dez centos de mulheres genuflectiam ao santo rei Salomão.

Abastardado o antigo preito da costela ao costado, da parte ao todo, os filósofos inventaram a alma para de alguma forma afidalgarem a junção da carne à carne, do osso ao osso — frase bíblica sobremaneira bonita e asiática. Ideada a alma, cumpria ungir com os óleos místicos o pacto da aliança entre alma e alma. Acudiram os canónicos com a invenção do sacramento.

Espero que o meu vizinho não ignore inteiramente que os Sacramentos são sete. E, se esta sombra de duvida ofende a sua ortodoxia, sirva-me de desculpa aquilo de Plutarco no seu tratado «Da maneira de ler poetas.» Diz ele: «A religião, coisa difícil de perceber, está acima da inteligência dos poetas». Mas do sacramento do matrimonio sei eu que o Sr. Raimundo, sem embargo do seu alto lirismo, percebe o essencial, porque eu mesmo o ouvi dizer a sua esposa:

«O matrimonio foi divinamente instituído». Por sinal que ela, ática e séptica, respondeu-lhe :

— Bem me fio eu nisso!

E a razão da sua esposa de duvidar da procedência divina da instituição, meu caro vizinho, eu digo-lhe em que bases se funda.

Instituição divina há só uma: é o mundo. Esta crença há de prevalecer enquanto o meu mestre Teófilo não quiser provar que o mundo é obra dos mozárabes. Divino é tão somente aquilo que humanamente se não faz. Os sonetos da vossa excelência, por exemplo, não me parecem absolutamente de instituição divina. O casamento também não, porque em tal acto influem o amor, o interesse, o medo, a vergonha, o reumatismo, a papa de linhaça posta por mão de esposa carinhosa nas irritações do aparelho digestivo, etc. Estas coisas são tão divinas como eu; e, senão ousar dizer como o vizinho, é porque vossa excelência, na sua qualidade de bardo, tem lumes divinos, mens divina ; arde, fumega, evola-se como Elias-voltaização de que se não gabam aqui os nossos vizinhos pecuniosos porque o dinheiro puxa por eles para baixo como os élitros pela tartaruga.

Vossa excelência sabe que, na antiga Germania, consoante Cornélio Tácito descreve, aqueles bárbaros ditosos casavam-se sem sacramento, sem sacerdote e sem templo. O noivo, em presença de parentes seus e da noiva, dizia-lhe: «Recebo-te como minha legitima mulher, para te haver e possuir, de hoje avante, boa ou má, rica ou pobre, para te amar e assistir em tempo de saúde e doença, até que a morte nos separe».

Ali, divindade e padre, naquela augusta cerimonia, eram os arcanos sagrados, arcana sacra , o misterioso respeito ao Deus invisível, consagrado nos solitários murmurejos da selva, lucos ac nemora consecrant.

Ora, medite, Sr., nestes selvagens, onde as mulheres rapadas, as adúlteras, eram por tanta maneira raras, que apenas aparecia uma para cevar a execração das turbas! Pois olhe que não havia lá n'aquelas florestas dodônicas ideia de fêmea fabricada da costela do homem. Lá dizia-se que a criadora do mundo havia sido uma enorme e desmedida vaca, e vivia-se honradamente apesar de tão estúpida cosmogonia de uma vaca bruta; e, por aqui, no pino da civilização, com tantas vacas sabias, vamos a pique! As nossas fêmeas restituem-nos a costela, pondo-no-la como apêndice ao crânio; e, em vez de se tosquiarem à guisa das germânicas, alcantilam as cabeças com uns riçados delirantes. Atroz!

Diga-me, poeta laureado: não será injuriar Deus atribuir-lhe o vínculo sacramental do matrimonio, d'onde derivam tantos infernos sabidos, tantos infernos ignorados, tantos corações nobilíssimos pervertidos, tanta desonra escarnecida pelos foliões dos palcos, tantas alcovas devassadas, tanta mulher emborcada no gólfão das lagrimas a que a sociedade chama o lodo da prostituição?

Levam a tais voragens as estradas complanadas pela mão de Deus?

Ó Sr. Raimundo, não parvoejemos por amor ao catolicismo. Não façamos da nossa hipocrisia aspa de patíbulo em que estamos sempre a cravejar a memoria de Jesus, sobre quem Deus refrangiu o mais divino reflexo da sua gloria.

Jesus não fez o casamento: quis fazer a nova Eva, com o pé sobre os colmilhos da serpe, e a cara amparada no seio amantíssimo do homem.

Ah! Jesus disse: «Amai-vos!» Isto de: «maridai-vos» é preceito de concílios, e é palavra que não sôa no léxicon hebreu nem chaldeu. Ser-me-ia mais fácil encontra-la em Petrónio que em S. Paulo. Ressuma d'essa palavra um travo de impudor. Quando ela vier do intimo seio aos lábios da mulher, já lá dentro não há flor que lhe perfume o furtum.

Maridança! — expressão deslavada de um acto sem vislumbre de ideal, a desfloração a começar na prosódia, um rebaixamento daquele prodígio da fantasia genética-da mulher à condição da fêmea, da retorta, do recipiente, da maquina de costura silenciosa, da matéria granjeada para reproduzir, como quem aduba um torrão que há de verdejar couves lombardas!

Atroz, Sr. Raimundo, atroz!

Que é o adultério?

É a razão insurgida contra o absurdo do vinculo indissolúvel.

A mulher, que morre no acto da sua rebelião, que é? Hoje, é uma criminosa que uns deploram, e outros improperam na sepultura. D'aqui a cem anos será celebrada como holocausto da emancipação.

Porque, de hoje a cem anos, vizinho, não haverá matrimonio, nem adultério-crime convencional e estranho à natureza, na judiciosa frase de Girardin- ;

haverá amor durável e mantido mutuamente pela liberdade de quebrantar o pacto. O sacramento, o nó indesatável, serão os anjos, os filhos. porque os filhos, as crianças amadas do defensor de Maria Magdalena, desde então conversam com Deus, e aurem-lhe dos olhos divinos o raio de luz que reverbera entre os corações dos seus pais. Não descera a treva do tédio sobre as almas amadas. A aza pura e alva do filho cobril-as-há, quando a hidra da lascívia ressurtir das ruínas de algum extinto mosteiro de bernardos ou bernardas.

Que é o matrimónio?

A definição, dada recentemente pela minha colega Maria Deraismes, recende aromas de tão subtil feminilidade, que não há aí coisa mais balsâmica de donzelice e pudicícia!

Ora, leia, poeta e senhor meu, e confesse que, ao par d'isto, os seus madrigais são trovas de marujo que fadeja nas fontes cabalinas da Travessa dos Barbadinhos.

«O casamento-diz a dama, invetivando Alexandre Dumas-é a união de dois organismos, cada qual com o seu officio a exercer, em consequência de precisões, appetites, e desejos que reciprocamente pendem a satisfazer-se um pelo outro, sendo o objeto desta satisfação a perpetuidade da espécie. Eis a essência, o fim do casamento.»

Esta minha colega fisiológica, ao que parece, é lida em Sanches, De matrimonio, e tem bastantes luzes de anatomia. Para alguns espíritos rasteiros e ignaros prefiguram-se no himeneu suavidades, arrobo, idealizações, evoluções mais ou menos gasosas, borboletas iriadas, etc. . A Sra. D. Maria da EVA, não. Essa vê dois órgãos com apetites.

Em matéria de casamento não é cristã, nem maometana, nem pagam: é organista.

Em outro lanço, pag. 38, a mesma filosofia, discreteando acerca dos ditos órgãos, pondera que «a fisiologia, parte da biologia, quando trata dos órgãos em exercício, requer a mais rigorosa imparcialidade, e a rejeição plena de tudo que é postiço.»

Apoiada! Gosto d'esta senhora! Se eu tivesse um filho parvo, dizia-lhe : «Casate com esta D. Maria da EVA, se queres saber biologia.»

Outra minha colega, que por nome não perca, diz que: «se a sua filha for sanguínea e de compleição robusta, lhe não escolherá marido fraco ou desfalcado de forças por libertinagem.»

É também organista.

Cá está outra: a Sra. D. Hermance Lesguillon, versada em Aristóteles.

Esta dama abespinha-se razoavelmente contra Dumas, porque ele parece alvitrar que as meninas se abstenham de interpretar muito à letra o preceito genesíaco. A douta matrona, autora de quatorze livros, exclama:

«Qual é o fim da criação? É decisivamente convento para as mulheres e mosteiro para os homens? Isto, a falar verdade, é ridículo! Onde quer o Sr. que elas vão? Aos vícios contranatura, como Aristóteles os atribui ao masculino nas republicas gregas?»

Veja-me esta sábia, ó Sr. Raimundo!

Quer agora regalar-se com um pedacinho de apostrofe contra o mesmo vicio dos gregos?

«Cautela, eterno masculino! O próprio Deus se ofende d'esses atentados contra a natureza! Esses impudicos mistérios que cometeis contra a mulher— obra da predileção e ternura divinas-ultrajam Deus!»

Mistérios impudicos que ela lá sabe, como se não fossem mistérios.

Vista dupla do génio. Em fim, sempre é dama que lê Aristóteles, como a sua esposa, meu vizinho, não é capaz de soletrar a Palavra , gazeta de letras de 10 reis, as quais não podem formar uma inteligência de pataco.

Conta a referida literata que certa donzela sua amiga, em véspera de casar, leu o Homem-mulher . Entrou o noivo, e achou-a a tremer de pavor com o livro

entre mãos. Pergunta-lhe que tem; ela mostra-lhe a brochura, e aponta-lhe com o dedo de Agatha aquele truculento «Mata-a!»

— Que lhe parece isto?—disse a pálida noiva.

— Soberbo!—responde o gentil namorado—Não há aí palavra ociosa. O remate principalmente é ótimo!

E a menina, sem mais delongas, desmaiou. E, assim que recobrou os sentidos, disse à mãe que não queria semelhante marido.

Rodeiam-na as suas amigas; forma-se sinagoga de senhoras conspícuas, e concede-se à loira Alice a palavra para explicações.

E a menina entre outras frases, expediu estas do seio arquejante:

— Aquele mata-a! mata-a! zumbia-me nos miolos! Estarreci!.. Como há da gente jurar que será sempre a mesma, quando o livre arbítrio está dependente de outro? Poderei responsabilizar-me por ama-lo sempre? Se me ele sair abominável, por sentimentos, e violento, caprichoso e déspota, poderei sofrer a minha impaciência? Se ele me não agradar depois, poderei ama-lo?—

Vizinho, bacorejou-lhe à prevista menina onde iria parar ao diante, e teve medo. Honrado susto! Não lhe assevero que ela soubesse biologia, nem miologia, nem manuseasse as políticas aristotélicas; mas de tal donzela há muito que esperar, cientificamente falando. D'estas vitelas tenras é que se fazem as vacas sabias e duras.

Mas não se persuada, senhor meu, que a discreta Alice apresilhe no colo de alabastro a túnica de vestal. Longe d'isso. Tenciona casar, porque as matronas académicas lhe prelecionam biologicamente que a perpetuidade da espécie é condição indeclinável. Diz ela então muito aforçada:

— Hei de casar com pessoa cujos sentimentos eu conheça radicalmente; quero que eu e ele saibamos com o que podemos contar, e se as nossas simpatias são reciprocas... Lá do enxoval, que estava pronto, não se me importa já... Eu ia casar com um sujeito que não amava nem conhecia. Primeiro que tudo, quero amar os sentimentos honestos do meu namoro. Com tais condições, tudo se arranja bem. Seremos depois indulgentes um para o outro.

Bastante petisca; mas boa rapariga de lei! E ingénua então... até ali! Confessa que esteve a ponto de casar com homem que não amava; mas casava tão de vontade como voluntariamente o rejeitou. De sorte que, se não aparecesse o livro de Alexandre Dumas, veja vossa excelência que destino se estava aparelhando para o marido daquela senhora!

Ó vizinho, sabe o Sr.? eu, se tivesse um filho indulgente, dizia-lhe: «Rapaz, se não levas a mal que o almoxarife da casa de Bragança, em Vila Viçosa, te mande agarrar e recolher à tapada como cervo tresmalhado, casa com esta menina perliquiteta.»

Agora, duas paginas sérias, Sr. Raimundo.

Cá tenho a pitada engatilhada ao nariz circunspecto. Devo-me ao futuro do meu país. Vou enviar-me gravemente à posteridade.

Não me consta que em Portugal, por enquanto, alguma das gentilíssimas damas, que recolheram a herança das Sigeas, Alornas e Possolos, haja saído à liça a esgrimir com o fulminante estilista francês. Parabéns à constelação de estrelas que cintilam anualmente no Almanaque das Senhoras ! Que não baixem da região excelsa em que são contempladas cá destas cavernas onde urram alcateias de feras. Se anjos descerem a envolverem-se connosco, sairão desluzidos, com as cândidas plumas encarvoadas do suor negro dos nossos pugilatos. Nós, os gladiadores d'esta arena, se as santas estrelas se apagarem, não teremos a quem saudar, moribundos.

Não as induzam exemplos de escritoras francesas nesta melindrosa contenda. A ciência perigosa, que lhes sobeja, é escorregadia, pudor abaixo, até ao desdouro da ideia e da forma. Já lhes não basta a área modesta dos argumentos colhidos nos mananciais doces do coração e da alma. Rompem as carairas das ciências físicas e graduam quimicamente os glóbulos cruóricos do sangue de cada mulher.

Dão vénia e desculpa aos temperamentos rijos, e acham menos perdoável o desacerto da esposa linfática. Devassam os latíbulos de Sodoma, e dardejам por sobre a espadua de Aristóteles frechas sarcásticas à cara purulenta dos lázaros que raspam a sua lepra nas sargentas. Abrem Bichat e De Bienville

para nos ensinarem o que é a esposa anatómica e fisiologicamente. Uma, que diz ter filha ainda criança, promete consultar o calórico, os estos e o arfar do sangue da sua filha nubente, quando houver de lhe escolher o homem.

É uma senhora quem pensa e escreve estas carnalidades, e as estampa e atira o livro à onda suja, que espuma nos tapetes das salas de Paris e de todo mundo.

As avezinhas, esvoaçadas do pombal do Sacré-Coeur para o baile, para o teatro, para o Bois , seguem o olhar lavateriano das mães a cada homem anémico ou pletórico, descarnado ou enxundioso, que se aproxima. Isto sobreleva a torpeza tolerada à mulher que esconde o seu aviltamento nas alfurjas. Neste frenesi de esgarafunchar em temperamentos, será racional que o noivo se exhiba e sujeite a ser apalpado no crânio pela mãe da noiva, com Spurzheim aberto, para averiguações de bossas, e confronto de protuberâncias das duas cabeças examinadas como aptas ao maquinismo da procriação. Alvitres daquela estofa, dados por um ébrio no estaminet , revessam-se precipitados no sedimento do absinto e do haxixe ; mas, decoados pelos prelos, tornam a crónica das orgias de Trimalquião um livrinho digno da puerícia, um «Ramilhete de cristãos»; e, se derivam por entre os dedos translúcidos de uma senhora, ah! eu não lhes sei o nome!- a minha vontade é chorar um choro grande como o profeta Ezequias: flevit fletu magno!

E vossa excelência não chora, Sr. Raimundo? Esponje-me d'essas entranhas de poeta fios de lagrimas; depois, enxugue-se, e leia, se está de pachorra.

Aquelas e outras damas que tais livros escrevem, inspirando-se da catástrofe de Denise Mac Leod, assassinada, pouco há, pelo marido, afugentam a piedade de ao pé da sepultura onde o Archanjo sombrio e mesto da paixão se abraça à cruz das Manas Egipciaca e de Cortona. A desgraça no tumulto é inviolável. As mais austeras consciências se comiseram das infelizes dilaceradas pelas rodas deste péssimo maquinismo social; todavia, a compaixão não é assentimento às irrefletidas damas que peroram às turbas mostrando a túnica ensanguentada da vítima, como quem mostra o punhal de Lucrecia. Se nos querem comover, chorem primeiro. Lagrimas, lagrimas. Nada de retóricas lardeadas de doutorices. Em vez de fisiologia, espiritualismo. Alma; e de corpo só o quantum satis. Contem-nos segredos das suas fragilidades maviosas; coisas do seio para dentro; flores de coração, que, ainda afogadas e delidas na raiz por abundancia de lagrimas, espiram sempre olores de inocência. Se se desviam da honra, aconselhadas pelas suas sabenças, então está tudo perdido! Em organismos, em sangues ricos ou depauperados, em disciplinas do 3.º ano medico, façam-nos o favor de nos não aperfeiçoarem. Receamos que as suas excelências nos intimem tarefa de croché, enquanto elas, montando os óculos, abrem o grande volume de Harveus, e, para nossa confusão e escarmento, pegam de declamar: *Exercitationes quaedam de partu: de membranis ac humoribus uteris et conceptione*. Eu tenho este livro, vizinho; e, se uma filha que hei de ter, me abrir o livro e o traduzir no capítulo

Propagação da espécie , mato-a; para que o filho do Sr. Alexandre Dumas, vindo a ser meu genro, ma não mate, aconselhado pelo pai.

Sr. Raimundo:

Eu não sei se a sua esposa é instruída e bastante profunda em Ponson du Terrail . Que não vá ela arrenegar do mau vizinho da porta como de todos os diabos, malsinando-me de zoilo de damas que versam com mão diurna e noturna os romances da «Biblioteca económica».

Não, senhor.

Acato a sabedoria das senhoras, quando a figura lhes dá jeito de viragos, feito de mestras regias jubiladas, e um não sei que de sexo canónico.

Que a sua esposa, jovem e galante, recite ao piano trovas de lavra própria, e escreva o soneto acrostico no dia natalício do marido, acho isso bonito, senhoril e benemérito de um até dois ósculos castos e dignos da testa da Minerva antiga. Mas, se ela descambar das branduras eróticas de Sapho para as meditações sociológicas da Sra. Canuto, peço-lhe, vizinho, que a obrigue a ler as obras do meu mestre doutor Teófilo, a fim de ganhar ódio à letra redonda-virtude supranumerária dos escritos daquele varão.

Houve damas que lograram entalhar seus nomes na arvore imortal da ciência; essas, porém, não desgarraram da senda florida por onde as abelhas do

Himeto lhes saiam a dulcificar mulherilmente a frase. Dou-lhe como exemplo Stael.

De envolta com vastíssima lição entreluzem, nos seus livros mais grados, donaires feminis, e génio acendrado na fragua do coração. Ao propósito d'esta estéril peleja, que se renova cada vez que um marido se furta ás prezas da irrisão publica, atirando ás da morte a esposa adúltera, Stael perpassou ligeiramente, como lhe cumpria, pela solução do divorcio, reprovando-o. No extremado livro chamado Da Alemanha , escreve a insigne pensadora: «É forçosa coisa confessar que a facilidade do divorcio, nas províncias protestantes, macula profundamente a santidade do matrimonio. Tanto monta mudar de marido como urdir as peripécias de um drama. Lá, a boa índole dos homens e das mulheres permite que semelhantes rompimentos não sejam amargurados... É, todavia, certo que, à conta d'isso, a consistência do character alquebra-se, os bons costumes abastardam-se, o espirito paradoxal alue as mais sagradas instituições, e não há aí determinar regras sobre coisa nenhuma».

Aqui tem sentimentos que frisam honradamente primorosos em índole de senhora nesta questão, a todas as luzes péssima, por nimiamente arriscada. Aquele parecer é talvez vulnerável, e não resistirá, por ventura, a Portalis ou Montesquieu; mas o que a ciência lhe respeita é a honestidade. Filha, esposa e mãe,-tudo no extremo em que a eminente escritora logrou ser, em vida tão aparcelada de angustias-respiram naquele pudibundo resguardo à seriedade do

casamento. Ela não quer o divórcio: quer a dignidade na paciência, quando faleça no homem a probidade de marido.

Compare-me, Sr. Raimundo com estas Hipátias de 1872. Em quanto a poetisa de Corinna linimentava suas magoas de expatriada com a Messíada de Klopstock, este outras, com o cérebro ainda escaldado dos meteoros de petróleo, justificam o desaire das esposas com a fisiologia de Muller, e vão ler, ao lampejo dos cirios mortuários, que ladeiam o ataúde de Denize Mac Leode, as vaias que o filósofo de Stagyra desfrechava contra os pederastas espartanos.

Quer vossa excelência ler, a ocultas da sua esposa, um molde de altercação, entre marido e mulher, que D. Maria da EVA, lhe oferece em desculpa da adúltera?

MARIDO

O adultério da minha mulher pode fazer-me pai de filhos alheios.

ESPOSA

O adultério do meu marido pode arruinar-me os bens de fortuna.

MARIDO

Tu devias ter força e juízo para não sucumbir.

ESPOSA

E tu, que representas a razão, foste o primeiro a prevaricar: não fiz mais que pagar-te na mesma moeda.

MARIDO

A minha culpa foi um mero capricho dos sentidos.

ESPOSA

E a minha foi uma necessidade. Quiseste que eu fizesse de viúva sem ter enviuvado.

* * * * *

Aqui tem! Que senhoraças! Não lhe faz saudades a decência das Cartas de Ninon de Lenclos? Eu estou em dizer-lhe como o poeta, que honras e famas Em tais damas não há para ser damas.

E, por tanto, vizinho e amigo, à vista do que pregam estas pandorgas folicularias,-sintomas de acirro incurável no coração da França,-somos entrados em período de decomposição. Salve-se quem poder com a sua companheira d'esta pior Troya, e leve alguns penates reduzidos em espécies bancarias sobre os hotentotes, e vamos para lá muito nas boas horas, se a vossa excelência não prefere antes que fiquemos para moralizar as massas.

Eu, de mim, anteponho o martírio à fuga. Irei bradar debaixo dos muros d'esta segunda Jerusalém, sem me esquecer de Barcellos, Amarante, Lamego e outras Ninives corrompidas. Se os de dentro me amolgarem a cabeça à

pedrada como fizeram ao outro enviado do Senhor, arranje vossa excelência a formar de mim um sujeito legendário, depois de consultado mestre Teófilo arbitro das castas-sobre a raça em que me há de grudar.

Sou apóstolo comedido e modesto, Sr. Raimundo. Não me desvanecem presunções do convencer. O que faço é alqueivar bravios: o semeador virá mais tarde.

Repare, no entanto, por essa vida de seis mil anos fora que vem flutuando desde o chãos. Não vê uns altos e eternos padrões assinalando paragens que o género-humano fez para ouvir a consciência da sua força, o Deus interior, pela voz dos oráculos? Sobre esses padrões há umas estatuas que topetam com as estrelas. Chamam-se Moisés, Fó, Kong-Fou-Tsée, Sócrates, Platão, Aristóteles, Cícero, Paulo, Galileu, Lutero, Vico, Descartes, Kant, Kepler, Leibnitz, Newton, Pascal, Montesquieu, Voltaire, etc.

Cuida vossa excelência que as torrentes da vida intelectual e progressiva se rebalsaram neste pântano descompassado em que as rans, por entre os rabaçais, nos estão coaxando ciência... de rans? Está iludido, vizinho. A natureza humanal fermenta, tem febre como puérpera d'um grande feto que lhe escouceia os flancos, fita grandes orelhas abertas aos rugidos da ideia nova que vem da Cafrária, e assesta o oculo de longa mira ás brumas do horizonte, onde, a espaços, lhe corisca um pirilampo, que, se não é Teófilo, sou eu.

Se é ele, digam-lhe que se abra. Epheta! — palavra hebraica, que quer dizer: abre-te! Melhorar os costumes das raças deve ser-lhe mais fácil que a costumeira de inventa-las. E ele, como o vizinho sabe inventou-se a si, inventou aquilo! Pois então que fale, com dispensa até da syntaxe. Que espirre candeias na treva que se está condensando à volta do cérebro social—a família. Que laqueie a grande artéria aorta da sociedade humana-o matrimonio. Que defeque o intestino cego das raças germânicas e latinas da ténia que o rói-o adultério. Que nos diga, em fim, Teófilo o que se há de fazer ao dono ou dona d'esta prenda!

Ninguém receia que se esquive de entrar nesta gafaria de tabardões, com o seu emplasto, ele, que entrou com 3725 paginas em-8.º no gazofilácio da pátria. Sabia isto, vizinho? E nós, os seus discípulos laudanizados, esperamos que o mestre, depois desta sonolenta operação de Mesmer, nos transporte às regiões translucidas do espiritismo.

Entretanto, porém, que o vidente incuba, vou eu arroteando o chavascal que ele depois tosará mais a preceito.

Sr. Raimundo, poeta laureado e amigo:

Alexandre Dumas-Filho quer que Caim casasse com uma macaca, natural do país de Nod, terra desconhecida a Estrabão. É logicamente rigoroso que um país desconhecido a Ptolomeu e outros geógrafos antigos seja país de macacas. se a vossa excelência não achar no mapa de Portugal a terra onde fui

criado e educado, a Samardã, tão chasqueada por Filinto Elísio, fica autorizado a decidir que eu, em pequeno, andava lá pelos bosques a brincar com as caudas dos cinocéfalos, meus mestres de ginástica e gesticulação.

— D'onde és tu, meu amor?-pergunto, na praia da Foz, à mulher que adoro. — Sou de S. Gonhedo-responde ela.

— De S. Gonhedo? Espera aí.

Abro o «Dicionário geográfico», de que ando munido depois dos últimos acontecimentos. Procuo S. Gonhedo , e não acho.

Começo a suspeitar que o meu amor é de Nod;-que é, pelo menos, amacacada. Disfarço, acendo o meu charuto, e safo-me. É o mais prudente.

De Caim e da sua esposa Catarina (sem dom : receio que a vossa excelência, esquecido dos seus estudos zoológicos, faça a mulher quadrúmana de Caim homónima da inspiradora de Luiz de Camões. Catarina é o nome de uma das duas tribos da primeira família de macacos. Veja Milne-Edwards, Dumeril, Lamarck, e a mim, passim)-de Caim e da sua esposa Catarina procedem, segundo Alexandre Dumas, as mulheres de má raça e condição bravia. Pelos modos, nesta progénie maldita, os machos são poucos, sem embargo de enxamearem por aí em barda uns que macaqueiam Schlegel e Kant como uma foca pode remedar um acrobata árabe.

A geração de Caim, continuada em Cham, brunida pelo esmeril dos seculos, adelgaçou-se e poliu-se de feitio que já se confunde hoje em dia com a descendência abençoada de Sem e Japhet. Vossa excelência (permita o exemplo)-está persuadido que a sua senhora é da raça boa, e faz muito bem; mas vá de hipótese que a sua mulher amua e trinca o lábio porque o vizinho resiste a renovar-lhe a cuia. Parece-me que será então acertado reparar se ela n'essa ocasião rói o sabugo, se coça os quadris com o dedo indicador, e anda de cadeira para cadeira a dar uns saltos suspeitos. Se este desgraçado pressuposto se realizar, vossa excelência não será demasiadamente iniquo desconfiando que está matrimoniado com uma senhora que tem nas veias um litro de sangue de macaca. Feito o descobrimento antropomórfico (queira desculpar esta gregaria), nenhuma cautela é de mais. O bom siso pela minha boca humilde, aconselha o vizinho que lhe dê a cuia, duas cuias, e três nozes para ela se desarrufar. Se não fizer isto,... estende-se, Sr. Raimundo.

Começam a entreluzir os meus princípios acerca do adultério. Já achou, vizinho?

O adultério é um fatalismo orgânico. A mulher de estirpe macaca é irresponsável do fratricídio e casamento bestial de Caim. A rola arrulha, o sagui chia, cada qual segundo a sua natureza glótica. O homem não deve sangrar à ponta de punhal a artéria onde o supremo gerador injetou sangue viciado. Ninguém se lembrou de fazer irmãos da caridade as hienas, nem encarregou os paquidermes de missionarem aos pretos seus vizinhos.

O crime depreende-se da liberdade do não praticar. A bossa impede o arbítrio.

O homem, que descadeira a mulher vítima da fatalidade do seu organismo, será capaz de me desfechar um revolver à queima roupa, se eu lhe não aceitar a corte. E eu não lh'a aceito, porque não está na minha organização aceitar a corte do masculino nem do neutro. Sou irresponsável da minha esquiva às carícias ardentes d'essa pessoa.

Não posso amar o sujeito que me enviou uma camélia, ou um frasco de água de Colonia do Farina. Se esse galã me bater, sobre ser asno, é feroz.

Os legisladores, menos arredios das leis naturais, estatuem que marido e esposa se divorciem, dada a incongruência de génios, agravada pela prevaricação dos recíprocos deveres da fidelidade conjugal. O divorcio, porém, restrito à separação do foro conjugal e bens, não saneia as feridas abertas na honra. A mulher resvala com o nome do marido a todas as voragens onde a irresistível condição a baqueia.

Há de ele, por tanto, mata-la para desacorrentar-se do pelourinho do vilipêndio? Não; porque mata um autómato inconsciente da sua queda. É como se andasse ás facadas aos seus amigos, porque eles, na sua qualidade de corpos, obedecendo à lei da gravitação, pendem para o centro da terra.

«O divorcio judiciário constitui o casamento escola de escândalo»-diz o douto dramaturgo do Suplicio de uma mulher .E acrescenta: «A interferência de juízes é quase sempre cega ou nociva. Se entre casados há motivos de

divorcio, dêem-lhes plena liberdade de se desligarem». Até aqui o primeiro publicista de França.

Mas divorcio incondicional, rompimento sem clausulas. Se há dote ou bens parafernais, a mulher é credora, não já do marido, que é um titulo extinto, mas do detentor incompetente dos seus haveres.

Essa mulher, livre, pode encontrar marido da sua espécie, com três partes de macaco ou mais, que lhe não estorve os instintos, e ser ditosa, como a esposa de todos os sujeitos de prol e tino, que não são de ciúmes ofendidos.

E, simultaneamente, aquele homem, desatado do vinculo infamante, pode topar uma descendente de Japhet, esposa leal, sanguínea ou biliosa, mas sobretudo honrada, que é melhor que linfática.

E o sacramento?—pergunta-me o vizinho com a Cartilha de Mestre Ignacio em punho.

O sacramento, Sr. Raimundo, é um atentado contra a natureza; é, na frase enérgica de Girardin:—«uma pretensão impia dos fabricantes de leis positivas, profetas e legisladores a desfazerem as leis naturais para refazerem o género humano sob o nome de Sociedade».

Observe que Girardin foi marido exemplar de Delfine Gay, a mais formosa e ilustrada alma no mais gentil corpo de parisiense. Pondere n'isto.

Mas muito mais ponderosa é a questão dos filhos. Que se há de fazer ás crianças, flores que desbotoam à ourela d'essas sentinas, anjos nítidos que passam deplorativos por entre as lavaredas d'esses infernos?

Os filhos, legítimos ou bastardos, adulterinos ou incestuosos são iguais perante a mãe. Ela é quem não duvida que os filhos são seus. Receba-os, leve-os, que talvez leve consigo os esteios do seu reabilitado decoro. Mas, se o marido os quiser, deixe-lhos, que bem amparados ficam no seio do amor. Deve de ser imenso o bem-querer do homem que lava com as suas lagrimas os estigmas na face do filho da mulher pérfida e repulsa.

Pergunta-me o vizinho se, em harmonia com estes paradoxos, o casamento, a aliança sacramental de homem e mulher acabam.

Acaba o que a sociedade fez, violentando o que a natureza tinha feito. Mulher e homem voltam ao que foram.

Target, o colaborador do Código Civil da Convenção, responde-lhe melhor do que eu: Onde quer que a sociedade encontrar um homem vivendo com uma mulher, deve reconhecer um consorcio apto para dar aos filhos o direito da legitimidade.

— Paganismo!

Seja o que a vossa excelência quiser; mas olhe que já não é bom tom trejeitar visagens e momos quando a razão joeira perolas no lixo da Roma de Agripa e

Séneca, de Catão Censorino e Marco Aurélio. Se o vizinho admira nos Congregados e na Trindade muita senhora, devota e escrava de Maria Santíssima, não se edificaria menos entrando em Roma no templo do Pudor, edificado pelas Vetúrias, Cornelias, Calpurnias, Sulpicias Pretextatas e Arrias Marcelas. Estas ou morriam com os maridos amados, ou vingavam-nos. O opróbrio não ousava erguer a cabeça petulante de sobre a alta barreira que extremava aquelas matronas das Sílias e Octávias, das Apuleias Varílias e das mulheres de Cláudio.

O vizinho sabe que na Roma pagam, dado que o divórcio pendesse da simples deliberação de um ou de ambos os cônjuges, ou ainda do mero capricho do marido imoral—quer ele se chamasse Nero ou Cícero—decorreram quinhentos e vinte anos sem um exemplo de divórcio.

Montesquieu explica o fenómeno: «Marido e mulher sofriam-se pacientemente os mútuos dissabores caseiros, por isso mesmo que podiam acaba-los; e, só porque tinham livre o uso d'esse direito, passavam toda a vida sem practica-lo».

Aí está a minha ideia peneirada aos ventos quadrantes da opinião tempestuosa das turbas. Ruja a leoa da hipocrisia na sua caverna—que eu, à laia do varão justo de Horácio, ouvirei sem pavor o estrondear do mundo derruído à volta de mim, visto que tenho assistido impávido aos estrondos de todas as filarmónicas de que sou socio prendado. *Impavidum ferient ruinas.*

Direi agora da vossa excelência, e de mim, e aqui do vizinho especieiro da esquerda, e d'outros súcios do masculino.

Napoleão I, na ilha de Santa Helena, mandou escrever no seu Memorial que «um homem deve ter muitas mulheres». Fez o que disse, e formulou uma máxima ao alcance de todos os tolos, salvo seja. A aguia de Austerlitz alçou aos páramos da sua ascensão axiomática os ínfimos escaravelhos e osgas d'estes nossos pais burgueses.

O nosso velho amigo D. João Tenório incorporou-se em toda a casta de galã esgrouviado, de galã mazorro, de galã aparrado no corpo e na alma. Os monarcas, constituídos Luíses XIV de refugo, meteram nos paços uns retalhos de Constantinopla, com a diferença que os seus camaristas — os lançarotes-não poderiam gargantear de falsete na capella sistina. pela sua parte, os sapateiros, convictos da igualdade do homem perante a mulher, fizeram-se também califas de sultanas cozinheiras, imolando à sua intemperança d'amores o decoro das cozinhas e a perfeição das almondegas.

Está, pois, derrancado o masculino desde o trono até à tripeça.

E diga-me cá, ó vizinho: onde iria cada homem buscar as muitas mulheres decretadas por Napoleão o grande? Fora do triangulo? era impossível. Vossa excelência está bem certo do que é o triangulo? Vem isso lucidamente explicado no Homme-Femme de Alexandre Dumas. Triangulo é o homem-movimento, é a mulher-forma, e é Deus manifestado n'essas duas coisas que

se unem. E, se não se unirem e amalgamarem n'uma só, nem o homem terá forma, nem a mulher se moverá. Por tanto, homem sem mulher tem peso, mas não tem feitio; mulher sem homem, nem se quer é um móvel, porque é imóvel. Mais claro do que isto, só um preto e a Poesia do Direito de mestre Teófilo.

Logo que o Código Penal não providenciou contra o homem, contra o movimento, que se quisesse apropriar vinte formas de uma assentada, era de esperar que a sociedade sofresse grande terramoto nas suas mais augustas instituições. Assim aconteceu. O homem, abroquelado com a impunidade, desfraldando a bandeira da natureza em bruto, arpoou as suas preás no próprio tálamo conjugal. Tal marido, que tinha uma só forma, perdeu a mulher, e ficou amorfo, sem feitio de casta nenhuma.

Outros, que tinham duas formase d'aí para cima, lá se avieram melhor com a sua vida. A mulher, essa é que nunca ficou entrevada, à mingua de movimento, porque o homem para ela era como o ramo de Virgílio:-
homem ido homem substituído:

Primo avulso non deficit alter.

Choveu então aquela praga de leões devastadores, Leo vastratix de Lineu-uns ribaldos que se gabavam de ser pais de todos os nossos filhos. E seriam;-o diabo o jure!

Estes homens eram negros ou pálidos — Otelos ou Romeos. Tinham maneiras cismáticas nas salas. Sombrios como anjos precipitados; demónios ainda belos do resplendor do céu perdido. Liam romances do visconde de Arlincourt, cheirando a patíbulos ensanguentados. Bebiam cognac, na abundancia, em que o crévê de hoje em dia, o seu filho degenerado, bebe agua de Entre-ambos-os-rios para desentupir o fígado. Comiam berbigões e outros testáceos com salada de malaguetas.

Às duas da manhã saiam dos seus antros da Aguia-d'ouro, chapéu derrubado, capote ás canhas, e içavam a devastação das famílias pelas trapeiras com escadas de corda.

Estes devassíssimos Richelieus de esnoga eram conhecidos. Toda a gente fina sabia que eles bebiam as lagrimas de umas senhoras pelos crânios das outras. E, não obstante, a sociedade decretava-lhes a primazia na elegância, o primor na cortesia, e bom-gosto nas fidalgas estouvices.

Era vê-los nas salas.

As meninas remiravam-nos de esguelha, tremidas de amor e medo; e aconchegavam-se da égide tutelar da mãe que lhes segredava em suores de aflição:

— Aqueles homens tem manfarrico! Meninas, não olhem para eles, que tem perdido muitas donzelas, e de casadas não há conta nem medida.

E as meninas ficavam sabendo que as donzelas se perdiam como as casadas; e, se perguntavam o destino d'essas perdidas, as mães respondiam:

— Não vês ali D. Pulcheria? D. Athanazia? D. Herminigilda? e etc. ?!

Elas reparavam castamente, e viam as três nomeadas, e as eteceteras , refesteladas em poltronas, arraiadas de seda e pedras. E, depois, viam-nas ir, sobraçadas pela cinta desnalgada, nos braços d'aqueles homens precitos, regamboleando a perna com furor macabro n'aquelas polcas de então que eram a própria lascívia, o segredo descoberto das corêas na festa da deusa Bona.

Eram assim iniciadas as meninas ao sair do colégio: mostrava-se-lhes o sedutor fatal com o prestigio das salas e dos amores defesos; mostrava-se-lhes a mulher desonesta com as regalias dos diamantes e das polcas.

Parabéns, vizinho! D'aqueles homens, uns morreram; outros, prostrados ao canto da leoneira, urram nas angustias da gota, e pitadeiam do meio-grosso.

Durma vossa excelência sossegado nos braços da esposa fiel e da policia civil.

Escada de corda não consta há muitos anos que as patrulhas topassem uma funcionando contra o pudor publico. Das muitas cordas que houve, suspeito que os seus possuidores se serviram, enforcando-se a final com elas para desagravo dos bons costumes.

Verdade é que se dispensam escadas, se a hipótese etológica de Alexandre Dumas é verdadeira — a hipótese das macacas, à qual eu racionalmente associo a hipótese dos macacos, com bastante desaire do meu sexo. Aqueles bichos atrepam contra todas as previsões da policia. Um bugio é capaz de enroscar a cauda na sacada do vizinho da esquerda, e baloiçar-se à janela do Sr. Raimundo com a maior limpeza de trabalho: quod di omen avertant — o que os deuses não permitam!

Seja como for, oiço dizer que os defuntos leões, se não deixaram leônculos com as manhas paternas, inocularam na geração atual o que quer que fosse da sua postema. Por aqui na nossa rua e nas travessas limítrofes, graças aos temperamentos, não tem havido, que eu saiba, suplicio de macaca; observo, porém, cheio destas tristezas modernas, que, uma vez por outra, lá ao longe, certos maridos, ignorantes do casamento de Caim no país de Nod, vão exercitando o ofício do avô sem se importarem dos costumes da avó: matam.

Esta ação, vizinho, se me não parece digna, sem reserva, do maior elogio, também a não impropero em diatribes de Sganarello que defende o seu impudor próprio, arguindo a crueldade alheia.

Isto de trair é um funesto pendor do organismo. E matar, ao meu ver, é uma funesta e irrecusável influência da neurose. Mulher, que refrear os ímpetos do seu temperamento, é tanto como divina, senão é mais, porque sopesa a natureza, divinamente saturada do deus universal, do grande Pan indivisível.

Homem traído, que sente em si o retalhar de dois gumes, amor e honra, dois cautérios a sarjar-lhe a um tempo coração e cérebro,-que arde em anciãs de matar como ardera outrora em anciãs d'amor, tal homem, se perdoou, é um santo, é a mais bela e perfeita desgraça que Deus criou.

Não temos, porém, que ver com aquelas exceções. Balancemos o turíbulo da nossa admiração à Providencia d'essas almas, e desandemos para a feira franca onde o satã de Gil Vicente enfeirava as suas vitualhas.

O comum dos adultérios é a retaliação, o despique, a mulher que a si se despreza porque se vê aviltada do marido. Ele, sacerdote do amor, erigira-lhe altar e idolatrara; depois, esfriado o fervor, apeara o ídolo, e assentará sobre a peanha profanada a deidade nova, com resplendor de seduções infames. Primeiramente, o amor e vaidade choraram no coração da mulher expulsa do templo; em seguida, o orgulho represou as lagrimas, fê-las peçonha de vingança; e, por derradeiro, nivelou a mulher vingada ombro a ombro do homem libertino. Eles aí estão, dignos um do outro, levados pelo delito social ás leis autenticas da natureza. Acabou o artificio do marido-esposa. Restaurou-se o macho-fêmea. Romperam o pacto da fidelidade? desonraram-se reciprocamente? Muito bem! Hossana aos filhos da natureza! Urra pelo rebanho de Epicuro! Qual matarem-se! Vivam! no lar ou na rua, na lama ou nos arminhos; mas vivam e medrem como gente de boas e bem salgadas contas.

Isto é o que a lei quer, o que a religião da caridade aconselha, e o que a sociedade tolera com um bem dissimulado respeito.

Todavia, há aí uns celibatários, extraviados dos concílios, amantes extremosos, pais loucos de amor aos filhos, mas, em fim, celibatários impudicos, que sorriem, a ocultas, dos maridos logrados.

Quem disse a esses malsins do lar alheio que tais maridos são logrados? Com que protéria se a fama da esposa estigmatizando-a de pérfida? Esposo traído e mulher trega são os que reciprocamente se mentem. Cessa a ignominia da perfídia onde começa a luminosa tolerância da desforra.

E, por tanto, a invasão da critica ao seio da família, que não reclama a interferência do Código Penal, é uma vilania estúpida, um insulto à liberdade dos cultos.

Sr. Raimundo, sei de umas pessoas, que mofam cruelmente dos maridos enxovalhados pelo desdouro das mulheres. Ora, esses que hoje escarnecem o homem desonrado, apedreja-lo-hão amanhã, se ele oferecer o cadáver da adúltera como resgate da sua honra.

— Matar! Oh! não, assassino! Despenhasse-la antes com um pontapé, de abismo em abismo, até aos nossos alcouces. Nós já temos encontrado cá mulheres ilustres como a tua. Borrifamo-las com a champagne das nossas orgias. Ouvimo-las espumear dos lábios roxos o nome dos maridos por entre o acre do álcool. Vimo-las repintadas de esfoliações esquálidas no rosto.

Soubemos enfim que o lençol da misericórdia as baldeou da enfermaria à vala. E os maridos viveram e sobreviveram, porque tinham juízo na cabeça, e abrigavam religiosamente no coração o augusto preceito: não matarás! — Apoiados! Sr. Raimundo, apoiados! Estes homens falam bem: são os sociológicos, os filósofos, os estoicos, os cultos, sou eu, é vossa excelência, se me não ilude a confiança que pus na sua capacidade, hão de ser os jornalistas, os legisladores, os juizes e os jurados, quando a brocha der a ultima de mão neste mascarrado edificio social.

Se eu tivesse um filho, havia de encouraço-lo para se afrontar, intemerato e invulnerável com esta sociedade cancerada. Criá-lo-ia debaixo de mão, e no regaço da mãe virtuosa, até aos trinta e cinco anos, vestido de menina. Depois, mandá-lo-ia estudar primeiras letras, e ultimas, com professor de acrisolada santidade de costumes-mestre régio que houvesse tido a heroica abnegação de viver com o que lhe dá o governo, sem me sair à estrada a roubar-me o relógio. Aperfeiçoada d'esta arte a educação intelectual do meu herdeiro, eu iria com ele a um ponto culminante da cidade, à Torre dos Clérigos, por exemplo, na falta da montanha de Alexandre Dumas, e dir-lhe-ia o seguinte:

«Meu filho, tens quarenta anos. Fizeste exame de instrução primaria:—coisa que eu não era capaz de fazer. Sabes as Raízes da formação dos tempos , conjugas um verbo irregular, tens luzes não vulgares do Pretérito mais que perfeito composto , bebeste a longos haustos os Lugares seletos do Sr. Padre Cardoso, e vislumbraste Guizot através da historia pátria do Sr. Motta Veiga.

Estás pronto. Eu é que não sei nada d'isso; que desbaratei a minha mocidade com o Tesouro de meninos , e depois com a tesoura das meninas, umas costureiras que me cortaram os voadouros, quando eu batia as azas para a região superior do Manual enciclopédico . Perdi-me. Delicta juventutis mes.

«Em compensação, meu filho, fiz enxertar no teu cérebro dois garfos da ciência universal. És um reportório dos conhecimentos humanos e prestadios. Estás habilitado para tudo, desde porteiro do Montepio dos empregados públicos até ministro da Marinha.

«Portugal é conquista dos talentos, como sabes.

«Espera-te uma cadeira velha na Academia Real das Ciências, e outra no Gabinete de Leitura de Lamego. Tem-me d'olho estas duas couçoeiras luzentíssimas dos penetrais da imortalidade.

«Tenho a satisfação de saber que chegaste à florida idade dos quarenta, sem que uma só pétala se haja fenecido na tua grinalda de virgem. no meio d'esta fornalha de Babilonia, portaste-te como verdadeira salamandra. Era grande o meu jubilo quando te via chegar a casa em mangas de camisa, e, rosado de pejo, me dizias que mulher de Faraó te despira o fraque! És um menino das eras antigas. Em tempo de D. João V e outros reis castos, serias sacristão de Mafra ou da Patriarcal. Hoje em dia, a virtude da continência levada a tamanho apuro, poderá, quando muito, permitir-te a diretoria interna do Asilo das velhas do Camarão.

«Meu filho, é tempo de entrares na forma, quero dizer, de teres forma, de completares o triangulo com a esposa.

«Casa-te, se queres; mas, se te parece, espera mais cinco anos — período não de sobra para bem digerires e ruminares certos preceitos. É bom ruminar desde já, para que depois não estranhes as operações fisiológicas de ruminante.

«Entretanto, procura esposa que não saiba ler nem escrever, se tanto for possível; receio, porém, que a não topes neste país onde a instrução está por tanta maneira derramada. Derramada é o termo lidimo.

«Se, à mingua de outra, o coração te esporear para mulher versada no alfabeto, fornece-a desde logo de livros uteis, brindando-a com as copiosas Artes da cozinha , que se publicaram neste abençoado refeitório de Portugal, desde Fernão Rodrigues até Ramalho Ortigão. Não se te importe que ela conheça este segundo sujeito; mas tão somente do Cozinheiro dos Cozinheiros , que ele deu à estampa com outros poetas causticados da inspiração satânica de Beaudelaire. que a tua mulher procure o vampiro d'aqueles génios unicamente no seio de um timbale de borrachos.

«Averigua, antes de mais nada, se a tua noiva procede diretamente da sua quinta avó e respetivo avô, sem travessia. Tal avó tal neta. Indaga que frades, e de qual ordem, entravam em casa das avoengas do teu namoro; e não será demasiada pesquisa esquadrinhar se a mãe dela ainda alcançou os bernardos.

«Sabido e provado que a menina é de boa linhagem, observa se isto de fundilhar ceroulas e apontar peúgas não são para ela coisas mero legendarias, tradições míticas de Penélope e da rainha Bertha. Bom será que ela seja caroável da criação de parreiros e galinhas, e outros «lances caseiríssimos» ao modo de falar de D. Francisco Manoel de Mello.

«Que não se te olvide de espiar-lhe com aturada vigilância o temperamento, como clausula em que muito bate o ponto. Se te sair sanguínea, -alimentação vegetal, legumes, muita chicória, frutas e macarrão. Se linfática, não privo que a faças quinhoeiro de substancias fibrosas. Se os nervos predominarem, subordina-lhe a alimentação calmante aos banhos de chuva. Em suma, pelo que é de temperamentos, entende-te com Alberto Pimentel, autor dos Sanguíneos, linfáticos e nervosos , amável escritor que todos os noivos devem convidar para lhes tirar o horóscopo da systole-dyastole, e da espinal medula.

«Estás, pois, casado, meu filho. Tens outra alma no âmago da tua, uma segunda consciência a dirigir, como pai, esposo e sacerdote. Na qualidade de padre da tua mulher, não me admitas acolito, percebes?

«Serás fiel a tua mulher; levá-la-ás ao Circo de quando em vez; e de tempo a tempo à musica do quartel-general, e ás Figuras de cera, autorizadas pelo chefe da policia, por causa das Vénus. De comedias chamadas «de casaca», e dramas lardeados de can-can, e Quadros-vivos, livra como de peste.

«Irás onde ela for; passarás à sua beira as noites de Janeiro, fazendo «paciências» ou jogando o burro: isto enquanto não há prole. Quando houver pequenos, andarás com eles às cavaleiras, enquanto a mãe jubilosa lhes está costurando os atafais.

«Visitas de casta nenhuma, sem ressalva de sexo ou idade. Diz o esperto Rosado nas Lagrimas de Jerusalém : «Está o mundo cheio de velhos e velhas que leem de cadeira vícios aos rapazes e às raparigas.» Foi isto estampado há duzentos e cinquenta anos! Que diria ele hoje? O que escreveu n'outro lanço: «Já não há virtudes nem cerume d'elas».

«Ora bem: conjeturemos agora, meu filho, que a tua mulher, lealmente amada, farta e cheia, querida e acariciada, pega de sentir-se invadida ob e sub-repticiamente pela imagem de certo homem que viu no Circo ou nas Figuras de Cera. Considera, ó misero, que o freguês da Grã-duquesa é um d'esses cachorros da raça funesta dos citados «leões», que, através das lentes do binoculo, despede coriscos à alma da tua consorte, queimando-lhe as grandes artérias, as medias, as filamentosas, os vasos capilares, tudo em que há sangue e palpitar na economia animal. Considera, outrossim, que ela, ouvindo a cavilosa natureza, mãe dos escândalos, em vez de confessar-se a ti, que és o seu padre lareiro, manifesta-se à cozinheira; e, por entre os soluços da honestidade moribunda, abre-lhe o peito onde a sua má sina lhe fotografou a terníssima cara do Saint-Preux do Circo.

«Por te não polear inquisitorialmente com hipóteses, vamos à ultima. A cozinheira entrou no triangulo. A tua mulher recebeu cartas, e respondeu-lhes, servindo-se dos teus dicionários, do teu papel pautado, dos teus envelopes, e, para remate da afronta, da pena com que tu enriquecias de glossas o Cozinheiro dos cozinheiros , ou esboçavas narizes tortos para entreter os rapazes.

«Neste tempo,-vá outra conjetura desgraçada-supõe tu que eras socio prendado, como eu, de varias filarmónicas aonde ias, uma noite por outra, prestar a Offenbach o preito da tua corneta de chaves. Com refece sorriso, tua mulher dava-te à saída o osculo do costume, e esperava-te de volta, perguntando-te com a voz convulsa da consciência irrequieta se foras feliz nos bemoes, e tiveras palmas no solo do 2.º acto da «Ilha de Jafanapatão.»

«Ah! filho! Estavas traído como todos os músicos incautos, traído como todas as vitimas generosas das belas artes, quando a alma entusiasta as eteriza acima do capacho onde as esposas se amesendram com as suas palavras. Atraído, pois! E, por tanto, se essa mulher, que tanto amavas, te cravou o punhal herdado da desonra no intimo seio onde lhe tinhas a imagem;-se te coou mortal peçonha no beijo que te deu com os lábios crestados da lava de outros lubricísimos;-se te fez a fabula dos vizinhos, e te plantou na praça onde há o gargalhar dilacerante, e aí te pôs ao cêvo dos corvos que crocitam à volta do corpo onde farejam morta uma alma;-se te levou o nome pelos seus muladares, a rojo da cauda dos seus vestidos mercadejados com o corpo;-se te

acalcanhou o coração, e te matou no cérebro o rouxinol dos teus cantares;-se te incutiu no eu objetivo a dispepsia, a hepatite, a hipocondria, a cacoquimia, e enfim te pôs a honra e os intestinos entre o suicídio e o inevitável opróbrio: sabes o que hás de fazer? Sabes o que hás de fazer a essa macaca, meu filho?- Não lhe faças nada: deixa correr o marfim».

Isto é o que eu diria ao meu filho; vossa excelência, porém, faça o que bem lhe parecer: eu não aconselho ninguém.

Vizinho, se a questão do Homem-mulher não está assim resolvida, sou eu mais lorpa do que penso, ou a questão é mais infame que o acto que ela discute.

Seja como for, Pax Domini sit temper tecum , e boas noites.

10 de setembro, Ano da Graça 1872.

AQUELA CASA TRISTE

A casa grande das quinze janelas branqueja no espinhaço do monte.

As janelas fecharam-se há seis meses, ao mesmo tempo que duas sepulturas se abriram.

A sepultura do Africano, que chegava ao cemitério quando a filha expirava; e a sepultura de Deolinda, quando o sino dobrava ainda nos funerais do pai.

Ao homem que morreu naquela casa triste chamavam o Africano.

Estou-a vendo daqui.

As vidraças reverberam o sol poente.

Eu, há hoje dez anos, vi abrir os alicerces daquela casa.

Lidavam operários a centenares.

Entre os alvenéis estava um sujeito, na pujança dos anos, magro, macilento e tostado pelo sol da África.

Disseram-me que era homem muito rico, e viera do cabo do mundo, e se chamava Duque por apelido e o Africano por alcunha.

Avizinhei-me dele, com o rosto risonho de cortesias, para lhe perguntar como ia, em monte assim agro e ermo, fabricar edifício tão grandemente cimentado.

Respondeu que tinha em Benguela uma filha, com quem andara viajando na Suíça. E que a sua Deolinda, estanciando nas empinadas serras de S. Gotardo, disse-lhera que seria feliz se morasse no topo de uma montanha, em casa imitante de outra onde pernoitara, e donde vira levantar-se o Sol do seu leito de neve.

E ele, pai extremoso, rico e saudoso da pátria, disse à filha que, pôr cima da casinha onde nascera, num outeiro do Minho, sobranceava um alto monte, golpeado de regatos que derivavam por entre arvoredos fresquíssimos.

E a filha, cingindo-lhe ao pescoço, exclamara:

— E quando vamos?

— Irei fazer a casa no alto do monte, e depois irás tu, e levaremos para a capela os ossos da tua mãe. E eu descansarei desta labutação em que pude granjear mais que o preciso ao teu passadio, visto que preferes, a viver em Paris, uma casa nas serras de Portugal.

E saiu de Benguela, provido de dinheiro para edificar o ostentoso chalé que a filha fantasiara.

Ora, os arquitetos do Minho, como não percebessem a planta do Africano, construíram-lhe um palácio aldeão, espécie de dormitório monástico, um leviatão de granito zebrado de vidraças enormes e portas alterosas.

Perto dali, na outra lombada do mesmo outeiro, está o antigo solar torreado dos senhores de Farelães.

E eu, que, naquele tempo, me embrenhava nas ruínarias grandiosas do paço senhorial de Ruivães, a decifrar a lenda meio histórica dos Correias de Sá nos frescos do teto apainelado, ao perpassar pelas grossas cantarias do Africano, dizia entre mim: "O palácio cavaleiroso que desaba e o palácio industrial que se levanta. Aquele recorda as manhas épicas do peito ilustre lusitano, indústria da lança que atirou da Índia para ali, na ponta ensanguentada, a pedraria dos reis de Chaul, de Calecute e Mombaça.

Ergue-se o novo palácio para assinalar à posteridade que o peito moderno lusitano é ainda ilustre e empreendedor, diferenciando-se do antigo somente no que vai entre adaga e azorrague, entre acutilar o Índio pela frente ou verberar o Etíope pelas costas." Mas eu não sabia se aquele homem, tão entranhadamente pai, amealhara os seus haveres pôr entre os perigos do cruzeiro. Talvez que não. A riqueza não é sempre o estipêndio generoso dos homens cruéis. E, em corações afistulados por peçonha de cobiça – sede execrável que se apaga em lágrimas – não cabe o exaltado e santíssimo sentimento do amor paternal. Quem chora por um filho não tem olhos que vejam, enxutos, arrancar escravos dos braços das suas mães. Verdade é que os práticos destes ultrajes a Jesus – ser divino em que Deus se manifestou no mais elevado grau da consciência humana – dizem que lá, nas cubatas, não há mães nem filhos: há indivíduos bestialmente rebanhados e inconsciente de

laços de família. Se assim é, meu Deus, porque não destes à vossa criatura de epiderme negra o amor maternal que dulcifica as meiguices da hiena enroscada nos filhos?

Aprumadas as paredes, delineados os repartimentos, os patins, as portas, a capela e o jardim, Duque, o Africano, saudoso da filha, deixou a obra no meio e dinheiro de sobra ao seu feitor, pautando-lhe que, no prazo de doze meses, a casa estaria feita.

E voltou a Benguela, onde tinha centenas de escravos, armazéns de café, de marfim, de gomas, e as suas vastas sementeiras sobre dez léguas circulares de terra, onde o suor da pele fusca, porejado pelo sol a pique, era um como adubo forte, um guano de sangue estilado por entre febras vigorosas e distendidas pelo látego.

Vendeu as fazendas, enfeitou as bestas e os negros, abarrotou a galera de carga sua, esquivou a tolda, decorou de froixéis de seda o camarim da filha e projetou à pátria. Parecia um dos antigos vice-reis que voltavam da Índia, de uns que não se chamavam João de castro nem Afonso de Albuquerque.

— Vale duzentos contos a carga da Deolinda! — diziam os amigos do Africano, quando as velas da galera, chamada com o nome da filha do seu dono, trapeavam bafejadas por aprazível brisa.

A navegação, por perto da costa, e sempre ajudada por prósperos ventos, correu alegre e descuidosa de receios.

Deolinda deleitava-se a remirar a prata das ondas espumantes, ou, enlevada em leituras amenas, passava as tardes na tolda, enquanto não chegavam os seus amores mais queridos, as estrelas do céu e as fosforescências do mar.

Ela era mulata, e bela quanto cabe ser, com a face beijada por aqueles raios ardentes e o sangue escaldeado das lufadas do deserto – mulata, com as feições levemente denunciativas da raça materna, quase tirante a esmaiado amarelido, um bem harmonizado conjunto de graças, avantajadas ao que se diz beleza, debaixo deste nosso céu de rostos níveos, sangue pobre e epiderme alvacenta.

Trasmontada a linha e festejado o passo com descantes da maruja, o céu entrou de nublar-se, a nortada a ringir nas gáveas os silvos agoureiros e o piloto esperto a encarar muito fito num nevoeiro que se acastelava, sobre noite, à volta do sol esmaecido. Era em Fevereiro de 1869.

Ao repontar a manhã do dia seguinte, o mar urrava acapelado, as nuvens desciam a sorver as ondas que se encurvavam, o sol apenas entreluzia frio e marmóreo na baça claridade da manhã.

Ao meio-dia, o escurecer fez-se rápido e pardacento como um crepúsculo de noite invernososa.

Bravejou súbita fúria de mar, apenas colhido o velame.

O piloto vira terra, e cobrara alento na esperança de aproar a Cabo Verde, conquanto se temesse daquela costa infamada de muitos naufrágios, desde que portugueses se andam à cata de oiro e opróbrio pôr entre os colmilhos da morte, na espádua das tempestades, a braços com a ira de Deus e dos homens.

Noite alta, estrondeou no cavername da galera um como estampido de peça que detonasse dentro.

Deolinda foi colhida nos braços do pai, quando resvalava da camilha ao pavimento, com o livro das suas orações nas mãos convulsas, e o nome da Mãe dos aflitos nos lábios.

— Morreremos, meu pai?! – perguntou trespassada de horror.

— Ânimo! – murmurou ele –, abraça-te em mim, que eu não quero chorar-te nem que me chores, filha... Morreremos juntos.

Em cima estrugia a celeuma dos marinheiros, o rojar ríspido das amarras, os gritos, as súplicas, os apitos, o troar da peça, que pedia 6 socorro, e o dos trovões, que reboavam, e um relampadejar que azulava os abismos.

E, de súbito, a galera, após aquele repelão que lhe vibrou as cavernas, quedou-se arquejante, a roçar nos espigões da restinga.

E as vagas, raivando contra aquele estorvo, galgavam-no, rolando-se, refervendo e marulhando de um bordo a outro. O porão descosia-se, bebendo

e golfando jorros de água como o monstro dos mares escalavrado pelos arpéus.

O capitão, pálido mas sereno, debruçou-se no corrimão da câmara e disse:

— Encalhou a galera, Sr. Duque. É tempo de sair a terra.

— Nenhuma esperança? – perguntou o Africano.

— Só?...

Perguntou o homem rico; mas aquele monossílabo, estrangulado na garganta, rouquejou como um arranco da vida. Só! Só a vida? O meu suor de quarenta anos, os meus duzentos contos de réis não salvam? Eu hei de sair pobre de entre esta riqueza que é minha, que é o repouso da velhice, o património da minha filha? Só!

E as lanchas, balançadas no vaivém das ondas, chofravam nos flancos do navio por entre espadanas de espuma.

Deolinda atravessou corajosa, e firmada no braço do pai, até ao portaló.

O Africano levava no rosto um terror indescritível e nas contorções e visagens de aflição a agonia da pior morte.

E ela saltou de ímpeto ao escaler, apenas amparada na mão de um passageiro, que disse-lhe:

— Adeus...

— Não vem? – perguntou ela.

— Primeiro hão de vir as crianças, as mulheres e os velhos.

Deolinda contemplou-o alguns momentos, e amparou-se na face do pai, onde as lágrimas derivavam copiosas.

Os escaleres varavam na areia, revezados no rolo da vaga. Estavam salvos os velhos, as mulheres e as crianças.

E, logo, os remadores intrépidos que outra vez se arrostavam com a morte, viram a galera a balouçar-se entre o vagalhão e ouviram o estralejar do cavername por sobre os clamores dos náufragos; depois, levantou-se um grande mar, e a lancha ficou para além dessa formidável montanha; e, quando o escarcéu descaiu para solevar a barca, um momento quieta nas fauces da voragem, os mareantes já não viram da galera senão o gume da quilha e à volta dela o bracejar dos agonizantes.

Um dos que ali morreram foi aquele que, dando a mão a Deolinda, dissera: "Adeus!" Era um homem de trinta anos, bem figurado, ares de fina raça e maneiras de cortesão, com palavras polidas e muito alheias das usuais nos homens que viandam por aquelas paragens. Não lhe sei o nome, nem que lho soubera o diria. Foi-lhe túmulo o mar, como se a sorte quisesse que o seu nome se não lesse em epitáfio. Sei que ele cumprira sentença de três anos em

angola, porque aspirara às honras de ser rico, sem escrupulizar nos meios. Tinham-lhe dito que os seus conterrâneos mais nobilitados se tinham enriquecido trocando as riquezas de sã consciência por outras que levam ao Inferno, é verdade, mas pelas portas do Paraíso das regalias deste mundo. Via-os saborearem-se em sossego dos bens mal adquiridos, sem remorso que lhes desvelasse as noites, nem injúria da sociedade que lhes pusesse ferrete na testa; ao revés disso, eles eram a classe mais ao de cima, a gente chamada às honras, sem desconto na estupidez nem proterva reputação, quando à procedência dos seus bens de fortuna.

Nascimento ilustre, educação primorosa em letras e bastante descuidada em moral, pobreza repentina por efeito de demandas que o esbulharam do património, impaciência, ruins exemplos de infames prosperados – todas estas coisas se travaram de mão para o perderem. O seu crime foi associar-se desaproveitadamente com moedeiros falsos, prestando-se a servir de passador de notas no Brasil; no ato, porém, de fazer-se à vela para lá, de um porto do arquipélago açoriano, foi denunciado, preso e condenado.

De volta para Portugal, foi visto por Deolinda a bordo da galera do seu pai, que o tratava com desdém, se não desprezo. A filha do negreiro – negreiro no começo da vida mercantil, mas depois (bendita seja a civilização!) filantropo seguidor das leis humanitárias impostas pelo cruzeiro – soube do seu pai o crime do passageiro e não se compenetrou do racional horror de tamanho delito. Bem que o condenado não ousasse abeirar-se dos mercadores, e menos

dela, Deolinda usou traças de conversar com ele uma fugitiva hora de noite serena, enquanto o pai, no seu camarim, formava esquadrões de algarismos, dos quais tirou a prova real de que os seus haveres excediam para muito os duzentos contos que lhe atribuíam.

Desde essa hora da noite estrelada em que ela ouvira palavras nunca ouvidas, acendeu-se no coração combustível da mulata o fogo que costuma purificar as culpas do homem amado, tanto monta que ele seja moedeiro falso, como homicida, quer negreiro, quer ladrão de encruzilhada.

E ele soube que era amado daquela mulher que havia de herdar muito ouro, e nem por isso lhe deu o galardão de Ter descido até ao pobre estigmatizado para sempre. Nem palavra de humildade agradecida, nem ânimo alvoroçado por esperança de ser, a um tempo, amado e rico.

Deolinda ousou argui-lo de frio e desdenhoso. Ele explicou docemente a sua frialdade, dizendo que só havia no mundo uma mulher que não devia desprezá-lo, e uma só a quem ele devesse amar sem pejo nem temor de ser repellido.

— Quem é? — perguntou ela em sobressalto.

— É a minha mãe. Vou procurá-la e pedir-lhe perdão, porque pus a minha ignomínia à cabeceira do seu leito de moribunda. Se a não mataram vergonhas e saudades, é porque Deus quer que eu a veja.

Quem sabe aí dizer o que Deus quer de nós?

O degredado, na volta da pátria, ali morreu naquele naufrágio, depois que ajudou a salvar as crianças, as mulheres e os anciãos, despedindo-se de todos com aquele sereno adeus que dissera à filha do Africano.

E Deolinda, quando soube que ele era um dos vinte e cinco cadáveres escalavrados na costa de Cabo Verde, chorou poucas lágrimas, e parecia querer romper no seio uma represa delas, que lhe deliam os estames da vida.

— Estamos pobres!—exclamava o pai.

— Temos de mais para o que havemos de viver – respondia ela com uma alegre serenidade.

— Porque hás de tu morrer, minha filha? – volvia ele, já conformado com a desgraça.

— Porque senti há pouco um estalo no coração e pensei que morria abafada. Passou esta ânsia, mas sei que hei de morrer disto. Parece que vejo a sepultura aberta e que o frio do cadáver me trespassa.

O pai aconchegou-a ao seio, como quem aquece uma criança enregelada e soluçou:

— Ó meu Deus, levai-me minha filha quando eu me queixar da vossa vontade que me reduziu a esta pobreza!

Quando soou em Ruivães a nova de haver chegado ao Porto o Africano, com a filha, os homens ricos e pobres, da terra e de fora, contribuíram com mais ou menos para se lhes fazer uma espera de estrondo em Famalicão.

Contrataram-se as bandas musicais mais em voga, ou mais na berra, como diziam os antigos. Parece que a frase seiscentista foi inventada particularmente para as orquestras daqueles sítios, as quais berram pelas suas goelas de metal, quando a paixão filarmónica as não exalta do berro ao mugido, do mugido ao urro e do urro ao bramido. Há ali trombetas que parecem Ter assistido ao arrasarse d Jericó da Bíblia, e se reservam para trovejarem o horrendo sinal da ressurreição de Josafat.

Eram quatro as filarmónicas chamadas a festejarem a entrada de António Duque no conselho. A música de Landim, famosa por seis cornetas de chaves, que executavam valsas e peças teatrais, de modo que, se Ducis as ouvisse, diria que a ópera lírica balbuciara os seus primórdios entre as florestas druídicas. A banda de Fafião competia com a de Guinfões na substância das trompas e troada das caixas. A de Ruivães avantajava-se às três rivais na delicadeza das modas e sentimentalismo com que as charamelas respiravam o sopro daqueles músicos, cujas bochechas pareciam estar cheias de alma e castanhas assadas.

Sou um homem feliz e digno de inveja. Tenho saboreado os inocentes deleites que prodigalizam ao seu auditório as quatro bandas musicais de Landim, Fafião, Ruivães e Guinfões. Quando algum amigo vai alegrar o ermo de S. Miguel de Ceide, chamo logo a música mais delicada, a de Ruivães; principalmente se o amigo é de Lisboa, e frequentador de S.

Carlos. O senhor visconde de Castilho e o seu filho Eugénio são chamados a depor neste processo da imortalidade que vou instaurando ao figle e à requinta, principalmente à requinta de Ruivães. Não vi o senhor visconde chorar de prazer, mas observei que S. Exa. estava comovido quando a requinta assobiava uns guinchos estridentes da Maria Cachucha.

Tomás Ribeiro, o poeta eminente, recolhia-se às vezes, não ao seu quarto a calafetar os ouvidos, mas ao íntimo da sua alma a fazer viveiro de inspirações. Eugénio de Castilho, o poeta das fantasias louras, quer a música de Ruivães lhe amolentasse a sensibilidade, quer os rouxinóis das ramarias lhe dessem invejas dos seus amores, fosse o que fosse, foi assaltado e vencido de uma paixão.

Esta paixão tem uma história. Não sei se ele tenciona escrevê-la nas suas memórias póstumas; e assim, contá-la eu, é esbulhá-lo da novidade e primazia; desconfio, porém, que o meu hóspede e amigo desconhece a história daquela raparigaça de cabelos de ouro e ancas boleadas que deslumbrava a dúzia de jovens requebradas que lhe apresentei na eira.

Chamava-se ela Amélia de Landim. Contava-se que tinha vindo para ali da roda dos expostos de Barcelos. Naturalmente, porque era linda e pobre, ou se vendera ou tinha sido vendida. Assim se disse; mas o certo foi que um filho de lavrador rico lhe dera o impulso no alto da ladeira, ao fundo da qual estava a voragem. Pode ser que a alma se abismasse e requeimasse no fogo dos infernos por onde resvala a mulher perdida. Pode ser. Do corpo é que ela não perdera a menor beleza; nem sequer o viço dos dezoitos anos.

Teria então vinte e cinco. Não era beleza peninsular. Aquele escarlate, os olhos azuis, os opulentos cabelos louros, a pujança das formas, a musculatura rosada e rija, a elegância congénita, o riso, a desenvoltura sem despejo, a graça lúbrica do trajo, enfim, a mulher, os arvoredos, a música de Ruivães, nomeadamente a requinta, e no meio de tudo isto um rapaz de vinte e dois anos, poeta porque é Castilho, e ardente porque é trigueiro, e apaixonado porque é ardente, eis aqui o porquê daqueles amores.

Castilho carecia de um confidente com ouvidos e crítica. A poesia não lhe deu para se confidenciar com os sobreiros da mata, nem me consta que ele se andasse a entalhar na cortiça iniciais e datas.

O seu confidente foi o morgado de Pereira, último senhor da honra e couro de Esmeriz, um rapaz de grande coração, que eu apresentei, no Limoeiro, a José Cardoso Vieira de Castro, que, em 5 de Outubro do ano passado, morreu no degredo, para onde o acompanhou aquele morgado.

Este neto dos Ferreiras Eças e dos remotos castelões de Riba de Ave é hoje, em Cassengo, na África, negociante de café, de marfim, de gomas, de farinhas, etc. Depois de haver bandarreado vida de fausto, com muitas ilusões perdidas, mas pouquíssimas lágrimas, porque a desgraça lhe anda sempre a morder os tacões das botas, em dia de fiéis defuntos ajoelhava, e então chorava, no cemitério de Luanda, em frente do cómodo onde jaz Vieira de Castro, o mais sublime desgraçado que os homens injuriaram, desde que o sol de Deus aquece condições de feras dentro dos covis que se chamam arcas do peito.

Ó meu caro morgado, estas linhas não chegam ao seu sertão, nem eu desejo que as leia, para lhe não darem rebates de saudades daquelas noites de 1866, quando você e mais o seu gentil confidente, com intervenção da Lua, falavam da Amélia de Landim, enquanto os meus queridos visconde de Castilho e Tomás Ribeiro se embelezavam nas trovas da Custódia da Feira, que seria Hipatias, se nascesse na Grécia, ou Corina, se os amavios de Itália lhe coassem no seio coisas mais limpas do que as coplas que a trovadora do Minho tirava do estômago em perfumes de vinho verde.

Não sei como Eugénio de Castilho saiu de S. Miguel de Ceide, pelo que respeita à alma. Lá dizia-se que Amélia, a doida, veementemente apaixonada, iria depós ele. Eu receei o lanço de fino amor, donde adviriam ao meu hóspede agros desgostos. Se os de Lisboa lha vissem, quantos rivais, que mordentíssimos ciúmes! Aquilo era mulher para destinos extravagantes. Que a sentassem numa frisa de S. Carlos! Os binóculos assestados nela seriam tantos

como as paixões, e ao outro dia a enjeitada de Landim, se não fizesse ministérios, havia de fazer muito amanuense de secretaria e dar vazão ao estanque de muito bacharel.

Não foi: estava-lhe reservado menos brilhante mas mais pacífico destino.

Um dia, apareceu em Landim um homem de Barcelos, procurando a mulher que trouxera da roda dos expostos, em 1851, uma menina chamada Amélia. Vivia ainda a ama que a criara. Foi chamada a exposta à presença do homem que se dizia portador de uma fausta nova.

Chegou Amélia, e recebeu do velho desconhecido o tratamento de excelência. Cuidou-se ela ludíbrio do sujeito e riu-se às casquinadas para lhe agorentar o prazer da zombaria.

No entanto, o velho, composto gravemente o aspeto, disse-lhe:

— Minha senhora, não é para gargalhadas a missão que venho cumprir...

— Pois Vossa Excelência está a dar-me excelência! – volveu Amélia.

— Dou-lhe o tratamento do seu pai e dos seus avós. O seu pai, o Sr. Álvaro de Mendanha, antiquíssimo fidalgo e representante dos alcaides-mores de Barcelos, faleceu há três dias com testamento, em que declara que houvera de uma sua parenta, àquele tempo freira no mosteiro de Vairão, uma filha, que por justos motivos expusera, assinalando-a com o nome e outras

circunstâncias. Acrescenta que tem notícia de existir em Landim essa menina, que ele reconhece sua filha, e a institui sua universal herdeira. É V.

Exa., portanto, a herdeira do Sr. Álvaro de Mendanha.

A ama abriu a boca e despediu um ah surdo, que vinha da garganta afogada pelo júbilo.

Amélia ficou-se imóvel, pensativa, triste, e murmurou:

— Se o meu pai sabia que eu estava aqui, porque me não levou para a sua companhia?

— Respondo, minha senhora. Quando V.Ex.^a tinha dezoito anos, o seu pai indagou e descobriu que a Sr.^a D. Amélia estava aqui; porém, ao mesmo tempo, exatas ou inexatas informações lhe asseveraram que a senhora levava uma vida péssima, desonrada e cheia de opróbrio. Receou, com algum fundamento, o Sr. Álvaro de Mendanha que o aviltamento da sua filha desluzisse o lustre do seu nome, e por isso abafou o coração e o remorso debaixo do peso da dignidade, ou recuou diante da irrisão do mundo...

— Mas... – interrompeu Amélia – se eu estava perdida, foi porque ele me atirou ao mundo e à sorte sem amparo de ninguém...

— Tem razão, minha senhora, e foi essa mesma a razão que moveu o seu pai a deixar-lhe todos os seus bens.

— Mas eu antes queria conhecê-lo e melhor ser pobre, que ser rica por morte dele.

— Já que não é remediável essa nobre dor – disse o testamenteiro de Mendanha – receba V. Exa. a suprema prova do arrependimento do seu pai.

Neste legado dos bens está o legado do coração. Seja de hoje em diante V.

Exa. digna dele, já que desde esta hora os seus apelidos são dos mais ilustres desta província.

Neste mesmo dia, D. Amélia de Mendanha saiu para Barcelos, onde entrou a ocultar para o palacete do seu pai, a fim de trajar luto e aparecer convenientemente aos numerosos parentes que confluíam a desanojá-la.

Os bens eram grandes em terras e foros. Casa antiga e sólida. Alfaias do tempo de D. João V a dourarem os salões de teto apainelado, com reposteiros brasonados. Na parte mais velha do edifício, cadeiras repregadas de bronze, contadores atauxiados de prata e enxadrezados a cores, guadamecins nas paredes, amplas mesas de pés torneados, leitos rendilhados com as armas dos Mendanhas na espalda, bufetes, jarras da Índia com as iniciais de um governador de Chaul, oriundo de Mendanha, retratos de família, a começarem em D. Gil Gutierres de Mendanha, solarengo de Barcelos. no meio disto, e senhora de tudo isto, aquela Amélia de Landim, ó meu amigo Eugénio de Castilho! Aquela Amélia, que sarabandeava a Cana verde, o Leva água o

regadinho, e descartava umas Torradas com manteiga que não há aí mais que se diga.

— Onde estava ela?

Perguntavam entre si as primas e os primos.

E diziam exatamente onde ela estivera e de que infectos pauis se levantara com asas de ouro aquela borboleta saída de tão feio casulo!

Relatavam-se os pormenores da sua desgraçada vida, encareciam-se, como se fosse preciso, as desonestidades... e visitavam-na.

Volvidos alguns meses, três padres, à compita, lhe saíram a propor três casamentos: rapazes, parentes, abastados ou arruinados, mas fidalgos e gentilíssimos das suas pessoas.

Rejeitou-os.

Um dia, saiu D. Amélia de Barcelos, na sua sege, apeou em Famalicão, saiu a pé, e parou perto de Landim, à porta de um lavrador. Procurou por um homem que dava pelo nome de António do Couto de Baixo.

Saiu a falar-lhe no quinteiro, ou alpendre, um sujeito de trinta anos, boa figura de campónio, estupidez em barda por todo aquele carão.

— António – disse ela –, conheces-me?

— A senhora, a senhora.... acho que é... — tartamudeou o lavrador agadanhando no occipital.

— Sou a Amélia de Landim. Quando eu tinha 15 anos, amei-te. Era então inocente. Esperava ser tua mulher, e perdi-me. O teu pai não te quis deixar casar comigo, porque eu era pobre. Sei que sofreste, e quiseste fugir para o Brasil a fim de ganhares dinheiro, para depois me receberes. Eu não te deixei ir. Sabes qual foi a minha vida depois. Hoje estou rica, ainda te amo, porque foste a origem da minha desventura. Queres casar comigo?

Responde.

— Quero.

— Então segue-me.

— Deixa-me ir dizer a minha mãe, que essa queria que eu casasse contigo.

— Podes dizê-lo ao teu pai, que esse também quer agora.

E, daí a momentos, o pai e a mãe saíram ao alpendre, a recebê-la, e levaram-na para o sobrado entre carícias.

Aí pernoitou.

O velho nunca pôde desarticular os queixos da apostura do espasmo, desde que D. Amélia começou a contar por milhares de alqueires de milho o rendimento da sua casa.

Ao outro dia, que era Domingo, leram-se os primeiros banhos, e, com dispensa dos imediatos, casaram-se na Igreja de Santa Maria de Abade.

Mas a que propósito caiu este conto, que não tem que ver com Aquela Casa Triste!...

Ah! Foi pôr amor da requinta da música de Ruivães, que está agora silvando na Barca da Trofa, à espera de António Duque, o Africano.

As quatro músicas reunidas na Ponte da Trofa, Depois de espavorirem os passarinhos, que, ao descer da tarde, se embocavam nas ramarias do rio Ave, retrocederam, porque o Duque não chegou. Os promotores da festa, mandando sobraçar os feixes de foguetes de três estouros, disseram entre si que o Africano, faltando à hora da espera triunfal, bem demonstrava ser filho do capador da Lamela. Outro era de parecer que o Duque, tratando de resto as pessoas que o obsequiavam, dava a perceber que não queria amigos... do seu dinheiro.

O Africano havia escrito de Lisboa ao seu feitor, anunciando-lhe o dia em que tencionava chegar à sua casa de Ruivães, com recomendação de lhe ter preparados os leitos e assoldadada uma boa criada para o quarto da sua filha.

Divulgou o feitor a nova, sem propalar a do naufrágio, porque a não sabia. Se o homem lesse gazetas, informaria os seus vizinhos do desastre do seu amo,

da riqueza engolida pelas goelas da tormenta, da quase pobreza em que ficara o náufrago, e, enfim, das piedosas lástimas com que os periódicos deploravam a catástrofe de duzentos contos granjeados honestamente. Se isto se soubesse em Ruivães, não haveria quem se afanasse em busca de músicas, competindo entre si os obsequiadores sobre qual arranjaría aquela que maiores gritos fazia dar à fama pelos buracos da requinta. Quando às vinte e quatro dúzias de foguetes de três estouros que os rapazinhos de Ruivães tinham carregado até à Ponte da Trofa, é bem de ver que ninguém se abalançaria a tamanho estrondo de generosidade, se soubesse que o Duque não vinha em circunstâncias de chorar de ternura abraçado ao peito magnânimo donde rabeavam tantos foguetes.

No dia marcado ao feitor, devia o Africano chegar à Ponte, onde era esperado; porém, apeando na estalagem de Carriça, légua e meia distante, ouviu dizer que na Trofa estava o poder do mundo, com quatro músicas e muito fogo do ar, à espera de um brasileiro que vinha da África.

Ouvido isto, Duque disse ao boleiro que recolhesse a parelha da sege, porque resolvera sair de madrugada.

Depois, foi contar à filha o que ouvira e o desgosto que queria evitar no encontro de festas, tão desapropositadas da tristeza de ambos.

Deolinda, prostrada no leito, aprovou a resolução do pai, queixando-se de agonias, sufocações e desmaios do coração, que mal a deixavam seguir a jornada.

Passou o pai o restante do dia e parte da noite à beira da cama, inventando com santo esforço alegrias que divertissem Deolinda da concentração que uma ou outra lágrima desafogava por momentos.

Alegrias!...

Que heroísmos cabem em peito de pai! Quantos há que são supliciados por esse amor que parece vir da mão de Deus! Que maiores angústias tem esta vida, se compararmos todas à daquele pai que ali estava ao pé da filha que os médicos de Lisboa lhe tinham auscultado e considerado perdida!

Mas ele, acreditando na ciência que tem a certeza de ser lesão mortal a hipertrofia do coração, afigurava-se-lhe que a Providência o não castigaria tão severamente, fazendo-o sobreviver ao perdimento dos bens, para depois amparar nos seus braços a filha agonizante. Nunca discutira entre si se Deus era preciso, ou que parte lhe coubesse no regimento deste mundo.

São meditações estas que, em África, passam rápidas como o siroco, mas não abrasam, nem obrigam as caravanas a curvar o corpo até bater com as faces nos areais. Os que por ali veniagam, à imitação do pai de Deolinda pensam, se acaso pensam, que a justiça do Céu tem alçada em mais amenos climas e descura saber se lá o homem tem mais ou menos semelhança com o tigre.

Porém, depois que o céu se azula e estrela, aquém da linha, e a brisa refrigera o sangue, os expatriados, maiormente os ricos, não recusam crer que há Deus, dadas certas condições; fazem-lhe o obséquo do conjeturar sentado à mão direita do Padre Eterno e absorvido na perenal glória da sua divindade, sem entender nas trivialidades deste globo, mais pequeno que os milhares de mundos que lhe circunvalam à ourela do trono. Esta filosofia é grandiosa e barata. Cansam-se os mestres em a propagar, e, todavia, qualquer sandeu bem engraxado a tem espontânea na alma, como tortulho em lodaçal, sem que os filósofos lha inculquem. Estudem Ario, Espinosa, Renan e outros, afora o meu bacalhoeiro, que tem dentro de si três filósofos, um pórtico, um liceu, dentro de si, repito, porque o si, o ele, são as cédulas bancárias, a burra, que tem um nome de predestinação para aviso e escarmento de sábios que se burrificam, não querendo acabar de entender que saber, honras, regalos, respetos, inviolabilidades, vem tudo da burra.

Sucede, porém, uma vez ou outra, encrespar-se uma onda, que logo se arqueia em vagalhão e se abre em voragem. Aí resvala a riqueza do homem, que se arrodelara com ela das farpas do mundo. Os brilhantes impenetráveis do arnês caíram e rolam na profundidade do abismo. Aqui está o homem a pensar em Deus, porque está pobre, está sozinho, já se não vê ídolo dos outros e divindade de si próprio. A desgraça, que traz sempre consigo um anjo vestido no Céu com uma luz que arde inextinguível no túmulo de Sílvio Pélico, assenta-se ao lado do infeliz e começa por lhe dizer:

"Que eram esses bens da vida, se tão depressa te reduziste a esta pobreza? Olha tu para as estrelas que cintilam serenamente sobre a voragem que tos devorou, e pede ao meu anjo que te diga o que há destes milhões de mundos para além!" Ah! Quando esta voz repercute na consciência de um pai, e ao mesmo tempo a asa da morte roça e tinge de rubor febril a face da sua filha, então sim, Deus entreluz na treva, a alma crê, mas crê para pedir de mãos erguidas. Isto é fé, é fé que relampagueia; mas eu não sei se alguma hora a razão dos grandes desgraçados foi iluminada por esse relâmpago.

Pelo que, assim orava o Africano, às quatro horas da manhã, em pé, em frente do leito da filha adormecida.

Entraram na casa apalaçada de Ruivães, inesperadamente.

Quando o souberam os vizinhos, um correu à igreja a repicar o sino e a sineta, outro rompeu as nuvens com girândolas, a orquestra da terra, que andava dispersa a sachar os milharais, confluuiu de galope a casa do mestre, escodeou as mãos no regato, travou dos metais e prorrompeu estridulamente à porta do Africano, tocando o hino de 20, o hino do Sr.

Costa Cabral, o hino da Sra. Maria da Fonte, o hino do Sr. Duque de Saldanha e o do Santo Padre Pio IX.

O Africano saiu à janela com a sua filha, cortejou o público, assistiu a das mazurcas tocadas com variações de requinta e pediu vénia para recolher-se, em razão da sua filha se sentir mal com o sol que lhe dava no rosto.

O público murmurou, trejeitando uns momos significativos de menos respeito.

O feitor foi dizer ao seu amo que era preciso dar de beber aos músicos e receber a visita dos parentes e mais lavradores.

O Duque respondeu:

— Vá aí fora ao pátio e diga bem alto que eu estou pobre.

— Pobre! – acudiu o feitor casquinando um riso perspícaz. – Bem me fio eu nisso! Vossa Excelência está a gozar!...

— Faça o que lhe digo – volveu severamente o amo.

E, de facto, o criado foi ao pátio, chamou a si os lavradores mais grados, o mestre da música, o boticário de Delães, e o boticário de Landim, e o regedor de Vermoim, e disse-lhes:

— O Ilustríssimo Senhor Duque manda-me dizer a vossemecês que está pobre.

Os circunstantes olharam uns para os outros, embrutecidos pelo mesmo choque. Um deles, porém, que eu presumo fosse um dos dois boticários, deu

aos beijos um jeito de quem vai orar. Encararam-no todos, e o boticário tirou do peito estas duas palavras:

— Ora bolas!

E saiu do pátio.

Tenho esquadrinhado o melhor sentido daquelas palavras do ático farmacêutico. Consultei filólogos que mais convizinhos deste sujeito, e apenas colhi que as expressões montavam tanto como dizer: ora bolas.

Eu porém, dou mais lata interpretação ao epifonema, sabendo que todo aquele gentio bolou para casa.

O Africano, passados seis meses, procurou um brasileiro rico de Ninães, recentemente chegado, e disse-lhe:

— Sei que o senhor está resolvido a edificar uma casa. Se quer poupar-se a grandes despesas, incómodos e desgostos, compre-me a minha.

Vendo-lha metade do que me custou, com uma condição: se eu e a minha filha não tivermos morrido dentro de seis meses, serei obrigado a dar-lhe a casa no fim deste prazo; mas, nestes primeiros seis meses, o senhor não poderá ocupá-la.

Pedi o brasileiro explicações de tão estranha cláusula.

O Duque respondeu:

— Minha filha está mortalmente enferma. Tem um aneurisma. Eu também me sinto no termo da vida. Vou morrendo a cada hora que a doença me deixa ver a morte na face da minha filha. Não hei de sobreviver-lhe, se Deus me não fizer o benefício de me levar adiante.

Consolou-o o brasileiro conforme soube, aceitou a proposta e assinou as escrituras no dia seguinte, entregando ao vendedor alguns contos de réis.

Pagou o Africano as dívidas contraídas em Cabo Verde, encerrou-se na antecâmara do quarto da sua filha, e deu-se pressa em agravar os seus padecimentos à custa de se remirar no seu infortúnio, de cortar bem dentro as fibras ainda rijas do coração antecipando a imagem da filha morta, repulsando todo o alívio da esperança, furtando-se a todo o desafogo, matando-se com a lentidão de um desvairado que se escavernasse num antro, esperando sem terror a entrada da fera e ansiando-a para se lhe rasgar nas presas.

Ao quinto mês do contrato, os padecimentos de Deolinda tocaram nos extremos sintomas da morte. As hemorragias amiudaram-se. Estava já entorpecida, imóvel, salvo quando arrancava do seio as aspirações, que revelavam ao través das coberturas da cama os arquejos do coração.

Nesta conjuntura, o pai estabeleceu entre si e Deus uma convenção que era já delírio precursor da demência ou da morte: "Se ela hoje morrer, ou Deus me mata amanhã ou, quando ela estiver sepultada, eu me matarei." O pároco, que

sacramentara Deolinda, ouviu esta voz e disse aos botões da sua batina: "Este homem está no Inferno." Quando ficou sozinha, Deolinda chamou o pai e disse-lhe:

— Não quero ir desta vida sem dizer-lhe um segredo com que não devo morrer. No meu baú está uma caixinha de folha, que o mar lançou à praia, depois do naufrágio. Levaram-me em Cabo Verde esta caixinha, pensando um marujo que fosse minha. Abri-a, e vi que encerrava cartas de uma mãe muito extremosa para seu filho. O filho era aquele rapaz que vinha do degredo, e salvou os velhos e as crianças antes de morrer. A mãe, que lhe escrevia, diz-lhe em algumas cartas que tem sentido as angústias da fome.

Chama-se ela... O meu pai lhe verá o nome e a terra onde vivia... Se tiver morrido, feliz dela. Se ainda viver, meu pai, manda-lhe como esmola o que ficar do meu espólio e diga-lhe que eu... lhe amei o seu infeliz filho... até morrer... por ele!...

— Cumprirei a tua vontade, minha filha – respondeu o pai.

Ditas aquelas palavras, o Africano encarou na filha com a fixidez torva de um amaurótico. Depois, como se sentisse dobrar sobre os joelhos, saiu da alcova, atirou-se como ébrio para o leito, e murmurou estas vozes:

— Meu Deus! Morro por amor da minha filha, e ela... morre por outro...

Bem podia consentir a desgraça que eu morresse sem este desengano...

Vinte anos a adorar esta filha, um ano a agonizar ao pé da sua agonia... e afinal ouço-lhe dizer que morre por um homem... que não era o seu pai...

Escabujou em ânsias muito aflitivas, pedindo a Deus com dilacerante esforço que lhe abreviasse o transe. Rompeu em soluços; e, sufocado pelo choro ou por um golfo de sangue, arrancou da vida num estremecimento instantâneo.

Deolinda ouviu o murmúrio rouco desta convulsão da morte, e voltou a face para onde supunha que estava o pai.

Chamou-o. Sentou-se no leito com supremo esforço. Tangeu a campainha. Acudiu a criada, a quem ela pediu que lhe desse o seu vestido.

Foi nos braços da criada à sala contígua, onde o pai tinha o seu leito.

Dobrou-se sobre o peito dele, colhendo-lhe nos lábios um hálito ainda quente, como vestígio da alma que passara queimando as fibras por onde abrira a fuga do seu inferno.

— Morto! — bradou ela, golfando-lhe no seio o derradeiro sangue.

Transportada ao canapé carairo, ali se quedou empedernida. Não houve rogos que a tirassem de lá. Viu amortalhar o cadáver do seu pai, viu-o sair no esquife para ser depositado na capela da casa, ouviu o último dobre da sepultura; e então, comprimindo o seio esquerdo com ambas as mãos, invocou a compaixão da Virgem Santíssima e expirou.

Lá está em cima aquela casa triste... O brasileiro que a comprou não a quis habitar. As janelas nunca mais se abriram. O vestido que despiram do cadáver de Deolinda pende ainda da espalda do canapé em que ela morreu.

VOLTAREIS, Ó CRISTO?

Os outros passageiros, gente alegre e agitada pelo trabalho íntimo de uma digestão rija, conversavam bestialmente a respeito do meu amado e honrado amigo José Cardoso Vieira de Castro.

Sem intervir nas suas disputações, escutava-os o padre atento e melancólico.

E, compadecido até às lágrimas do formidável infortúnio que entretinha, entre chascos e insultos, aquela vilanagem, eu encarava no taciturno clérigo, e dizia entre mim: "Que pensará este ancião do desgraçado rapaz! Porque ampara ele a cara à mão convulsa, e despede um gemido de aparente compaixão? Quem será que lha inspira? Ela que morreu, ou ele que tem diante de si um arrancar da vida com agonias, cujo prazo está nos segredos da morte?" Apeámos em Moreira. Segui por debaixo das ramarias seculares que aformosentam a majestosa avenida da quinta dos Vieiras de Castro, na qual o meu amigo residira dois anos com a sua esposa. Eu ia olhando para as árvores que ele amava, e pensando que via despegar-se-lhes a folhagem que enverdecera quando no seio daquele incomparável mártir do seu pundonor caíram os gelos de um Inverno sem fim.

Observei que o padre me seguia a passo lento, e com o lance vago de olhos, aquele ver através de lágrimas, o pensar triste que os infelizes adivinham.

Esperei-o.

Ele abeirou-se de mim e cortejou-me, tratando-me pelo meu nome.

Perguntou-me se naquela casa morara algum tempo o sobrinho do seu condiscípulo e amigo, o ministro de estado António Manuel Lopes Vieira de Castro.

Respondi: "Aqui viveu os mais encantados dias da sua vida".

E, volvidos alguns segundos, prossegui animado pelo aspeto contemplativo do sacerdote: "Esta grande casa avulta-se-me como o túmulo da felicidade dele. Quando daqui saíram as duas almas, Vieira de Castro já não era feliz. Ele tinha a inteligência tão alta como o coração, e devia sentir-se ferido do profético terror de ver cair do pedestal do anjo a mulher que vestira da luz esplêndida do seu amor e de toda a poesia da sua juventude. Vieira de Castro, nos meses que viveu aqui, danificou a sua hombridade de homem. Como vivia absorvido em apaixonada contemplação, e do céu e da soledade se lhe aumentavam os enlevos da vida íntima, o amor sopesou-lhe todas as faculdades, robustecendo-lhe a da soberba de ser amado de quem todas as mais paixões lhe pisava aos pés. A querida da sua alma não o viu descer de tão alto, até ajoelhar-se diante dela.

Os homens daquela têmpera, quando se arrependem de ter ajoelhado, erguem-se num ímpeto de dignidade, e quebram o ídolo".

O padre fitou-me com olhar de inteligência e comiseração. Detivemo-nos silenciosos e encostados à gradaria do portal; depois voltámos para a estação onde nos esperava a Diligência.

Neste intervalo, o ancião encarou-me com tristeza e disse: "Encontrei uma vez um homem de quem ouvi palavras terríveis e absurdas contra a sociedade. Eu não podia compreender que lampejasse luz de razão naquele homem... Réprobo diante de Deus creio eu que ele haja sido: mas integérrimo juiz dos costumes do seu tempo... isso foi ele, desgraçadamente... Quinze anos depois, as calamidades de Vieira de Castro Um dos meus companheiros de jornada para Vila do Conde era sacerdote idoso, de muito agradável rosto e maviosa tristeza no olhar contemplativo dilucidaram-me a escuridão enigmática do homem, que me tinha parecido um peito de ferro a desbordar de crueldade..

E, momentos depois, disse: "Como V. está em Vila do Conde, disponha de duas horas inúteis, e vá à Póvoa, onde tomo banhos, se quiser ouvir uma história em que aparece esclarecido o absurdo pela infernal que lhe derramou a catástrofe desse grande coração. Não falaremos dele senão a sós. Eu creio que no seio de Vieira de Castro as angústias são tantas, que já lá não podem entrar os insultos desta sociedade... que escarnece o marido tolerante, e roça a esponja do fel pelos lábios do homem que aceita o degredo — as mil dores do morrer para a Pátria e Família — com a condição de lhe não duvidarem da honra.

Fui.

E o padre falou assim:

Há quinze anos que eu pastoreava uma vigararia em Trás-os-Montes.

Num dia de Dezembro de 1855 saí da minha residência com destino a ir consoar nos dias festivos do Natal com um abade, meu companheiro da Universidade, o qual residia oito léguas distante. Como os caminhos eram péssimos e mal sabidos do meu criado, perdemo-los na cerração do nevoeiro, e chegámos tarde a um córrego, cujo pontilhão a enchente havia alagado, O único vau possível estava légua e meia afastado.

Era ao fim do dia: seriam quatro horas e meia; mas a noite fechara-se súbita, quando as nuvens se conglobaram ao poente, e uma neblina pardacenta rolou dos fragedos das empinadas serras.

Retrocedemos assustados.

O meu criado tinha visto de passagem, por entre as brumas, alvejar uma casa grande com aspeto senhorial de torres e ameias.

Distava-nos dali obra de meia légua.

Ganhámos a custo a lomba da serra, onde chegámos com noite fechada. Daqui enxergámos luzes trementes ao través de vidraças, e ouvimos o latir de cães.

Apeei, e desci amparado no braço do criado, cujo coração palpitava de medo, não já de ladrões nem de feras; senão de fantasmas e lobisomens, que, no crer e dizer dele, eram vulgares por aqueles despenhos e selvas de castanheiros.

Consoante a minha filosofia me foi acudindo inspirativa, combati as crenças do meu pobre Manuel, cujo excelente espírito foi cedendo passo a passo à razão onnipotente, por modo que afinal incomodava-o mais a perspectiva do frio e fome que o pavor dos fantasmas e lobisomens. Eu, neste receio, não lhe levava vantagem em fortaleza de espírito. Figurava-se-me calamidade superior às minhas forças o ter de pernoitar sobre um chão alagado, e sob o pavilhão do céu tão inclemente.

Nesta conjuntura, ouvimos o ladrar dos cães à nossa esquerda.

A primeira vereda que topámos, na direção do consolativo sinal de povoado, nos encaminhámos por barrocas lamacentas até entestarmos com um Largo portão de quinta. Manuel aldravou com quanta força lhe dera o contentamento, e esperámos, não sem receio de que os molossos da quinta remetessem contra nós de sobre os estrepes que vedavam o alto muro.

Do parapeito do mirante surgiu um vulto a perguntar-nos o que queríamos.

Respondi que era um padre, perdido no caminho de Mirandela, e pedia ao dono daquela casa a caridade de me agasalhar e ao meu criado por aquela noite.

Passado largo espaço, voltou o interrogador, que nos abriu o portão depois de haver acorrentado os cães, e nos meteu à cara uma lanterna de furta-fogo, deixando ver debaixo de cada braço uma pistola de alcance.

Aquietado pela confiança que lhe incutiu a minha cara pacífica, e a tão pacífica quanto estúpida do meu Manuel, o criado caminhou serenamente diante de nós.

Perguntei-lhe como se chamava o dono da casa. Disse-me o nome do fidalgo, e acrescentou que a fidalga estava a morrer ética.

— Nesse caso — tornei eu — queira dizer ao senhor barão que eu não quero causar-lhe o menor constrangimento na situação triste em que está. Basta que S. Ex^a nos mande recolher, que nós sairemos cedo sem perturbar o seu sossego.

Entrei para um salão cujas alfaias eram quatro escabelos de pau com grandes Congela-se-me o coração de terror quando este relance pavoroso da minha vida me lembra. Já lá vão quinze anos. Ainda agora há noites em que a prisão me sobressalta, e sempre o meu espírito se estremece com o mesmo confrangimento armas pintadas no alteroso espaldar.

Daí a pouco, fui levado a outra sala mobilada à antiga, com cadeiras de couro marchetadas de pregaria amarela, à mistura com uns tremós doirados e artesoados do reinado de D. João V, segundo me quis parecer. Das paredes pendiam nove retratos de homens, em que predominavam clérigos mitrados, e

dos dois que vestiam farda agaloadada com hábito de Cristo um dizia o letreiro que tinha sido capitão-mor.

Nesta contemplação me interrompeu o fidalgo.

Era homem de alta e direita estatura: figurava quarenta anos; tinha barbas grisalhas e grandes; ampla testa, e olhos rasgados e negros, impressivos, penetrantes, assustadores. De mim confesso que o fitava a medo, não sei porquê.

Interrogou-me gravemente sobre o ponto de onde vinha e para onde ia. Respondi como cumpria dilatando difusamente as respostas e circunstanciando-as para deste modo captar a benevolência do fidalgo que parecia escutar-me distraído.

Daí a pouco disse dentro uma voz que estava a ceia na mesa.

O senhor ergueu-se, levantou um reposteiro, e obrigou-me a precedê-lo na entrada com gentil ademane de cortêsão.

A mesa era espaçosa de mais para quarenta talheres; mas tinha só dois.

Sentei-me na cadeira que me foi indicada, e comi com a sem-cerimónia muito conhecida dos descortesões e dos famintos.

Durante a ceia substancial, ocorreu-me perguntar-lhe pelo estado da sua esposa; todavia, conteve-me a inoportunidade da ocasião, e o receio de me

demasiar em inquirir de senhora quê eu não conhecia, não me sendo semelhante pergunta autorizada pelo silêncio do barão.

Finda a ceia, segui-o ao longo de um corredor, e entrei no quarto que ele me indicou, dizendo:

— Não se deite já que eu preciso talvez do senhor para um acto próprio da sua profissão.

E desandou.

Fiquei a pensar, e sugeriu-se-me logo o pensamento de que eu seria chamado a ouvir de confissão a senhora enferma.

Esperei duas horas, durante as quais rezei as minhas rezas.

Voltou o taciturno fidalgo, e disse laconicamente:

— Há aqui uma mulher doente que se quer confessar.

— Estou pronto a ouvi-la — respondi espantado da segura daquelas palavras tão desamoráveis com respeito a uma esposa doente.

— Siga o criado que o está esperando no corredor — disse ele.

Saí ao corredor. O criado que me estava esperando era o mais mal-encarado homem que ainda vi na minha vida. Afuzilavam-se-lhe os olhos como brasas. A testa, único espaço iluminado daquela cara barbaçuda, sulcavam-na não sei se cicatrizes se ulcerações da modela. A corpulência era agigantada, e o

carregar do sobrolho batia no coração de um homem como o súbito coriscar dos olhos de um tigre que rebenta de entre os carrascais de um deserto. Os pintores cristãos nunca souberam bosquejar Lúcifer, porque semelhante homem jamais deu nos olhos de artista, que desejasse fazer bem conhecida a plástica do Diabo com feitiço de gente.

Segui-o com calafrios, superiores à minha razão que me aconselhava tranquilidade.

Hoje, volvidos quinze anos, conto isto com certo sorriso de fácil coragem; mas, nos primeiros tempos, aquele vulto andava terrivelmente associado ao quadro negro que vou tentar descrever.

— Levante o fecho, e entre.

A primeira vista o que pude estremar das trevas, era um clarão azulado, como de lamparina baça, cuja claridade se esvaecia logo absorvida pela escura algidez da alcova.

Avizinhei-me a passos trémulos da lâmpada, e distingui um leito, e na almofada do leito um vulto. Fixei o que me parecia ser um rosto de criança, e pude entrever um rosto de mulher, com os olhos cravados em mim, olhos que vasquejavam os derradeiros clarões, olhos como devem de ser os dos

espectros que surgem subitâneos nas trevas aos perversos que negam Deus e temem os espectros.

— Aproxime-se, senhor. A moribunda sou eu — disse ela com voz rouca, mas serena.

— Deus permitirá que V. Ex^a esteja menos doente do que pensa — balbuciei com uma espécie de terror secreto, pressentimento de alma que já se doía antecipadamente da mágoa que se lhe ia refletir do singular e imenso suplício daquela mulher.

— Fale baixo que nos escutam — volveu ela ciciando as palavras, e esbugalhando os olhos para a porta.

— Escutar-nos! — repliquei com assombro. — É impossível! Eu fui aqui enviado para ouvi-la de confissão, minha senhora — Bem sei; mas isso não importa... Quero que me oiça; mas muito baixinho... Vou contar-lhe a minha vida como a Deus; mas não me confesso como a um padre... É a um homem que há de ter pena de mim, depois de me ouvir; e me há de fazer um serviço que lhe pede uma agonizante, que crê em Deus; mas não pode crer na religião feita por homens que têm semelhança do algoz que me mata.

Isto dizia ela de afogadilho e febril, mas com abafações e ânsias aumentadas pelo medo de ser escutada.

— Mas não é em confissão que a senhora me quer revelar as culpas que lhe pesam na consciência?! — perguntei.

— Não, senhor; eu não creio na confissão. Do mal que fiz estou perdoada; tenho sofrido todas as torturas deste mundo; se as há no outro, nenhuma pode assustar-me.

O meu dever seria combater a incredulidade desta senhora com os sólidos argumentos de que dispõe a teologia contra mais poderosos adversários; abstive-me, porém, de exacerbar o ânimo aflito da enferma por me parecer extemporânea a discussão e recear que o tempo escasseasse ao triunfo, nem sempre pronto, dos bons princípios. Não obstante, repliquei, no intento de encaminhá-la à piedade:

— Se V. Ex^a não quer confessar-se, diga-me que serviço posso fazer-lhe em benefício da sua alma...

— Vá ver se alguém nos escuta... — insistiu ela, apontando para a porta com a mão descarnada.

Fui com repugnância, afigurando-se-me que a minha posição no grémio desta família sinistra ia assumindo certa gravidade e um ar de mistério mais ou menos arriscado. Abri cautelosamente a porta, olhei ao longo do corredor, e nada vi; salvo lá ao cabo um lampião a tremer baloiçado pelas esfuziadas de vento que assobiava no teto.

Fechei a porta, asseverando à enferma que ninguém nos escutava. Ela então sentou-se com violento ímpeto no leito, aconchegou do pescoço, que transpirava, a colcha da cama, bebeu alguns tragos de água, e balbuciou com ansiosas suspensões:

— Casaram-me há seis anos com este homem que me mata. Eu amava outro homem, que não teve coração nem honra que me salvasse de tamanho verdugo. O meu pai, O medonho guia mostrou-me a porta de um quarto, e resmoneou: sacrificou-me, pensando que me felicitava. O homem que eu amava deixou-me sacrificar, porque não tinha peito que suportasse o peso de uma mulher pobre. Vim de Lisboa, onde o dono desta casa era deputado. Vim; e, ao cabo de alguns meses, o meu marido arrependera-se de se ter enganado, pensando que uma mulher simplesmente formosa, mas sem amor, poderia encher-lhe as ambições, e dar-lhe o contentamento que ela não tinha. Saciou-se, enojou-se, aborreceu-me. Não me deu rivais, porque só quem ama se sente ultrajada pelas infidelidades. Eu não conheci rivais: conheci apenas mulheres que nesta casa valiam e mandavam mais do que eu.

Voltou à câmara o meu marido. Aqui fiquei, não obstante lhe pedir com muitas lágrimas que me deixasse ir ver o meu pai, e os meus dois irmãos que tinham vindo da África, onde tinham estado alguns anos negociando. O meu marido demorou-se ano e meio em Lisboa. Neste longo intervalo chorei muito, e só deixei de chorar, quando... quando me vinguei. Compreende-me?

— Quando se vingou? como se vingou V. Ex^a?! — perguntei.

— Vinguei-me... mas foi a paixão que me deu torças... Houve um homem que teve por mim um grande amor e um grande dó. Amei-o. Lutei. Pedi a Deus que me ajudasse, que me fortalecesse. Pedi à alma da minha honrada mãe que me amparasse... pedi ao meu marido que me deixasse ir para si ou para a companhia do meu pai... Nem Deus, nem a minha mãe, nem o meu marido me valeram.. — Sucumbi... A minha culpa foi cega. Confiei — me de uma criada que tinha chorado comigo. Fui atraída. o meu marido teve denúncia da minha queda, e apareceu aqui inesperadamente. Nada me disse. Tratou-me com a mesma frieza, com o mesmo desprezo. Não estranhei. O homem que eu amava, era ainda parente dele e estudava em Coimbra. Tinha o coração cheio de ânsias e desejos da morte. Compreendeu este infeliz que o meu marido desconfiava. Quis fugir comigo para Espanha, e eu resisti, mais por amor dele que do meu crédito. O meu cúmplice não podia com o encargo, e iria viver ou morrer miseravelmente em pais estranho.

Passados dias, deixei de ter noticias dele. Imaginei-o já em Coimbra, posto que não fosse tempo de aulas. Correram três meses. Nova nenhuma. A criada que me falava dele, recebido o prémio da traição, tinha fingido que a sua família a chamava. Só então ouvi dizer a outra criada que o parente do meu marido desaparecera sem dizer a ninguém o seu destino; e que a família dele vivia consternada com tal sucesso, enviando a toda a parte indagações inúteis.

Seis meses depois que o meu marido voltara de Lisboa, soube eu que se estava preparando este quarto pela sua ordem. Vim ver as obras, e perguntei-lhe para que era o armário estreito que se estava fazendo nesta parede e para que eram as grades na janela.

Meu marido respondeu: "Sabê-lo-á brevemente".

Concluídas as obras, vi que a minha cama era para aqui mudada, com tudo que me pertencia.

Uma noite, o meu marido conduziu-me a este quarto. Fechou-se por dentro e disse-me:

"A senhora entra aqui de onde nunca mais sairá; e para não estar sozinha, aqui lhe deixo uma adorável companhia com quem pode conversar à sua vontade".

E dizendo isto, abriu aquele armário, e apontou para um esqueleto, dizendo:

"Aqui tem o seu amante. Abrace-se nele até ficar reduzida ao estado em que lho ofereço para que o possa gozar com toda a liberdade".

Eu caí por terra sem sentidos — prosseguiu ela, limpando as lágrimas, e aspirando com força. — Quando voltei à vida, pensei que saía de um sonho.

Ouvi dar meia-noite.

Era tudo escuridão neste quarto. Apalpei à volta de mim. Não conheci onde estava.

Continuei apalpando. Pousei as mãos numa coisa fria e áspera que estremeceu. Recuei horrorizada... Eram ossos... eram as costelas do esqueleto. Então acordei... então me fugiu outra vez a razão com um grito do peito dilacerado. Caí outra vez para diante com a face de encontro aos ossos frios, horrivelmente frios ...

E ela estralejava com os dentes convulsos, e apertava a roupa no pescoço. Após longo espaço, prosseguiu:

— Ao romper do dia, abri uma janela com o propósito de me suicidar. Dei com a face nas grades. Lancei-me à porta que estava fechada por fora, e gritei por socorro.

Abriu-se. Vi um criado com um aspeto ameaçador, impondo-me silêncio. Este criado era um criminoso que o meu marido acolhera para o salvar da justiça que o perseguia. Era esse mesmo que o trouxe aqui há pouco. É o único ente vivo que eu vejo há dois anos duas vezes por dia, quando me traz alimentos. Foi ele quem matou e espedaçou aquele infeliz...

E, dizendo, apontava para o armário do esqueleto. Continuou:

— Eu quis suicidar-me pela fome. Não pude. Quando as agonias da morte começavam, eu lançava-me vertiginosamente sobre a comida, e devorava-a sem a consciência do que fazia. De outra vez consegui com um garfo romper uma veia; mas o sangue estancou; senti ânsias mortais; envelheci; desfigurei-

me, segundo o que sinto, se palpo o meu rosto; que eu há dois anos me não vi num espelho... Não consegui morrer.

Voltei-me para Deus com rogos, com desesperadas súplicas. Orei muito, chorei muito, e obtive um grande benefício. Cal num desalento, numa sonolência de moribunda que durou não sei se dias se anos. Depois, quis levantar-me deste leito, e já não pude.

Comecei a pedir a Deus a morte, e a senti-la avizinhar-se pela mão da divina caridade.

Há de haver três horas que entrou aqui o confidente do meu carrasco perguntando-me se me queria confessar. Fiquei espantada da religião destes algozes, e respondi que sim; mas o que eu queria, senhor padre — disse ela estendendo para mim impetuosamente os braços — era pedir-lhe que depois da minha morte, faça saber aos meus irmãos este miserável fim que eu tive, para que eles me vinguem...

Acabava a infeliz de proferir estas palavras em voz mais desafogada, quando a porta que eu havia fechado por dentro se abriu impelida por um valente encontro.

Faiscavam-lhe áscuas de rancor os olhos injetados. Crispavam-se-lhe os beiços retraídos.

A cólera engasgava-o a ponto de tartamudear estas vozes ejaculadas a trancos:

— Os seus irmãos que venham cá e eu lhes contarei a vida da sua honrada irmã!

E ela cobriu os olhos com as mãos, e resvalou para dentro da roupa, como se desejasse cair na sepultura.

Eu caminhei placidamente para aquele homem terrível, abeirei-me dele que me fitava com sobranceira, ajoelhei e disse-lhe com a voz tremente de lágrimas:

— Perdoe-lhe. Deixe-a morrer em paz. Deixe-a experimentar os benefícios da sua compaixão para implorar confiadamente os da misericórdia divina, Encarou-me de um modo indefinível. Saiu do quarto, e, já fora, murmurou secamente:

— O senhor padre recolha-se ao seu quarto.

Relanceei um derradeiro olhar para o leito; não a vi; mas ouvia o soluçar alto e cavernoso do peito que se esfacelava.

Mal entrei no quarto onde havia de pernoitar, rebentaram-me as lágrimas copiosas. Levantei a Deus o espírito repassado de terror e compaixão, pedindo-lhe que despenasse a penitente, ou radiasse luz de comiseração em tão carniceras entranhas.

Neste lance entrou ele, assentou a mão direita sobre o meu ombro, e disse:

— Aquela mulher vociferou uma infâmia digna da sua desonra, se quis desculpar o seu crime com as infidelidades de que me acusa. A mulher que se vingou do marido, prostituindo-se, cavou a sepultura, e espera que a sociedade ou o marido a sepultem. Eu não a matei. Encarreguei o esqueleto do homem, que a desonrou, da missão de ir matando lentamente. Olhe que eu amei aquela mulher. Não a seduzi, não a iludi, não a fascinei, nem a disputei a outro. Pedi-a ao seu pai. Ele consultou-a; ou fingiu que a consultava. Como quer que fosse, esta mulher veio risonha para os meus braços; chamou-se com orgulho a baronesa de ***; mentiu-me cem vezes acusando-me de ingrato ao seu coração que me estremecia. Afinal, esta mulher crê ainda imperfeita a sua vingança, e na hora extrema invoca os irmãos para que a vinguem. De quê? de que hão de vingá-la os irmãos? De eu lhe haver matado o amante? Que me responde a sua cristã filosofia?

— Que o terror que V. Ex^a me incute não me deixa atinar com palavras que o comovam... — balbuciei.

— Mas responda, senhor!

— Respondo ajoelhando novamente a suplicar-lhe o perdão da culpada.

— Não posso — bradou ele. — Há dois anos que não saí de dia desta casa, receando que todos saibam da minha desonra. Não posso perdoar-lhe sem que a Providência me desoprima do vexame do meu opróbrio!

— Seria generosidade havê-la matado... — interrompi.

— Bem sei — redarguiu ele — bem sei. Ela sofria cinco minutos de castigo, e eu ficava sofrendo uma vida inteira de vergonha. Eram suplícios incomparáveis! Além de que, se eu a houvesse esmagado debaixo do peso da minha afrontosa desgraça, o mundo santificá-la-ia, lavando-lhe com hipócritas lágrimas os ferretes da cara para que se atendesse somente às manchas de sangue nas minhas mãos de assassino... Compreende isto, padre? Conhece bem a sociedade em que toda a infâmia é uma Convenção, e toda a honra de marido que se desafronta há de lutar depois com a desonra irritada dos maridos.

Era o marido. Esporeados pelo zelo devassíssimo das esposas? Conhece o Mundo como Cristo o encontrou há 1855 anos? Sabe o que veio fazer Jesus Cristo à Terra?

— Morrer pela redenção dos que o mataram, senhor.

— Não o percebo! — exclamou ele com um formidável brado, e saiu do quarto...

Eu não pude adormecer. Parecia-me ouvir um gemido longo confundido com o sibilo do nordeste no entravamento da casa. Rezei muito por ela.

Ao alvorejar da manhã, vi um criado que perpassava no corredor. Perguntei-lhe a que horas se erguia o fidalgo. Respondeu-me que se havia deitado um

quarto de hora antes. Pedi-lhe que mandasse o meu criado sair do seu quarto, e fizesse ao dono da casa os meus cumprimentos com os mais ardentes protestos de eterna gratidão.

Despedi-me assombrado daquela casa, onde se respirava um acre nauseativo de cadáveres. Ardia-me o peito e a cabeça por tal sorte que eu não sentia a chuva glacial daquela manhã de 24 de Dezembro de 1855.

Fecho a minha história com a pedra que cobriu o cadáver da baronesa de ***.

No dia 27 de Dezembro me disseram uns pastores convizinhos que a fidalga morrera à hora em que as famílias honradas e felizes se juntavam para receberem as bênçãos dos seus anciãos, e comemorarem com santos júbilos o nascimento do divino Redentor.

Agora dir-lhe-ei qual era o paradoxo, que tal se me figurou há quinze anos.

Aquele cruelíssimo homem tinha-me dito: *Se eu a houvesse esmagado debaixo do peso da minha afrontosa desgraça, o mundo santificá-la-ia lavando-lhe com hipócritas lágrimas os ferretes da cara, para que se atendesse somente às manchas de sangue nas minhas mãos de assassino.*

Ora eu entendi a profunda verdade desta cláusula depois que Vieira de Castro, ao cair agonizante sobre a terra onde tem de vasquejar largos anos, matou a esposa, porque a cingia apaixonadamente nos braços da sua alma. Morreu-lhe o coração. Ela não teria morrido, se o infeliz a pudesse arrancar de lá antes de cair.

— Meu Deus, enviai segunda vez à Terra o vosso divino Filho! Esta negridão gentílica é pior que a de há dois mil anos. Naquele tempo esperava-se; nas entranhas sociais estremecia o pressentimento de um regenerador... Hoje em dia, nada, nada, ó altíssima Providência! Nada! Mas... voltareis, ó Cristo?

E prosseguiu, corridos instantes:

— Que haverá já agora nesta vida que possa levantar a alma do seu amigo?

— O esteio da dignidade.

Conheci-o quando os horizontes da vida se lhe prefiguravam e realizavam em risonhas prosperidades. O destino, como forçado pelo talento, ajoelhava-lhe. Não o admirei então, senão porque felicidade e génio pareciam dar-se as mãos e concertar-se no plano do exalçarem onde raro em Portugal subiram grande espírito e grande coração.

Hoje cerram-se contra ele injúrias e trevas.

A luz do seu honrado infortúnio é um reverberar sinistro de uma estrela funesta, cuja claridade lhe banhará a sepultura por esse viver das gerações além. A posteridade dos seus irmãos irá aí retemperar sentimentos de pundonor; e os descendentes dos meus filhos pensarão que me veem absorto entre eles em frente das cinzas de Vieira de Castro.

Vai-se-lhe a vida diluída em lágrimas de sangue. Vai. Mas a página que deixa dirá que a onda da corrupção quando chegou até ele, desfez-se-lhe aos pés. Se a onda lhe revolveu e abriu a terra da sepultura, aqui ou em África, não importa.

Prouvera a Deus que ele não chorasse a felicidade que lhe mataram! Sobre quem mandará Deus que caiam as lágrimas que Vieira de Castro há de chorar pela sua mãe e irmãos? No dia em que ele sair para África, as almas compassivas irão às igrejas pedir ao Altíssimo que ilumine o seio do degradado com um raio de misericordioso alento Deixá-lo ir.

Deixá-lo esconder-se dos olhos desta aviltante piedade que deixou do apedrejar quando o viu perdido.

Loura criança que eu vi, há vinte anos, iluminada pelas ultimas alegrias da fugitiva infância, prouvera a Deus que o sepulcro do teu pai se te abrisse então.

Os embriões das tuas alegrias da juventude esmagou-os a pedra que desceu sobre o seio onde se perderam os tesouros que tinham de completar a felicidade da tua alma.

O teu coração, aos dezoito anos, abafava em si as amarguras da soledade, retraia-se em devorantes desejos do amor de família, a paixão santa, única e profunda que eu te conheci.

Quem imaginou que tu choraste amaríssimas lágrimas naquela tua casa triste que demora solitária entre duas serras?

No mais verde dos anos, abalizaste os teus anelos juvenis entre umas árvores que os teus avós plantaram; e ali, sozinho, esperaste que a Providencia te deixasse reflorir uma primavera na alma.

O teu formidável espirito reagiu contra a mais crua sorte que ainda fadou uns vinte anos relegados d'esse gozar comum que permite a cada homem sentir o alvorejar dos afetos e as musicas do céu que embalam a alma para sonhar venturas.

Tu não as sonhaste quando o coração desbordava de seiva para renascer das suas mesmas cinzas, se a perfídia o cancerou com a sua peçonha.

Um dia, já tarde, amaste pela primeira vez, quando te deu de rosto e te cegou a luz funesta que desce do céu com os anjos despenhados.

Quando baixaste a face até ao chão onde ajoelhavas em adoração de criança que beija os lábios da sua mãe, em adoração de pai que aconchega no seio as mãos da sua filha, sentiste que a desonra te cravava as garras, e te

desentranhava do peito a alma, e t'a expunha em pelourinho infame aos insultos dos que passavam.

Tu não podias ajustar ás faces a mascara que te ofereciam as mãos infames da tolerância.

Ao teu rosto não podiam sair as lagrimas fáceis das almas vulgares porque era sangue, era a vida toda que te tinham arrancado.

E tu premeditaste!.. Oh! não premeditaste nada, infeliz!

Quem contará as horas, os períodos de infernal duração que passaram na tua vida?

Curvaste-te sobre o teu abismo; e ali quedaste empedrado até que resvalaste nas fauces da voragem.

No teu baque levaste contigo um cadáver que te abrira o golfão com as mãos ainda quentes dos teus beijos.

Não premeditaste nada, infeliz.

Cada minuto que ia passando estalava-te uma fibra da alma, queimava-te uma partícula do cérebro, escaldava-te em veneno dilacerante cada lagrima que te refluía dos olhos.

Não era somente a honra perdida que te excruciava; era a mulher idolatrada que ainda vivia e já te pesava morta no coração.

Ao passo que a mão de ferro da desgraça te batia no seio, tu ias acordando ao estrondo horrível. Cada instante era o precursor de novas trevas que se iam condensando, era o bago da areia que ia caindo, era uma esperança derruindo depôs outra, era o ir-se toda a alma espedaçada até esvaziar-se o peito de lágrimas, e encher-se de rancor inexorável, espicaçado pela desonra e ingratidão.

Oh! tu não premeditaste nada, infeliz!

Os que delinquiram premeditando, não dizem à justiça humana: «Aqui estou! condena-me!»

FIM